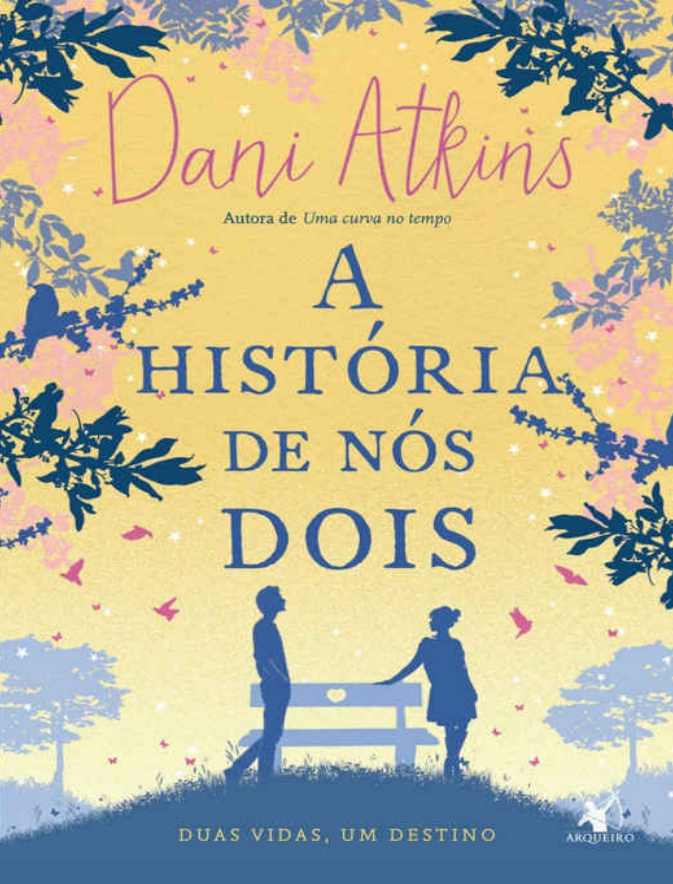


The book cover features a warm, golden-yellow background. At the top, dark blue silhouettes of leafy branches frame the author's name. The author's name, 'Dani Atkins', is written in a large, elegant, pink cursive font. Below it, the text 'Autora de Uma curva no tempo' is in a smaller, dark blue sans-serif font. The title 'A HISTÓRIA DE NÓS DOIS' is prominently displayed in the center in a large, bold, dark blue serif font. The bottom half of the cover shows a silhouette of a man and a woman standing on a grassy hill, facing each other with their hands touching. Between them is a dark blue park bench with a small heart cutout in its backrest. The background is filled with falling pink petals and small white stars. In the bottom right corner, there is a small white logo of a person sitting on a bench, with the word 'ARQUEIRO' written below it.

Dani Atkins

Autora de *Uma curva no tempo*

A HISTÓRIA DE NÓS DOIS

DUAS VIDAS, UM DESTINO

ARQUEIRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



The background of the entire page is a light gray. It is sparsely decorated with small, dark gray stars of varying sizes. Scattered throughout the lower half of the page are several dark gray silhouettes of birds in flight, some facing left and some facing right. The title is centered in the middle of the page.

A
HISTÓRIA
DE NÓS
DOIS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar

nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Dani Atkins

A
HISTÓRIA
DE NÓS
DOIS



Título original: *The Story of Us*

Copy right © 2014 por Dani Atkins

Copy right da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Caroline Mori

revisão: Cristhiane Ruiz e Sheila Til

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: cabinlondon.co.uk

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A89h

Atkins, Dani
A história de
nós dois [recurso
eletrônico]/ Dani
Atkins; tradução
de Raquel
Zampil. São

Paulo: Arqueiro,
2016.
recurso digital

Tradução de: The
story of us

Formato:
ePub

Requisitos
do sistema:
Adobe Digital
Editions

Modo de
acesso: World
Wide Web

ISBN 978-
85-8041-541-4
(recurso

eletronico)

1. Ficção
inglesa. 2. Livros
eletrônicos. I.
Zampil, Raquel.
II. Título.

16-
30975

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Kimberley e Luke,
por segurarem minha mão.*

*E para Ralph,
que sustenta meu coração.*

O fim

PARTE UM

Seria de esperar que algum sinal, qualquer que fosse, marcasse o dia em que sua vida irá mudar. Deveria haver sinos tocando (bem, creio que mais tarde eles tocarão). Talvez devesse haver relâmpagos e um ou dois trovões. Mas, quando olhei pela janela, tudo o que vi foi uma manhã de outono luminosa e folhas castanho-avermelhadas que, levantadas por uma brisa, flutuavam no ar como confetes cor de âmbar.

O nervosismo revirava meu estômago como se ele fosse uma panqueca girando no ar. Minhas mãos tremiam tanto que eu certamente acabaria borrando a maquiagem, que estava organizada sobre a penteadeira como instrumentos em uma mesa cirúrgica. Sorri para o meu reflexo. Nada mau. Respirei fundo e me obriguei a relaxar. Assim estava melhor. Era natural, claro, que eu me sentisse assim. Que mulher não ficaria nervosa em um dia como aquele? Uma bebida talvez ajudasse, mas a última coisa de que eu precisava era aparecer na igreja com hálito de álcool. Embora eu soubesse quanto isso pareceria hilário para ele.

– De jeito nenhum! – disse, rependendo a mim mesma.

Enquanto me maquiava com todo o cuidado, meus olhos foram atraídos para o vestido elegante e sofisticado que pendia da porta do guarda-roupa ainda protegido pela capa de plástico. Assim que o vi, tive certeza de que aquele vestido era a escolha perfeita, e eu queria muito estar linda para ele no grande dia. Não que ele se importasse com a minha aparência... bem, ao menos não vestida. Sinceramente, Emma!, repreendi meu reflexo, enquanto uma série de imagens obscenas me vinham à mente. Que hora mais imprópria!

Uma batida na porta de entrada da casa me fez levantar, mas, antes que eu alcançasse o meio do quarto, pude ouvir a algazarra de vozes lá embaixo e o ruído que indicava que ela fora aberta. A casa estava cheia de parentes e amigos – alguns tinham viajado uma longa distância para estarem ali – portanto havia gente mais do que suficiente para atender à porta. Na verdade, será que eu estaria sendo ingrata por desejar poder me preparar sem a distração de todos eles à minha volta?

Ainda ouvia algumas pessoas se arrumando nos quartos próximos ao meu, entretanto sabia que àquela altura eu já deveria estar vestida e pronta. Será que eles iriam sem mim se eu me atrasasse? Dei uma risadinha ante o pensamento

ridículo e fui até a janela para ver quem havia acabado de chegar. Uma pequena van branca da floricultura estava estacionada diante da nossa casa, e as flores que tínhamos encomendado foram descarregadas com cuidado e levadas para dentro. Certo, agora eu estava mesmo atrasada. Tinha tempo suficiente apenas para arrumar o cabelo e pôr o vestido.

Eu estava indecisa quanto ao cabelo: se o usaria preso ou solto. Então pensei nas mãos dele deslizando por meus longos fios castanho-avermelhados, enrolando-os em seus dedos e puxando-me para junto de si. Estava resolvido! Deixei-o solto, caído sobre os ombros, como de costume. Antes de me livrar do robe de seda, olhei para o espelho e de repente puxei a franja para trás, tirando-a da testa e expondo uma leve cicatriz na linha do cabelo. Corri um dedo sobre a pele branca e ligeiramente elevada e fechei os olhos por um breve instante, rememorando como ela surgira ali. Aquela noite havia marcado todos nós e, embora eu pudesse ser a única que ainda trazia um lembrete visível no rosto, nada jamais fora o mesmo para nenhum de nós desde então. Muitas vidas foram modificadas naquela noite, muitos futuros foram reescritos.

Deixei que o cabelo voltasse ao lugar enquanto o espelho captava e refletia uma imagem cintilante do meu anel de noivado banhado em um feixe de raios solares outonais. Na noite do acidente, era outro anel que eu usava, mas ele acabara no fundo de um despenhadeiro. Uma longa história. E, sob muitos aspectos, inadequada. Mas não tanto quanto me apaixonar por um estranho misterioso. Eu tinha lido todas as revistas e livros disponíveis sobre casamento, mas nenhum deles parecia tratar desta questão particularmente delicada: o que fazer quando, quinze dias antes do seu casamento, você de repente se vê apaixonada por dois homens?

O c o m e ç o

CAPÍTULO 1

Apesar do que pode parecer, o que causou o acidente, com certeza, foi o cervo, não a falta habilidade de Caroline ao volante nem os supostos daiquiris que ela tomou. Minha amiga é ótima motorista e, a noite toda, sua bebida mais forte tinha sido limonada.

Comparada a outras despedidas de solteira, a minha fora bastante comedida. Não tinha havido nada de espalhafatoso: nada de strippers, nem dos acessórios comuns nessas festas, nem nenhuma bizarrice de bêbada que pudesse voltar para nos assombrar nos meses seguintes. Aos 27 anos, eu tinha a sensação de que talvez estivesse um pouquinho “velha” para as festas barulhentas que haviam sido a marca registrada dos meus tempos de universidade. Bem, não quero dizer que não tivéssemos nos divertido muito. Éramos dez amigas e tínhamos passado o dia em um spa de luxo, deliciando-nos de paparicos, massagens e hidratações, para depois seguirmos para o bar do hotel, onde (supostamente) serviam os mesmos coquetéis de Manhattan. Eu nunca tinha ido a Nova York, mas se era aquilo que as pessoas de lá bebiam, certamente valia uma visita futura.

Tínhamos bebido apenas uma rodada de drinques quando Sheila, minha futura sogra, levantou-se.

– Ah, não diga que você já está indo! – lamentei, desapontada.

– Preciso ir – disse ela, dando um sorriso pesaroso. – O pobre do Dennis está sozinho o dia todo. Acabei de chamar um táxi; chegará em alguns minutos.

Então me levantei com um sorriso.

– Eu acompanho você – disse, abrindo caminho em meio a pernas e bolsas.

De braço dado, ziguezagueamos em direção ao saguão do hotel. Em nosso trajeto, passamos por minha amiga Amy, que, sentada em um dos bancos muitíssimo polidos do bar, aparentemente pedia mais bebidas. No entanto, por sua linguagem corporal e pela risadinha provocante, suspeitei de que ela estivesse em busca de algo mais daquele garçom jovem e bonito que uma rodada de daiquiris. Ele, de cabelos louros rebeldes e dentes brancos perfeitos – que eu praticamente podia contar, por causa dos sorrisos largos que dirigia a Amy –, mais parecia um integrante de boy band que um bartender. Eu quase senti pena do rapaz – aquele tipo de pena que se sente por um peixe segundos antes de ele ser fogado. Ele ainda não sabia disso, mas não tinha a menor chance de escapar.

Depois do bar discretamente iluminado, as luzes do saguão ofuscavam. Meus olhos lacrimejaram um pouco, buscando ajustar-se, enquanto caminhávamos até as portas giratórias para esperar o táxi.

– Obrigada por ter vindo, Sheila – agradei sinceramente.

De início eu ficara bastante surpresa com o fato de a mãe de Richard ter aceitado meu convite para nos acompanhar na comemoração. Claro que eu já a considerava da família antes mesmo de ser minha sogra: havia anos que ela e minha mãe eram amigas, e tinha sido graças a isso que Richard e eu havíamos nos conhecido. Mas como na época tínhamos apenas 2 anos, era natural que eu havíamos não me lembrasse de muita coisa.

– Eu não perderia por nada – replicou Sheila, puxando-me para junto de si em um abraço maternal.

Senti lágrimas em meus olhos quando ela sussurrou o que ambas estivéramos pensando o dia todo:

– É uma pena que sua mãe não esteja aqui conosco.

Assenti com a cabeça em seu ombro, envolta em uma nuvem perfumada de Chanel Nº 5 e não inteiramente segura de que pudesse confiar em minha voz para dizer algo em resposta. Ela permitiu que eu recuasse um passo, apertando minhas mãos com força enquanto dizia:

– Vai ficar tudo bem, Emma, você vai ver.

Eu a observei andar até o táxi e acenei quando ela estava dentro dele, mas o sorriso foi lentamente desaparecendo de meu rosto enquanto o veículo se afastava. Suas palavras ecoavam em minha mente. Mamãe *deveria* estar ali conosco, deliciando-se com os luxuosos tratamentos do spa e depois se fingindo de chocada com os nomes obscenos dos coquetéis. Meus olhos voltaram a lacrimejar, mas dessa vez a culpa não era da iluminação.

Naquele momento, a porta do banheiro das mulheres se abriu. Caroline, a terceira mosqueteira de nosso grupo de amigas, saía de lá de dentro e me viu. Enquanto atravessava o saguão com passadas rápidas, trazia no rosto o retrato da preocupação.

– Emma, o que aconteceu?

– Nada. Eu só estava me despedindo da Sheila.

Ofereci a Caroline um sorriso vacilante e quase perdi de vez o controle quando, em um gesto consolador, o braço de minha amiga envolveu meus ombros. Não era necessário explicar por que de repente eu me via tomada pela emoção. Sem precisar perguntar, ela compreendia – como apenas os melhores amigos de toda uma vida conseguem.

Gentilmente, ela me afastou da porta e foi me guiando para o lugar de onde acabara de sair, o santuário de todas as mulheres em momentos de crise: o banheiro feminino. Caroline parou por um momento à entrada do bar do hotel e esperou até que Amy olhasse em nossa direção. Então, com um aceno vigoroso

de cabeça, seguido de um olhar relanceado para mim, enviou sua mensagem. Para olhos não treinados, talvez parecesse que Caroline tinha algum tipo de tique nervoso, mas para nossa amiga a informação foi tão clara quanto se fosse gritada em um megafone. Amy saltou de seu banco e abandonou o barman sem nem olhar para trás.

Enquanto me ouviam explicar por que eu ficara abalada com as palavras de Sheila, as duas me olhavam com uma expressão de empatia e compreensão. Então me permitiram umas poucas lágrimas de autopiedade, antes de entrarem em ação como se fossem mecânicos em um *pit stop* de fórmula 1. Caroline puxou um punhado de toalhas de papel do dispensador cromado na parede, enquanto Amy vasculhava sua bolsa em busca de rímel e pó para consertar minha maquiagem.

Elas me esperaram reparar o estrago e, enquanto isso, foram fazendo piada de tudo para afastar minha tristeza.

– Está se sentindo melhor agora? – perguntou Amy assim que lhe devolvi sua bolsinha de maquiagem, dando-me um abraço breve mas apertado.

Fiz que sim com a cabeça e me virei para olhar nosso reflexo na parede de espelhos. Na superfície vítrea, minhas amigas sorriam para mim, abraçando minha cintura. Eu conhecia Caroline desde o ensino fundamental e Amy, quase da mesma época. Houve um período de separação, mas tínhamos apanhado as pontas soltas de nossa amizade e tornado a atá-las quando eu voltara para Hallingford e fora quase como se esse tempo longe não tivesse existido.

Nosso vínculo era real e tangível, uma ligação indestrutível tão forte quanto fora na infância. Eu não tivera nem um só segundo de dúvida na hora de escolher minhas madrinhas de casamento. Ambas vinham treinando para o papel havia mais de vinte anos e ninguém me apoiava e defendia mais que elas.

– E então, vamos? – apressou Amy, claramente ansiosa para retornar ao bar.

Eu sabia que Caroline não resistiria.

– Você está muito afobada. Isso não teria nenhuma relação com aquele gato que está servindo as bebidas, teria?

Amy abriu um sorriso travesso.

– Talvez. Acho que o turno dele termina logo.

Caroline olhou para o relógio em seu pulso e me deu uma piscadela.

– Faz sentido. Ele não vai querer ficar acordado até tarde... tendo escola amanhã.

– Não, não tem aula. É sábado – corrigiu Amy automaticamente, antes que a ficha caísse e seu rosto se contorcesse em um sorriso irônico. – Rá, rá, muito engraçado!

Logo depois da meia-noite, as pessoas decidiram dar a comemoração por encerrada. Algumas das minhas amigas tinham uma longa jornada de volta para casa, e eu as veria de novo dali a duas semanas, no dia do casamento. Ao me dar conta disso, senti um calafrio familiar percorrer meu corpo, parte nervosismo, parte entusiasmo, parte... algo mais.

Quando saímos para o estacionamento do hotel, o ar frio da noite de março me fez estremecer novamente. Passei os braços em volta do corpo na tentativa de me proteger do vento cortante que atravessava o tecido fino do meu vestido sem mangas.

Caroline entrou logo no carro e deu a partida, enquanto eu abraçava com um entusiasmo exagerado as amigas que tinham partilhado o dia comigo. O grupo era formado por uma mistura eclética dos longínquos tempos da escola, da época da universidade e também do trabalho e, embora a maioria delas tenha iniciado o dia como absolutas desconhecidas, agora pareciam grandes amigas. Seria efeito dos coquetéis?

Depois que todas foram embora em táxis ou apanhadas por maridos generosos, corri para onde Caroline me aguardava com o carro ligado. Vi que Amy já estava lá, ocupando o assento do carona. Ela se virou para me olhar quando abri a porta traseira e deslizei, agradecida, para o interior quente e aconchegante do veículo.

– Você não faz questão de se sentar aqui, faz? – perguntou, jogando seu charme de sempre.

Olhei para o espaço minúsculo que restava para as minhas pernas atrás da motorista. Não sou muito grande, mas certamente era ao menos 15 centímetros mais alta que Amy.

– É que eu posso ficar enjoada se me sentar aí atrás – continuou ela.

– É mais provável que fique enjoada por ter se sentado com o bartender e os daiquiris, Amy – corrigiu Caroline e, enquanto apagava a luz interna do carro e colocava o cinto de segurança, continuou, com um sorriso tolerante: – Vou cobrar taxa extra se vocês vomitarem no meu carro.

– Vamos embora – ordenou Amy, e então se voltou dramaticamente para mim e sussurrou: – Ela fica *tão* rabugenta quando não bebe!

Era uma viagem de 45 minutos até a pequena cidade rural em que eu crescera, da qual havia alegremente escapado para ir à universidade, à qual eu pensara que jamais voltaria depois de ter conseguido meu primeiro emprego em Londres e para a qual eu não tivera *nenhuma* opção senão retornar fazia apenas doze meses.

Viajávamos por estradinhas quase desertas, mas, como estava mesmo ficando tarde, isso não era de surpreender. Eu ainda achava aquilo muito diferente do trânsito intenso, barulhento e quase ininterrupto que passava por meu pequeno apartamento de Londres a qualquer hora do dia ou da noite. Para uma

garota nascida e criada no campo, eu de fato era uma apaixonada pela cidade.

Uma chuva fina caíra mais cedo naquela noite e, à luz dos faróis, era possível ver um reflexo reluzente no asfalto à medida que as estradas começavam a congelar. Estávamos no começo de março, mas ainda parecia o auge do inverno. Eu realmente esperava que a temperatura subisse até a data do casamento, ou precisaria usar roupa térmica por baixo do vestido de noiva tomara que caia.

Nos bancos da frente, Amy e Caroline debatiam sobre se Amy se precipitaria ou não ao dar o número de seu telefone ao barman. Não era preciso muito para saber qual das duas achava que tinha sido uma má ideia. Caroline estava feliz e sossegada com seu namorado, Nick, desde... bem, desde sempre, parecia, e eu sabia que ela às vezes desaprovava a vida amorosa de Amy. Ela fazia muito mais gosto do meu relacionamento com Richard: namoradinhos de infância, separados durante anos e agora noivos e felizes, às vésperas do casamento. Parece coisa de livro, ela dizia.

– Qualquer homem, ou melhor, garoto que passa a noite toda tentando olhar dentro do seu decote não merece o seu telefone – declarou Caroline, com severidade.

Eu dei uma risadinha, mas tinha de admitir que o barman passara mesmo grande parte do tempo falando com os seios de Amy, não com o rosto.

– Estou enjoada – disse Amy, com uma vozinha envergonhada.

– Com o vexame? – perguntei, de brincadeira.

Em resposta, ela deixou escapar um leve arquejo.

Caroline desviou os olhos da estrada para olhar sua passageira. Mesmo no carro escuro, em uma estrada sem postes de iluminação, estava óbvio que a previsão que Caroline fizera de brincadeira estava prestes a se realizar.

– Meu Deus, Amy! Aguenta aí, que vou parar em um segundo. A estrada é muito estreita aqui.

– Não dá para esperar – gorgolejou Amy em resposta, de forma um tanto desagradável.

– Tem uma sacola no chão, aos seus pés – avisou Caroline.

Este foi o último momento normal que nos três partilhariamos.



Depois daquilo, tudo aconteceu rápido demais e ao mesmo tempo muito devagar. Antes que eu tivesse a chance de dizer a ela que não fizesse aquilo, Amy soltou o cinto de segurança para pegar a sacola. Com a atenção dividida entre a estrada e uma amiga prestes a vomitar, Caroline fez uma curva fechada. E ali, bem à nossa frente, iluminado pelos dois penetrantes feixes de luz, um imenso cervo surgiu.

Alguém soltou um palavrão – acho que eu –, mas o som se perdeu no guincho

estridente da borracha no asfalto quando Caroline pisou com força o freio e virou bruscamente o volante, tentando evitar o animal, que se manteve sobre a faixa divisória da pista, como se tivesse todo o tempo do mundo para fugir. Talvez seja assim também para os animais, aqueles últimos segundos que precedem um acidente: os momentos em que você parece ter um tempo infinito para ver exatamente o que vai acontecer, pensar, fazer alguma coisa, não fazer nada e *ainda* esperar pelo impacto. Foi dessa forma para mim.

Vi Amy endireitar-se no assento, uma expressão de terror no rosto; vi o cervo ficar cada vez maior na nossa frente, e então o animal de repente foi substituído pela visão do barranco íngreme e coberto de grama que corria ao longo de uma das margens da estrada. Um barranco para o qual seguíamos rápido demais.

No momento em que o atingimos, tudo voltou a acelerar. Com o impacto, o carro deu um solavanco violento, e embora Caroline houvesse freneticamente tentado nos fazer retornar à estrada, não havia nada que pudesse ser feito para evitar a colisão. Senti o cinto de segurança me ferir quando fui lançada para a frente e em seguida para trás no assento. Ouvi a explosão de acionamento do air bag, que de repente cobriu metade do para-brisa. O carro de Caroline só tinha proteção no lado do motorista e, em algum momento da colisão, quando meus olhos estavam fechados, apertados de terror, aconteceu: quando tornei a abri-los, Amy havia sumido.

Mas ainda não tinha acabado. Como um pesadelo do qual não se consegue acordar, senti o carro girar. A estrada, antes debaixo dos nossos pneus, agora apoiava o teto do carro, que girava descontrolado, produzindo uma chuva de faíscas. O ruído de metal arranhando no asfalto era ensurdecedor e não cessou até o último instante, quando o carro deixou a superfície gelada e, batendo primeiro a traseira, caiu em uma grande vala no lado oposto da estrada.



Eu não perdi a consciência, e até hoje não sei se isso foi uma bênção ou não. Senti uma dor lancinante quando a lateral da minha cabeça bateu em um pedaço pontiagudo de metal que antes fazia parte do teto do carro. O veículo estava todo amassado, como uma lata de bebida que um gigante houvesse acabado de descartar. Estávamos presas de tal forma na vala que tudo o que eu podia ver de ambos os lados eram espessas paredes de lama e raízes retorcidas. Na verdade, não era fácil ver absolutamente nada, pois a única luz vinha de um farol que restara e que – sabe lá Deus por quê – ainda funcionava, só que agora apontando para o breu do céu. A luz forte cortava a escuridão.

Do banco em frente ao meu, que fora lançado para trás e esmagava dolorosamente minhas pernas, ouvi Caroline gemendo e chorando. Tentei estender a mão para ela, mas o banco do motorista me mantinha imobilizada.

– Carol? Você está bem? Está machucada?

Mais choro e um longo gemido, que mais parecia um uivo e que eu por um segundo pensei vir de um animal. Estaria o cervo ali embaixo na vala conosco? Tínhamos batido nele, afinal? Então ouvi a respiração entrecortada pelos gemidos e me dei conta de que era a voz da minha amiga – bem, algo semelhante à sua voz – porque era fácil perceber que ela estava em choque.

– O que aconteceu? Onde você está?

– Estou bem aqui, Caroline. Estou no banco de trás. Você está machucada?

Ela pareceu genuinamente confusa com a pergunta.

– Machucada? Não. Por quê? O que aconteceu?

Eu não era da área médica, mas aquilo era decididamente estado de choque.

– Sofremos um acidente, Carol – falei, surpresa com o fato de a minha voz soar tão calma e controlada. – Havia um animal na estrada e nós... nós batemos.

– Nós batemos?

Fiz uma pausa antes de responder. Eu não sabia o que dizer a ela, porque tinha a sensação de que a histeria estava muito próxima e eu precisa perguntar algo muito, muito importante.

– Caroline. Você está vendo Amy? Ela está aí do seu lado?

Eu senti – mais do que vi – que ela se deslocou no assento, e então ficou de joelhos e se arrastou para o banco do carona, como se para confirmar o que seus olhos lhe diziam. A única coisa boa que adveio daí foi saber que Carol ainda podia se mover, portanto era provável que não estivesse gravemente ferida.

– Ela não está aqui! Não está aqui! Aonde ela foi?

Seu rosto de repente surgiu no pequeno espaço entre os dois descansos de cabeça. Os olhos, disparando freneticamente de um lado para outro, vasculharam a traseira do carro.

– Ela está aí atrás com você?

Mordi o lábio e engoli em seco antes de responder, tentando o tempo todo não olhar além de Caroline para o buraco na direção do banco do carona no para-brisa, que parecia coberto com algo escuro e gotejante.

– Acho que ela foi lançada para fora do carro, Carol. Amy tinha acabado de soltar o cinto de segurança antes da colisão...

– Então ela está bem? Ela não estava no carro quando batemos, então está bem, certo?

Era como falar com uma criança de 5 anos. Era somente choque ou Caroline tinha batido a cabeça? Olhei o para-brisa, ou o que restava dele, inclinado para fora e com um ponto afunilado. Olhei para o buraco e tentei muito, muito não olhar para o sangue de Amy que ainda escorria em alguns lugares sobre o vidro estilhaçado.

– Caroline, você tem de sair do carro e encontrar Amy.

– Não – protestou minha amiga, balançando a cabeça para enfatizar as

palavras. – Não posso. Não devo. Não é bom se mexer depois de um acidente.

Como aquela pequena pérola havia permanecido em sua mente, quando todo o bom senso parecia perdido?

– Eu sei, eu sei. Mas você já se mexeu um pouco, e Amy está machucada. Ela voou pelo... – Alguma coisa me impediu de tornar a cena explícita demais, dado o atual estado de Caroline. – Ela não está mais no carro. Então você precisa encontrá-la e verificar se está bem. Pode fazer isso por mim?

Caroline virou a cabeça, olhando para mim, e seu rosto era a imagem do terror. Eu também estava apavorada demais, não só pelo que acontecera, mas pelo que poderia estar à sua espera na estrada.

– Você vem também, não vem? Vamos procurar juntas.

Estava claro que ela não vira, ou talvez simplesmente não pudesse compreender, que o banco do motorista esmagava minhas pernas, aprisionando-me no carro.

– Não consigo sair – expliquei e, embora eu pensasse que estava sendo muito corajosa, de repente tive consciência de que durante todo o tempo em que estive falando com ela, lágrimas escorriam por meu rosto. Agora eu podia ouvi-las em minha voz. – O banco está me prendendo aqui, então *você* tem de fazer isso. Você tem de encontrar Amy e pedir ajuda. *Por favor*, Caroline.

Alguma coisa em meu desespero atravessou a névoa em que ela parecia estar envolta desde a colisão. Ela assentiu vividamente, como uma criança. Olhei para as portas dianteiras do veículo e vi que, como as traseiras, estavam lacradas pelas paredes da vala. Só havia uma forma de entrar e sair do carro.

– Você tem que passar pelo para-brisa e depois subir pelo capô até conseguir agarrar a vegetação das laterais do barranco. Consegue fazer isso?

Era muito pedir aquilo, era muito a fazer, mas até que alguma ajuda chegasse até nós, Caroline era nossa única esperança. Ela ficou muda e olhou fixamente para o buraco no para-brisa, então pôs as mãos no painel para tomar impulso.

– Espere! – ordenei, pegando, em meio aos destroços espalhados no banco traseiro, o casaco que Amy jogara ali mais cedo. – Ponha isto em volta do buraco antes de passar, ou vai se cortar toda.

Exatamente como deve ter acontecido com Amy, uma voz horrível entoou em minha cabeça. *Pare!* Eu não podia pensar assim. Não podia deixar o pânico assumir o controle.

Caroline conseguiu sair do carro e subir pelo barranco com extraordinária facilidade. Sem dizer mais nenhuma palavra, ela fez tudo o que eu pedira. Conseguiu subir da ponta do capô para o barranco segurando-se em uma raiz de árvore exposta. E então se foi.

A espera pareceu interminável. Eu sabia quanto a tarefa que lhe dera era difícil. A luz do farol iluminava inutilmente apenas o céu, e a lua estava coberta

por nuvens que corriam. Lá fora estava um breu, e Amy podia estar em qualquer lugar da estrada. Caroline poderia passar ao lado dela e nunca saber. Eu a ouvi chamar o nome de Amy, o som tornando-se gradativamente mais fraco à medida que ela se afastava do carro. Amy estava inconsciente, eu disse a mim mesma. Amy não podia responder porque estava inconsciente. Qualquer outra razão para a falta de resposta era inimaginável.

Enquanto isso, eu tentava me soltar. Colocava as mãos na parte posterior do banco e empurrava com toda a força que restava em meu corpo. Em vão. O assento não cedia e eu não conseguia libertar minhas pernas. Com o esforço, comecei a me sentir enjoada, e o ferimento na cabeça, no qual eu vinha me esforçando ao máximo para não pensar, começou a sangrar mais. Agora o sangue escorria pela testa e caía em meus olhos.

Fazia um ou dois minutos que eu não ouvia a voz de Caroline.

– Caroline, você está bem? Você a encontrou? – gritei.

Nenhuma resposta. E eu só podia rezar que uma Caroline confusa e em choque não houvesse deixado a estrada e entrado em um campo vizinho, e agora estivesse distante demais para me ouvir.

Então um grito de terror rasgou a noite, um único nome anunciado, alto e estridente.

Caroline havia encontrado Amy.



Não sei o que teríamos feito se ele não houvesse surgido nesse momento. Eu certamente não ouvira a aproximação de um veículo, mas de repente a noite se encheu de sons: Caroline gritando, depois pneus derrapando. Tentei imaginar o que estava acontecendo na estrada: Caroline, ajoelhada ao lado do corpo caído de Amy, e então as duas capturadas como coelhos na luz dos faróis, quando um carro fez a curva, indo direto para cima delas.

Felizmente, não foi assim que aconteceu.

Ouvi uma porta de carro se abrindo e uma voz profunda falando rapidamente algo que não consegui distinguir, e então a resposta (provavelmente incoerente) de Caroline. Mas pelo menos havia alguém ali agora, alguém que poderia ajudar. Tentei ouvir mais, no entanto um som irritante vindo da frente do veículo chamou minha atenção. Na verdade, o barulho estava ali havia vários minutos, eu me dei conta: era uma espécie de crepitar intermitente. Inclinei-me para um lado, até onde minhas pernas presas permitiam, e esperei que ele se repetisse. Só tive de esperar alguns segundos até ver um pequeno brilho amarelo cintilando como um vagalume aprisionado atrás do painel do carro. Mas nenhum vagalume de que eu já tivesse ouvido falar produzia aquele estranho ruído elétrico. Recuei no assento, os olhos fixos no painel como se ele fosse uma cobra enrodilhada.

Era frustrante não saber o que estava acontecendo na estrada, mas eu não queria distrair o recém-chegado com a minha situação. O caso de Amy, e em menor grau o de Caroline, eram mais urgentes naquele momento. O ruído crepitante e os estalos retornaram, dessa vez acompanhados de uma faísca mais forte.

Só me restava torcer para que a pessoa que havia chegado já tivesse telefonado pedindo ajuda, porque meu telefone estava com o de Caroline em nossas bolsas, no porta-malas do carro. E o de Amy... bem, eu imaginava que, naquele momento, Amy não estaria em condições de nos dizer onde seu telefone estava. *Ou nunca mais.*

– Cale a boca! – gritei para aquela voz maligna, sem perceber que dissera as palavras em voz alta no exato momento em que um rosto surgiu no meu campo de visão.

Alguém me olhava da borda do barranco.

– Olá.

A voz pertencia a um homem que aparentava 30 e poucos anos, de cabelos escuros e ondulados e um rosto tão calmo que contradizia a gravidade da nossa situação. Ele *tinha* de estar preocupado por de repente ter três vítimas de um acidente sob sua responsabilidade, mas ninguém diria isso pelo tom de sua voz ou pelo sorriso gentil que abriu enquanto corria os olhos pelo carro e por mim, avaliando a situação.

– Oi – respondi.

Ele ergueu a mão e correu o feixe de uma lanterna potente pelo interior do carro e então por mim, da cabeça até as pernas, que desapareciam de vista, na altura do joelho, atrás do banco desmoronado. Ele franziu um pouco a testa quando viu o ferimento em minha cabeça, que continuava a sangrar, e então a franziu mais ainda quando viu minhas pernas.

– Você está machucada.

Foi uma afirmação, não uma pergunta. Levei a mão à testa enquanto balançava a cabeça em negativa.

– Não é nada. E minhas amigas? Você telefonou pedindo ajuda? Uma delas atravessou o para-brisa. Como ela está? Está tudo bem com ela? E Caroline... Acho que ela está em choque.

– Elas estão bem – garantiu ele, em um tom tranquilizador, e eu não contestei a mentira óbvia. – O socorro está a caminho, logo estará aqui. E sua amiga... Caroline... está cuidando da outra garota...

– Amy – completei, sabendo muito bem que Caroline no momento não estava em condições de cuidar de ninguém.

Por que ele não estava ajudando Amy?

– Por favor, volte para lá e cuide delas – pedi quando o vi examinar a lateral íngreme do barranco e o ângulo do carro e percebi sua intenção. – Vou ficar bem

até que mais alguém chegue.

Ele sorriu para mim ao pular da borda do barranco e aterrissar suavemente no capô do automóvel. Ainda assim, o metal esmagado gemeu ruidosamente sob seu peso. Era difícil dizer, do ângulo em que eu estava, mas devia ser alto, ter bem mais que 1,80 metro, e parecia bem forte.

– Creio que não. Acho que deveríamos tentar tirar você daqui imediatamente. Por falar nisso, meu nome é Jack – completou ele, e foi só então que percebi o leve sotaque americano.

– Emma – respondi, e então por nenhuma boa razão que possa me ocorrer, acrescentei: – Vou me casar daqui a duas semanas.

– Parabéns – replicou ele, enrolando as mãos no casaco de Amy para protegê-las.

– Estávamos voltando da minha despedida de solteira.

Ele fez um breve aceno com a cabeça, com a atenção concentrada no para-brisa.

– Cubra os olhos.

Olhei para ele sem entender. Talvez Caroline não fosse a única em estado de choque.

– Preciso bater no vidro para tirá-lo e poder entrar aí e ajudá-la a sair.

– Não vai adiantar. Minhas pernas estão presas sob o banco do motorista. Já tentei, mas não consigo sair.

Foi então que todo o painel de instrumentos se iluminou com uma imensa centelha. A testa de Jack se franziu de preocupação, mas o sorriso tranquilizador não deixou seu rosto nem por um segundo.

– Vamos tentar, certo? Cubra os olhos.

Fiz o que ele mandou, portanto não sei dizer exatamente o que ele fez em seguida, mas ouvi várias pancadas, um ou dois resmungos e então, de repente, eu me vi sob uma chuva de estilhaços do para-brisa quebrado. Os fragmentos caíram por cima de mim e à minha volta como granizo, prendendo-se no meu cabelo, aterrissando em meu rosto e até mesmo grudando no ferimento ensanguentado na minha testa. Quando fiz menção de tirar os pedaços que caíram no meu rosto, fui detida por seu grito de aviso.

– Não toque, só balance a cabeça.

Fiz como ele sugeriu, e a maior parte dos cacos caiu.

Ele me deu outro sorriso.

– Não posso deixar você arruinar esse rosto bonito para as fotos do casamento – disse ele, deslizando pela abertura onde antes ficava o para-brisa.

No momento em que entrou no carro, sua atitude mudou. Ele se imobilizou, agachado no banco do carona, e respirou fundo. Eu não conseguia entender o que o preocupava, até imitá-lo. Gasolina. Um cheiro muito forte de gasolina. Por que eu não o sentira antes? Talvez porque estivesse muito concentrada em fazer com

que Caroline fosse atrás de Amy. Porém, agora, o cheiro se espalhava por toda parte. O carro estava embebido em vapores pungentes. Mais crepitações no painel fizeram com que nos voltássemos naquela direção. Então nos entreolhamos com expressões idênticas.

– Vamos tirar você daqui.

Balancei a cabeça, zangada.

– Vá embora. Você não vai conseguir fazer nada, e se essa coisa pegar fogo, não há a menor necessidade de estarmos os dois aqui.

Ele continuou como se eu não tivesse falado. Levou a mão ao lado do banco e soltou a alavanca para reclinar o assento do passageiro, empurrando-o para trás até onde era possível. Logo depois, ele estava ao meu lado no que restara do banco traseiro. Era um homem grande, e pareceu preencher completamente o espaço. Seu rosto estava a centímetros do meu.

– Oi – disse ele sorrindo, como se não estivéssemos em meio a uma situação de extremo perigo.

Agarrei seu braço com uma tensão que eu simplesmente não via nele.

– Você tem que sair daqui. Agora!

Ele se limitou a balançar a cabeça, como se eu tivesse dito algo totalmente ridículo.

– Você primeiro, depois eu.

Quem era ele, esse americano que estava arriscando a própria vida para salvar a minha?

– Agora me diga – continuou ele em um tom de voz que parecia casual, como se estivéssemos conversando em um jantar. – Você está machucada em algum outro lugar, além da cabeça? Consegue sentir as pernas, mexer os pés?

Girei os tornozelos o máximo que pude e me encolhi um pouco, por causa da dor.

– Não. Está tudo bem – informei.

Isso me angariou outro sorriso.

– Vamos só dar uma olhada neste banco, certo? – disse Jack, inclinando-se para a frente e por cima de mim para examiná-lo de perto, experimentando empurrá-lo em vários pontos ao longo da estrutura traseira.

Ele repetiu o gesto algumas vezes, mais energicamente, grunhindo com o esforço. Meu campo de visão e meu colo estavam inteiramente ocupados por esse generoso (mas claramente equivocado) herói, que fazia do meu resgate sua missão atual.

– Desculpe, mas terei de ser um pouco íntimo aqui – explicou ele.

Em seguida pôs as mãos em minhas pernas e as deslizou por ali até que desapareceram debaixo do banco, presumivelmente tentando encontrar uma forma de me soltar.

Havia um ar de descontração em sua exploração, embora eu soubesse que

um relógio mortal estava em funcionamento.

– Peço desculpas por isso – tornou ele a dizer, endireitando-se até que estivesse mais uma vez ao meu lado. – Sei quanto os britânicos prezam seu espaço pessoal.

Como ele podia soar tão despreocupado numa hora como aquela? De repente um leve ruído, sibilante e abafado, veio da parte dianteira do carro, seguido por uma fina trilha sinuosa de fumaça branca, que começava a escapar de uma das aberturas de ventilação. Jack olhou para mim, o humor desaparecendo. Pela primeira vez, mostrou-se preocupado.

– Por favor, vá.

Ele negou com a cabeça.

– Acho que eu talvez consiga empurrar o banco com força suficiente para criar espaço para você liberar suas pernas.

Ele era forte. Os antebraços eram musculosos e, com as mangas da camisa enroladas até o cotovelo, eu via seus bíceps forçando o tecido quando ele firmou os braços e empurrou a estrutura do banco. Toda a traseira do carro pareceu vibrar com a força que ele estava exercendo. De repente, um ruído abafado de algo se rasgando interrompeu o grunhido baixo que Jack emitia com o esforço. E então seu braço desapareceu por um buraco aberto no tecido na parte posterior do banco.

– Merda! Isso doeu! – exclamou ele. – Perdão – desculpou-se, sem graça.

Ele retirou o braço do buraco, e ele estava coberto do sangue que fluía de um talho longo e profundo que corria ao longo da parte interna do antebraço. O metal de sustentação do banco o havia cortado cruelmente.

– Pelo amor de Deus, desista! Agora é *você* que está machucado.

Ele olhou para o braço que sangrava.

– O quê? Isto? Já me cortei de maneira mais séria do que isso fazendo a barba.

– Você depila os braços?

Ele deu um rápido sorriso, antes de voltar a atenção para o assento.

– Jack, por favor! – implorei, usando seu nome pela primeira vez. – Os bombeiros estão a caminho. Eles terão todos os equipamentos apropriados para cortar essas coisas e me tirar daqui, essas ferramentas hidráulicas...

– Desencarceradores.

– Então. Posso esperar até que cheguem. Ficarei bem, desde que a gasolina não vaze para o interior do carro e inflame.

Ele me dirigiu um olhar intenso, e me ocorreu que eu talvez devesse ter prestado mais atenção às aulas de química da escola, no fim das contas. Aparentemente, o que eu pensava saber sobre combustíveis estava completa e absolutamente errado.

– O que foi? Não é isso?

– Não é só a *gasolina* que pode pegar fogo, Emma. Os *gases* também podem.

Eu não precisava que a realidade fosse revelada com mais clareza. Os gases liberados pelo carro ficavam mais concentrados a cada minuto.

Fiz um gesto com a cabeça na direção do assento e pedi:

– Tente de novo.

Ele virou o corpo ligeiramente, firmou as costas na lateral oposta do carro e apoiou um pé calçado com uma bota sólida de cada lado da estrutura do banco.

Qualquer pessoa poderia estar dirigindo o carro que parou para vir em nosso socorro. Poderia ter sido uma mulher, um homem fracote e magricela ou mesmo um covarde. Sou eternamente grata pelo fato de, em vez de um desses, ter sido um homem forte e atlético, com um complexo de herói curiosamente superdesenvolvido. Sabia que ia dar certo, mesmo antes que o banco começasse a se mover. Sabia que aquele nível de determinação férrea, a careta de concentração e o esforço extraordinário teriam êxito. Ele não aceitaria o contrário.

O assento não cedeu muita coisa, mas ao primeiro gemido de protesto do metal, eu me preparei. Então, quando finalmente senti o menor dos movimentos e o alívio da pressão, puxei as pernas, e de repente estava livre. Incrivelmente, afora alguns cortes e hematomas feios, minhas pernas estavam intactas.

Quase como se o automóvel, sedento do meu sangue, soubesse que eu estava prestes a escapar, uma chuva de faíscas voou de cada uma das aberturas de ventilação no painel. A menor e mais letal exibição de fogos de artifício.

– Vá – instou ele, agarrando meu braço e guiando-me sobre o assento reclinado na direção da frente do carro.

Eu passei pela abertura no para-brisa e me arrastei pela escorregadia inclinação do capô. Jack vinha logo atrás de mim.

– A gasolina vai explodir. Fique de pé na borda do capô, que eu empurro você.

– Hã? Quase não entendo o que você diz, com esse seu sotaque...

– Ah! Você é uma dessas mulheres complicadas, né?

Ele me empurrou para o alto do carro com uma das mãos apoiada desavergonhadamente no meu traseiro e me içou até que eu ficasse de pé no para-choque. Então teve de segurar e me firmar quando tentei me apoiar em minhas pernas, que formigavam após toda aquela provação. Ergui os olhos para as paredes íngremes da vala, preocupada. Não havia me dado conta de quanto era profunda: a estrada devia estar pelo menos 3 metros acima da minha cabeça. Como Caroline tinha conseguido subir com tanta facilidade?

– Acho que não vou conseguir...

Ele, que já passara na minha frente, ajoelhou-se aos meus pés, como se estivesse prestes a me propor casamento.

– Fique de pé nos meus ombros.

– Sou pesada demais.

Do painel do carro não paravam de sair faíscas. Não tínhamos muito tempo.

– Você está querendo elogios? Porque sinceramente não acho que este seja o momento. Agora, suba aí.

Eu segurei as mãos que ele esticava em minha direção, buscando equilibrar-me, e pus os pés descalços em seus ombros largos e firmes. Ele ficou de pé tão facilmente que quem visse pensaria que ele fazia aquilo todos os dias. Tentei ajudar, agarrando-me a quaisquer raízes ou vegetação que minha mão encontrasse, e de repente o topo da vala surgiu diante dos meus olhos.

Eu estava quase lá.

Olhei para o homem que literalmente me carregava nas costas:

– E você? Consegue subir?

– Não se preocupe comigo. Estarei logo atrás de você.



Eu ainda me arrastava para longe da vala, de quatro, quando as faíscas e os gases tiveram seu primeiro e fatal encontro. O carro de Caroline explodiu como se fosse uma bomba.

CAPÍTULO 2

A explosão me lançou de cara na estrada, e em seu rastro senti uma onda quente subir por meu corpo. Olhei para trás, por cima do ombro, antes de me pôr de quatro novamente. Enxergar, agora, por certo não seria um problema: o fogo que consumia o carro iluminava a área ao redor quase como se fosse de dia. Senti alguém segurar meu cotovelo e me ajudar a ficar de pé.

– Você está bem? Está machucada?

Balancei a cabeça, ainda um tanto desorientada, enquanto me perguntava por que tudo estava soando tão *errado*, quando me dei conta de que a explosão me deixara com um zumbido nos ouvidos. Agradecida, ergui os olhos para encarar o homem alto – eu acertara – parado à minha frente. Não fosse por *ele*, a explosão teria me matado!

– Estou bem. Obrigada por... por tudo.

Ele deu de ombros, como se o que tivesse feito não fosse nada de mais, o que ambos sabíamos que não era verdade.

– Amy e Caroline. Onde elas estão?

Em resposta, Jack segurou meus ombros e me fez dar meia-volta, virando-me para a direção de onde nosso carro viera, e lá, cerca de 50 metros à nossa frente, pude distinguir duas silhuetas nas sombras. Eu não tinha percebido que, após o impacto, o carro ainda percorreria uma distância tão grande. Jack me estendeu a mão, e eu a segurei sem nem pensar no que fazia.

– Vamos.

A distância, eu pensara que Caroline estivesse rezando, ajoelhada ao lado de Amy no acostamento. Quando nos aproximamos, pude ver que não era esse o caso: na verdade, ela se balançava para a frente e para trás, de joelhos, e gemia. Percorremos os últimos metros correndo, mas, quando estávamos bem perto do ponto para onde Amy fora arremessada, Jack me puxou, obrigando-me a parar, com um aviso terrível.

– Emma, você precisa saber, os ferimentos de Amy são muito... graves.

Assenti, ainda desnorreada, e então me soltei de suas mãos e continuei sozinha o restante do percurso.

Sabia que ele estava tentando me preparar, entendi sua intenção. Mas nem

precisava ter se dado ao trabalho. *Nada* poderia ter me preparado para o que vi quando olhei além de Caroline para a terceira integrante de nosso trio. De repente me senti muito, muito agradecida pela iluminação ruim, porque o que eu *podia* ver fez meu coração dar uma guinada e meu estômago revirar. O rosto de Amy, seu lindo rosto!

Caí de joelhos ao lado de Caroline, agarrando sua mão e apertando-a com força. Acho que ela nem mesmo percebeu que eu estava ali, mas, de qualquer forma, não era Caroline quem precisava de mim naquele momento.

Os ferimentos de Amy eram tão graves que eu nem teria conseguido reconhecê-la. Eu quis fugir dali, mas não pude; quis tirar minha amiga daquele asfalto e embalá-la junto a mim, mas não me atrevi. Tentei abafar o grito de desespero que parecia determinado a forçar caminho por entre meus lábios, sobretudo quando percebi que ela não estava inconsciente. Lenta e dolorosamente, Amy virou o rosto em minha direção.

– Mmmemma?

Assenti com um gesto vigoroso, incapaz de confiar em minha voz enquanto lágrimas quentes rolavam por meu rosto cortado como se fossem ferrões. Então percebi que os olhos de Amy, seus lindos olhos azuis sempre sorridentes, mais pareciam poças de sangue, e, inchados, estavam praticamente fechados, de modo que ela provavelmente não podia me ver.

– Estou aqui, Amy, estou aqui.

Busquei sua mão, hesitando ao ver os cortes e as escoriações que cobriam quase cada centímetro de pele visível. Peguei-a, mesmo assim: Amy precisava do contato.

– Não tente falar – adverti, vendo seus lábios cortados e intumescidos lutarem para formar palavras.

– Você... bem?

Foi o que me fez desabar. Ela estava ali, estirada naquela estrada fria, com ferimentos tão horríveis que era impossível imaginar quanto tempo levaria para que se recuperasse, e a primeira coisa que me perguntava era se eu estava bem.

– Estou bem, muito bem.

Ela assentiu levemente com a cabeça acomodada em um apoio improvisado com uma jaqueta de couro dobrada – de Jack, imaginei. A essa altura, ele já se juntara a nós, indo até o outro lado de Amy e agachando-se perto de sua cabeça.

– Você está bem? – perguntou ele, sorrindo, e reconheci o tom que usara comigo no carro.

Jack se aproximou mais de Amy e pousou a mão de forma confortadora em seu ombro.

– O socorro está a caminho – completou ele.

O rosto de Amy se contorceu enquanto um espasmo de dor parecia dilacerá-la, e eu olhei para Jack, desesperada.

– Eles disseram em quanto tempo? Ela precisa ir para um hospital.

Havia em seus olhos uma expressão que não me agradou quando Jack respondeu solenemente:

– Eu sei. – Ele disse aquilo e se pôs de pé, pegando o celular. – Vou ligar novamente.

Antes, porém, que discasse o primeiro dígito, o som distante de uma sirene atravessou o ar gelado da noite de março.

Os olhos de Amy haviam se fechado, então toquei delicadamente seu rosto.

– Ouça, Amy, eles estão chegando. Consegue ouvi-los? Estão quase aqui. Agente firme.

– Machuquei...

Esse tinha de ser o maior eufemismo do mundo. Eu não poderia ter nem mesmo uma vaga noção do nível de dor que ela devia estar experimentando.

– Eu sei – murmurei –, mas eles vão lhe dar alguma coisa para aliviar a dor. Só mais um ou dois minutos de espera.

Eu desejara consolá-la e confortá-la com minhas palavras, mas a resposta que dei pareceu agitá-la ainda mais. Amy balançou a cabeça com violência de um lado para outro e abriu a boca em um gemido de desespero. E ao olhar de novo para ela, tentei não deixar transparecer em meu rosto o fato de que quase todos os seus dentes estavam quebrados.

– Machuquei... você.

Ela estava confusa, e com razão.

– Não, Amy. Eu estou bem.

Olhei para Jack e em seu rosto vi a compaixão pura e simples.

– Este generoso americano me tirou do carro. Não estou machucada. Não mesmo.

Não como você, concluí em minha mente. Mas também essas palavras não conseguiram deixá-la satisfeita.

– Amiga... você perdeu. Sinto mui... muito.

Ela estava angustiada e falava coisas desconexas, então fiz a única coisa que me ocorreu: fingi que seus comentários faziam sentido. Eu era boa naquilo; tinha bastante prática.

– Claro, Amy. Não se preocupe, está tudo bem. Descanse agora. Por favor, descanse.

Ela assentiu levemente uma última vez, como se um fardo pesado tivesse acabado de sair de seus ombros, e posso jurar que senti parte da tensão deixar a mão ensanguentada que eu ainda segurava na minha.



Eles mandaram praticamente todo tipo de veículo de emergência com que

contavam. Chegaram em uma carreata de sirenes estridentes: um caminhão do corpo de bombeiros, duas ambulâncias e várias viaturas policiais. O alívio trazido pelo fato de que profissionais agora podiam entrar em ação e assumir o comando exerceu em mim efeito contrário ao que eu esperava. Quando me levantei e saí do caminho de dois paramédicos que haviam rapidamente ladeado Amy, senti os joelhos fraquejarem. Jack se aproximou de mim no mesmo instante e me envolveu com seus braços fortes, suportando todo o meu peso. Comecei a tremer violentamente, como alguém que sofresse os espasmos provocados por uma febre muito alta. Ele me apertou contra seu peito, procurando me aquecer com o calor do próprio corpo. A essa altura, meus dentes haviam começado a bater.

– É só o choque.

Ele tentou me tranquilizar enquanto acariciava meu cabelo, deslizando a mão do alto de minha cabeça até a nuca, como se eu fosse um animal assustado. O que não estava muito longe da realidade.

Pareceu durar uma vida o atendimento que prestaram a Amy até que conseguissem deixá-la em uma condição estável o suficiente para que fosse transportada. E quanto mais demorava, mais agitada eu ficava.

– Por que eles simplesmente não a colocam na porcaria da ambulância e vão de uma vez? – perguntei, e era provável que minha voz não tivesse soado baixa o bastante para não ser ouvida pelos paramédicos, que trabalhavam de forma intensiva.

Vi o olhar de desculpas que Jack dirigiu aos dois profissionais, antes de me conduzir gentilmente para longe dali.

– Vamos só dar espaço para que eles trabalhem, certo? – sugeriu ele, com tranquilidade.

Para ele, podia ser fácil falar com tamanha calma. Afinal, nem nos conhecia. Ele não tinha nenhum envolvimento emocional com o que resultasse daquela noite conosco. Absolutamente nada.

Jack me conduziu até seu carro, que ele havia parado no meio de uma das pistas da estrada. Eu não queria entrar no veículo, embora ainda estivesse tremendo bastante. Se Amy estava do lado de fora, no frio, então eu deveria ficar também. De certo modo, Jack pareceu compreender essa lógica distorcida e ficou ao meu lado, recostando-se no capô. Observamos os paramédicos em ação, enquanto o soró era administrado no braço de Amy, um colar cervical era colocado para imobilizar seu pescoço e então finalmente uma maca de rodas era tirada da traseira da ambulância.

Sem pedir permissão, Jack me abraçou e eu, agradecida, me permiti ficar colada à lateral do corpo de um estranho.

– Eu lhe daria minha jaqueta... mas precisaram dela antes.

Assenti, mas na verdade prestava atenção era em Caroline, que naquele momento estava aos cuidados de um dos paramédicos da segunda ambulância e

de dois policiais. Quando vi que um dos policiais pegara um bafômetro para que ela fosse testada, afastei-me depressa do carro. Não havia nenhuma necessidade daquilo! Eu era testemunha de que ela estava completamente sóbria no momento do acidente! Não havia *nenhuma hipótese* de ter sido ela a responsável por tudo aquilo. Se tinham de culpar alguém, que fosse o maldito cervo! Somente a mão moderadora de Jack impediu que eu partisse para a briga, exaltada.

– Só estão seguindo o procedimento padrão. Não é uma acusação. Não parta para o ataque como uma pugilista.

Ele tinha razão. Eu sabia que sim. E, em circunstâncias normais, não me ocorreria nem em um milhão de anos ser tão agressiva. Tornei a me acomodar na frente do carro dele com óbvia relutância, ainda inconformada.

– Você é sempre assim ou só a peguei em uma noite ruim?

Dei uma risadinha sem humor.

– Uma das minhas melhores amigas está prestes a ser colocada numa maca e levada em uma ambulância, a outra parece prestes a ser levada em uma radiopatrulha. Já tive noites melhores.

– Radiopatrulha, é? Você deve ser fã de filmes antigos. Não é um termo que se espere ouvir de alguém jovem como você.

– Não sou assim tão jovem. Tenho 27 anos – respondi automaticamente, com minha atenção ainda toda voltada para Caroline.

Olhei para meu salvador e esbocei um sorriso. Reconhecia suas valorosas tentativas de me distrair da tragédia que se desenrolava diante de nós, mas até que eu tivesse certeza de que minhas amigas ficariam bem, não poderia pensar em mais nada.

– Pois bem, meus amores, podemos dar uma olhadinha no casal?

Eu ficara tão distraída com as táticas de Jack para me distrair que nem vira a paramédica se aproximar de nós com sua bolsa na mão. Usando uma luva de látex, ela ergueu meu rosto para examinar o ferimento na testa. Ainda havia fragmentos do para-brisa presos no corte, que a essa altura felizmente já quase parara de sangrar.

– Vamos ter que deixar a limpeza disto para quando chegarmos ao hospital, minha querida, e fazer uma radiografia também. Você tem outros ferimentos?

Balancei a cabeça, e ao meu lado Jack emitiu uma espécie de silvo.

– As pernas dela ficaram presas por um dos bancos do carro. Tem uns hematomas bem feios nas duas.

A paramédica se abaixou, enquanto eu lançava a Jack um olhar breve e furioso; parecia-me errado que eles desperdiçassem tempo cuidando de mim quando Amy estava tão mais necessitada...

– Meus colegas estão entre os melhores da região. Vão cuidar da sua amiga – assegurou a paramédica, seguindo meu olhar preocupado até a atividade frenética que se desenrolava ao lado da maca de Amy. – Seu namorado tem

razão: precisamos tratar de você agora.

– Ele não é meu namorado.

A paramédica ficou de pé e olhou o braço protetor de Jack, que ainda me mantinha junto ao seu corpo, e então seu olhar pousou no grande diamante solitário no meu dedo anular esquerdo.

– Desculpe, seu noivo – consertou ela.

– Ele não é...

Dei de ombros, cansada. De repente, estava cansada demais para me dar ao trabalho de explicar. Que pensassem o que quisessem! Havia coisas muito mais importantes com que me preocupar naquele momento.

– E o senhor? – prosseguiu a paramédica, embolando as luvas de látex e calçando um par limpo antes de estender a mão para o braço machucado de Jack.

– Eu? Não, estou bem. Eu não estava no acidente.

– Então como arranjou isto?

– Eu só me machuquei em um pedaço de metal do carro quando estava ajudando Emma a sair.

Só? Como se fosse algo que se pudesse desconsiderar assim tão casualmente. De repente, achei importante que todos soubessem o que ele fizera.

– Ele salvou a minha vida – declarei solenemente.

Jack pareceu constrangido.

– Foi? Bem, então é ainda mais importante que cuidemos adequadamente dele, não é? – falou a paramédica.

– Não podemos apenas cobrir com um curativo? Só para garantir que eu não suje meu carro alugado?

– Nem pensar – replicou a paramédica, claramente horrorizada com a sugestão. – Precisamos limpar o ferimento e, além disso, parece que serão necessários alguns pontos. E também é provável que você tenha que tomar uma vacina antitetânica.

Jack suspirou, pressentindo que seria inútil resistir. Nossa conversa foi brevemente interrompida quando a ambulância finalmente partiu com Amy, a sirene parecendo um arauto anunciando a gravidade do paciente que seguia ali dentro.

– Tem medo de hospitais, é? – desafiei, desesperada para voltar minha atenção para qualquer assunto ao qual eu pudesse me agarrar, qualquer assunto que não envolvesse o destino da minha amiga.

– Acho que talvez eu tenha mais medo de *você* – rebateu ele, entrando na brincadeira. – Você é muito mandona.

Jack me acompanhou até os degraus na traseira da ambulância e me apoiou pelas costas enquanto o paramédico estendia os braços para me ajudar a entrar. Segui direto para a maca estreita em que Caroline estava sentada. Fiquei aliviada ao ver que ela parecia muito mais calma agora, mas quando ergueu a cabeça e nos dirigiu um sorriso ligeiramente vago e confuso, percebi o porquê. Deviam ter administrado alguma coisa bastante forte para sedá-la. Abracei-a e senti sua cabeça descansar com todo o peso em meu ombro.

Não havia espaço suficiente na segunda ambulância para nós três. Embora quisessem chamar um terceiro veículo para transportar Jack para o hospital, ele insistira em que podia dirigir. Assim, apenas colocaram uma atadura provisória em seu braço e aceitaram suas garantias de que nos seguiria. Olhei-o, desconfiada, da maca.

– Você *vem*, não é? Não vai fazer nada estúpido, como ir embora sem ser examinado.

Ele viu minha preocupação, sentiu-a em minha voz, e, embora eu soubesse que aquela provavelmente fosse a última coisa que ele de fato queria, fez um pequeno gesto afirmativo com a cabeça e sorriu, repetindo a frase que já me dissera uma vez naquela noite:

– Estarei logo atrás de você.



O hospital estava movimentado e caótico, de uma forma incomum para as primeiras horas da madrugada. No setor de Emergência, sem janelas, poderia facilmente ser o meio do horário de expediente, e não duas da manhã.

Trabalhando com agilidade e eficiência, a equipe médica entrou em ação: eles nos colocaram em macas e nos conduziram para dentro do hospital, avaliaram nosso estado e iniciaram os procedimentos necessários com a velocidade dos profissionais experientes, separando-me de Caroline quase de imediato. Não soube ao certo para qual setor a levaram, mas fui conduzida até uma área de triagem, para uma avaliação mais aprofundada, e, após aquela agitação inicial, fiquei sozinha pelo que me pareceu uma eternidade, à espera do médico de plantão.

À medida que os minutos passavam, minha agitação ia crescendo e se transformando em um nódulo duro e inflamado em meu estômago. Eu me sentia agradecida por saber que estavam ocupados – o que era óbvio por toda a atividade que eu percebia do outro lado das cortinas. Mas será que ninguém poderia parar um minutinho e me dizer o que estava acontecendo com Amy? Fora a pergunta que eu fizera a todos os membros da equipe hospitalar que se aproximaram alguns metros de mim, um dos quais eu tinha quase certeza de que era na verdade um faxineiro que nem falava meu idioma.

Eu também precisava ligar para casa e para Richard, para dizer que eu estava bem. Era muito tarde e, desde que eu voltara a morar em casa, meu pai passara a se preocupar comigo como se eu fosse uma adolescente que chegasse depois da hora estipulada. Era irritante, exasperante, porém mais que compreensível, então eu me resignava a conviver com aquilo. Havia questões mais importantes que o preocupavam, e eu voltara para casa a fim de aliviá-las, não para intensificá-las.

Aquela altura, Richard também estaria preocupado. Tínhamos combinado de nos falar quando voltássemos de nossas despedidas de solteiro, e eu tinha certeza de que nem adiantava tentar usar meu celular, que fora reduzido a plástico derretido em um inferno de chamas.

Quando a sombra de uma silhueta parou diante da cortina, perguntei em um tom que *eu mesma* podia reconhecer como desagradavelmente exigente:

– Desculpe, mas você poderia entrar aqui e me examinar?

Ouvii-se um som áspero de aros de metal raspando na vara da cortina quando ela foi puxada e a figura corpulenta de Jack entrou no cubículo, fazendo com que o espaço subitamente parecesse do tamanho de uma caixa de fósforos.

– Aí está você! – anunciou, como se tivesse estado à minha procura. *Será?* – Acho que reconheço esse tom autoritário.

Corei diante de seu comentário um tanto crítico, mas, sejamos honestos, inteiramente correto.

– Desculpe, pensei que fosse uma enfermeira ou alguém da equipe médica.

A expressão de Jack mudou, revelando preocupação.

– Tem algo errado? Você está com dor?

Neguei com a cabeça, e ele pareceu relaxar um pouco.

– Do que você está precisando? A menos que seja de uma comadre, verei o que posso fazer.

Ele tinha uma curiosa habilidade de me fazer sorrir em situações em que não deveria haver graça nenhuma.

– Um telefone seria bom, mas melhor ainda seria alguma informação sobre Amy. Não tenho a menor ideia do que pode estar acontecendo com ela.

Ele assentiu, compreensivo, e tirou o celular do bolso.

– Não creio que você...

Interrompi o que dizia no instante em que a tela se acendeu e ele me estendeu o aparelho. Quando ele me entregou o telefone, percebi a grande mancha vermelha no curativo provisório que tinham feito em seu antebraço.

– Ninguém viu isso ainda? – perguntei, indicando o ferimento que claramente continuava a sangrar.

– Eu já disse: isto não é nada. E a Emergência está um tanto enlouquecida na última meia hora: ambulâncias estão chegando a cada cinco minutos. Ouvi alguém dizer que houve um incêndio em um lar de idosos.

Aquilo explicava a atividade e a falta de atenção.

– Mas a essa altura *você* já deveria ter sido atendida: você sofreu um ferimento na cabeça, o que pode afetá-la de diversas maneiras.

– Não. Sou assim mesmo o tempo todo.

Ele sorriu.

– Então ele é um cara corajoso, o seu noivo.

Meu Deus! Richard. Eu deveria estar ao telefone com ele, e não trocando gracejos com meu novo amigo salvador. Jack imediatamente entrou na frequência de meu pensamento.

– Diga o número, que eu digito para você.

Dei o número da minha casa primeiro, prontamente aceitando que ele o digitasse; não achava que estivesse em condições de lidar com um celular com o qual não era familiarizada. Na verdade, foram necessárias três tentativas até que eu acertasse o número, o que era a primeira indicação real de que eu estava bem mais abalada do que me dera conta. Como podia não saber o número de minha própria casa? Jack estava tentando me tranquilizar, dizendo que aquele era apenas mais um sintoma de choque. Assenti fracamente – ele não tinha como saber que, nos últimos tempos, esquecer alguma coisa, *qualquer coisa*, era algo que me apavorava.

A ligação foi atendida ao segundo toque. Respirei fundo e abri um largo sorriso antes de falar, na esperança de que aquele gesto livrasse minha voz do tremor.

– Oi, pai.

– Emma?

– Sim, pai, sou eu. Acordei você?

Ouvi alguns ruídos e deduzi que ele estava tentando pegar o despertador na mesinha de cabeceira.

– Emma, são duas e meia da manhã. Onde você está?

Pausa. *Pense na melhor maneira de dizer isso sem causar pânico*, disse a mim mesma.

– Primeiro, eu só queria dizer que estou bem, muitíssimo bem, mas que vou demorar um pouquinho. Tivemos um pequeno acidente.

Percebi que as sobrancelhas de Jack se ergueram diante desse eufemismo absurdo.

– Você está bem? Está machucada ou algo assim?

Droga. Mesmo mentir descaradamente não tinha impedido que o pânico se infiltrasse na pergunta de meu pai. Ouvi então uma segunda voz e senti minha preocupação subir um nível.

– É a Emma? Algum problema? Onde ela está?

– Eu estou bem. Diga à mamãe que só estou atrasada, depois eu conto os detalhes.

Esperei pacientemente enquanto ele repetia a mentira para minha mãe. Em vez de encarar Jack, fixei meu olhar na trama da manta do hospital que me cobria. O telefone podia ser *dele*, mas isso não significava que eu lhe devesse explicações.

– Sim, Emma – a voz do meu pai soou novamente pelo aparelho.

– Não diga nada, pai, ou irá fazer com que ela volte a se preocupar. Apenas ouça, está bem?

Ele respirou fundo. Entendia por que eu estava agindo daquele jeito.

– Certo, amor – confirmou, com uma alegria falsa em seu tom de voz.

Contei tudo da forma mais sucinta que pude:

– Sofremos um acidente de carro. Eu estou bem. Foi só um arranhãozinho na testa.

Dessa vez eu levantei a cabeça e vi que os olhos de Jack se arregalaram e as sobrancelhas se ergueram ainda mais que antes, se é que isso seria possível.

– Carol está bem, mas Amy se machucou bastante...

Havia um tremor em minha voz que nenhuma mentira poderia encobrir.

– Foi bem feio. Não tenho certeza do que está acontecendo com ela. Ninguém me diz.

– Onde você está? Vou já para aí.

Houve mais alguma pergunta abafada ao fundo, e percebi que estávamos fazendo um trabalho muito ruim de manter o tom de nossa conversa calmo o bastante para não criar pânico em minha mãe.

– Não, pai. Não é necessário. Vou ligar para o Richard, e ele pode vir ficar comigo. Se você viesse, quem ficaria aí com mamãe a esta hora?

Ele ficou em silêncio por um período considerável, até se dar conta de que eu tinha razão.

– Não gosto da ideia de você estar sozinha aí.

Ergui os olhos para Jack e dei um breve sorriso.

– Vou ficar bem, pai. Não estou sozinha. Tem um amigo aqui comigo.



Houve um longo momento de silêncio depois que apertei o botão que desligava a ligação. Jack foi o primeiro a quebrá-lo.

– Então você mente de forma compulsiva... Há quanto tempo apresenta esse pequeno problema?

Dei de ombros. Esse era um assunto que eu não trataria com ele. Irritantemente, ele não o deixou de lado.

– *Pequeno acidente? Arranhãozinho?*

– Sim, depois passei para uma mentira maior e disse que estava com um amigo.

Então a expressão em seu rosto se suavizou, como se de repente ele reconhecesse que não deveria me pressionar naquela questão.

– Não. Quanto a isso, você disse a verdade.

Sua mão se estendeu sobre o cobertor, e Jack entrelaçou seus dedos nos meus com delicadeza. Senti a pressão de meu diamante solitário na pele da palma de sua mão, e me perguntei se foi por isso que ele soltou minha mão quase tão rapidamente quanto a havia segurado.

– Certo, então vamos ligar para esse seu noivo – determinou ele, e havia um distanciamento em sua voz que eu podia jurar que não tinha estado ali um momento antes. – E, dessa vez, conte a *verdade*.

O telefone tocou por cinco minutos no apartamento de Richard antes que eu desligasse. Era certo que ele estaria em casa àquela hora, não? E o telefone ficava no quarto. Não seria possível que ele continuasse a dormir enquanto o aparelho chamava insistentemente, seria? Olhei para o meu relógio. Quase três da manhã. Ele tinha me dito que seria uma despedida de solteiro discreta, com uns poucos professores da escola em que ele trabalhava, apenas, além de alguns caras do clube de rúgbi. Nada de mais. Pensei no olhar que Simon, o padrinho, dirigira a Richard ao ouvi-lo descrever os planos para a noite.

Suspirei e teclei o número do celular de Richard no aparelho de Jack. A música alta foi a primeira coisa que ouvi, isto é o zumbido de um bar ou clube barulhento ao fundo.

– Richard?

Mais barulho, uma gargalhada espalhafatosa e o tilintar de copos. A despedida de solteiro ainda estava a todo o vapor.

– Richard, está me ouvindo?

– Quem é?

Não era um bom começo.

– Richard, sou eu, Emma.

Fez-se uma longa pausa, que parecia precisar de algo que a preenchesse.

– Sua noiva.

– Emma – repetiu ele, como se o nome lhe fosse apenas levemente familiar.

Ouvi outra voz que reconheci, e ela falava no que devia acreditar que fosse um sussurro. Não pude distinguir todas as palavras, mas decididamente captei a frase “ela está controlando você, camarada”, e então a expressão “Dona Encrenca”. Era Simon. Mais uma razão para que eu não gostasse muito dele.

– Richard, aconteceu uma coisa horrível. Sofremos um acidente e estamos todas no hospital.

Minhas palavras foram mais eficazes que um balde de água fria jogado em cima dele, só não foram tão satisfatórias.

– Emma, você está bem? Está machucada?

– Nada grave.

Olhei para Jack, que aguardava com mal-disfarçado interesse para ver como eu completaria minha frase.

– Tenho um corte feio na cabeça, e minhas pernas estão bastante machucadas, mas Caroline e eu tivemos muita sorte. Só que Amy...

De repente não pude terminar, pois minha garganta se fechara e a única coisa que conseguia emitir eram soluços.

– Amy? O que tem Amy? – perguntou Richard, e sua voz agora soava totalmente sóbria. – Emma, acalme-se, conte tudo.

Mas eu não conseguia: as palavras haviam se perdido no emaranhado de medo e pânico do qual eu pensava que tivesse escapado, só para descobrir que eles continuavam ali, à espera de me enredarem novamente. Balancei a cabeça, impotente, sabendo que não conseguiria dizer mais nada.

O aparelho foi gentilmente retirado da minha mão por seu proprietário, e uma voz calma e controlada falou por mim:

– Estamos no hospital Queen Victoria. Venha para cá assim que puder.

Jack parecia prestes a finalizar a ligação sem nem mesmo se identificar, mas se deteve, a fim de acrescentar um último comentário:

– Pegue um táxi, cara. Nem pense em vir dirigindo.

Jack me abraçou enquanto eu soluçava, e nem por um momento me ocorreu como era estranho que eu estivesse me apoiando tanto em alguém que eu nem conhecia. Ele poderia ser qualquer um. Ele *era* qualquer um. O acaso ou o destino simplesmente o haviam colocado na estrada certa no momento certo. Se ele não estivesse lá, tanto Richard quanto meu pai teriam acabado de receber um telefonema com notícias muito piores. Esse pensamento me fez soluçar ainda mais.

– Está melhor? – perguntou Jack por fim, depois que o tsunami se extinguiu, tornando-se apenas um pequeno fio d'água.

Ele me passou uma caixa de lenços de papel que mais pareciam lixas, e tentei enxugar o rosto da melhor maneira possível. No entanto, não havia nada elegante nem refinado em assoar o nariz. Ele esperou até que eu estivesse apta a conversar de maneira sensata.

– Onde é a festinha dos rapazes? É longe daqui?

– Você deveria vir com legendas. A “festinha dos rapazes”, aqui, é chamada de “despedida de solteiro”.

Ele deu de ombros e sorriu, e surpreendentemente percebi que meus lábios ainda sabiam retribuir.

– Não sou destas bandas, dona – disse ele, imitando as palavras que eu ouvira em inúmeros filmes de faroeste.

– Eu já imaginava. O que você está fazendo na Inglaterra, se não se importa que eu pergunte?

– Sou escritor, e meu editor estipulou um prazo para que eu entregue um

romance ambientado na área rural da Inglaterra. Assim, pensei que devia passar uns dois meses aqui, fazendo pesquisa de campo. Aluguei um chalé no litoral, perto de Trentwell.

Em outras circunstâncias, era certo que eu teria ficado curiosa o bastante para fazer outras perguntas, mas havia questões mais relevantes em minha mente naquele momento.

– Que tal eu sair para procurar um daqueles médicos e ver se consigo notícias da Amy?

Era um pouco desconcertante descobrir que Jack, um homem que mal me conhecia, era capaz de ler meus pensamentos como se eles estivessem estampados na minha testa.

Depois que ele saiu, o cubículo pareceu muito mais espaçoso, porém – o que era curioso – sem graça e sem cor. Jack era o tipo de homem cuja presença preenchia todo o espaço à sua volta. E isso não se devia apenas à sua boa aparência ou ao seu charme, que mesmo numa noite como aquela eram inegáveis. Ele provavelmente teria que lançar mão dos dois em toda a sua capacidade se quisesse obter alguma informação sobre Amy, pois eu tinha quase certeza de que eles só mantinham informados os parentes próximos. Mas que droga! Nós éramos a família de Amy. Caroline e eu – não no sentido consanguíneo, mas de uma forma mais profunda e duradoura, que nos ligava de maneira mais íntima do que o laço de sangue jamais poderia fazer. Imaginei que a essa altura a polícia já teria telefonado para os pais de Amy, mas, como eles haviam se mudado muitos anos atrás e viviam a quatro horas de viagem, até que chegassem aqui Caroline e eu éramos tudo com o que ela poderia contar.

Ergui os olhos, em expectativa, quando as cortinas do leito foram abertas, mas não foi Jack quem entrou, e sim uma senhora idosa, de aspecto frágil, que caminhava com a ajuda de um andador. Seus olhos examinaram o cubículo e rapidamente voltaram a mim. As mãos ossudas e enrugadas que agarravam o aço tubular de seu andador mais pareciam as garras de uma ave no poleiro que dedos humanos.

– Não consigo encontrar. Não sei onde está – falou, a voz rouca e desesperada. – Você sabe onde está? Pode procurar?

Toda a expressão corporal dela transparecia agitação, e uma força intensa dentro de mim me puxou em sua direção.

Torcendo para que o que ela procurava tão desesperadamente *não fosse* o banheiro – porque eu não tinha a menor ideia de onde ele ficava –, deslizei as pernas para fora da cama e me pus ao seu lado.

Reconheci o tom da minha voz quando falei com ela. Era um que eu infelizmente vinha praticando bastante.

– Está tudo bem. Deixe-me ajudá-la. O que a senhora está procurando?

Ao ouvir minhas palavras, a senhora ergueu a cabeça, e de repente pareceu

surpresa ao me ver ali. Em sua desesperada inspeção do quarto, talvez nem tivesse notado a minha presença. *E é para isso que estamos seguindo*, disse uma voz que eu não queria ouvir. Principalmente não naquela noite. Repeti a pergunta à senhora, cobrindo delicadamente sua mão trêmula com a minha.

– O que foi que a senhora perdeu?

– Meu tricô. Eu o deixei na cadeira. Mas agora desapareceu. Você sabe onde ele está?

Percebi então o que deveria ter notado no momento em que ela entrou no cubículo: a mulher na certa era uma das residentes do lar de idosos que havia pegado fogo. Ela provavelmente se afastara de quem deveria estar tomando conta dela.

– Por que não saímos e vemos se um dos médicos ou enfermeiros pode nos ajudar a encontrá-lo para a senhora? – sugeri, conduzindo-a delicadamente para o lado que eu queria que ela seguisse.

Uma vez fora do cubículo, acertei meu passo com sua marcha instável e a guiei em direção ao som de vozes que se faziam ouvir mais além no corredor. Fomos encontradas simultaneamente pela enfermeira que a havia “perdido” e por Jack.

– O que a senhora está fazendo fora da cama? – perguntou a enfermeira, dando um passo à frente e reivindicando sua paciente perdida.

– Esta seria a minha fala – disse Jack com seu olhar estranhamente intenso enquanto eu entregava com deliberado cuidado a confusa senhora.

A pobrezinha já estava assustada e tonta o suficiente, e eu não queria atemorizá-la ainda mais. Por mais estranho que pudesse parecer, fora bom ter outra pessoa com quem me preocupar mesmo que por poucos minutos.

Mas a realidade voltou com violência enquanto Jack e eu percorríamos o caminho de volta ao meu leito.

– Descobri que Amy está sendo operada neste momento – informou Jack, estendendo a mão para me ajudar a voltar à cama.

Cobri minhas pernas machucadas com os lençóis e deixei que a preocupante notícia que Jack trouxera se assentasse em minha mente.

– Cirurgia? No rosto?

Ele balançou a cabeça com tristeza.

– Não. Acho que ela sofreu algumas lesões internas, mas não consegui descobrir o que especificamente.

Senti a rajada de um medo frio percorrer toda a extensão de minha coluna, atingindo cada uma das vértebras no caminho. “Lesões internas” soava como um eufemismo hospitalar para “ferida muito, muito grave”. Nada mais que Jack dissesse ou oferecesse para me confortar poderia me fazer deixar para trás essa frase aterrorizante.

Felizmente ele parecia ser o tipo de homem que preferia o silêncio a uma

conversa sem sentido – o que era uma sorte, visto que eu não estava em condições de me concentrar em nada, exceto no pesadelo que estávamos vivendo. Precisei da ajuda dele até para preencher alguns formulários do hospital que uma enfermeira me entregou em uma prancheta. Minha mão tremia demais até mesmo para que eu escrevesse meu nome e endereço, por isso permiti, agradecida, que ele pegasse a caneta e a prancheta das minhas mãos e completasse o formulário com letras firmes e claras enquanto eu ditava meus dados.

A meu pedido, ele deixou a cortina do cubículo aberta, como se de alguma forma, sem a fina barreira de tecido que as pudesse deter, as notícias fossem nos alcançar com mais rapidez. De nossa baía, observamos o fluxo contínuo de profissionais das equipes de saúde: alguns passavam correndo, objetivos e com pressa, outros apenas vagueavam por ali. Outros ainda tagarelavam despreocupados, aparentemente alheios ao fato de que a estrada para o nosso futuro estava prestes a ser alterada de maneira irreparável. Quando ouvi duas enfermeiras mergulhadas em uma discussão sobre uma ridícula reviravolta na trama de uma série de TV, uma raiva vigorosa me inundou. *Televisão?* Elas só podiam estar brincando! Deveriam estar salvando vidas, fazendo procedimentos de ressuscitação cardiopulmonar nos pacientes emergenciais, ou gritando instruções que me pareceriam ininteligíveis, mas nunca discutindo sobre programas de TV, pelo amor de Deus! Jack percebeu minha agitação e deu tapinhas na minha mão, compreensivo.

- Para elas, é apenas mais um dia de trabalho.
- Mas não para mim.
- Eu sei.



Richard chegou em um tornado de pânico, preocupação e cheiro de álcool. Seus passos precederam sua chegada, ressoando ruidosamente no ladrilho enquanto ele corria pela extensão da área de triagem, chamando meu nome. Entrou de supetão no cubículo, e Jack imediatamente se levantou da cadeira que estivera ocupando ao lado da cama. Eu pensei que já tivesse chorado o suficiente, pensei que já houvesse secado todas as minhas lágrimas nos braços de Jack, mas parecia que não. Um único olhar para o rosto familiar de Richard, tomado de preocupação, interesse e amor, e de repente o deserto foi substituído por uma cachoeira. Richard me abraçou, embalando-me como se faz com uma criança, e embora ele cheirasse mais como uma destilaria que como uma pessoa real, era bom estar em seus braços.

– Shh, shh – sussurrava ele de encontro ao meu cabelo, na tentativa de me acalmar.

Procurei ignorar o leve – embora ainda perceptível – arrastar de sua voz, assim como o cheiro de cigarro em que ele parecia ter sido defumado. Fora a despedida de solteiro de Richard, e não havia fundamento em sentir raiva do fato de termos estado em meio a destroços e a chamas, na beira de uma estrada, enquanto ele se embriagava em um bar. Mas, ainda assim, era o sentimento que eu nutria.

– O que foi que aconteceu, Emma? – perguntou ele, aparentemente não percebendo que eu me encolhera de dor quando ele se sentou aos pés da cama e descansou um braço na parte inferior das minhas pernas.

Jack mergulhou como um falcão, removendo o braço de cima das minhas canelas e ganhando um olhar irritado do meu noivo, que ergueu os olhos para ele como se tivesse acabado de perceber sua presença ali.

– As pernas dela estão bastante machucadas – explicou ele sucintamente, e embora Richard parecesse desconcertado e exibisse uma expressão de desculpas, alguma coisa me disse que, no quesito primeira impressão, Jack acabara de ser reprovado.

– E seu rosto... – prosseguiu Richard. – Parece que foi feio.

Não há muito que se possa dizer diante de uma observação assim. Felizmente, não tive que dizer nada.

– Ela cortou a cabeça quando o carro capotou, antes de cair na vala e prendê-la nos destroços. Depois disso, ele explodiu em chamas.

O relato feito por Jack, embora preciso, foi deliberadamente duro e chocante.

– Meu Deus, Emma! Você poderia ter *morrido*. Eu poderia ter perdido você.

Havia tamanha vulnerabilidade em sua voz que só me restou estender os braços para ele. Por um momento, fiquei tão absorta em nossa inversão de papéis que quase não percebi que Jack se encaminhava para fora do cubículo.

– Espere! – gritei quando ele já estava de costas, e por um momento pensei que Jack não fosse se virar. – Você já vai? – perguntei incredulamente, sabendo que não tinha direito de me sentir surpresa, mas ainda assim me sentindo.

Ele já havia extrapolado o papel do Bom Samaritano, com tudo o que tinha feito naquela noite. Por que ficaria, agora que Richard estava ali? No entanto, senti algo semelhante a pânico ao vê-lo partir.

Os olhos de Jack encontraram os meus, e vivi um momento de verdadeiro pavor ao me dar conta de que talvez nunca mais fosse vê-lo. Será que ele estava percebendo aquela reação, aquele sentimento? Talvez. Fora bastante intuitivo ao interpretar o que se passava em minha mente ao longo de toda a noite. Ele hesitou, e então recuou um passo em direção à cama. Ambos ignoramos o olhar confuso que Richard nos lançava, enquanto sua cabeça ia de mim para Jack como se tentasse compreender uma trama complicada em uma peça cujo início ele perdera. Jack sorriu gentilmente para mim e pegou uma de minhas mãos, mantendo-a com cuidado na sua.

– É hora de eu ir. Você vai ficar bem. Espero sinceramente que dê tudo certo para sua amiga.

Assenti, minha garganta de repente obstruída, impedindo que qualquer palavra passasse pelo bolo que estava preso ali.

– Cuide-se, Emma – disse ele suavemente, inclinando-se e beijando minha testa.

– O que...? – começou Richard, virando-se para acompanhar a silhueta alta de Jack, que rapidamente deixara o cubículo. – Que diabo...? Por que aquele médico acabou de se despedir de você com um beijo?



Dois cafés fortes depois, Richard provavelmente poderia ter passado em um teste básico de sobriedade. Quando acompanhou o cortejo de enfermeiros e auxiliares que deslizaram minha maca para o setor de radiografia, ele pelo menos era capaz de manter uma conversa com coerência. Não que eu recomendasse encarregá-lo de alguma coisa mecânica ou de operar qualquer tipo de equipamento, não depois de ver suas tortuosas tentativas de enviar uma mensagem de texto ao meu pai, para informá-lo do que estava acontecendo.

Naturalmente, ele adquiriu um desagradável tom pálido quando limpavam e suturaram o ferimento em minha testa, mas isso se devia mais a uma constituição fraca e a uma fobia de agulhas que ao álcool. No fim, alguém que trouxe uma cadeira de plástico – o que, considerando a maneira como ele vinha oscilando em pé, provavelmente foi uma boa iniciativa.

À medida que se aproximava a manhã de um novo dia, Richard permanecia ao meu lado, recusando-se a sair de perto de mim, mesmo quando fui transferida para um pequeno quarto particular, por terem insistido em que eu ficasse em observação pelo restante da noite. Ele só deixava o quarto nos momentos em que ia até a enfermagem, a fim de pedir notícias de Amy, e repetidamente ouvia a mesma resposta.

– Ainda está em cirurgia – relatou-me algum tempo depois das cinco da manhã.

Deixaram o quarto em penumbra, presumivelmente para estimular meu sono, mas não havia a menor probabilidade de que eu dormisse. Nunca uma noite me parecera tão longa.

Quando a notícia que ele recebeu foi outra, eu soube imediatamente. Juro que a maçaneta da porta girou de um modo estranho, e a sombra de Richard se esgueirou pela abertura de uma forma peculiar enquanto a porta se abria devagar. Ele ficou ali parado, desajeitado, e em seu rosto havia uma expressão que eu nunca vira. Rezei para que nada jamais acontecesse em nossa vida que me fizesse voltar a ver aquela expressão.

Ele estava imóvel e calado, e eu simplesmente *soube*.

– Não – protestei, balançando a cabeça e negando o que ainda não fora anunciado. – Não, não, não!

Seus olhos começaram a se encher de lágrimas, mas ainda assim ele não se moveu.

– Não pode ser verdade. Eu não acredito. *Não vou acreditar.*

Então ele finalmente se moveu, dando passos curtos e vacilantes em minha direção.

– Há cerca de dez minutos – confirmou ele, com a voz rouca, pegando a minha mão.

Eu mal podia enxergar por causa das lágrimas. Acho que ele deve ter dito algo mais, algo sobre os médicos terem feito tudo o que podiam... Ou teria sido algo sobre a gravidade dos ferimentos dela? Eu simplesmente não sei. Não conseguia chegar à notícia, não conseguia ir além da horrível frase inicial.

Amy, uma de minhas melhores amigas havia mais de vinte anos, estava morta.

CAPÍTULO 3

Anestesiada. Anestesiada por *novocaína*. Anestesiada por gelo. Não de uma maneira positiva – era mais o tipo de dormência que se sente quando suas extremidades ficam enregeladas e queimadas, um pouco antes de você começar a perder os dedos.

Sentados em total silêncio pelo que pareceram horas, Richard e eu tentávamos assimilar o que era tão torturante e horrível que estava quase além da aceitação. Amy, a pessoa mais vibrante e cheia de vida que eu já conhecera, levava a cabo sua filosofia de viver cada dia como se fosse o último.

A notícia abalou até mesmo a equipe médica, pois eu juro que passamos a ser tratados de modo diferente. Quando a enfermeira que veio aferir minha pressão ficou segurando minha mão depois de tirar o aparelho do meu braço. Até o funcionário administrativo que levou a minha alta deu tapinhas no meu ombro, de uma forma desajeitada e constrangida, com uma expressão de simpatia e condolência no rosto. Tive a impressão de que veria bastante disso nos dias por vir.

Depois que a equipe médica deixou meu quarto, Richard me ajudou a trocar a camiseta hospitalar que tinham me colocado por meu vestido curto de festa agora tão inadequado. Encolhi-me quando senti o tecido raspar no sangue coagulado em minha pele. Eu só não sabia de quem seria o sangue. Meu? De Jack? Ou seria de Amy? Que diferença fazia? O vestido iria direto para o lixo.

Para poupar tempo, Richard se ofereceu para ir buscar na farmácia do hospital os analgésicos que me receitaram.

– Não vou demorar – prometeu e me deu um beijo rápido logo abaixo da grande atadura branca colocada em minha testa. – Você vai ficar bem enquanto vou lá?

Balancei a cabeça com tristeza, e tudo o que ele pôde fazer, em resposta, foi assentir. A sensação era de que nada nem nenhum de nós jamais ficaria bem de novo, ambos sabíamos disso. E eu tinha a forte suspeita de que no momento em que deixássemos os limites do hospital, a situação ainda pioraria bastante, em vez de melhorar.

Houve uma leve batida na porta, e uma jovem enfermeira a abriu o suficiente apenas para passar a cabeça pela abertura. Imaginei que ela estivesse

ali para me dizer que o táxi que tínhamos pedido havia chegado, mas, em vez disso, ela me surpreendeu com as palavras:

– Tem uma visita, Srta. Marshall. Não estamos no nosso horário de visitas, mas... dadas as circunstâncias especiais...

Ali estava novamente: o tratamento VIP reservado a quem passava por uma tragédia. Não havia nenhuma honra em ser membro desse clube.

A enfermeira se afastou a fim de permitir que minha visita entrasse no quarto. Jack ficou um breve momento sem dizer nada, então suas primeiras palavras me fizeram desmoronar.

– Emma, eu sinto muito, muito mesmo.

Eu me esforcei para não perder o controle. Assenti com a cabeça, reconhecendo as palavras de solidariedade, mas, como se fosse uma cantora de ópera que estivesse prestes a interpretar uma ária, já podia sentir meus lábios começarem a tremer. Com um ruído que se iniciou como um soluço e terminou como o latido de um cão, novamente me vi nos braços de Jack, enquanto as lágrimas, que não tinham caído na presença de Richard, finalmente encontraram a rachadura na represa.

Na verdade, não sou de chorar, nunca fui. Portanto, era ainda mais impressionante aquele americano, que eu conhecia havia menos de doze horas, ter me consolado enquanto eu chorava como uma criança, mais vezes do que meu noivo nos últimos doze anos.

Não ouvi Richard entrar no quarto, embora eu já começasse a recuperar o controle no momento em que percebi que Jack e eu não estávamos sozinhos. O primeiro sinal disso foi a voz fria de Richard:

– Emma?

Jack ergueu os olhos, mas manteve os braços firmes em volta de mim. Seu abraço era inocente e tinha a única intenção de consolar, mas vi uma luz desafiadora acender-se em seus olhos castanho-dourados diante do tom de voz de Richard. Isso definitivamente era algo de que eu não precisava naquele momento. Tentei me desvencilhar dos braços de Jack, que no mesmo instante me soltaram. Ele estendeu a mão para Richard.

– Jack Monroe – apresentou-se. – Peço desculpas, não tivemos a chance de ser formalmente apresentados ontem à noite.

Richard demorou um pouco para erguer a mão e apertar a de Jack. Então, quando a situação estava prestes a passar de ligeiramente descortês a abertamente rude, ele cedeu. O cumprimento não foi nada caloroso, nem tampouco a expressão no rosto dos dois.

– Richard Withers – replicou Richard, sem rodeios –, o noivo de Emma.

Um pequeno músculo se contraiu no rosto de Jack.

– Você não ficou a noite toda aqui também, ficou? – perguntei, sem notar que Jack estava com uma roupa diferente, limpo e barbeado.

– Não. Fui atendido e depois voltei para casa.

Notei um curativo bem menor em seu braço, que mal dava para ver debaixo da manga enrolada da camisa escura.

– Então o que o traz ao hospital?

Fuzilei Richard com o olhar, porque não havia como disfarçar uma grosseria tão flagrante. O olhar que ele me devolveu dizia “O quê?”, mas ele sabia qual era o problema.

– Liguei hoje de manhã para saber como Emma estava e para perguntar sobre Amy. Eles me deram a notícia e eu... bem, achei que deveria vir.

– É muita gentileza sua – disse Richard, embora sua voz deixasse claro que, na verdade, ele queria dizer o oposto.

– Sim, é mesmo – acrescentei com muito mais sinceridade.

– No entanto, como você pode ver, estou prestes a levar Emma para casa e ela precisa muito descansar. Portanto, muito obrigado por vir, mas agora já temos tudo sob controle.

Sob controle? Nada *já* parecera estar menos sob o nosso controle. Mas lidar com Jack, estar em dívida com ele por ter salvado a mulher que ele amava, era pressão demais para Richard naquele momento, e eu tinha consciência que, certo ou errado – e eu sinceramente sabia que era *errado* –, devia tomar o partido dele.

– Obrigada por vir. Foi muito importante.

E por mais que minhas palavras não o fizessem, minha voz dizia: *Por favor, vá agora. Adeus.*

– Só queria que não fosse nessas circunstâncias, queria que houvesse mais que eu pudesse fazer. Por Amy.

Senti que essas duas últimas palavras de Jack foram acrescentadas para evitar que Richard se saísse com alguma resposta sobre ele já ter feito o suficiente. Por mais ridículo que parecesse, era quase como se meu noivo se ressentisse de eu ter sido salva por Jack, como se o fato de não ter sido ele a me resgatar o diminuísse ou ferísse sua masculinidade de alguma forma. Isso não fazia o menor sentido. Ele deveria estar agradecido, mas tudo o que conseguia demonstrar era mediocridade e ciúme.

– Você recebeu alta agora? – continuou Jack – Posso oferecer uma carona a vocês?

– Não, obrigado. Temos um táxi à nossa espera lá embaixo.

A intervenção de Richard foi tão instantânea que acho que ele temia que eu fosse aceitar. Então, como se pegasse a deixa, a mesma jovem enfermeira bateu à porta para informar que nosso táxi nos aguardava.

Richard passou o braço por minha cintura e me conduziu em direção à porta. Virei-me e olhei para Jack. Ele agora transparecia tão pouca emoção que eu não soube dizer o que pensava. Dirigi um breve e triste sorriso de adeus ao homem

que arriscara a vida para me salvar. Deixá-lo ali me dava a sensação de uma questão não resolvida, de uma dívida não paga. Quando se deve a alguém a própria vida, talvez seja assim para sempre.



No táxi, não questionei Richard sobre seu comportamento em relação a Jack. Havia coisas mais importantes e devastadoras com que lidar, e à medida que nos aproximávamos de casa a enormidade desse fato pareceu nos atingir como uma bola de demolição. Assim que o táxi parou na frente da casa dos meus pais, pousei a mão no braço de Richard enquanto ele pegava a carteira para pagar ao motorista.

– Por que você não vai para o seu apartamento primeiro, toma um banho, descansa e vem para cá mais tarde? – sugeri.

– Seria mais fácil se eu entrasse com você agora...

Balancei a cabeça com tristeza e me inclinei para beijá-lo suavemente, esperando que ele compreendesse meu raciocínio.

– Não vai ficar mais fácil, qualquer que seja a maneira como façamos isso. Volte um pouco mais tarde, está certo? Até daqui a pouco – despedi-me, descendo do táxi e me dirigindo à porta da frente com uma confiança que era tão falsa quanto a gratidão de Richard por Jack.



Os dois me aguardavam à mesa da cozinha. Meu pai se levantou assim que entrei e me deu um abraço apertado cheio de alívio, preocupação e amor. Eu telefonara do hospital, portanto ele sabia sobre Amy. Vi seus olhos vermelhos e soube que fora um golpe duro para ele. Amy e Caroline eram presenças frequentes em nossa casa havia mais de vinte anos. Eram praticamente da família.

– Você quer um chá? Não creio que aquela coisa no hospital fosse bebível.

A emoção fizera sua voz soar áspera, rouca, e embora eu não estivesse interessada na bebida, sabia que ele precisava de um tempo para se recompor.

– Obrigada, pai.

Puxei uma das cadeiras de pinho e a coloquei ao lado da de minha mãe. Olhei para o lenço de papel embolado que ela segurava com força na mão fechada... e, quando se virou em minha direção, havia uma expressão de tristeza em suas feições – que se pareciam tanto com as minhas que olhar para ela era como fitar o meu futuro. Essa semelhança costumava me confortar e dar um senso de continuidade, mas agora isso me deixava simplesmente morta de medo.

Meu olhar buscou meu pai, que acenou quase imperceptivelmente. Senti uma

pequena onda de alívio. Por ironia, aquele era um dos melhores dias de minha mãe, embora fosse, muito possivelmente, o meu pior.

– Seu pai me contou – confirmou ela, triste. – Eu mal posso acreditar. Pobrezinha da Amy!

Assenti em silêncio, sentindo a ferroada quente das lágrimas que escapavam e desciam por meu rosto. Os olhos de minha mãe pousaram na atadura em minha testa.

– Sua cabeça... O que aconteceu?

– É um corte pequeno, do acidente. Não é nada, na verdade. O curativo faz parecer pior do que é. Não se preocupe com isso, mãe.

Ela fez que sim com a cabeça, e aquela pronta aceitação de algo que deveria tê-la preocupado bastaria para mostrar a qualquer um que a tivesse conhecido antes que aquela não era mais a mesma Frances Marshall.

– Não posso imaginar como Linda e Donald estão se sentindo – continuou ela, e meu pai e eu trocamos um olhar de surpresa.

Até mesmo *eu* poderia ter tido certa dificuldade para lembrar os nomes dos pais de Amy; no entanto, apesar de não os ver havia anos, mamãe se recordou imediatamente. De fato, não tínhamos como explicar o que a doença decidia roubar ao doente e o que permitia que retivesse.

Ficamos ali sentados, bebendo nosso chá em silêncio. Minha cabeça começava a parecer pesada demais para o pescoço, e por diversas vezes esfreguei os olhos, o que dava a sensação de estarem cheios de areia quente.

– Por que você não sobe e tenta dormir um pouquinho, amor? – sugeriu papai finalmente.

Balancei a cabeça.

– Não posso, pai, tenho muito o que fazer, muito sobre o que pensar... Preciso saber da Caroline: não tenho a menor ideia de como ela está. E depois quero ver os pais da Amy. E tem também o casamento. Será preciso adiá-lo...

– O quê? – perguntou mamãe rispidamente. – Vocês vão adiar o casamento? Por quê? Você e Richard brigaram?

Olhei para ela, confusa.

– Não, é claro que não. Mas não podemos seguir com o casamento agora. Não depois que Amy...

Minha voz falhou. Claro que ela não poderia entender... Olhei para o meu pai, que estudava a esposa com uma expressão intensa, como se tentasse fazer com que a mente dela voltasse a funcionar como antes. Era uma expressão que ele apresentava com frequência.

– Ah, sim! É claro. Ela é sua madrinha de casamento, não é?

Concordei com um aceno de cabeça, incapaz de confiar na minha voz para corrigir o tempo verbal. Ela deveria ter dito *era*, e não é. Tudo em relação a Amy era agora no passado. Não haveria futuro para ela. Esse pensamento me

atravessou como se fosse um sabre.

– Haverá tempo para pensar em tudo, mais tarde – disse meu pai, voltando ao assunto após desviar sua atenção de minha mãe, que ignorava o fato de ter sido testada. – Você não vai conseguir ajudar ninguém se ficar doente. Vá e descanse um pouco agora.

Parecia errado permitir-me o luxo de dormir e de conseguir, com o sono, uma breve e bem-vinda fuga da realidade, porém eu sabia que meu pai estava certo. Havia muitas coisas a resolver, mas eu simplesmente não poderia agir nem pensar com clareza naquele momento. Levantei-me trêmula. Inclinei-me e beijei sua testa e a testa de mamãe. O rosto dela examinou o meu com ar preocupado.

– Só algumas horinhas. Não me deixe dormir mais que isso, tá? – preveni meu pai. – Richard virá aqui mais tarde, e eu não quero estar na cama quando ele chegar.

– Richard está vindo? – perguntou mamãe, e o prazer em sua voz deveria ter me alertado. – Que bom.

Quando alcancei a porta que levava ao corredor, ouvi suas palavras de despedida, que asseguraram com êxito que o descanso, no fim das contas, demoraria muito a vir.

– Emma – chamou mamãe.

Virei-me para olhá-la, e a confusão em seu rosto dizia tudo.

– O que aconteceu com sua cabeça? Por que está enfaixada assim?

Não era um de seus melhores dias, afinal.



A julgar pelas olheiras, parecia que Richard tivera tanto insucesso em tentar dormir quanto eu. Todas as vezes em que meus olhos se fecharam, eu vira outra vez, em detalhes horrendos, os acontecimentos da noite anterior, como o trailer de um filme que não se deseja ver.

Sentindo-me inquieta e nervosa por estar confinada em casa, saí para o quintal dos fundos enrolada em um antigo e confortável cardigã. Fazia frio naquele fim de tarde e me sentei em um banco de madeira sob uma árvore frondosa. Pelas portas de vidro do pátio, vi Richard entrar na sala acolhedoramente iluminada. Eu o assisti dirigir-se até meu pai e senti um incipiente sorriso repuxar meus lábios quando seu aperto de mão se transformou em um abraço sem jeito e inesperado. Seu cumprimento à minha mãe pareceu consideravelmente mais natural. Ele seguiu direto para a poltrona dela, acocorando-se para conversarem. Não sei que palavras foram ditas, mas o vi assentir com paciência e pegar a mão dela enquanto ela falava. Ele era mais do que bom com ela, era sensacional, e de uma maneira natural e tolerante, nunca

condescendente ou impaciente. Por mais que eu tentasse imitá-lo, não chegava nem perto de ser tão boa com ela. Talvez, como ele mesmo sugerira certa vez, eu fosse próxima demais, e perdê-la pouco a pouco daquele jeito era difícil.

Vi meu pai apontar na direção do jardim, e o aceno de cabeça de Richard como resposta. Alguns instantes depois, ele estava ao meu lado no banco, deslizando um braço por meus ombros e me puxando para perto dele. Encaixei-me nos contornos familiares de seu corpo, como uma peça que completasse um quebra-cabeça. Podia sentir o cheiro forte de seu gel de banho e da loção pós-barba e, pela primeira vez em quase 24 horas, senti um ligeiro afrouxamento da tensão que se atara em torno de mim como um garrote.

Por um longo tempo, não falamos nada. Não havia necessidade. Uma vida praticamente passada juntos significava que éramos bastante intuitivos em relação ao que o outro pensava. Dessa vez, porém, quando rompi o silêncio, eu sinceramente não tinha a menor ideia de como ele iria reagir.

– Temos que adiar o casamento, Richard.

Por um longo momento, ele nada disse, e, em seu abraço, me virei ligeiramente, buscando analisar seu perfil impassível. Uma brisa suave despenteava-lhe o cabelo louro-escuro, e os cílios da mesma cor quase alcançavam as sobrancelhas, enquanto ele fitava o quintal com uma expressão que eu simplesmente não sabia nomear. Quaisquer que fossem as imagens que estivessem passando pela mente de Richard, sem dúvida não era a visão do gramado aparado com capricho, nem tampouco a dos arbustos e das plantas que o ornavam. O silêncio se estendia como elástico e, justamente quando comecei a pensar que um doloroso e ruidoso protesto romperia, Richard soltou um suspiro profundo e pesaroso e deu sua resposta:

– Concordo.

Essa única palavra perfurou e esvaziou os argumentos que eu tinha prontos, à minha disposição. Estivera tão certa de que ele iria discordar que acabara sendo surpreendida. De modo irracional, por um breve momento fiquei desapontada com o fato de ele não ter se esforçado para me dissuadir – ou melhor, de ele nem ter tentado fazê-lo.

– É o certo a fazer – disse eu, repetindo de modo automático o roteiro que havia preparado em minha cabeça.

– Sim, é.

Ele pegou minha mão e com delicadeza tocou o diamante solitário em meu dedo anular. Estava ali havia apenas três meses, e eu ainda me sentia, quase o tempo todo, consciente de seu peso e de sua presença.

– Por pouco tempo – concordou ele, erguendo minha mão até seus lábios e roçando de leve os nós de meus dedos. – Estamos adiando, não cancelando.

Seus olhos estavam presos nos meus.

Assenti em resposta, incapaz de confiar em minha voz.



Apesar da claridade que se ia apagando e da brisa que se intensificava, permanecemos do lado de fora até que o frio acabasse por anestesiarmos nosso corpo, obrigando-nos a entrar.

– Sabe que, se não fosse por Amy, você e eu talvez nunca tivéssemos ficado juntos? – confidencieei, enterrando a cabeça na concavidade do ombro de Richard.

Ele se remexeu ligeiramente e olhou para mim, e uma expressão curiosa substituiu a anterior, sombria.

Acho que nunca lhe contei isso, mas, quando estávamos no ensino médio, eu era muito apaixonada por um garoto da escola, Gareth Fletcher. Todas as garotas gostavam dele, não era só eu, embora eu fosse a menos sutil nesse aspecto, imagino. Todas nós achávamos o Gareth maravilhoso, porque ele cantava em uma banda e era muito bonito.

As sobrancelhas de Richard se ergueram eloquentemente, mas ele não disse nada.

– Eu estava desesperada para que ele me convidasse para o baile de fim de ano – continuei, sorrindo um pouco porque, mesmo doze anos depois, eu ainda me lembrava do que sentira com aquela obsessão adolescente.

– Mas você foi àquele baile...

– Mas ele não me convidou; ele convidou a Amy – interrompi, remexendo minhas lembranças e revivendo quanto ficara arrasada quando ele foi até onde Amy e eu estávamos no corredor lotado e convidou minha melhor amiga para ir com ele.

– Aquele cara sempre foi um idiota – interveio Richard.

– Sabe que ela não hesitou, nem por um só segundo, embora ele fosse o garoto mais bonito da escola? Sabe por que ela disse não?

– Porque tinha um gosto para homens melhor que o seu?

Acertei-o nas costelas antes de responder à minha própria pergunta.

– Porque ela sabia que *eu* gostava dele e que se ela dissesse “sim” aquilo me magoaria.

– Ela tem um bom coração – disse Richard, e então as lágrimas afloraram nos meus olhos quando ele corrigiu: –... *tinha* um bom coração.

Precisei de vários minutos antes de conseguir continuar.

– Então Gareth Fletcher, sendo o sedutor que era, virou-se para mim e disse algo como: “Acho que posso levar você, então. Todo mundo diz que você está louca para sair comigo.”

– Espero que você tenha dito a ele onde enfiar o convite.

Sorri, lembrando-me da dor que aquela humilhação pública me fizera sentir. Emiti um ruído breve, algo entre uma risada e um soluço.

– Não, estava mortificada demais, mas a Amy fez isso por mim. Bem ali, no corredor, na frente de todo mundo, ela disse a ele que eu já tinha um encontro com alguém mil vezes melhor que ele e que, se ele tirasse a cabeça do próprio traseiro por tempo suficiente, perceberia que não era tão maravilhoso quanto acreditava ser.

– Bem típico da Amy – disse Richard, com aprovação.

– Naturalmente, ela estava blefando. Eu não tinha nenhum par para o baile, mas a Amy não ia deixar aquele idiota convencido pensar que eu aceitaria as migalhas que ele estava me jogando. Mais tarde, ela me disse que eu merecia alguém bem melhor que ele, e que, se fosse preciso, iríamos ao baile juntas e mandaríamos para o inferno todos os garotos estúpidos que não nos convidaram.

– Mas...

Sorri e enrosquei os dedos em torno dos dele.

– Então naquela noite você me telefonou e estava tão nervoso que levou uns dez minutos para conseguir fazer o convite.

– E você disse sim – recordou Richard, sorrindo para si mesmo com a lembrança.

– Foi o nosso primeiro encontro, mas, se não fosse pela Amy, talvez eu acabasse indo com o Gareth mesmo.

Ficamos os dois calados por um longo momento. A luz do dia fora quase toda encoberta pela cortina do crepúsculo que descia.

– Vi o Gareth Fletcher não faz muito tempo – disse Richard. – Estávamos abastecendo o carro em um posto. Não acho que ele tenha me reconhecido. Ele agora tem uma barriga de chope considerável e perdeu quase todo o cabelo.

Eu me aconcheguei ainda mais ao corpo de Richard, sabendo quanto Amy teria amado ouvir aquilo.

– Que vergonha!



Apesar dos protestos tanto de Richard quanto do meu pai, insisti em ver Caroline ainda naquela noite. Eu telefonara várias vezes durante o dia, mas só falara com Nick, pois Caroline havia se recusado a atender, o que era preocupante. A cada telefonema, eu podia perceber o desespero crescer na voz de Nick.

– Se você não quiser ir, não tem problema: eu mesma dirijo – falei, teimosa, pondo Richard em uma situação desconfortável.

Sabia que ele concordava com meu pai, que achava que o único lugar a que eu deveria ir era de volta para a cama, mas havia uma determinação férrea no olhar que dirigi ao meu noivo.

– Caroline precisa de mim. Eu *tenho* que ir. E, na verdade, Richard, seu apoio

provavelmente também não faria nenhum mal a Nick.

Era um argumento imbatível, e o leve muxoxo de desaprovação de meu pai não foi suficiente para abalar minha determinação. Mamãe observava o embate triplo como se estivesse sentada na primeira fila de uma peça estrangeira muito interessante.

– Vocês vão sair? – perguntou ela com a voz branda, enquanto Richard segurava meu casaco para que eu o vestisse.

– Não vamos demorar, mãe.



Caroline e Nick moravam em um condomínio novo do outro lado da cidade. Eles eram os primeiros de nosso círculo de amigos a ter casa própria – provável consequência de Nick trabalhar em um banco e Caroline, em uma imobiliária. As ruas eram planejadas e tudo era muito limpo e organizado, habitado por jovens casais com estilos de vida semelhantes. Caroline, que preparava seu enxoval cerca de um século depois de esse conceito ter desaparecido por completo, era uma dona de casa nata e não conseguia entender por que nem Amy nem eu partilhávamos de seu entusiasmo por catálogos de decoração e de lojas de construção.

Eu percebera um vislumbre de esperança em seus olhos depois que eu ficara noiva, no último Natal. Ela tentara me seduzir com amostras de tecido e revistas de decoração que ela espalhava por lugares estratégicos, como se buscasse atrair um animal selvagem com petiscos irresistíveis. Mas todos os seus esforços tinham sido em vão. Richard já alugava um apartamento legal, e eu estava muito feliz com a decisão de me mudar para lá depois que nos casássemos. Já havia decisões suficientes a tomar na organização de um casamento, sem que fosse preciso procurar uma casa ideal. Eu era uma grande decepção para Caroline – e sabia disso.



Ao chegarmos à casa de nossos amigos, Richard estacionou com cuidado atrás do carro de Nick. Na vaga que o carro de Caroline costumava ocupar. Antes de sairmos do veículo, trocamos um olhar longo e consternado. Caminhamos de mãos dadas até a entrada da casa.

Não creio que já tenha visto alguém mais grato por receber visitas do que Nick, que quase atendera à porta antes mesmo de a campanha terminar de ecoar no corredor com assoalho de carvalho. Ele me deu um cuidadoso abraço de boas-vindas, esforçando-se para não olhar para o curativo branco em minha testa enquanto falava.

– Ela está no quarto.

Assenti e sorri de uma forma que, esperava, dissesse “A partir daqui, eu assumo”. Então tirei o casaco e o pendurei no corrimão.

– Carol, sou eu. Estou subindo.

Eu teria encontrado o quarto deles mesmo se não soubesse perfeitamente onde ficava. Só precisava seguir os acordes abafados que chegavam à escada. Quando me aproximei, pude identificar o som de uma banda pela qual nós três havíamos sido obcecadas, uma década atrás. Intercalados à trilha sonora de nossa juventude, ouviam-se ruidosos soluços, que faziam doer o coração só de ouvir. Bati suavemente à porta de madeira decorada e entrei.

Caroline estava arrasada e, o que era ainda mais impressionante: seu *quarto* estava uma bagunça – o que, para quem conhecia Caroline só um pouquinho, era um sinal de que a situação estava muito longe de bem. Seu cabelo louro curto estava embolado e o rosto, vermelho e manchado de tanto chorar. Ela estava ajoelhada no meio da cama, sobre seu edredom branco lindamente bordado, só que não dava para ver o tecido, já que toda a superfície fora coberta por um mar de fotografias. Vestida apenas com o short do pijama e um top de alças, minha amiga era uma ilha no edredom, cercada praticamente por todas as nossas fotografias já tiradas.

– Não posso acreditar que ela não esteja mais aqui – disse Caroline, que parecia engasgar-se com a dor.

Ela correu as mãos pelo colchão e as deslizou sobre as inúmeras fotos, pedaços de Amy que agora eram tudo o que nos restava.

Deixei escapar um grito que soou estranho e agoniado.

– Eu sei.

– Por que a Amy? Com tantas pessoas ruins no mundo, por que *ela*?

Mesmo através das minhas lágrimas, eu podia ver a pergunta nos olhos de Caroline, porque era a mesma que eu me fizera o dia todo: *Por que a Amy, e não eu?* Eu já tinha ouvido a expressão “síndrome do sobrevivente”, mas não tinha a menor ideia de quão devastadoramente ingrata eu me sentiria por ter saído quase ilesa daquela experiência, enquanto Amy perdera a vida, o futuro... tudo. Abri caminho e engatinhei na cama para alcançar Caroline, passando os braços em torno dela, os dela em torno de mim, como João e Maria perdidos na floresta.

– Fico pensando que ela vai entrar neste quarto a qualquer minuto e nos dizer que tudo não passou de um terrível engano.

Caroline assentiu com veemência e pegou as minhas mãos, apertando-as tanto que foi como se temesse que eu também pudesse ser tirada dela. Olhei para as imagens de nossa amiga, espalhadas à nossa volta:

– Eu quero saber *por quê*. Quero saber *por que* a vida dela acabou. Ela era tão jovem, tinha tanta coisa a fazer, tantos planos!

Respirei fundo e ruidosamente antes de prosseguir, porque eu tinha a

sensação de que estava me afogando na dor.

– Meu Deus, Caroline, eu simplesmente não entendo! Não devia acontecer daquela maneira. Deveríamos as três envelhecer juntas. Você não lembra que combinamos tudo quando éramos crianças? Casaríamos e teríamos filhos, e eles seriam amigos, e nós os levaríamos ao parque juntas...

Minha voz falhou, transformando-se em soluços, e Caroline continuou a história que havíamos aperfeiçoado e refinado ao longo dos anos.

– Então, quando ficássemos velhas, encontraríamos uma boa casa de repouso, em algum lugar à beira-mar, com uma varanda grande e antiga na qual pudéssemos nos sentar o dia todo em nossas cadeiras de balanço. E nunca nos separaríamos, nem uma só vez, jamais.

Havia anos que não falávamos sobre nossa fantasia infantil, mas naquela noite a sensação foi de que tais planos tinham estado tão próximos que até daria para tocá-los, mas então eles foram cruelmente arrancados de nós.

– Não sei como vamos prosseguir agora. Sem ela – emendei, com a voz embargada. – Tudo machuca tanto! É como se ela tivesse morrido, mas *nós* é que estivéssemos sangrando. Dói respirar, dói pensar, simplesmente... *dói*.

Eu soluçava em meio às palavras, soando praticamente incoerente, mas Caroline parecia compreender e assentia com a cabeça, concordando, infeliz.

– As pessoas ligaram para cá o dia todo, mas eu não consegui falar. Eu só tenho vontade de gritar: “Não percebem o que tínhamos? O que perdemos? Ninguém entende que as coisas jamais serão as mesmas outra vez?”

– Eu entendo – afirmei com tristeza.

Abraçadas, choramos por muito tempo, agarrando-nos uma à outra até que a maré de dor nos levasse como sobreviventes de um naufrágio. Por fim, tateei as fotografias em busca da caixa de lenços de papel que despontava na pilha em meio às nossas fotos do ensino fundamental. Peguei uma delas e a olhei com nostalgia. Fora tirada após a apresentação de uma peça natalina na escola. Fazia quase vinte anos que eu não a via. Amy estava no centro do retrato, linda com um longo vestido azul, a perfeita Virgem Maria – até que nosso olhar encontrasse suas mãos, que seguravam o boneco do Menino Jesus pelo tornozelo, de cabeça para baixo. À sua esquerda estava Caroline, que, com grandes orelhas de burro fixadas em um arco na cabeça, exibia um sorriso bobo. Eu estava à direita de Amy e usava uma estranha engenhoca de papel-alumínio na cabeça. Se a memória não me falhava, eu tinha sido escalada como “O Alienígena do Natal”.

Senti o queixo de Caroline descansar em meu ombro enquanto ela também considerava a fotografia em minhas mãos. Três rostos, os três tão diferentes, exceto pela indisfarçada expressão de felicidade e amizade. Eu não precisava examinar as centenas de outras fotos que nos cercavam para saber que encontraria a mesma expressão em praticamente todas elas. Assim como nas que havíamos tirado na noite anterior, em minha despedida de solteira. Três

cabeças coladas, enquanto Caroline esticava o braço com a câmera e batia a foto. Podia até haver maquiagem encobrindo as sardas e penteados modernos no lugar de mairas-chiquinhas, mas a mesma amizade cintilava em nossos olhos. E agora aquelas últimas fotografias, que registrariam apenas mais um marco em nossas vidas, na verdade tinham sido o marco final na de Amy. Procurei novamente os lenços de papel.

Ao lado do meu joelho esquerdo, uma foto que eu não reconhecia chamou minha atenção. Apanhei-a e a aproximei da luz. Calculei que tivesse sido tirada três ou quatro anos atrás, pois, embora Amy e Caroline estivessem praticamente iguais, o cabelo de Caroline ainda estava na altura dos ombros, e já fazia um tempo que ela não o usava assim. A foto obviamente fora tirada no verão, pois todos usavam short e camiseta e estavam sentados no que parecia ser a área externa de um pub. Em uma árvore ao lado deles, havia quatro bicicletas apoiadas. Nick e Richard estavam em um lado da mesa e tinham diante de si longos copos de cerveja. Do outro lado, Amy e Caroline riam loucamente para quem quer que estivesse tirando a foto. Eu não estava lá.

– Onde esta foi tirada, Caroline?

Ela pegou a foto da minha mão e um leve e lacrimoso sorriso curvou seus lábios diante da lembrança.

– Ah, sim! Esse foi o dia em que Amy nos convenceu de que seria divertido ir de bicicleta até Brownleigh, a uns 25 quilômetros daqui, no domingo mais quente de todo o verão. Juro que quase morremos de insolação. Deve ter sido há uns três, não, talvez quatro anos.

Uma estranha sensação se contorceu dentro de mim enquanto eu pegava a foto novamente. Aquilo tinha acontecido no período em que eu havia me afastado das meninas. Para começar, meu trabalho em Londres consumia tanto do meu tempo, inclusive dos fins de semana, que eu mal podia voltar à minha cidade, exceto para rápidas visitas à família. Então, depois de dois anos trabalhando na capital, eu tivera a fantástica oportunidade de me transferir para o escritório da empresa em Washington, nos Estados Unidos, por dezoito meses, experiência que eu havia adorado. Na verdade, nunca pensara muito a respeito do que acontecera com o grupo de amigos do qual eu me afastara. Era inquietante, agora, perceber que eles tinham uma história passada e que partilhavam lembranças sobre as quais eu não sabia absolutamente nada. Isso não deveria ter me incomodado, mas incomodou. Eu havia perdido tanto tempo com elas, com Amy, um tempo que eu nunca mais recuperaria.

– Aposto que você nunca viu esta do Richard – disse Caroline com um quase sorriso, enquanto remexia as fotos e pegava uma delas.

Ela estava certa. Eu *nunca* vira aquela. Fora tirada no Natal, e uma olhada rápida explicava por que Richard definitivamente não ia querer que *ninguém* a visse. Ele parecia estar em uma festa, pois havia decorações em papel brilhoso

pendentes do teto e piscas-piscas em torno de um grande arco. Richard olhava para a câmera, com uma bebida na mão e os cabelos cheios de...

– Ah, meu Deus! Richard fez *luzes*?

Caroline fez que sim, alegremente, como se partilhasse um segredo.

– Ele ficou simplesmente ridículo, como um remanescente dos anos 1980! Mas achava que estava lindo.

Examinei meu noivo, mas dessa vez meu olhar não foi para seu cabelo, que – Caroline estava certa – fazia com que ele parecesse artificial. O que notei foi que Richard parecia relaxado e feliz, e obviamente estivera rindo quando sua atenção foi atraída para a câmera. Caroline estava de pé em um canto da foto, ao lado de várias pessoas que eu não conhecia, e, perto de Richard, debaixo do arco, estava Amy, com um vestido vermelho extremamente curto, e – via-se com clareza – em pleno modo festivo. Logo acima de sua cabeça pendia um pequeno galho de azevinho, e eu conhecia Amy bem o bastante para saber que sua posição debaixo do galho não era mero acaso. Eu me perguntei quem, do grupo de rapazes que eu não reconhecia na foto, fora seu alvo na tradição natalina do beijo sob o azevinho.

Uma tímida batida fez com que erguêssemos o olhar, e um Nick tenso enfiou a cabeça pela porta.

– Vocês duas estão bem?

Ele tinha aquele clássico olhar de um homem que se sentia desconfortável diante de lágrimas femininas.

Olhei para Caroline e estendi a mão para apertar a dela.

– Não. Mas de alguma forma vamos ficar. Por Amy.

Acabei convencendo Caroline a descer comigo e a comer algo, o que, segundo Nick, eram coisas que ela não tinha feito nas últimas 24 horas. Se eu não conseguisse mais progressos, só aquilo já justificaria a visita.

Nicke Richard tinham aberto uma garrafa de vinho e, quando nos juntamos a eles na cozinha, Nick pegou mais duas taças no armário. Eu ainda estava sob analgésicos, de forma que não deveria tomar nenhuma bebida alcoólica. E havia reparado em um pequeno frasco marrom ao lado da cama de Caroline, então imaginei que ela também não devesse. Mas ambas aceitamos o vinho.

Inevitavelmente, a conversa não conseguiui se afastar do acontecimento que havia estilhaçado nosso mundo.

– Alguém já falou com a família da Amy? Eles sabem quando o...?

Richard estava em um claro embate com a palavra *funeral*, e com razão. Era um termo ligado a pessoas doentes ou idosas, depois que já haviam conseguido tudo o que queriam fazer e ver na vida. Não a uma mulher bonita, engraçada e amorosa de 27 anos, cuja vida mal tinha começado.

– Eles ligaram para falar com a Caroline hoje à tarde – informou Nick

– *Ligaram?* – perguntou Caroline, girando na cadeira para olhar o namorado,

surpresa. – Por que você não me contou?

O rosto de Nick assumiu uma expressão de cautela, enquanto ele tentava encontrar uma resposta que não soasse acusatória.

– Eu contei, querida. Mas você não quis atender ao telefone. Na verdade, você usou uma linguagem bastante expressiva quando me mandou embora.

Caroline se levantou de sua cadeira e subiu no colo de Nick, que a abraçou.

– Desculpe – sussurrou ela em seu pescoço, e de repente me pareceu que Richard e eu fôssemos intrusos.

Eu talvez tivesse resgatado Caroline da beira do abismo, mas era de Nick que ela precisava agora para encontrar forças para se pôr novamente de pé.

– Devo ligar para eles amanhã? – ofereci, e Caroline fez um breve aceno de agradecimento com a cabeça, ao ver uma tarefa para a qual não estava forte o suficiente ser tirada de seus ombros. – Onde eles estão hospedados?

Nick me deu o nome de um hotel na cidade, junto com um sorriso extremamente agradecido. Saímos pouco tempo depois, e eu me senti grata pelo apoio do braço de Richard em minha cintura enquanto caminhávamos até o carro. Aparentemente, existe uma boa razão para a advertência de que não se deve beber quando se está fazendo uso de medicação.

CAPÍTULO 4

Assim que disse os nomes dos pais de Amy na recepção do casarão histórico que abrigava o hotel em que estavam hospedados, percebi a mudança de atitude. A postura profissional da recepcionista de terninho preto se amenizou e uma expressão de empatia substituiu o brilho impessoal em seus olhos.

– Eles estão em nossa Suíte Jardim – explicou, e notei que até o tom de sua voz se suavizou quando ela se deu conta de que eu era uma personagem daquela tragédia. – Estão à sua espera?

Ela correu uma unha perfeitamente pintada por uma lista de nomes. O meu estava registrado abaixo do nome de uma das empresas funerárias da cidade e acima do de um florista local.

– Sim, obrigada. Emma Marshall. É o meu nome.

A suíte era no térreo, em uma ala que se abria para a área externa muitíssimo bem-cuidada. Mas eu não acreditava que os pais de Amy tivessem nem mesmo relanceado o olhar para fora da janela desde que tinham chegado. Embora eu os conhecesse desde pequena, Caroline era mais próxima da família de Amy que eu, portanto foi surpreendente ser envolvida pelo largo abraço do pai de Amy no momento em que a porta se abriu. Ele sempre parecera uma figura distante e indiferente, e Amy nunca explicara direito em que ele trabalhava. Dizia apenas que era “alguma coisa no centro financeiro de Londres”. Obviamente era algo que lhe exigia muito tempo e dedicação, pois eram frequentes suas ausências nas comemorações escolares e até mesmo em algumas festas de aniversário. Por isso eu sempre o via como um indivíduo frio e distante. Foi um choque ver as lágrimas correrem pelo rosto de Donald Travis quando ele por fim me libertou de seus braços. Foi o que bastou. Ver sua dor franca e escancarada e saber que não havia nada que eu pudesse fazer ou dizer para aliviar aquele sofrimento foi como uma facada em meu peito. Ele apertou minhas mãos com tanta força que doeu, e suas lágrimas continuaram a cair, e ele nada fez para enxugá-las. Uma torrente como aquela teria de seguir seu curso, que ainda não estava nem perto de se esgotar. Eu me vi pensando em todas aquelas ocasiões em que a adolescente Amy censurara o pai ausente, que, segundo ela, sempre priorizava o trabalho, em vez da família. *Será que onde está você consegue vê-lo agora,*

Amy? Pode ver quanto ele está sofrendo? Eu torcia muito, muito para que ela pudesse.

Linda Travis estava destruída. Ela era uma dessas mulheres que sempre aparentavam ter acabado de sair do salão de beleza. No portão da escola, entre as mães que vestiam calça jeans e tênis, ela se destacava como se fosse um diamante em um bazar, com as roupas imaculadas e os sapatos de salto alto de grife. Amy era a criança que sempre parecera ter tudo: a casa grande, os carros luxuosos e os pais glamorosos. E sob a pele da mãe perfeita de comercial de TV, havia uma mulher que adorava a filha única. Era difícil reconhecê-la na pessoa desgredada encolhida no sofá estampado da suíte. Para começar, ela aparentava ser uns trinta anos mais velha do que se imaginaria para a “mãe de Amy” e parecia arrasada de uma forma que era difícil de acreditar que um dia se recuperasse. Fui até ela, mas não consegui encontrar palavras que pudessem oferecer o único instante de consolo. Então eu só peguei sua mão e a segurei, quase como tinha feito com sua filha duas noites antes.

Quando ligara naquela manhã para combinar a visita, estava insegura em relação à maneira como me receberiam. Afinal, eles tinham tentado entrar em contato com Caroline, não comigo. Seria possível que me culpassem de alguma forma pela morte da Amy?

– Se houver algo que eu possa fazer para ajudar... com as providências...

Eu me senti tão inepta com as palavras quanto meu noivo. Felizmente, organização era o forte de Donald Travis, e pressenti que o fato de ter um funeral a providenciar o ajudaria a atravessar os próximos dez dias, até que chegasse a hora de enterrar a filha.

– Tem só uma coisa... – começou Linda, hesitante.

– Qualquer coisa. Por favor, diga.

Ela me dirigiu o que pareceu ser a sombra de um sorriso.

– A funerária nos pediu que escolhêssemos uma roupa. Acho que não consigo...

As palavras se perderam em uma avalanche de lágrimas. Amy precisava vestir algo para o enterro, e Linda, que acompanhara a filha em inúmeras idas a shoppings em busca do vestido perfeito, não suportava a ideia de escolher esse último traje. Que mãe suportaria?



Planejar nosso casamento tinha sido divertido e estimulante, portanto não era surpresa que a necessidade de ter de desmontá-lo item a item fosse tão triste. É claro que eu poderia ter feito os cancelamentos por telefone ou e-mail, mas havia alguma coisa sombriamente adequada em refazer os passos que eu dera poucos meses antes, quando reservara o local da festa, a igreja, a florista e o

serviço de bufê. Além disso, eu me sentia movida por uma necessidade aflitiva de me manter ocupada e ativa, como se, ao me mover com velocidade suficiente, pudesse de alguma forma superar a dor.

Também não foi surpresa o fato de que muitos dos estabelecimentos que visitei já estivessem esperando meu telefonema. É um fenômeno curioso que as más notícias pareçam correr muito mais rápido que as boas, mas ao menos isso me poupou de explicar repetidamente as razões do cancelamento.

No carro, enquanto seguia para casa depois do último compromisso, ocorreu-me que desfazer nossos planos de casamento era apenas mais um exemplo de como minha vida estava retrocedendo, em vez de avançar. Nove anos antes, eu deixara minha cidade natal, a família e o namorado, primeiro para cursar a universidade e depois para seguir uma carreira em Londres. No entanto, ali estava eu, aos 27 anos, morando novamente com meus pais e trabalhando no mesmo lugar em que trabalhara aos sábados quando ainda era adolescente. Até mesmo retomar o relacionamento com Richard poderia ser visto como um passo retrógrado. Eu sinceramente acreditava que nosso relacionamento já tivesse se esgotado quando rompi com ele, muitos anos atrás. Entretanto, agora estávamos nos casando, ou ao menos estivéramos prestes a nos casar, muito embora eu tivesse passado a maior parte do dia desfazendo nossos planos.

Quando entrei em casa, estava cansada e, como era de esperar, infeliz. Senti o cheiro das flores mesmo antes de a porta da frente estar totalmente aberta. A fragrância se espalhava pela entrada e, quando fechei a porta atrás de mim, minha boca se abriu de surpresa ao ver o arranjo apoiado na mesa. As flores exóticas estavam artisticamente reunidas no celofane transparente, formando um buquê deslumbrante.

– Richard – disse com um sorriso, enquanto me aproximava do arranjo e pegava o pequeno envelope branco com meu nome no canto da embalagem.

Ele só me mandara flores duas vezes, e em ambas as ocasiões foram pequenos buquês de frésias. Fiquei comovida com seu gesto inesperado. Tirei o cartãozinho branco do envelope e senti meu sorriso congelar, em seguida derreter e depois se abrir ainda mais. No cartão, havia apenas dez palavras escritas à mão em tinta preta grossa: “Com o mais profundo sentimento por sua perda. Jack Monroe.”

Eu ainda estava transferindo o arranjo para o vaso mais alto que pude encontrar quando Richard chegou.

– São suas? – perguntou, dando-me um beijo rápido, com a atenção voltada para o arranjo.

Por um breve momento, pensei em mentir, mas optei pela sinceridade. Devia ter seguido meu primeiro instinto.

– Sim. São lindas, não são?

– Humm. São – replicou ele, distraído, procurando alguma coisa, que não era

preciso ser nenhum Sherlock Holmes para saber que era o cartão. – Quem mandou?

Respirei fundo antes de responder.

– Jack Monroe.

– Quem?

– Jack Monroe. O americano da outra noite... o que me tirou do carro.

A expressão vaga em seu rosto clareou, e em seguida foi substituída por uma leve carranca de desprazer.

– Por que ele está mandando flores para você?

– Não sei. Como um gesto de condolências? Porque é uma atitude simpática? Quem sabe?

Talvez tenha sido a expressão de irritação indisfarçada de Richard que me fez acrescentar:

– Na verdade, pensei que fossem presente seu.

Ele teve a decência de parecer um pouco constrangido e desconfortável, mas lhe faltou o bom senso necessário para saber quando desistir de um assunto.

– Por que deu o endereço da sua casa a ele?

– Eu não dei.

A atitude de Richard estava começando a me irritar e a arruinar a pequena elevação de ânimo que as flores tinham me proporcionado depois de um dia tão triste.

– Então como ele sabia para onde enviá-las?

Parei de arranjar as flores no jarro e me virei para ele.

– Não tenho a menor ideia – repliquei com a voz firme, o que deveria de fato tê-lo advertido contra insistir no assunto. – Ele é escritor, então talvez seja bom com pesquisas... Certamente você não vê nenhum problema nisso...

Richard pareceu aturdido com o tom desafiador, e eu podia perceber que ele já devia estar se arrependendo de tudo quanto tinha dito desde que chegara. Infelizmente, seu comentário seguinte não foi muito melhor.

– Ainda assim, é um tanto estranho, não é? Que ele a encontre assim e envie esse arranjo caro. Isso parece assédio, não acha?

Antes de responder, pousei com cuidado a tesoura que estivera usando para aparar as flores. Não era inteligente sentir raiva tendo um instrumento afiado à mão.

– Bem, eu não sei, Richard. Deixe-me pensar. Primeiro ele vem e me resgata de um acidente, em seguida salva minha vida quando o carro explode, agora tem a ousadia de me enviar flores. Sabe de uma coisa? Acho que você está certo. O cara é claramente um desequilibrado. Talvez eu devesse pedir uma ordem de restrição...

– Eu só estava dizendo... – começou ele, mas eu o interrompi bruscamente.

– Bem, não diga – concluí, pegando a tesoura e cortando um caule e a

conversa com um gesto decisivo.

Seis podadas depois, percebi que havia sido desnecessariamente rude com ele. Ergui os olhos e vi que Richard me observava com atenção, incerto sobre se a briga havia acabado ou se aquela era apenas uma pausa.

– Desculpe – eu disse, quebrando o impasse. – Acho que exagerei.

– Você acha?

Senti a tensão se evaporar como gotas de chuva em uma vidraça.

– E eu acho que fui um idiota – admitiu ele, abrindo os braços.

– Você acha? – repliquei, encaixando-me no abraço e sentindo um pouco mais da tensão se desfazer. – Tive um dia horrível. Foi tão triste cancelar tudo do casamento, e visitar os pais de Amy e vê-los tão dilacerados partiu meu coração – confidencieei, recostada no tecido macio de sua camisa. – Mas isso não era motivo para que eu descontasse em você. Desculpe.

– É por isso que estou aqui – falou ele junto ao meu cabelo, tentando me tranquilizar. – E eu sei exatamente o que você sentiu: ver os pais de Amy foi mesmo horrível.

Sua afirmação me surpreendeu, e inclinei a cabeça para trás, para ver seu rosto enquanto eu perguntava:

– O quê? *Você* também os viu hoje?

Ele assentiu, e uma expressão de angústia cruzou suas feições.

– Quando foi isso? Onde eles estavam? – indaguei, perguntando-me como fora possível que ele cruzasse com os pais da minha amiga; na verdade, como ele *sabia* quem eles eram.

– No hotel. Telefonei depois do trabalho, a caminho de casa, para apresentar minhas condolências.

– Ah! – disse, ainda tentando dar sentido ao que estava ouvindo.

Eu nem tinha conhecimento de que Richard tivesse ao menos sido *apresentado* à família de Amy. Sua conexão com ela era apenas por meu intermédio. Seu gesto fora cortês e respeitoso, e eu não deveria estranhar, porque aquele era o tipo de homem que ele era. Mas eu estranhara.

Quando levei o vaso com as flores de Jack para a mesa, ainda pude distinguir um olhar de desagrado no rosto de Richard ao examinar o arranjo.

– Do que você não gosta: do fato de ele ter me mandado flores ou dele?

– Dele.

Sua resposta concisa não foi na verdade nenhuma novidade.

– Mas por quê? Você nem mesmo o *conhece* – argumentei.

Richard se recostou no armário da cozinha e soltou um suspiro profundo. Percebi que ele não conseguiu me olhar nos olhos ao admitir:

– Não gosto do que ele me faz sentir.

O curioso era que eu sentia exatamente o oposto, mas sabiamente não compartilhei tal pensamento. Em vez disso, parei diante dele, forçando-o a olhar

para mim quando tomei suas mãos nas minhas.

– Como assim?

Richard então focalizou o olhar acima do topo da minha cabeça, de modo que parecia estar falando com a cafeteira quando respondeu, relutante:

– Ele faz com que eu me sinta culpado e inadequado. Deveria ter sido *eu*; deveria ter sido eu a cuidar de você, a resgatá-la, consolá-la, não um estranho. Mas, enquanto a mulher que amo estava passando pela pior provação imaginável, onde eu estava? O que eu estava fazendo? Bebendo, rindo, me divertindo.

– Você não tinha como saber. Como poderia? Não pode apenas se sentir agradecido pelo fato de alguém ter aparecido? Tanto faz quem tenha sido...

A sombra de um sorriso apareceu em seu rosto.

– É, acho que você tem razão.

Então ele me puxou de volta para os seus braços, e sinceramente não sei se ele tinha a intenção de que eu ouvisse as palavras que ele murmurou suavemente em meu cabelo.

– Só queria que não tivesse sido *ele*.



Levei dez minutos para sair do carro e mais cinco para reunir a coragem de enfiar na fechadura a chave que os pais de Amy tinham me dado e entrar no apartamento. Para poupar a mãe de Amy, eu me oferecera para a tarefa, mas me esquecera de considerar quanto seria difícil ser a primeira pessoa a cruzar aquela porta depois da morte de minha amiga.

Dei um passo, pisando em um pequeno punhado de correspondências que já havia começado a se acumular. Abaixei-me para apanhá-las, notando que a maior parte parecia ser de extratos de cartões de crédito ou de cartões de lojas. Apesar da situação, sorri. Amy sempre tivera a seguinte filosofia quanto a cartões de crédito: se as operadoras não quisessem que ela tivesse crédito, que não lhe enviassem cartões. Coloquei a pilha de contas na bancada da cozinha, perto de uma mancha de café deixada por uma xícara. Por alguma razão, aquilo me pareceu incrivelmente triste, de modo que limpei o fantasma circular marrom que a bebida deixara, esfregando-o com o dedo. A cozinha americana e a área de estar estavam silenciosas, exceto pelo zumbido constante da geladeira. E era aquilo que parecia errado: o silêncio. *Nunca* havia silêncio quando Amy estava por perto. Sempre havia música tocando, ou uma televisão ligada em altíssimo volume, ou frequentemente as duas coisas. Ela era extrovertida, com confiança suficiente para ser distribuída para dez pessoas, no entanto sempre odiara ficar sozinha, odiara o silêncio da solidão. Esses pensamentos me levaram a outro: imaginei minha amiga deitada em uma mesa fria de alumínio, em

algum lugar escuro e silencioso. Foi quando me senti sacudida por um soco de pesar.

Com olhos que tinham começado a lacrimejar antes do que eu esperava, olhei à minha volta, pelo apartamento de um quarto que era a própria *essência* de Amy. Ela estava ali: na parede de cartazes de filme emoldurados; nas almofadas descasadas de cores brilhantes espalhadas pelo sofá e, óbvio, muito claramente nos pratos sujos e na roupa suja amontoada ao lado da máquina de lavar. Olhei com tristeza para as roupas que nunca precisariam ser lavadas, e aquilo fez com que eu me lembrasse do propósito da minha visita. Peguei uma toalha de papel e enxuguei os olhos.

À procura de um pretexto para adiar a busca no armário de Amy, comecei a arrumar a cozinha, lavando a louça e limpando as bancadas com uma meticulosidade que suspeitei que elas raramente houvessem visto. Essa área era *expertise* de Caroline, muito mais que minha, mas eu sabia que a terceira integrante de nosso trio estava mal e que não havia ninguém além de mim que pudesse tirar esse peso dos ombros dos pais de Amy.

– Ah, Amy!

Chorei no apartamento vazio, amando-a e odiando-a em igual medida por ter nos deixado.

Encontrei um rolo de sacos de lixo pretos debaixo da pia e destaquei um. Amy não era de comer em casa, mas até mesmo eu me surpreendi com a escassez de comida na geladeira. Afora uma embalagem de uvas, um queijo de nome sofisticado que eu não conseguia pronunciar e uma caixa de leite, não havia nada que eu precisasse jogar fora. Naturalmente, as seis garrafas de vinho resfriando nas prateleiras, prontas para serem consumidas, não lhe deixavam muito espaço para comida de verdade. Eu sabia, sem nem precisar olhar, que o freezer estaria cheio de refeições prontas e que a gaveta superior do armário da cozinha estaria abarrotada de cardápios para entrega. Caroline teria lançado os braços no ar, desesperada.

Por fim, acabaram-se as tarefas que me mantinham na cozinha, e eu caminhei devagar na direção do quarto de Amy. Mas, ao passar pela minúscula sala, parei de repente e meus olhos buscaram o canto vazio no qual, três meses antes, estivera uma pequena árvore de Natal. Era uma daquelas pré-decoradas, e eu estava com Amy quando ela a comprou e a ajudara a levá-la para casa no meu carro. Fizemos o trajeto do supermercado até a casa de Amy com a enorme caixa pressionando o apoio de cabeça dos bancos, e mesmo assim eu não conseguira fechar o porta-malas. Tínhamos ficado paradas no estacionamento lotado, imaginando como prender a tampa traseira do carro, quando Amy de repente tirou as botas e a meia-calça estampada que estava usando.

– Pronto! – proclamou ela, jogando a peça (ainda quente) em mim.

Eu sorria sem parar enquanto enrolava a meia-calça na tranca do portamalas, puxando-a e forçando, até ter certeza de que não abriria.

Só fui ver a árvore novamente uma semana depois, no dia 26 de dezembro, para ser precisa, e a lembrança daquele dia voltou com tanta força que senti minhas pernas bambas e me afundei no sofá macio de Amy. Eu tinha telefonado para ela e para Caroline mais cedo, no dia 26, e perguntado se poderíamos nos encontrar à noite. Eu sugerira o apartamento de Amy porque não queria Nick nem meus pais por perto naquele momento especial. Queria que fôssemos apenas nós, minhas duas melhores amigas e eu.

Amy tinha chegado apenas vinte minutos antes de nós, porque passara o Natal com os pais. Ela nem se incomodara de tirar a pequena bolsa de viagem de onde a tinha deixado, ao lado da porta de entrada, e tanto Caroline quanto eu tínhamos praticamente tropeçado na mala ao entrar no apartamento. Da sala vinha uma música natalina, e a iluminação do ambiente era aconchegante, proveniente apenas de um par de abajures e do pisca-pisca da árvore de Natal. O laptop de Amy estava aberto na mesa de centro baixa, e quando a seguimos até a sala, ela o empurrou para o lado.

– Estava tentando descobrir como fazer uma gemada para nós – explicou ela com um sorriso, depois de nos receber com um abraço caloroso. – Ai lembrei que não tenho ovos, e todas essas receitas fazem parecer que se trata do “perigoso ato de cozinhar”, o que todas nós sabemos que eu não faço.

Caroline riu e balançara a cabeça.

– Quer que eu faça? Acho que aquele mercadinho da esquina está aberto...

Eu a interrompera, sabendo que não conseguiria adiar o momento muito mais, e queria muito que ambas estivessem juntas para ouvir a notícia.

– Vamos deixar isso pra lá. Eu trouxe uma bebida, de qualquer forma.

Com a mão livre, exibi a garrafa de champanhe que comprara mais cedo. As duas ergueram as sobrancelhas, surpresas.

– Muito chique! – exclamou Amy. – Estamos celebrando alguma coisa?

Acho que seu sorriso talvez tenha se congelado por um momento, e então ao meu lado, vindo de Caroline, ouvi um som que mais parecia ser o de um cachorrinho latindo de excitação. Muito lentamente, retirei a outra mão de seu esconderijo, no bolso fundo de meu cardigã largo e macio.

– Aimeudeus, Aimeudeus, Aimeudeus! – gritou Caroline, parecendo perigosamente prestes a hiperventilar. – Ele não pediu, pediu? Pediu?

Virei-me para ela e assenti, e meu sorriso espelhava o dela.

– Você está noiva – disse Amy lentamente, e suas palavras não perguntavam nem afirmavam, mas, algo indefinível, estavam a meio caminho das duas ações.

– Estou – declarei, enquanto Caroline agarrava minha mão estendida e examinava o anel.

– Ah, Emma, é lindíssimo!

Eu concordei, mexendo meu dedo sob o peso ainda pouco familiar do anel. Caroline, que não poderia ter se mostrado mais extasiada se tivesse ganhado na loteria, me puxou de repente para um abraço tão apertado que quase me sufocou. Poucos segundos depois, Amy se juntou a nós, e nos balançamos unidas em um círculo de risos e empolgação.

Quando nos afastamos, Caroline mais uma vez segurou minha mão.

– Deixe-me ver novamente esta coisa. Nossa, é enorme!

Dei de ombros, ligeiramente constrangida.

– Eu sei. Ele deve ter pagado uma fortuna.

– Então como foi que ele fez? Conte tudo – exigiu Caroline, jogando-se no sofá e dobrando as pernas sob o corpo. – Palavra por palavra – instruiu.

Antes que eu pudesse ao menos começar, ela me interrompeu:

– Não posso acreditar que você tenha passado a nossa frente! Nick vai ouvir *tanto* quando eu voltar para casa.

Eu rira e então olhara para Amy, que se sentara no outro sofá. Ela estava estranhamente calada e, quando olhei para ela, fiquei chocada ao ver a emoção estampada em seu rosto.

– Estou muito feliz por você... por vocês dois. Você merece isso. É exatamente assim que deve ser.

Caroline e eu trocamos um olhar intrigado e divertido. Aquele não era um comentário típico de Amy – tampouco a reação.

– Amy – dissera Caroline, examinando mais de perto nossa amiga na iluminação suave –, você está... *chorando* mesmo?

Amy riu e esfregou as costas da mão na extremidade dos olhos, que de fato pareciam suspeitosamente lacrimosos.

– E daí se eu estiver, Senhorita Aposto-Que-Me-Caso-Primeiro? – desafiou ela, soando dessa vez como ela mesma, mas ainda parecendo ligeiramente atordoada com a minha novidade. – Só porque *eu* não quero me casar e sossegar, não significa que não possa ficar feliz quando as pessoas com quem me importo resolvem fazer isso.

Era estranho ouvi-la dizendo coisas tão sentimentais. Fui pega desprevenida.

– Esperem só até eu colocar vocês duas em um esvoaçante vestido de madrinha! Aí, sim, vocês verão quanto vão ficar felizes – avisei.

– Madrinhas! – gritou Caroline, saltando de seu lugar e mais uma vez me envolvendo em um abraço apertado.

– Vocês não acharam que eu passaria por isso sem ter as duas ao meu lado, acharam? – eu disse, das profundezas do ombro de Caroline.

Olhei para Amy, que sorria suavemente para nós duas. Mas dessa vez ela não se juntou ao abraço. Seus olhos estavam fixos no meu rosto e cintilavam com as lágrimas que se derramariam a qualquer momento. Eu não esperava que minhas amigas – nenhuma das duas – reagisse de forma tão emotiva à minha notícia.

Caroline estava virada para o outro lado, e não viu quando os lábios de Amy articularam silenciosamente uma mensagem só para mim. “Eu te amo.”

Sei que devo ter parecido um pouco espantada com sua declaração silenciosa. Era o que sentíamos, claro que era. O amor entre nós três era antigo e confiável e inabalável. Era o que nos mantinha tão unidas. Mas, na verdade, nunca dávamos voz a esse sentimento. Era uma verdade tácita.

Deixei que meus olhos encontrassem e sustentassem seu olhar, antes de silenciosamente dizer as palavras: “Eu também te amo.” Porque amava.



Detectei o cheiro de seu perfume favorito assim que abri a porta. Fechei os olhos e o saboreei; por um instante, foi quase como se ela estivesse ali, ao meu lado. Mas, quando entrei no quarto, a única imagem refletida nas portas do armário espelhado era a minha.

Apesar dos lugares próprios para guardá-los, os sapatos e os acessórios de Amy caíam do armário, e cada canto do quarto exibia minipilhas de caixas de sapato e caixotes de plástico cheios de echarpes, cintos e bolsas. Olhei à minha volta e experimentei um momento de desânimo. Como eu conseguiria fazer aquilo? Examinar as gavetas e os armários de minha amiga pareceria uma violação de sua privacidade. Outra lembrança me veio e me fez retornar à cozinha para pegar outro saco de lixo. Eu estava ali para escolher uma roupa para o funeral, mas a mãe e o pai de Amy acabariam tendo de examinar os pertences da filha, e havia uma coisa que eu precisava fazer antes que aquilo acontecesse. Havia coisas que nenhum pai ou mãe deveria ver.

Fui direto para a gaveta inferior da mesa de cabeceira de Amy e a puxei, tirando-a dos trilhos. Mantendo os olhos deliberadamente focados em outro ponto, virei o conteúdo da gaveta no saco, ouvindo os itens caírem um em cima do outro em uma cascata abafada. Lembrei-me da noite em que ela me mostrara sua última aquisição, tirando-a da mesma gaveta que eu acabara de esvaziar. Amy tinha esperado até que Caroline estivesse fora do alcance de nossas vozes para me mostrar o objeto, mas ambas ainda estávamos rindo como duas garotinhas de colégio quando Caroline voltou ao quarto com outra garrafa de vinho, para reabastecer as taças que havíamos esgotado.

– Qual é a piada? – perguntou ela, mas, em vez de responder, Amy e eu tínhamos tido outro ataque de risadinhas adolescentes.

Ela nos olhara, pacientemente, esperando que o ataque de risos passasse – ou que nós duas crescêssemos, o que acontecesse primeiro.

– Bem, Carol, vamos dizer assim: você sabe como a última gaveta de seu armário é cheia de roupas de cama e de banho de grife... – respondi.

Caroline fez que sim com a cabeça.

– Bem, Amy tem uma também...

Caroline começou, esperançosa, a abrir um sorriso encorajador, até que conclui:

–... só que a maior parte do que tem na gaveta dela não funciona sem pilhas!

Tínhamos nos desmanchado no tipo de riso desproporcional ao humor da situação, e até mesmo Caroline se juntou a nós quando tombamos para trás na cama de casal, chorando de rir.

– Vocês são impossíveis! – Caroline censurou Amy, em um tom que era apenas parcialmente de brincadeira. – Para quem são essas coisas? Você nem tem um namorado fixo.

– Dã! É por isso que tenho todas essas coisas – brincou Amy, sabendo que Caroline ficaria corada até a raiz dos cabelos.

E Caroline não a desapontou. Então Amy prosseguiu:

– Quando eu estiver amarrada, como vocês duas, vou doar tudo para a caridade!

– Ah, tenho certeza de que a “Ajude os Idosos” vai ficar encantada! – declarei, o que fez com que ríssemos descontroladamente outra vez.

Olhei o quarto vazio ao meu redor enquanto os ecos da lembrança começavam a silenciar e adverti a mim mesma: daquele jeito eu não conseguiria fazer o trabalho.

O armário de Amy estava tão abarrotado de cabides que cada roupa tinha de ser puxada com força para se soltar de suas vizinhas. Não havia nenhuma divisão de estilo nem de categoria, de forma que macaquinhos estavam pendurados entre trajes de noite brilhantes e roupas de trabalho. Isso explicava por que ela sempre demorava tanto para se arrumar: primeiro precisava *encontrar* a roupa que planejava vestir!

À medida que examinava as roupas penduradas, comecei a pensar que talvez não encontrasse *nada* nem remotamente adequado. Havia muitos vestidos e blusas com decotes profundos ou saias tão curtas que todas as vezes que Amy se curvava, devia correr o risco de revelar a cor de sua calcinha. Só que, qualquer que fosse a peça que eu escolhesse naquele dia, não haveria nenhum movimento para ela. Seria quase impossível conciliar a ideia da Amy vibrante e cheia de vida em seus trajes sexy com aquela mulher que estaria imóvel e silenciosa dentro de um caixão.

Acabei encontrando o vestido e o casaquinho perfeitos espremidos no final do cabideiro. Era uma roupa que eu não me lembrava de tê-la visto usar. Tirei-a do armário para examiná-la melhor e, mesmo antes de remover a capa protetora, soube que ela seria a escolhida. Reconheci o nome na etiqueta elegantemente costurada. Era uma daquelas marcas que aparecem em revistas de moda sofisticadas e que não estão à venda em lojas comuns. Qualquer que fosse o cartão de crédito usado, devia ter sofrido uma baixa considerável com aquela

compra. O vestido tinha classe e elegância, mas ainda assim era sensual. Seu tecido era azul-escuro, e eu não precisava verificar a etiqueta para saber que era seda de verdade. Era justo, e o decote, embora baixo, não era exagerado. Um casaco curto tipo bolero, de corte elegante, completava o traje. Era o tipo de roupa que se comprava para uma festa de casamento incrivelmente sofisticada ou uma ocasião especial. Eu me perguntei se Amy tinha chegado a usá-lo.

Não levei tanto tempo quanto temera para localizar um par de sapatos que combinasse. Sem saber exatamente o que eu precisava levar, também peguei um conjunto de roupa íntima de grife e um colar. Por alguma razão, parecia muitíssimo importante que Amy fizesse sua entrada no outro mundo tão bonita quanto fosse possível. Com esse pensamento em mente, eu me perguntei se deveria mandar lavar o vestido a seco antes de entregá-lo na casa funerária. Levei-o no cabide até a janela, em busca de marcas e manchas que precisassem ser limpas. Será que eu poderia apenas enviá-lo à passadeira, e então conseguiria buscá-lo mais tarde naquele mesmo dia para entregá-lo na casa funerária, conforme combinado?

Corri a mão pelo casaco, enfiando-a nos dois bolsos rasos, para me certificar de que estavam vazios. O primeiro estava, mas, quando meus dedos deslizaram para o interior do segundo, encontrei um minúsculo quadrado de papel dobrado, do tamanho aproximado de um selo postal. Peguei-o, e estava prestes a jogá-lo no cesto de lixo quando uma curiosidade instintiva me deteve. Então peguei o papel muito bem dobrado e o abri. Era um pedaço que parecia ter sido rasgado da folha de um bloco, pois as bordas eram irregulares e desiguais. Havia ali um número de telefone escrito à mão. Um número que eu reconhecia.

Continuei a arrumar os itens para os agentes funerários, pegando até mesmo uma bolsinha de cosméticos, na qual coloquei o batom de sua cor preferida e o perfume que era sua assinatura. No entanto, o tempo todo eu não parava de me perguntar por que o número do telefone do trabalho do meu noivo estava no bolso da roupa de minha melhor amiga. Por que ela precisaria ligar para Richard na escola? Para começar, ele quase sempre estava dando aula, de modo que era praticamente impossível falar com ele. O número era uma linha direta para o escritório da Escola de Tecnologia, e Richard o compartilhava com os colegas. Assim, muito frequentemente, eu tinha que deixar uma mensagem com um deles e torcer para que alguém se lembrasse de transmiti-la.

Durante o trajeto até o carro eu podia sentir o pequeno pedaço de papel no bolso da minha calça, queimando através do tecido como algo corrosivo. Eu não estava preocupada pelo fato de Amy ter o número do trabalho de Richard, mas *estava* intrigada. Foi enquanto eu dava a ré com todo o cuidado, ajeitando o carro em uma vaga diante da tinturaria, que a resposta me ocorreu: aquele número não era só de Richard, mas de *todos* os funcionários da escola. Não fora com o meu noivo que Amy quisera entrar em contato.

Caroline e eu passáramos boa parte do último ano tentando encontrar um namorado para Amy. No caso de Caroline, essa missão havia se tornado pouco menos que uma obsessão, à medida que ela arranjava encontros para Amy com seus colegas da imobiliária e com amigos do trabalho de Nick, no banco. Amy tinha ido a esses encontros com suficiente boa vontade, afirmando que qualquer homem que quisesse lhe pagar o jantar era companhia boa o bastante para uma noite. Não era a atitude que Caroline esperava, mas *era* típica de Amy. Enquanto Caroline e eu tínhamos o mesmo parceiro desde a adolescência (excluindo-se os cinco anos em que Richard e eu havíamos ficado separados), Amy sempre assumira uma atitude muito singular em relação a namoros. Com sua aparência e personalidade, nunca lhe faltaram candidatos, mas não creio que ela houvesse tido um único relacionamento que tivesse durado mais que uns poucos meses. Ela afirmava que se entediava com facilidade, ou que se sentia presa demais, e na verdade havia um momento previsível em cada um de seus relacionamentos, quando o cara queria compromisso: este era o ponto em que em geral ela os descartava.

– Como um pescador que os lança de volta à água, para que sejam livres no oceano – descrevera ela em determinada ocasião, quando Caroline e eu perdemos as esperanças após o término de um relacionamento que parecia promissor.

– Ser extremamente exigente é uma descrição melhor – gemera Caroline, e Amy se limitara a dar de ombros daquela sua maneira charmosa.

– De qualquer forma, ele era um pouco estranho na cama – confidenciou ela, sabendo quanto Caroline detestaria ter aquele fato em sua mente sempre que encontrasse o cara, que era um dos colegas de Nick.

Para não ficar atrás, eu tentara persuadir Richard a arranjar um encontro para Amy com alguns dos professores solteiros da escola, mas ele relutara.

– É muito constrangedor ficar bancando o cafetão da sua amiga – fora a desculpa que ele dera.

– Isso não é bancar o *cafetão*, e sim bancar o cupido.

– Então é pior.

– Como? Por quê?

– Porque é.

E assim ele dera fim ao assunto, até que um professor muito bonito de uns 20 e muitos anos passou a fazer parte do quadro de funcionários da escola, no ano passado. O novo colega de Richard cruzara com nosso grupo quando estávamos todos em um bar, e até mesmo Amy – que era difícil de impressionar – teve de admitir que ele era lindo, de fazer cair o queixo. Depois de muita insistência, Richard concordara em sondá-lo discretamente e verificar se ele estaria interessado em ser “tratado como um pedaço de carne”, como Richard expressara, com desdém.

– O roto falando do esfarrapado – Caroline havia sucintamente dito em resposta.

Agora, tendo encontrado o número do departamento no bolso do elegante traje de Amy, imaginei que alguma coisa saíra dali, afinal. E me perguntei por que ela nunca tinha dito nada sobre o fato e o que teria acontecido. E logo percebi, com incrível tristeza, que eu nunca saberia.

CAPÍTULO 5

A igreja estava lotada, como eu sabia que estaria. Ocupávamos um banco em uma das primeiras fileiras, e para mim era extremamente difícil tentar olhar para outro lugar que não os suportes que esperavam posicionados junto ao altar. Não era muito melhor olhar para o retrato ampliado de Amy, que estava exposto em um cavalete ao lado desses suportes. Não sabia quando a foto tinha sido tirada, mas era um lindo retrato: Amy estava levemente bronzeada, e os cabelos, esvoaçantes em torno do rosto, mais pareciam uma nuvem dourada. Ela ria para a câmera com olhos cintilantes, e quem quer que a tenha fotografado tinha conseguido captá-la de uma forma tão dolorosamente familiar que olhar para a imagem causava uma dor física.

Era inevitável, eu sabia, que os Travis escolhessem aquela igreja para o funeral de Amy. Era a capela local, a mais próxima de onde eles haviam morado, e fora nela que, ainda bebê, Amy tinha sido batizada. Era também, lamentavelmente, a igreja em que Richard e eu tínhamos planejado nos casar, dali a três dias. Eu só esperava que minha mãe, que nos olhava – a mim e a meu noivo – com insistência e grande melancolia, tivesse controle suficiente para não dar voz a seu pesar por termos adiado nosso casamento. Eu sabia muito bem quanto ela vinha esperando por ele, mas não éramos o foco no momento, de modo que eu torcia muito para que parte da mulher que ela já fora resistisse e pudesse perceber aquilo.

Eu me virei e examinei, nas fileiras atrás de nós, o mar de pessoas com seus trajes escuros. Muitos dos presentes estavam também na nossa lista de casamento. Quantos estariam pensando na cerimônia tão diferente a que tinham planejado comparecer? Roupas de cores vibrantes e chapéus chamativos, em vez de ternos pretos e gravatas; um coro cantando em celebração, em vez de em lamento; um serviço religioso que inspirasse sorrisos cheios de alegria, em vez de corações repletos de dor. Quantos deles culpariam a mim e a Richard indiretamente pela morte de Amy? Não era uma equação difícil: sem casamento, não haveria despedida de solteira nem acidente nem funeral.

Engoli o nó na garganta e fitei com atenção a fila de retardatários que serpenteava através das grandes portas de carvalho. Os bancos estavam cheios, então imaginei que a maioria deles teria de assistir à cerimônia nos fundos da

igreja. De uma ponta a outra, observei os que já estavam de pé junto à parede dos fundos. O choque que tomei ao vê-lo foi tão grande que cheguei a ouvir os ossos de meu pescoço estalarem quando voltei a cabeça velozmente em sua direção, procurando me certificar de que não era imaginação minha. Alto e impecavelmente vestido, junto à parede dos fundos da igreja estava Jack Monroe.

Sabia que ele tinha me visto. Era provável, até, que tivesse notado meus olhos se arregalarem de surpresa. Mas o único sinal de reconhecimento que deu foi uma discretíssima inclinação de cabeça. Após um momento de hesitação, retribuí o gesto. Tornei a me virar e já ia comentar com Richard, mas então vi em seu rosto uma expressão que fez com que eu ficasse calada. Ele não estava bem. Eu soube, no momento em que ele chegara para me buscar naquela manhã, que ele mal podia se segurar. Havia em sua boca uma rigidez que era como se todos os músculos faciais estivessem paralisados para não darem lugar a nenhum traço de emoção. Assim que ficamos sozinhos no carro, eu perguntara, ansiosa:

– Você está bem?

Ele me dirigiu um olhar de desolação.

– Não muito. E você?

Balancei a cabeça, mas ainda assim estava surpresa com a reação dele.

– Não lido bem com funerais.

Foi a explicação que ele me deu. Como eu nunca tinha ido a um funeral em sua companhia – e esperava que tal situação não se repetisse por muito tempo –, tive que aceitar sua resposta.

Por mais que você pense que está pronto, nada o prepara para aquele momento em que um silêncio quebrado apenas pelo arrastar de pés toma conta da igreja, o órgão toca suas primeiras notas e o caixão começa a ser carregado em uma lenta procissão pela nave central. Procurei a mão de Richard e a agarrei com uma ferocidade intensa, tentando concentrar toda a minha atenção nos nossos dedos entrelaçados, em vez de no lustroso caixão preto com alças de prata reluzentes que passava pelos amigos e pela família de Amy sobre os ombros de seis homens. Um desses homens era Nick, e ver sua expressão geralmente jovial substituída por uma concentração solene fez meu coração doer. Perguntei-me se Richard não estaria arrependido da decisão de não estar ao lado dele. Eu tinha ficado surpresa com o convite de Donald Travis para que os dois participassem do cortejo fúnebre, e ainda mais surpresa com a recusa melancólica de Richard. Mas tive de admitir, ao olhar para ele ali, naquele momento, e sentir a tensão que agitava seu corpo enquanto ele observava o caixão ao longo do lento trajeto, que provavelmente fora a decisão certa. Se ele mal podia se manter ereto, como seria capaz de carregar algo tão precioso? Seu comentário sobre não lidar bem com funerais fora um eufemismo.

Depois que o caixão foi cuidadosamente apoiado nos suportes, tornou-se impossível olhar para qualquer outro lugar. Sei que orações foram feitas, que hinos foram entoados, e imagino que deva ter me levantado e sentado nos momentos apropriados, mas toda a cerimônia pareceu desconexa e irreal, como se tivéssemos todos sido apanhados no pesadelo coletivo mais vívido do mundo. Precisei me esforçar para não me levantar e gritar, dizer que tinha havido um erro terrível e que Amy não poderia estar deitada, rígida e fria, dentro daquele caixão. Mas só em casamentos existe a chance de se apresentar uma objeção; nos funerais, espera-se que a pessoa fique quieta e aceite tudo, por mais terrível que seja.

O discurso de Donald em louvor à filha foi de cortar o coração. Mas foi também amoroso e corajoso, e o fato de ele ter conseguido chegar ao fim comprovou uma força interior que poucos teriam. Não precisei olhar ao redor para saber que praticamente todas as mulheres choravam: foi possível perceber pelo ruído causado pelos lenços de papel e pelas discretas fungadas. Nem mesmo os homens presentes ficaram imunes às suas palavras, e embora Richard não tivesse erguido a cabeça em nenhum momento durante sua homenagem paterna, o tremor ocasional de seus ombros o denunciara. Fiquei profundamente tocada por percebê-lo tão comovido, porque, na verdade, não acreditava que já o tivesse visto chorar. Richard não era dado a demonstrar suas emoções em público. Mesmo quando, cinco anos antes, eu chorara como uma criança perdida ao romper com ele, seus olhos permaneceram secos. Vê-lo daquela forma, tão francamente vulnerável, era algo não apenas inquietante, mas também desconhecido. Enlacei meu braço no dele e me aproximei mais de seu corpo, de modo que ficássemos bem unidos.

Finalmente o serviço religioso se concluiu. Como se sofresse de um torpor coletivo, toda a congregação se pôs de pé quando o caixão foi erguido e Amy foi levada para sua jornada final. Richard e eu nos juntamos à fila de pessoas que se preparavam para deixar a igreja. Os pais de Amy aguardavam diante das portas de entrada e atendiam quem quisesse oferecer algumas palavras de condolência ou conforto, nenhuma das quais, era quase certo, poderia atravessar o ruído constante e desorientador provocado pelo sofrimento e a dor que sentiam. Pela extensão da fila, levaríamos uns bons dez minutos para chegar até eles.

– Vou ali falar rapidamente com uma pessoa – disse a Richard, apertando de leve seu braço.

Ele assentiu distraidamente, nem mesmo olhando à sua volta quando escapuli e comecei a ziguezaguear entre os bancos até os fundos da igreja.

Alguns dos presentes já haviam deixado a capela por uma pequena saída lateral, e inicialmente não pude vê-lo. Será que já tinha ido embora? Murmurei “Com licença” repetidas vezes, enquanto me espremia entre os grupos reunidos perto da saída.

– Emma.

Quando me virei, vi que ele estava parado atrás de mim. Era bem mais alto que em minhas lembranças.

– Oi – falei, sentindo uma inesperada palpitação nervosa.

Engoli em seco e tentei de novo.

– Olá, Jack. Que surpresa! Não esperava vê-lo aqui hoje.

Esse não era exatamente o mais acolhedor dos cumprimentos, mas ele não pareceu ofendido.

– Esbarrei com Caroline na cidade no outro dia, e ela mencionou a data do funeral. Eu queria vir, pareceu que seria a coisa certa a fazer. Espero que não haja problema...

Não cabia a mim dizer que sim nem que não, e ainda que algumas pessoas pudessem perguntar por que ele sentia necessidade de estar ali, *eu* compreendia totalmente. À nossa volta havia gente de todas as áreas da vida de Amy, gente que sem dúvida nenhuma a tinha conhecido melhor e por mais tempo do que Jack a conhecera. Mas na beira da estrada naquela noite uma conexão havia sido forjada, e o ligava a mim, a Caroline e a Amy. De um jeito estranho, ele tinha até *mais* direito de estar ali do que muitos que havia anos não viam Amy. Só me surpreendeu o fato de Caroline não ter mencionado que tinha tornado a vê-lo.

Havia uma expressão de genuíno pesar marcada em suas belas feições:

– Eu só queria ter encontrado vocês todas antes ou ter podido fazer algo mais...

Sua voz falhou, e sem parar para pensar se aquilo seria ou não adequado, estendi meu braço e segurei a mão dele.

– Você fez tudo o que pôde. Mais do que a maior parte das pessoas teria feito. Se não fosse por você, era provável que eu também não estivesse aqui hoje.

A dívida que eu tinha com ele jamais poderia ser paga, e simplesmente dizer “obrigada” não chegaria nem perto de ser agradecimento suficiente.

– Como *você* está? – perguntou ele, de modo gentil.

Seu tom de voz era o mesmo da noite do acidente e, enquanto fazia a pergunta, seus olhos examinaram meu rosto, e eu sabia que ele não estava procurando as cicatrizes visíveis, já bem menos evidentes, mas as mais profundas, aquelas que levariam muito mais tempo para ficar curadas.

– Estou bem, é, estou... – disse, de forma estupidamente automática.

Foi como a resposta que damos aos médicos quando estamos passando muito mal e eles nos perguntam como estamos nos sentindo. Olhei ao redor, e então voltei aos olhos de Jack, que ainda me examinavam com atenção. Há algo intrinsecamente errado em mentir quando se está dentro de uma igreja.

– Bem, não é verdade. Não estou nada bem. Para ser sincera, parece que estou no inferno.

Provavelmente também não se deve blasfemar na igreja, mas, por sorte,

tanto Deus quanto Jack pareciam preparados para ignorar tal fato.

– Vai melhorar – assegurou ele, dando um leve aperto na mão que eu nem havia percebido que ele ainda segurava. – Sei que não é o que parece agora, mas, confie em mim: vai, sim.

Por mais louco que parecesse, eu *já* confiava em Jack, embora não soubesse quase nada sobre ele. E, por causa disso, queria acreditar no que ele me dizia, quase tanto quanto queria continuar a segurar sua mão, que parecia muitíssimo reconfortante em torno da minha. Mas aquilo era errado em tantos aspectos que Deus *jamaiz* fecharia os olhos àquele fato. Cuidadosamente, retirei meus dedos dos dele, que me liberou de imediato.

– O dia de hoje foi como uma montanha muito difícil e dolorosa que todos tivemos que escalar. Tenho certeza de que na próxima semana, quando eu voltar ao trabalho, as coisas ficarão melhores.

Ele assentiu, demonstrando compreensão.

– Onde você trabalha?

– É só uma livraria na cidade – respondi.

E então me senti assaltada por uma dose dupla de culpa: por parecer desdenhar do emprego que minha chefe, Monique, tinha tão generosamente me dado, e por falar sobre um assunto tão trivial no enterro de Amy. Que diabo eu estava pensando?

– Apenas continue a se concentrar no futuro – aconselhou-me Jack, seus olhos suaves e afetuosos. – Seu casamento deve ser logo e...

– Foi cancelado – falei, ouvindo minha escolha de palavras e me perguntando o que Freud diria desse ato falho. – Quero dizer, *adiado*. Foi adiado.

Olhei à minha volta, triste.

– Na verdade, seria nesta igreja. Daqui a três dias.

Duas expressões surgiram no rosto de Jack quando ele ouviu minhas palavras: uma foi de compaixão; a outra eu simplesmente não pude identificar.

– Sinto muito – disse ele, por fim. – Isso deve tornar o dia de hoje ainda mais duro, para *vocês dois*.

Sua ênfase deliberada não me passou despercebida.

– Bem, é melhor eu voltar – falei, olhando para trás e percebendo que Richard, Caroline e Nick já haviam quase chegado às imensas portas de carvalho. – Mais uma vez, obrigada por ter vindo. Você *é* mesmo uma boa pessoa.

Ele me dirigiu um sorriso torto, mas não disse nada. Eu me virei para ir, e já tinha dado dois passos quando lembrei que ainda não terminara o assunto com aquele homem.

– Desculpe, eu quase esqueci. Obrigada pelas lindas flores, Jack. Foi mesmo muito atencioso. Eu teria entrado em contato e agradecido quando chegaram, mas não sabia como encontrá-lo.

– Fico feliz que as tenha recebido – comentou ele, olhando de relance para onde Richard estava. – Espero que mandá-las para sua casa não tenha sido ruim. Não queria lhe causar nenhum problema.

Ele se referia, era claro, à atitude não muito receptiva de Richard no último encontro dos dois.

– Não, não, não – refutei, ciente de que tinha usado ao menos dois não a mais que o necessário, na tentativa de soar convincente. – Nós *dois* achamos que foi um gesto realmente bonito.

Acho que vi os lábios de Jack se contraírem levemente diante de minha mentira, mas ele não fez nada para contestá-la. Pela primeira vez, comecei a me sentir constrangida.

– Bem, tchau então – despedi-me.

E porque simplesmente dar as costas e ir embora parecia errado, voltei e beije seu rosto, tentando ignorar o aroma de sua loção pós-barba e a leve aspereza de sua pele em contato com meus lábios.

Retornei rapidamente para meu noivo e meus amigos. Quando me aproximei, Caroline, a única que estava virada para onde ocorrera meu breve encontro, abriu a boca para dizer alguma coisa, mas lancei um olhar expressivo na direção de Richard e balancei a cabeça de forma quase imperceptível, antes de retomar minha posição na fila, ao lado dele. Obediente, Caroline fechou a boca, calando o que quer que estivesse prestes a dizer, enquanto um olhar de compreensão iluminava seus olhos. Amigas são assim.



A perda é uma coisa curiosa. Foi uma palavra que ouvi bastante naqueles primeiros dias, de praticamente todos com quem falei. “Lamento sua perda” parecia ser a frase a que todas as pessoas recorriam, seguida por uma boa dose de tapinhas no braço e certo desconforto e insegurança quanto ao que fazer ou dizer depois daquilo. Este é o problema com a morte: não existe um guia de etiqueta sobre o que fazer em momentos dolorosos como a hora de dar condolências a alguém. Na verdade, ninguém sabe como reagir nem tampouco quer se aproximar demais da ferida aberta que é visível nos que ficam, como se aquilo pudesse ser contagioso.

Uma das definições de “perda” no dicionário é: “Privação da presença de alguém; ausência, falta, desaparecimento”. Acho que é bastante precisa. Exceto pelo fato de que, na verdade, a morte de Amy não causara sua ausência: minha amiga continuava por toda parte.

Estava na pulseira de prata que eu usava todos os dias e que ela me dera em meu aniversário de 18 anos. Estava na embalagem de hambúrguer descuidadamente jogada no chão do meu carro, desde o dia em que, depois de

termos comprado os sapatos do casamento, ela insistira para que parássemos no drive-in da lanchonete. Estava no espelho, sempre que eu colocava brincos, porque fora Amy que, aos 14 anos, me persuadira de que deveríamos furar as orelhas, enquanto Caroline, com timidez, recusara-se até mesmo a entrar na loja. Estava no primeiro nome da lista de contatos do meu celular, e eu *já* seria capaz de deletá-lo.

Amy não tinha ido embora de forma nenhuma. Ela estava onipresente, o que às vezes era reconfortante e até me fazia sorrir. Porém, com mais frequência, vinha a dor da perda daquela pessoa tão linda e iluminada, algo pior do que qualquer tragédia que eu poderia imaginar.

Quem estava perdido, porém, era Richard. Bem, não no sentido real e físico, mas, decididamente, ele estava perdido. Nos dias que antecederam o funeral, quando eu ainda estava de licença no trabalho, ele viera da escola direto para minha casa todas as tardes, e então, como se eu visse se esquematizar o gráfico mais deprimente do mundo, pude acompanhar a mudança que ocorria nele. Era como se outro Richard – uma cópia do antigo – tivesse invadido nossas vidas. A pessoa que se sentava à nossa mesa todas as noites, ou ao meu lado no sofá enquanto olhávamos a televisão sem vê-la, não era o mesmo homem que colocara o anel de diamante em meu dedo no dia de Natal.

Embora eu tivesse aliviado minha dor nos braços de Richard muitas vezes desde a morte de Amy, tinha a sensação de que ele escondia alguma coisa de mim. Pela primeira vez em nosso relacionamento, considerando tanto o passado como a fase atual, eu não conseguia identificar a origem do problema. Era como se houvesse um rio tóxico correndo muito abaixo da superfície, corroendo algo que havia pouco tempo era saudável e forte.

Eu visitava Caroline todos os dias enquanto estávamos as duas de licença, e ela se mostrava igualmente intrigada com o estranho comportamento recente de Richard.

– O que ele diz quando você pergunta qual é o problema? – indagou ela, pousando duas canecas de café na mesa de sua cozinha, além de um prato de biscoitos em que nenhuma de nós tocara.

Apetite era algo que parecíamos ter perdido desde a morte de Amy – e, por consequência, uma quantidade considerável de peso. Lembro-me de pensar que meu vestido de casamento provavelmente estaria largo, e então me preparei para o ataque violento da dor quando me recordei dos dois vestidos de madrinha que estavam pendurados em suas capas de plástico no quarto de hóspedes de minha casa.

– Emma?

Balancei a cabeça na tentativa de livrar-me daqueles pensamentos e voltar à pergunta de Caroline. Falta de atenção. Outra perda.

– Desculpe. Minha concentração está péssima ultimamente. Acho que deve

ser a falta de sono. – Perda do sono, a lista continuava a crescer... – Richard diz que não há nada de errado, que é apenas a maneira como ele lida com tudo o que aconteceu – respondi, por fim.



A solução para o problema veio de uma fonte inesperada, quando um professor da escola em que Richard trabalhava ficou doente. O professor lideraria a viagem dos alunos a uma estação de esqui.

– É claro que eu disse “não” quando me perguntaram se eu poderia substituí-lo – explicou Richard.

Ele era o substituto óbvio. Assim como todos de sua família, Richard esquiava desde sempre.

– Diga a eles que você mudou de ideia, que poderá ir.

Ele pareceu chocado com a minha sugestão.

– Mas eu não posso ir. Não posso deixar você agora. Você *precisa* de mim aqui – disse ele.

Mas, por trás dos protestos, percebi em seus olhos a expressão de um prisioneiro que vira uma porta aberta na prisão, uma porta que se fechava lentamente.

Peguei sua mão, enroscando meus dedos nos dele.

– Vá. Acho que você precisa sair um pouco daqui. Eu vou ficar bem. Vou voltar para o trabalho na próxima semana, e tenho Caroline e Nick e mamãe e papai. Serão apenas dez dias.

Ele me puxou para junto de si e me beijou com mais entusiasmo do que vinha mostrando havia semanas. Isso bastou para me certificar de que eu tinha feito a coisa certa.



Na noite anterior à viagem, saímos para jantar pela primeira vez desde o acidente.

– Tem *certeza* de que vai ficar bem enquanto eu estiver fora?

Pousei cuidadosamente o copo de água com gás antes de responder. Richard me observava com atenção do outro lado da mesa, no pequeno reservado de um de nossos restaurantes favoritos.

– Ficarei muitíssimo bem – afirmei com absoluta segurança.

Ele sorriu para mim e levou o copo de cerveja à boca. Estava claramente mais leve desde que concordara com a viagem. A nuvem sobre ele já começava a se erguer, e ele ainda nem viajara.

Eu me esforcei para ignorar a voz incômoda e persistente que ficava me

perguntando por que ele estava tão ansioso para sair dali. Do que estaria fugindo? De mim? Será que eu estava me apoiando demais nele, sem considerar que ter de ser forte por nós dois talvez o sobrecarregasse?

Quando deixamos o calor do restaurante, Richard pôs a mão na base das minhas costas e me acompanhou até meu carro. Ele me deteve antes que eu abrisse a porta e gentilmente me virou para que eu ficasse de frente para ele. Havia em seus olhos uma expressão fácil de reconhecer quando ele me puxou para os seus braços e me beijou com uma intensidade em geral reservada a locais menos públicos. Podia sentir o gosto do álcool em sua língua, e me perguntei se seria ele o combustível a inflamar aquelas ações. Mas seu beijo era familiar e sedutor, e eu relaxei, colando meu corpo ao dele. Richard se afastou apenas o suficiente para sussurrar com a voz rouca a única pergunta que eu esperara que ele não fizesse.

– Você vai voltar comigo hoje?

Demorei muito tempo para responder, e a cada segundo que passava eu podia sentir a decepção crescer dentro dele. Não era a primeira vez que ele fazia aquela pergunta, tampouco era a primeira vez que eu dizia “não”. Mas eu sabia que minha resposta instintiva – de que era “Cedo demais depois de Amy” – não funcionaria daquela vez.

– Emma?

Eu podia ouvir o tom de desapontamento em sua voz, e soube que ele não aceitaria minha recusa sem questionar.

– Vamos conversar sobre isso? – pediu ele.

– Sinto muito. Sinto mesmo. É só que parece... *errado*, como se fosse desrespeitoso, ou algo assim – tentei, pouco convincente. – Não posso explicar melhor porque eu mesma não sei por que me sinto assim.

Ele pareceu tão magoado que deslizei os braços por suas costas, unindo as mãos. Mas o que eu pretendia que fosse uma demonstração de afeto, ele entendeu como uma mudança de ideia. Por um momento, deixei que ele me beijasse. Talvez eu *devesse* mesmo ir com ele para casa, afinal ele partiria pela manhã, e dez dias eram muito tempo para ficarmos longe. Durante o último ano, eu dormira em seu apartamento inúmeras vezes, então qual era o problema? Estávamos praticamente casados – *estariamos* casados, se não fosse o acidente... e Amy. Sempre Amy. Não que ela fosse aprovar meu comportamento: Amy não era entusiasta do celibato.

– Desculpe, Richard, não consigo – falei, empurrando-o pelos ombros com um pouco mais de força do que pretendia, o que fez com que ele se desequilibrasse. *Quantas cervejas ele tinha bebido no jantar?*

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo, então. Ouvi um carro parar no cruzamento ao nosso lado, o zumbido suave de um vidro elétrico que era abaixado e o leve gemido de Richard quando ele finalmente percebeu que eu de

fato o estava empurrando. Era uma rua mal-iluminada, de modo que eu não podia ver o interior do carro que ainda se mantinha em ponto morto no cruzamento, apesar de o trânsito agora estar livre para ele. Richard por fim pareceu se dar conta de que não era a hora nem o lugar de me pressionar quanto àquilo. A luz do desejo ainda estava bastante viva em seus olhos quando ele estendeu a mão para colocar um fio do meu cabelo no lugar, com delicadeza, e disse, erguendo meu queixo com os dedos:

– Desculpe, Emma. Não estou sendo justo com você.

Seu polegar deslizou lentamente por meu lábio inferior, que ainda estava inchado por causa da força de seu beijo.

– É só que sinto muita saudade de você. Sinto saudade de *nós dois*.

– Eu sei – murmurei, virando a cabeça e beijando a palma de sua mão. – Eu também. Só me dê mais um tempo. Sei que as coisas vão mudar.

Estava certa. Mas, naquele momento, não tinha como saber que minha previsão se concretizaria de forma tão dramática.

Meio sem querer, notei que o carro que se demorara no cruzamento subira o vidro e agora se afastava na velocidade em geral reservada a fugas.

– Idiota – comentou Richard, olhando as luzes traseiras vermelhas que desapareciam rapidamente.



O trabalho em uma livraria dificilmente pode ser chamado de árduo, mas, ao que parece, a simples tarefa de ficar atrás do balcão e interagir com o público ainda estava além das minhas capacidades atuais – isto é, segundo minha empregadora.

Monique, minha chefe, estava no segundo degrau de uma escadinha arrumando alguns livros quando entrei na livraria no meu primeiro dia depois do acidente. Instintivamente, corri até ela ao vê-la oscilar de modo um tanto alarmante na escada, mas Monique afastou a mão que eu lhe estendera, descendo para me dar um abraço apertado. Ela me envolveu nos braços curtos e gorduchos, e as amplas mangas de seu caftan ondularam à nossa volta como se fossem imensas velas náuticas floridas. Seus brincos de concha ficaram presos em meu cabelo, e me senti grata pelo fato de que as lágrimas motivadas por sua recepção tinham quase desaparecido quando consegui me soltar.

– Que merda é essa? Por que você voltou assim tão cedo?

Ela amava duas coisas em Monique: uma era que, apesar de viver no Reino Unido havia mais de quarenta anos, ela ainda conservava um forte sotaque francês; a outra era que ela não tinha modos nem papas na língua.

– Preciso me manter ocupada. Ficar em casa me dá mais tempo para pensar do que eu gostaria – confessei.

Ofereci um sorriso triste à mulher à minha frente. Ela era mais que apenas minha empregadora: era minha amiga e confidente. Monique concordou com um aceno de cabeça e, com o movimento, os brincos de concha tilintaram como mini-instrumentos de percussão.

– Seu noivo me telefonou antes de viajar. Ele lhe contou?

– Richard telefonou? Por quê?

Fiquei surpresa ao ouvir aquilo, pois não era segredo que Monique e Richard não gostavam muito um do outro. Ela fora a única pessoa que não parecera encantada ao saber que eu ia me casar.

– Arrá! Ele não contou; eu sabia! – declarou minha chefe, feito um detetive criado por Agatha Christie. – Ele disse que eu deveria ficar de olho em você e não deixar que se cansasse muito. Ah! Como se eu fosse uma imbecil.

– Acho que talvez Richard não tenha se expressado bem – sugeri, instintivamente saltando em defesa de meu noivo.

Monique me dirigiu um olhar duro e demorado, e mais uma vez me dei conta da quantidade de pessoas que subestimavam aquela mulher, com seu inglês aparentemente macarrônico e o forte sotaque. Eu sabia que ela dominava meu idioma tão bem quanto o dela. Eu a vira ler e compreender literatura inglesa altamente complexa, e sabia que muito tempo atrás, por razões que ela escolhera não revelar, decidira dissimular isso.

Monique suavizou o olhar, deixando a compaixão transparecer em seus olhos cor de mel.

– Leve o tempo que precisar para melhorar, minha Emma. Tudo ficará bem, mas vai levar tempo.

Assenti, sem conseguir falar, e impulsivamente desabei em seus braços abertos, enquanto ela me segurava de encontro ao peito macio, da maneira como minha mãe havia muito tempo não podia fazer.



Era meio-dia de uma quinta-feira e eu já havia bebido a quarta xícara de café e começava a subir pelas paredes, por causa do tédio e da overdose de cafeína, quando, com ar misterioso e fechando a porta atrás de si, Monique entrou no cômodo que ficava nos fundos da livraria.

– Fale a verdade, Emma: você está com problemas com a lei?

Olhei para ela, sem entender, por vários segundos.

– O quê? Não, claro que não – respondi, enfim, tentando lembrar se nos últimos anos tinha recebido ao menos uma multa de trânsito que fosse. – Por que está perguntando isso?

– Porque tem um homem na loja perguntando se você trabalha aqui. Ele parece muito sério e é bem bonito. Mas ele é *amerricano*, e está usando óculos

de sol em um dia nublado, então imagino que seja do FBI.

Inexplicavelmente, meu coração começou a bater mais rápido, e não era porque eu temesse ser presa, acusada de um crime internacional.

– O que foi que ele disse, exatamente? – perguntei, enquanto me levantava e saía de trás da mesa.

– Eu já disse: ele perguntou se você trabalhava aqui. Eu disse que sim. Ele perguntou se podia falar com você. Não ficamos de papo.

Encaminhei-me para a porta que me levaria à loja, fazendo uma pausa diante do pequeno espelho pendurado na parede, perto dos cabides para casacos. Ajeitei o cabelo, certificando-me de que a franja recém-cortada estivesse cobrindo a cicatriz em minha testa, e corri um dedo sob cada olho, procurando tirar qualquer possível borrão do rímel. Monique me observava com claro interesse e fascínio.

– O que foi? – perguntei, provocando-a, enquanto seu escrutínio se transformava em um sorriso de cumplicidade.

– Nada. Eu não disse nada – respondeu ela, dando de ombros.

Ele estava de costas para mim quando entrei na loja, e Monique vinha logo atrás, em meus calcanhares. Não seria próprio dela nos deixar sozinhos para um minuto ou dois de privacidade. Além disso, estava curiosa demais para ver quem era o meu visitante. Ah, se ele tivesse *mesmo* vindo me prender, ela também estaria enrascada por dar abrigo a uma criminoso!

– Jack – cumprimentei-o, satisfeita por soar relativamente normal.

Ele sorria quando se virou, e foi fácil perceber por que Jack havia angariado a classificação “bem bonito” de Monique. Usava uma roupa casual: calça jeans e camisa branca simples, cujas mangas enroladas revelavam braços que eu tinha boas razões para saber que eram tão fortes quanto pareciam. De repente, fiquei feliz por ter decidido ir de vestido para o trabalho naquele dia, embora tivesse pensado que a única pessoa que o veria seria minha chefe francesa ligeiramente excêntrica.

Durante a ausência de Monique, Jack deve ter guardado os óculos escuros, pois seus olhos cordiais estavam aparentes quando ele se afastou da estante que estivera examinando e se aproximou do balcão.

– Lembrei que você disse que trabalhava em uma livraria e, como preciso fazer algumas pesquisas para o meu romance, pensei em tentar descobrir um livro sobre o assunto.

Eu poderia ter perguntado por que ele não usara a internet, que certamente ofereceria as respostas de que ele precisava, mas isso teria feito parecer que eu não estava feliz em vê-lo. E eu estava. Talvez mais do que deveria.

– Decididamente, você veio ao lugar certo – garanti, sorrindo. – Bem, para encontrar livros, quero dizer... temos livros aqui.

Meu Deus, eu estava gaguejando! Pigarreei e tentei soar um pouco mais

profissional quando perguntei:

– Está à procura de algum livro em particular?

– O quê? Ah, sim. Algo sobre os lagos da região, se você tiver.

Saí de trás do balcão e, ao parar ao lado dele, senti-me extremamente feliz por estar com sapatos de salto: Jack era tão alto, que fazia com que eu me sentisse miúda, o que era novidade.

– Está escrevendo um livro sobre barcos a vela? – perguntei, educada, indo até a parte em que ficavam nossos títulos sobre a geografia regional.

– Não. Na verdade, é um assassinato. Preciso de um lago que seja profundo o bastante para esconder um corpo.

– Ah, sim! – disse, procurando soar tranquila e disparando um olhar furioso na direção de Monique, que deixara escapar uma risada.

Ela nem mesmo tentava fingir que estava ocupada: acomodada em um banco que ficava atrás do balcão, observava-nos como se estivesse assistindo a um capítulo de sua novela preferida.

– Você escreve thrillers? – perguntei.

Porque essa seria a pergunta que eu *faria* se já não tivesse buscado tudo o que havia sobre ele no Google e verificado os títulos que ele lançara e caso não estivesse à espera de um exemplar de seu primeiro livro, que eu já encomendara. Eu culpava Monique por esse fato, por me deixar sozinha com a internet e sem trabalho suficiente para me manter ocupada.

– Geralmente, sim – confirmou, postando-se ao meu lado diante da estante de livros.

Senti novamente o cheiro da sua loção pós-barba. Ele chegava não como uma onda opressiva, mas como as notas suaves de um perfume que, imaginei, seria descrito como “ másculo ” caso estivéssemos em um romance meloso. Tal pensamento me trouxe de volta à realidade. Eu não era uma personagem de romance. E na verdade não importava quão bonito ou misterioso Jack parecesse para mim, para Monique ou para quem quer que fosse. Eu estava noiva de outro homem, e não tinha direito de ter os pensamentos que insistiam em me vir à mente sempre que ele estava por perto.

– Temos uns dois títulos que acho que podem servir – continuei, puxando da estante dois grandes volumes coloridos e de capa dura e entregando-os a Jack.

Ele examinou as capas por um breve momento e mal olhou para os textos na quarta capa.

– Este está ótimo – disse, entregando-me o mais caro dos dois livros de referência.

Na verdade, era muito provável que se tratasse da melhor escolha para o que ele buscava, mas Jack não poderia ter concluído isso com um exame tão superficial das duas obras. Ele me seguiu de volta até o balcão, e deve ter visto o olhar expressivo que lancei a Monique quando ela continuou imóvel, empoleirada

em seu posto de sentinela, de modo que fui forçada a me espremer entre seu banco e a parede para chegar à caixa registradora. Minha chefe dirigiu a Jack e depois a mim um sorriso de beata. Registre a compra, peguei o dinheiro que ele me entregou e tomei muito cuidado para não tocar nele enquanto contava o troco na palma de sua mão. Entreguei-lhe o livro envolto em papel de seda e cuidadosamente acomodado em uma das bolsas coloridas da livraria. Esperava que Monique não tivesse percebido que eu me demorara na tarefa um ou dois minutos a mais que o necessário.

– Foi muito bom revê-lo – falei com sinceridade.

– A você também – respondeu, dando um sorriso que provocou uma reação em meu estômago. – Na verdade, eu estava me perguntando se você teria tempo para comer alguma coisa comigo – comentou, olhando o relógio de aspecto caro em seu pulso. – A que horas é o seu intervalo?

– Em geral, não paramos para o almoço. Como somos só nós duas, costumamos trabalhar direto – expliquei, demonstrando tristeza.

– Não, não costumamos, não – disse Monique, corrigindo-me e decidindo que era o momento de juntar-se à conversa.

Eu na verdade poderia chamá-la de mentirosa com todas as letras, mas meu rosto já expressava meu pensamento, como se eu o tivesse gritado em um megafone. Ela piscou para mim.

– Agora todos os empregados devem fazer um intervalo de uma hora para o almoço... o sindicato exige.

Ah! Meu! Deus! Será que ela não poderia ser só um *pouquinho* menos óbvia?

– É mesmo? – perguntei. – Estranho que eu não soubesse disso, considerando que as únicas empregadas aqui somos você e eu, e nenhuma de nós é filiada a nenhum sindicato.

Monique emitiu um ruído típico dos franceses, um meio-termo entre um muxoxo de desdém e uma tossida.

– Não se pode discutir com os sindicatos.

Balancei a cabeça diante de sua interferência descarada. Sempre soube que Monique tinha reservas a respeito de meu relacionamento com Richard. Ela nunca se preocupara com a possibilidade de me ofender quando me dizia, de modo ostensivo, como se estivesse preenchendo um boletim sobre minha vida amorosa, que eu “podia conseguir coisa melhor”. No entanto, encorajar-me daquela forma, tão abertamente e sem rodeios, a sair para almoçar com outro homem era algo novo. E assim ela me deixou sem opção que não fosse aceitar o convite de Jack.

– Vou só pegar o casaco – eu disse, desaparecendo nos fundos da loja.

Quando voltei, Monique estava ocupada atendendo outro cliente, portanto, felizmente, não pôde mais se intrometer.

Jack manteve a porta aberta para mim. Assim que saímos da livraria, virei-

me para ele com um pedido de desculpas.

– Desculpe, Jack, *de verdade*. Monique pode ser muito invasiva, às vezes.

– Ela parece mesmo ser uma pessoa bastante excêntrica – admitiu Jack, sorrindo. – Você trabalha ali há muito tempo?

– Desde os 16 anos, com intervalos – respondi.

Ele pareceu intrigado.

– É uma longa história – acrescentei.

– Então você terá de falar depressa, porque ouvi dizer que o sindicato só garante uma hora de almoço – advertiu ele.

Passamos por uma série de lojas antes que Jack perguntasse ao acaso:

– Então, como estão as coisas com você, Emma?

Mordi os lábios e reprimi o “está tudo bem” automático que eu dava a todos que me faziam aquela pergunta ultimamente. Os olhos castanho-dourados de Jack me mantinham prisioneira, e meus instintos me disseram que ele perceberia no ato se eu tentasse mentir.

– As coisas estão complicadas. Está sendo muito difícil. E doloroso. Alguns dias são melhores que outros...

Minha voz falhou, e ele sorriu com gentileza, procurando minha mão e apertando-a brevemente. Eu soube então que Jack via através do meu escudo protetor, como se ele nem existisse.

– Vamos fazer com que este dia seja um dos melhores, certo? – sugeriu ele, com delicadeza, e meu coração ridiculamente falhou uma batida e, de modo estranho, disparou em meu peito. – Então, que lugar você sugere para o almoço?

Voltar a falar do trivial foi um bem-vindo alívio.

– Algum lugar aqui na cidade? – sugeriu ele. – Se não, meu carro está logo depois da esquina.

Corri os olhos para cima e para baixo na rua principal. Havia vários lugares nos quais poderíamos almoçar. Mas era uma cidade pequena, e as pessoas adoram uma fofoca, e embora eu não tivesse nada a esconder, ainda assim não queria ser assunto de especulações. Até porque elas poderiam chegar até Richard e magoá-lo.

– Há um pub bem agradável a uns cinco minutos de carro daqui. Tem um prato que chamam de “prato do lavrador” que é delicioso – sugeri.

– Não faço ideia do que sirvam no tal prato, mas se o lavrador não se importar de dividir conosco, eu topo.



– Então, seu thriller será ambientado em Hallingford? – perguntei enquanto percorríamos as ruas estreitas que levavam ao restaurante.

Jack era um bom motorista, e naquele momento, acabara de parar o carro

para dar passagem a um trator.

– Não especificamente, mas me familiarizar com a área decerto vai ajudar.

– Bem, morei aqui a maior parte da minha vida, portanto, se quiser saber de algo, pode perguntar. Sobre a área, eu quero dizer, não sobre a minha vida.

Eu já estava gaguejando de novo, e podia perceber o nervosismo em minha voz, mesmo que Jack não notasse. Por que eu tinha concordado em almoçar com ele, se aquilo estava fazendo com que eu me sentisse tão culpada? Acho que eu sabia a resposta a essa pergunta, e ela estava em grande parte ligada ao modo como Richard reagiria se soubesse onde eu estava naquele momento. Talvez uma pergunta melhor fosse por que *Jack* estava ali? Qual era a razão para que ele me procurasse?

Jack tirou a mão do volante por alguns segundos e segurou a minha, que nervosamente procurava arrancar algum pelinho invisível do meu vestido. Eu saltei ao sentir seu toque. O que havia de errado comigo?

– Relaxe, Emma. Não estamos fazendo nada de errado aqui – disse ele, surpreendendo-me, como sempre, com sua capacidade de ler meus pensamentos. – Somos apenas um casal de amigos almoçando juntos, só isso.

Suas palavras pareciam dizer que havia alguém especial em sua vida, uma pessoa importante. Bem, isso era bom, porque eu tinha alguém assim.

– Ah, sei disso – afirmei com convicção, pois realmente não queria que ele pensasse que eu tivesse visto nada de mais naquele seu convite. – Acho que a intromissão de Monique só me deixou um pouco agitada. Acho que ela é mais contra Richard do que já deixou transparecer.

– Interessante – refletiu Jack, estacionando com habilidade o grande carro alugado em uma minúscula vaga diante do pub. – Você vai ter que falar rápido hoje, para poder me contar tudo.

No fim, mal tocamos em qualquer tópico que cruzasse a fronteira do território pessoal ou da trágica noite em que nos conhecemos. Talvez eu até pudesse contar a Richard sobre aquele encontro, sabendo que não dissera nem fizera nada que pudesse vir a ser motivo de preocupação para ele. Ao menos era o que parecia. Em um nível mais profundo, porém, eu experimentava algumas sensações bastante inquietantes, que não poderia partilhar com meu noivo. Como a maneira como a pele das minhas costas queimara quando Jack me conduziu na direção do bar lotado. Ou como meu coração começara a bater mais rápido quando ele observou meu rosto enquanto eu falava. Ou como algo tépido pareceu avivar-se dentro de mim quando ele riu de um pequeno gracejo ou de uma piada que eu fizera.

Eu tinha acabado de contar uma história maluca e embaraçosa sobre Monique. Jack ainda ria, quando, ao inclinar-se sobre a mesa para pegar o copo, sua mão roçou a minha. Aquele foi o momento em que o pub lotado e o ruído de seus frequentadores desapareceram, e por um segundo pareceu que o próprio ar

fora sugado do salão, do mesmo modo como um incêndio pode esgotar o oxigênio de um espaço. Seus olhos encontraram os meus, e de repente não havia mais nenhum riso. Ele parecia tão chocado quanto eu. Uma boa analogia poderia ser estabelecida entre aquele momento e o fogo – ou o calor. Ambos estavam presentes em abundância, e brincar com eles seria perigoso, somente um tolo não saberia disso.

Fui a primeira a falar.

– Bem, está ficando tarde. Preciso mesmo voltar ou me expulsarão desse sindicato... ou o que seja.

Jack me dirigiu um sorriso de compreensão, e vi que ele também sentira algo e que sabia que eu estava correndo dali antes de ser queimada.

– Vamos levá-la de volta, então.

No espelho do banheiro feminino, vi o rubor em meu rosto e minhas pupilas dilatadas. Não fazia sentido negar a inesperada e poderosa conexão que eu sentia com Jack, mas tinha certeza de que era apenas uma consequência natural da situação em que nos conhecêramos e de ele ter salvado a minha vida. Era uma sensação única e extrema, e de fato seria perigoso e estúpido confundi-la com outro tipo de atração. Provavelmente havia livros publicados sobre o assunto, sobre como toda a vida e a perspectiva de uma pessoa mudam após escapar da morte. E quando um completo estranho arrisca a própria vida para salvar a sua, isso obrigatoriamente forja uma intensa conexão entre os dois, não é? Resolvi que pesquisaria o assunto na internet assim que voltasse para a loja.

Jack parou bem em frente à livraria e não provocou nenhuma situação constrangedora ou ambígua para o momento de nos despedirmos. Quando me virei para soltar o cinto de segurança, vi duas grandes sacolas no banco de trás, que exibiam a logo dos concorrentes de Monique na cidade. Sem pedir permissão, estendi a mão e puxei ambas para a frente. Jack não falou nada que pudesse me deter, mas seu rosto exibiu uma leve careta, como se ele estivesse se preparando para um golpe. Tirei um livro da primeira sacola e instantaneamente reconheci o mesmo título que eu lhe havia vendido fazia pouco mais de uma hora. Peguei a segunda sacola e tirei seu conteúdo: o mesmo livro. Eu não disse nada, deixei que a inclinação de minha cabeça e a sobrelanceira levantada falassem por mim.

– Bem, quem poderia saber que haveria três livrarias em uma cidade tão pequena? – falou por fim.

Senti um sorriso começar a se abrir e mordi o lábio, procurando contê-lo.

– E os livros?

– Ah! Bem, eu queria *mesmo* esse livro sobre lagos. Assim, quando me disseram, na primeira livraria, que você não trabalhava lá, pensei que o mínimo que eu poderia fazer seria comprar o livro.

– E quanto à segunda loja?

– Foi a mesma coisa – confessou ele, dando um sorrisinho culpado.

Não adiantava. Não havia como eu reprimir aquele sorriso.

– E não lhe ocorreu perguntar sobre um livro *diferente* nas lojas número dois e três?

Ele pareceu ainda mais constrangido com aquela.

– *Teria* feito mais sentido – concedeu. – Só que não me ocorreu na hora. Falta de imaginação, eu acho.

– Essa deve ser uma grande desvantagem em sua profissão – lamentei, destravando o cinto e saltando do carro.

E ele foi embora rindo.

O fim

PARTE DOIS

Ochá na xícara ao meu lado esfriara. Havia várias manchas escuras e feias na superfície. Em geral, eu não me distraía assim tão facilmente.

Pensei em descer e preparar outro, mas a cozinha da casa dos meus pais já estava superlotada de convidados e parentes. Além disso, seria oportuno que alguém me visse antes da cerimônia na igreja? Eu não conseguia me lembrar do que dizia a etiqueta. Tornei a colocar a xícara na minha mesa de cabeceira. Haveria muito o que comer e beber na festa no hotel. O serviço de bufê fora muitíssimo bem-recomendado, e o cardápio que sugeriram era perfeito – uma coisa a menos para precisarmos planejar.

Tive um momento fugaz de pânico quando olhei para o relógio e percebi como os ponteiros haviam avançado, e então outro, só que mais longo, quando me virei para o espelho de minha penteadeira. Minha mão voou até minha garganta e sufoquei um grito, porque de repente não era a minha imagem de sempre que me olhava de volta, mas a de uma mulher muito mais velha, de rosto suavemente marcado e a pele já sem tonicidade nem maciez. Rugas irradiavam dos cantos dos olhos, e o tempo gravara sinais em torno da boca, que o espanto mantinha aberta. Era a minha mãe. Fiquei tão perplexa diante de sua imagem refletida em meu espelho que cheguei a olhar para ver se ela estava atrás de mim. Mas, claro, não havia ninguém.

Tornei a olhar para a frente e estendi a mão em direção à superfície de vidro, com os dedos ansiosos por traçar o formato de seu rosto e o movimento de seu cabelo, cuja cor era ainda intensa. Porém, quando toquei o espelho, ela desapareceu, e de novo era eu em seu lugar. No fundo, não me surpreendia que eu a tivesse imaginado ali: sempre fôramos muito parecidas e, em um dia como aquele, em que o passado estava tão presente em meus pensamentos, era certo que ela estaria comigo.

CAPÍTULO 6

Soube que havia algo errado assim que parei na entrada da garagem dos meus pais, no fim daquele dia. E se o fato de a porta da frente estar escancarada, apesar da chuva forte que caía, não tivesse sido um alerta suficiente, então os gritos aflitivos do meu pai – que eu ouvia enquanto disparava em direção à casa – teriam sido a comprovação final.

Eu mal terminara de puxar o freio de mão quando impetuosamente abri a porta do carro. Era como se eu estivesse sonhando, e tudo parecia desacelerado, embora eu tivesse consciência de que estava correndo. Em seguida a ilusão de câmera lenta se estilhou quando meu pai surgiu pela porta aberta como um touro em ataque. O cabelo estava desganhado e molhado, e eu soube, então, que sua busca já se expandira para o exterior da casa. No entanto, foram seus olhos que me apavoraram: ferozes e desesperados, revelavam que meu pai já estava despencando no poço fundo do pânico. Tentei me forçar a respirar calma e uniformemente, mas não era fácil. O pânico é tão contagioso quanto a peste – e igualmente mortal.

– O que houve? – perguntei, agarrando seus dois braços e forçando-o a interromper sua corrida desenfreada de volta à chuva e a olhar para mim.

Era uma pergunta estúpida. Eu sabia exatamente o que estava acontecendo, então logo emendei:

– Há quanto tempo ela desapareceu?

Ele balançou a cabeça com tanta força, que gotículas de chuva caíram de seus cabelos.

– Eu não sei. Quinze minutos... vinte... talvez mais. Ah, Deus, eu não sei!

– Acalme-se, pai. Respire. Só me conte o que aconteceu.

– É tudo culpa minha. Ela estava dormindo profundamente na poltrona, cochilou enquanto via TV... como ela costuma fazer, sabe?

Assenti, impaciente, desejando pular os detalhes que não nos ajudariam.

– Eu tinha algumas cartas para pôr no correio. E ela dormia tão pesado que fiquei com pena de acordá-la para que fosse comigo, então pensei: “são só cinco minutos até a caixa de correio, estarei de volta antes que ela saiba que saí.” Mas então esbarrei naquela mulher, a Debbie, da farmácia, e você sabe que ela gosta de falar... e aí, quando cheguei aqui, a porta estava escancarada...

– Está tudo bem, pai. Vamos encontrá-la. Sempre encontramos. – *Até, é claro, o dia em que não a encontrarmos*, entoou uma voz em minha cabeça. – Certo, vamos ser racionais – falei, odiando o fato de que era eu que tinha de ser a adulta agora, e não para *um* dos meus pais (o que já era ruim o bastante), mas para *os dois*. – O senhor procurou pela casa?

– Sim.

– Em todos os cômodos?

Ele me lançou um olhar fulminante.

– Desculpe, pai. É claro que sim. Muito bem, vamos nos separar. O senhor percorre a rua e então, se não a encontrar, tenta o caminho que leva até a floresta, para aquele passeio de que ela gosta, está bem?

Ele se recompôs com visível esforço.

– Desculpe, Emma.

Dei-lhe um abraço rápido.

– Não é culpa sua, pai. Sabe disso. Não pode vigiá-la 24 horas por dia, sete dias por semana. Isso é simplesmente impossível.

Havia nos olhos de meu pai o reflexo de uma determinação que parecia tão dura quanto granito, o que, eu sabia, significava que ele discordava totalmente de mim. Mas não era a hora nem o lugar para retomarmos a discussão que vínhamos tendo ao longo de quase todo o último ano.

– Vou tentar a escola primeiro – avisei a ele, já me virando para sair. – E se ela não estiver lá, ligo para o senhor e pensamos onde procurar em seguida.

– Você acha que devemos ligar para a polícia?

Balancei a cabeça, negando.

– É cedo demais para isso, pai. Ainda não se passou nem meia hora. Vamos tentar todos os lugares prováveis; depois pensamos no que fazer.

Dei meia-volta e corri para o carro. Telefonar para a polícia era uma medida extrema, um último recurso e, eu tinha esperanças, uma opção desnecessária. Pelo menos *dessa vez*. Mas chegaria o dia em que não encontraríamos mamãe andando por aí, perdida e confusa, em nenhum lugar perto de casa. Era só questão de tempo.

Era difícil dirigir tão devagar, quando todos os instintos me diziam que pisasse fundo e chegasse lá o mais rápido possível. Mas eu sabia, por experiência própria, que precisava manter a atenção não só no caminho à minha frente, mas também nas calçadas e até mesmo nos jardins das casas. Na última vez, eu a encontrara no jardim de alguém, sentada no balanço de uma criança, dando impulsos tranquilamente para a frente e para trás, sem ter noção do pânico que seu desaparecimento havia causado. Mas naquela ocasião era Richard quem estava ao volante, e então fora muito mais fácil esquadriñar além das sebes e dos arbustos que ocultavam as propriedades, dificultando a visão de quem passava.

Tão convencida quanto possível de que ela não estava em nenhum dos jardins por que eu passara, dobrei à esquerda na rua principal e segui para um dos lugares que a atraíam como um ímã. Estremeci quando uma van me ultrapassou, lançando uma cascata de água lamacenta no para-brisa. Aquele era o meu pesadelo, meu pavor real: que minha mãe simplesmente atravessasse a rua. Enquanto a doença se ocupava em roubar à pessoa a própria identidade e as suas memórias, será que ela se incomodaria de manter ao menos o instinto vital de autopreservação? Em que ponto da ladeira escorregadia que minha mãe vinha descendo a pessoa desaprenderia que não se pode entrar na frente de um veículo em alta velocidade?

Minhas mãos pareciam garras a apertar o volante, à medida que o medo que eu não deixara que meu pai visse percorria meu corpo como se fosse um vírus. E eu sentia raiva, também – não de papai; dele, nunca. Ele só estava tentando se agarrar à mamãe o máximo de tempo possível, e eu sabia disso melhor que ninguém. Não, eu estava com raiva de mim mesma. Na verdade, muito mais do que com raiva: eu estava *furiosa* comigo mesma. Nos últimos tempos, andara tão absorta em meus problemas que não prestara atenção ao que deveria. Esses “episódios” que mamãe tinha normalmente eram precedidos por uma série de sinais: ela se tornava ainda mais confusa ou esquecida e emotiva. E esses avisos, se não serviam para muito mais, ao menos faziam com que ficássemos atentos. Mas eu tinha estado tão distraída por causa do acidente e da perda de Amy e da preocupação com o comportamento estranho de Richard e com os sentimentos inquietantes – que eu tentava ignorar – em relação a Jack que havia tirado os olhos do principal. Péssimo momento! E agora ali estava o alerta. Com sorte, não seria tarde demais – por favor, Deus! Eu não devia estar dando espaço para coisas que não podia mudar, e certamente não para uma patética paixonite de adolescente. *Isso* era real. *Isso* era o motivo de eu ter voltado para casa: para ajudar.

Entrei no amplo pátio da escola e imediatamente soltei um grito de alívio e gratidão. Pisei o freio e tirei o celular do bolso.

– Ela está aqui, papai. Eu a encontrei.

Fez-se um longo momento de silêncio, que, eu sabia, ele estava usando para se recompor. Quando, por fim, meu pai falou, sua voz estava anormalmente rouca.

– Graças a Deus! Traga-a para casa. E, Emma... dirija com cuidado.

Preocupada em não assustá-la, segui em velocidade mínima e parei em uma das vagas ao lado do Departamento de Artes. A chuva ainda desabava com uma intensidade perversa, e ela estava sem casaco. Peguei uma manta xadrez de piquenique que estava no banco traseiro do carro e saí na chuva. Ela ergueu os olhos enquanto eu me aproximava, e percorri o restante da distância que nos separava com deliberada indiferença. Eu sabia fazer aquele jogo.

– Oi, mãe. O que você está fazendo?

Infelizmente, o tom casual que eu me esforçava por manter se perdeu quando baixei os olhos e vi que ela ainda estava usando os chinelos cor-de-rosa com pompons que eu lhe dera no Natal. Só que agora eles pareciam criaturas peludas atropeladas na estrada e encharcadas pela chuva. E foi *isso* que fez com que eu comesse a chorar. Não o mal de Alzheimer, que me roubara a minha mãe; não o medo que eu sentia sempre que ela desaparecia, mas os estúpidos chinelos arruinados! Furiosa, enxuguei as lágrimas com as costas da mão, torcendo para que ela pensasse que eram as gotas de chuva que eu estava limpando.

– Perdi minhas chaves, Emma – explicou ela, apontando a bolsa virada no chão.

Todo o seu conteúdo estava espalhado pelo asfalto. Aquilo me fez recordar uma brincadeira que costumávamos fazer nas festas, quando éramos crianças. Tínhamos de memorizar uma série de itens aleatórios. Depois, aquele que conseguisse se lembrar do maior número de objetos era o vencedor. Ali, naquele momento, creio que não haveria prêmios para quem descobrisse qual de nós seria a grande perdedora...

Agachei-me e comecei a reunir os pertences: um porta-moedas (sem nenhum dinheiro, porque ela nunca ia às compras sozinha), uma carteira cheia de cartões de crédito (todos cancelados, caso ela fosse), seu perfume favorito (cujo aroma ainda me fazia lembrar da minha infância e de estar em seus braços) e uma dúzia de outros acessórios da parafernália feminina. Recolhi tudo na bolsa já encharcada. A única coisa que *não* apanhei foram as chaves que ela estava procurando, as chaves do Departamento de Artes. Porque ela não as tinha havia mais de três anos, desde que renunciara ao cargo de chefe do departamento e, depois, quando os sintomas de sua doença foram ficando mais difíceis de ignorar, à carreira de professora. Fazia de fato muito tempo que ela não trabalhava. Mas às vezes ela se esquecia disso.



Fiquei feliz por o fim de semana da Páscoa me proporcionar tempo para pensar com seriedade e estabelecer prioridades. E a prioridade número um – que percebi, com tristeza, que vinha negligenciando havia algum tempo – era minha mãe. Obviamente, meu pai e eu tínhamos tido uma péssima noite: as olheiras que exibíamos na manhã seguinte eram prova disso. Enquanto mamãe tomava seu banho, tentei abordar o assunto, hesitante, mas fui recebida pela habitual resistência de meu pai.

– Pai, o senhor precisa ver que não podemos continuar assim por muito tempo – comecei, cautelosa, logo que tive certeza de que mamãe estava fora do

alcance de minhas palavras.

Havia uma obstinação nos olhos de meu pai quando ele os ergueu e me fitou. Fora dele que eu herdara minha teimosia, ou ao menos era o que mamãe costumava me dizer, antes de perder a chave do tesouro das lembranças de toda uma vida.

– Emma, não vou entrar nessa discussão outra vez. Não vou colocar sua mãe em um asilo. Não enquanto houver vida em meu corpo.

– Ninguém está dizendo que faça isso, pai. Mas existem outras opções: instituições para cuidados diurnos, cuidadores, entidades que oferecem apoio aos doentes e às suas famílias... O senhor não pode mais fazer isso sozinho. Ninguém poderia. Eu sei que acha que a está protegendo, mas, na verdade, está arriscando a própria saúde. Eu me preocupo com o senhor, não quero que fique doente de novo.

Os olhos dele se anuviaram com minhas palavras, enquanto ambos relembávamos o incidente ocorrido um ano antes – o que motivara minha volta para casa. Eu ainda podia vê-lo, com o rosto pálido e abatido, ligado por fios a monitores no hospital, enquanto esperava para saber se seu colapso se deveria a um infarto do miocárdio. Naquela ocasião, fora apenas angina, provocada por estresse. *Apenas*. Da próxima vez, ele podia não ter a mesma sorte.

– Sei que se preocupa comigo, e a amo por isso, e pela maneira como você pôs tudo de lado para me ajudar. Mas essa decisão não é sua. É minha.

Suspirei e mexi o café que esfriava na xícara à minha frente, enquanto me esforçava para encontrar um argumento que ainda não tivesse usado ao menos uma centena de vezes.

– E se achássemos um lugar muito bom, que pudesse recebê-la só por uns dias durante a semana? Só para lhe dar um descanso, quando eu não estiver mais morando aqui... – sugeri, já sabendo que a ideia seria abatida antes mesmo que pudesse levantar voo.

E eu estava certa. Ele não poderia ter se mostrado mais horrorizado se eu tivesse proposto que ele fugisse com uma das vizinhas para um fim de semana de orgia.

– *O quê?* E simplesmente largá-la lá, como se ela fosse um cachorro que estivéssemos deixando em um canil, porque queremos sair e nos divertir?

Empurrei a xícara de café para o lado e peguei a mão de meu pai. Olhando-a de soslaio, percebi que as rugas nela estavam mais pronunciadas do que pouco tempo atrás. Ele estava envelhecendo mais rápido do que deveria, e sua aposentadoria era agora dedicada à sua nova e não planejada função de cuidador em tempo integral da mulher que ele ainda amava.

– Quando tudo se tornar demais para mim, eu a aviso – afirmou ele, tentando temperar as palavras com um sorriso agradecido. – Ter você e Richard por perto para ajudar tornou tudo muito mais fácil. E você não estará assim tão longe,

mesmo depois de casada.

Um ruído soou em minha cabeça, e pareceu muito o do fechamento estrondoso da porta de aço de uma prisão, mas não deixei que aquilo transparecesse em meu rosto enquanto oferecia ao meu irremediavelmente otimista e amoroso pai um sorriso em retribuição.

– Não, nós estaremos bem aqui – prometi.



A doença de mamãe começara sem alarde, vários anos antes. Fora um incidente tão pequeno e tolo que eu não percebera seu significado sinistro. Tinha acabado de voltar de minha temporada em Washington e chegara de Londres para um fim de semana em casa. Esperava ansiosamente por uma refeição tranquila em família, mas o que me aguardava, na verdade, era uma armação em grande escala, disfarçada de almoço de domingo.

– O quê? Não mataram o bezerro gordo? – Lembro-me de ter brincado, quando abri a porta do forno e vi o enorme pedaço de carne que assava no tabuleiro. – Meu Deus, mãe! Somos só nós três para o almoço! Você e papai vão comer sobras por dias!

Ela parecera um pouco desconcertada, mas prosseguira em sua ação de apanhar um monte de talheres na gaveta. Aquilo deveria ter me alertado de que não seria só a nossa família no almoço.

– Na verdade, convidei os Withers para celebrarmos sua volta.

Tendo dito aquilo, ela se retirara rapidamente para a sala de jantar, e com boa razão, pois era certo que meu rosto tinha espelhado de forma muito eloquente o que eu sentira. Teria sido demais esperar que minha mãe não tivesse incluído Richard no convite. Era óbvio que o incluía! Eu ficara imaginando se Sheila, a mãe de Richard, também não estaria envolvida naquilo. Nenhuma das duas se mostrara discreta em expressar seu pesar sobre nosso rompimento, mas aquele nível de interferência, em que estavam bancando o cupido, elevava tudo a um novo patamar. Lembro de ter me questionado sobre a possibilidade de Richard estar tão no escuro quanto eu. *Ah! Aquele seria um almoço encantador*, eu pensara.

Foi quando ouvi, vindo da sala de jantar, o grito agudo e angustiado da minha mãe. Larguei as luvas protetoras e corri até ela, toda a raiva desaparecendo enquanto eu ia em seu socorro. Em minha disparada pelo corredor, imagens horríveis de ferimentos e ataques cardíacos me acompanhavam. Mas o que eu encontrei não foi minha mãe fisicamente debilitada. Em vez disso, ela estava de pé à cabeceira da mesa de jantar de madeira polida, tendo os talheres jogados diante de si, na forma de uma brilhante montanha de prata.

– Mãe, o que foi? Qual o problema? – perguntara eu, vencendo rapidamente a

distância até ela.

Lembro-me de ter ficado apavorada, porque sua expressão era de agonia e atordoamento, e lágrimas desciam como velozes riachos por seu rosto cuidadosamente maquiado.

– Não consigo fazer isto – gemeu ela, transparecendo medo e desespero.

Olhei ao nosso redor, confusa.

– Fazer o quê? O que a senhora não consegue fazer?

Eu não podia ver naquela sala de jantar tão conhecida nada que pudesse ser a causa de tamanha aflição. Tudo parecia absolutamente normal – exceto, claro, minha mãe. Nela, nada estava normal. Nada mesmo.

– Não consigo fazer *isto* – repetiu ela, aos soluços, enquanto agitava a mão à sua frente, indicando os talheres que aguardavam. – Não consigo pôr a mesa. Sumiu... simplesmente sumiu.

Claro que depois déramos risada daquilo. Tínhamos de dar. Eu a acalmara e também arrumara a mesa eu mesma, e tão logo a tarefa fora concluída, ela estava controlada e parecia quase normal novamente. Acho até que fizemos uma piada boba sobre o incidente – *inacreditavelmente* – quando Richard e os pais chegaram para o almoço. Suponho que, se tivéssemos agido de outra forma, teríamos aberto a porta para o demônio mais cedo do que precisávamos. Mas ele estava a caminho, e não demorou muito para que se tornasse um visitante indesejado e frequente em nossa casa. Tinha começado.



Como acontecia com frequência após tais episódios, nos dias seguintes à peregrinação a seu antigo local de trabalho, minha mãe parecia muito mais sossegada e conectada com o presente. Ela até exprimiu vontade de pintar e, enquanto meu pai montava o cavalete, a tela e os pincéis, ferramentas do antigo trabalho da esposa, o olhar que dirigiu a mim dizia de forma eloquente: “Está vendo? Tudo está bem agora.” Eu me perguntava se ele acreditava mesmo naquilo.

Richard, ao menos, pôde me oferecer seu apoio, ainda que apenas por meio de uma demorada conversa tarde da noite ao celular, que ambos provavelmente lamentaríamos quando recebêssemos a conta, no mês seguinte.

– Temos que apoiar o que o seu pai acha que é o melhor – disse ele, de modo sensato.

– Eu sei – concordei, com um suspiro. – Mas e se eu *não* a tivesse encontrado? E se na próxima vez ela se perder, se machucar... ou acontecer algo pior? Ele nunca se perdoaria se alguma coisa assim acontecesse.

Fez-se silêncio na linha e por um momento me perguntei se a ligação tinha sido cortada. Então, quando Richard falou, havia tristeza em sua voz.

– Você não pode viver assim, com medo dos “e ses”. Não pode prever o futuro, só fazer o melhor com o que tem, enquanto tem. Tudo pode mudar com tanta rapidez...

Sua voz falhou, e fiquei imaginando se ele de repente se arrependera do rumo que a conversa tomara. Era inevitável que suas palavras nos fizessem pensar em Amy. Mas ele estava certo. Amy abraçara a filosofia do “viva o hoje, porque o amanhã não depende de nós”.

Conversar com Richard me deixou mais calma e equilibrada. Ele tinha razão sobre muitas coisas: sobre meus pais, sobre não nos preocuparmos com o futuro e também sobre nós dois.

– Não quero esperar muito para reagendarmos o casamento – disse ele.

– Mas as pessoas não pensarão que é errado ou desrespeitoso, se nos casarmos cedo demais?

– Dane-se o que os outros pensam! Isso é sobre mim e você. E, vamos ser francos, você acha que isso teria preocupado Amy? Teria?

Balancei a cabeça negando, o que era uma coisa idiota a fazer ao telefone. Mas, de repente, senti um aperto na garganta, porque eu quase podia ouvir a voz de minha amiga dizendo o que Richard acabara de dizer, só que de uma forma ainda *mais* expressiva.

– Está bem. Vamos falar sobre isso quando você voltar – concordei.



Sentei-me à mesa da cozinha na manhã seguinte, virando e revirando em minhas mãos o pequeno pacote marrom, com cautela, como se ele contivesse uma bomba prestes a explodir. Bufeí, impaciente, diante de meu disparate. Era um livro. Apenas um livro. Eu lidava com centenas deles todos os dias. Eu estava sendo ridícula.

Se não tivesse conseguido descobrir nada mais durante o fim de semana da Páscoa, ao menos uma coisa teria ficado clara: por algum motivo – e eu tenho certeza de que tinha relação com a forma como nos conhecemos –, eu achava que Jack era estranhamente fascinante, e essa conexão funcionava como os polos de um ímã: me atraía e me repelia. Portanto, a última coisa que eu precisava fazer era permitir que ele entrasse mais fundo em minha cabeça quando eu lesse aquele livro. Eu deveria jogar o pacote ainda fechado na lixeira da cozinha, não ter mais nenhum contato com ele e deixar que meus sentimentos confusos desaparecessem. Simples assim. Então, por que foi que ouvi um leve ruído de papel sendo rasgado e percebi que meus dedos – seguindo seus próprios planos – haviam aberto o pacote?

Era uma edição de capa dura, preta e reluzente, com aplicação de verniz e um belo trabalho de arte. Eu a abri e li o elogio na capa, que não me revelou

nada que eu já não tivesse descoberto na internet, quando a encomendei. Passei à quarta capa. Minha respiração ficou presa na garganta enquanto eu olhava a foto do homem que me salvara. Fora tirada ao ar livre, e ele estava sorridente e descontraído, encostado em uma árvore. Atrás dele, era possível ver uma cerca de madeira. A calça jeans, a camisa de colarinho aberto e as botas completavam a imagem de caubói que eu imaginava que o fotógrafo tivesse buscado. Jack parecia mais jovem no retrato, e o cabelo estava um pouco mais comprido. Também era possível que, naquela imagem, os pequenos sulcos que se irradiavam de seus olhos quando ele sorria não estivessem tão pronunciados quanto no outro dia, enquanto ele me olhava, mas, fora isso... Fechei o livro de modo estrepitoso, como se uma serpente tivesse acabado de aparecer em meio às suas páginas. *E é por isso que eu deveria simplesmente ter jogado o livro na lixeira*, pensei, desconsolada. Porque, por alguma razão, estar perto de Jack – ou mesmo olhar sua foto, ao que parecia – exercia em mim um efeito tão intoxicante quanto o de uma droga – e quase tão perigoso quanto. Antes que aquele vício irracional se tornasse ainda mais forte, eu precisava me livrar dele e me concentrar nas coisas que de fato importavam para mim: minha família, meu noivo, meus amigos e a volta a algum tipo de normalidade depois da perda de Amy.

E como se fosse prejudicial até mesmo tocar o livro, eu o carreguei pela cozinha segurando-o por um dos cantos apenas; portanto, não foi nenhuma surpresa que ele escorregasse de meus dedos e caísse no chão. Abaixei-me para apanhá-lo, então notei que caíra aberto na página da dedicatória. Devo ter ficado agachada por um tempo considerável, ao menos o suficiente para que minha panturrilha começasse a protestar. No entanto, ainda assim, meus olhos continuaram fixos nas três linhas de texto da página aberta à minha frente. “Para Sheridan, minha amiga, minha amante, minha inspiração e minha esposa. Para sempre, Jack”



Passei o feriado com Caroline e Nick, e a primeira coisa que notei quando parei na entrada da casa foi o automóvel moderno e reluzente, novo em folha, estacionado ao lado do de Nick. Não sei muito sobre carros, mas supus que aquele upgrade tivesse custado muito mais que o valor pago pelo seguro do antigo modelo de Caroline. A caminho da porta de entrada, ao passar pelo veículo, inclinei-me e espiei seu interior: contei ao menos cinco airbags. Eu conhecia Nick bem o bastante para saber que aquele item de alta segurança tinha sido insistência dele – o que era compreensível. E isso deixava no ar uma pergunta dolorosamente triste: se fosse *aquele* o carro de Caroline na noite do acidente, será que as coisas, mesmo assim, teriam terminado como terminaram? Eu ainda

estava olhando para trás, para o novo veículo, quando Nick abriu a porta e me beijou afetuosamente no rosto.

– Muito bacana – comentei, antes de ele fechar a porta e o carro desaparecer do nosso campo de visão.

– Sim, é – concordou Nick com certa amargura. – Uma pena que eu não consiga fazer com que ela o dirija, não é?

Uma preocupação genuína se revelava em suas palavras, e eu baixei automaticamente o tom de minha voz para um sussurro que eu sabia que não poderia ser ouvido da cozinha, onde Caroline certamente nos esperava.

– Então ela ainda não está dirigindo?

Ele balançou a cabeça, e uma expressão preocupada franzira seu rosto amável.

– Não. Ela mal consegue ir no carona em uma viagem curta. Mas, sinceramente, Emma, não sei se *algum dia* vou conseguir fazer com que ela se sente ao volante de um carro de novo.

Nick estava preocupado e frustrado, o que eu podia entender. Mas o medo incapacitante de Caroline era ainda mais compreensível, a meu ver. Nos primeiros e aterrorizantes percursos na estrada após o acidente, eu tivera uma amostra dele – o que não devia ser nada, em comparação com o que Caroline estava sentindo.

– Dê tempo a ela.

O único conselho que eu podia dar. “É preciso dar tempo ao tempo” era o chavão que as pessoas sempre me ofereciam. Tratava-se, sem dúvida, do conselho mais bem-intencionado e inútil que se podia dar a alguém.

À medida que nos aproximávamos da cozinha, era possível sentir, vindo do forno, um cheiro delicioso de alguma coisa que cozinhava no vinho. Caroline se virou para me receber com um largo sorriso, e parecia serena e controlada como sempre, até que, ao me entregar a seus braços estendidos, senti que ela se agarrava a mim por um segundo ou dois além do habitual. Mas não era apenas ela: eu estava fazendo o mesmo.

Como éramos só nós três, comemos no ambiente mais descontraído, a cozinha, mas, ainda assim, a ausência de dois dos integrantes de nosso grupo era perceptível nas cadeiras vazias em um dos lados da mesa rústica de pinho. Rearrumei os pratos ao pôr a mesa, tentando preencher os espaços que seriam ocupados pelos pratos de Richard e de Amy.

– Então, como está a divertida Páscoa de Richard, cuidando de oitenta garotos de 15 anos enquanto esquiam?

A leve ironia de Nick não passou despercebida. Pensar na responsabilidade extra que Richard havia voluntariamente assumido me fez perceber ainda mais quanto ele precisara se afastar. Eu só esperava que fosse da situação que ele estivesse precisando escapar, não de mim.

– Parece que bem – respondi, recolhendo do meu prato a última e deliciosa colherada de alguma coisa carregada de creme, massa e cerca de mil calorias. – Em nossas últimas conversas, estava muito mais parecido com o antigo Richard. Bem menos perturbado.

– É uma ótima notícia – disse Caroline, sorrindo.

E pensei que tivesse visto algo em seus olhos enquanto ela pegava o prato que Nick lhe estendera. Talvez tivesse mesmo, pois alguns minutos depois ele pediu licença e foi para a sala, murmurando algo sobre assistir a um jogo na TV.

Caroline aguardou o momento em que colocaríamos a louça suja na lava-louças para sua tentativa de fazer casualmente o comentário que devia estar ansiando por fazer havia dias.

– Então, ouvi dizer que você e Jack Monroe almoçaram juntos na semana passada...

Parei de enxaguar a travessa e me virei para ela.

– Esta cidade é simplesmente *inacreditável*. Onde você ouviu isso?

Ela deu de ombros e optou por não comentar minha irritação instantânea diante de suas palavras.

– Hallingford é um lugar pequeno. As pessoas falam. Você sabe disso.

Eu podia sentir meus lábios se contraírem.

– São coisas desse tipo que me fazem sentir saudades de morar em Londres, onde não temos de explicar tudo o que fazemos a pessoas que nada têm que ver com a nossa vida.

Caroline continuou a me observar. Meu desejo de sair de nossa cidade natal fora para ela um mistério tão grande quanto a física quântica. Ela tinha tudo o que sempre quisera no lugar em que sempre vivera. Para ela, mudar-se dali era uma interrupção desnecessária na sucessão harmoniosa de um plano de vida perfeita. Nossas visões eram quase diametralmente opostas.

– Você ainda sente falta de Londres? Mesmo sendo aqui o lugar onde todos os que você ama vivem?

Olhei para ela com tristeza. Nem todos os que eu amava. Não mais.

– Só não gosto que as pessoas se intrometam naquilo que não diz respeito a elas.

Caroline arqueou uma sobrancelha, o que me forçou a intervir e a explicar.

– Não você. Eu me refiro aos fuxiqueiros da cidade, que espalham fofocas. E entendem tudo errado.

Caroline arqueou a outra sobrancelha. Ela havia aperfeiçoado o gesto, transformando-o em uma arte.

– Aquilo não foi um encontro, nada desse tipo – emendei.

– Mas vocês *realmente* foram almoçar juntos?

Ela estava começando a parecer uma promotora em um julgamento. E embora eu soubesse que não havia feito nada de errado, senti-me imediatamente

culpada.

– Jack apareceu na livraria procurando um livro e, como era hora do almoço, ele sugeriu que saíssemos e comêssemos alguma coisa. Só isso. Fim da história.

Deliberadamente omiti o interessante fato de que ele havia me procurado em cada uma das livrarias da cidade, pois nem mesmo eu sabia por que ele tinha feito aquilo. Caroline me olhou com atenção, e seus olhos pareciam arrancar-me as palavras, então continuei:

– De qualquer forma, ele é casado e feliz, e eu estou quase lá. Mas não creio que a “fábrica de fofocas” tenha decidido divulgar esse detalhe, não é mesmo?

Em geral, o ataque é a melhor defesa, exceto quando a outra pessoa a conhece tão bem quanto Caroline me conhecia.

– E o que foi que Richard disse quando você lhe contou sobre isso?

– Como não era importante, nem disse nada a ele.

Ela ficou me olhando por muito tempo, e então estendeu os braços e segurou a minha mão, antes de recomendar, com gentileza:

– Tenha cuidado, Emma. Tenha muito cuidado.

Em se tratando de conselhos, este era quase tão inútil quanto aquele: “É preciso dar tempo ao tempo.” E talvez já fosse tarde demais.



Por que será que assim que a pessoa toma uma resolução, uma de fato sensata, madura e bem-pensada – como a de evitar todo e qualquer contato com Jack Monroe –, o destino se intromete e atrapalha todos os seus planos? Para mim, o destino chegou em uma manhã de terça-feira, quando eu saía para o trabalho. Veio na forma de um mensageiro de uma renomada empresa especializada em serviços de entrega. Não tive escolha senão descer do carro e cumprimentá-lo, porque ele estacionara logo atrás de mim, impedindo minha saída.

– Emma Marshall? – perguntou ele, consultando o pequeno dispositivo eletrônico que trazia consigo.

– Sou eu – confirmei.

– Encomenda para a senhora. Pode assinar aqui, por favor?

Ele me estendeu um aparelho e eu assinei na pequena tela.

Em seguida, ele me entregou um volume grande e quadrado, embrulhado em papel pardo. Não era pesado, e parecia um tanto macio, como se contivesse algum tipo de tecido. Curiosa, estudei a letra desconhecida na etiqueta de identificação do remetente. Além do livro de Jack, eu não havia encomendado nada nos últimos dias, mas, por mais intrigada que estivesse com seu conteúdo, aquele embrulho tinha sido feito com excessivo cuidado e, ao que parecia, quase um rolo inteiro de fita adesiva, e eu já estava atrasada. Então eu o pus debaixo do

braço e o joguei no banco do carona, ao meu lado.

Cheguei atrasada ao trabalho, quando Monique já atendia dois clientes. Então deixei o pacote em uma prateleira do cômodo dos fundos e segui com pressa para a loja. Algumas horas se passaram até que eu precisasse ir aos fundos da livraria, e foi aquele volume ainda intocado a primeira coisa em que reparei ali. Enquanto aguardava que a água da chaleira fervesse, apanhei uma tesoura afiada e comecei a desfazer o embrulho que alguém se esmerara tanto em preparar para que chegasse intacto até mim. Esse alguém era a mãe de Amy. Estivera quase certa daquilo, mesmo antes de ler o bilhete destinado a mim, que fora colocado sobre uma jaqueta de couro caprichosamente dobrada dentro de um saco de lavanderia. Ao lado do meu, havia outro bilhete. Mas o envelope deste não trazia nenhum nome – creio que porque ela nunca o tenha sabido.

Abri o meu envelope com cuidado, sentando-me na borda da mesa enquanto lia o bilhete escrito à mão com muito capricho.

Querida Emma, lamento incomodá-la com isso, mas eu não sabia a quem mais recorrer. Entre os pertences de Amy que o hospital nos entregou estava esta jaqueta masculina que lhe enviei. Creio que deva pertencer ao americano que parou para ajudá-las depois do acidente. Mandeí lavá-la, e acredito que as manchas tenham sido todas removidas. Alguém me disse que os viu conversando no funeral, então estou torcendo para que tenha o endereço dele, de modo que possamos devolver-lhe a jaqueta. Também incluí uma carta de agradecimento, e ficaria grata se pudesse entregá-la.

Obrigada, Emma, por todo o apoio que você e Caroline deram a Donald e a mim nesse momento terrível. Vocês foram amigas maravilhosas para Amy, e ela teve muita sorte de tê-las na vida dela.

Por favor, mantenha contato.

Com amor e nossos mais sinceros agradecimentos, Linda e Donald (mãe e pai de Amy).

Chorei quando ela nos agradeceu o fato de termos sido amigas de Amy, como se nossa amizade alguma vez pudesse ter sido uma espécie de sacrifício. E então chorei ainda mais quando li as palavras entre parênteses após a assinatura, porque elas não tinham sido escritas com o intuito de identificá-los (obviamente, eu sabia quem eles eram), mas para reafirmar que, embora não estivesse mais com eles, Amy ainda era a garotinha dos dois.

– Você foi a outro país buscar esse café...? – começou Monique, porém viu a pequena pilha de lenços de papel usados e meu nariz excessivamente vermelho... e logo se colocou ao meu lado.

Entreguei-lhe o bilhete de Linda e Monique o leu rapidamente, voltando os olhos para mim após cada frase, para conferir como eu estava. Depois que me

devolveu o papel, ela fungou, pegou um lenço e assoou o nariz ruidosamente.

– É melhor colocarmos conhaque no café – declarou.

Tentei um sorrisinho e descobri que quase me lembrava de como fazê-lo.

– Deve ser terrível para eles – comentou Monique.

Olhei para ela, triste.

– É terrível para todos nós.



Era simplesmente impossível ignorar a jaqueta sobre a mesa, naquela capa plástica da lavanderia: meus olhos eram atraídos para ela sempre que eu estava por perto. E, como uma bomba-relógio, ela era um lembrete físico de que, mais tarde naquele dia, eu seria forçada a quebrar a resolução que tomara havia menos de 24 horas, quando tinha decidido que evitaria qualquer contato com Jack Monroe. Mas havia algo ainda pior: todas as vezes que eu olhava a jaqueta, no mesmo instante me lembrava das palavras do bilhete de Linda. Como devia ter sido difícil e incredivelmente doloroso para ela ter que se referir às manchas na roupa, o tempo todo sabendo o que elas eram e como tinham ido parar ali!



Eu dirigia com cuidado ao longo da estrada costeira sinuosa. Mesmo trabalhando na velocidade máxima, os limpadores de para-brisa tinham dificuldade para enfrentar a chuva torrencial que começara a cair assim que alcancei a vila de Trentwell. E eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de para onde estava indo, exceto pelo que Jack mencionara: que o chalé que ele tinha alugado dava para uma pequena enseada. Havia apenas algumas estradinhas nas quais as casas se encaixavam àquela descrição, então eu tivera esperança de que não seria muito difícil. Mas naquele momento, com toda aquela chuva, meu plano de encontrar a casa sem o endereço parecia extremamente idiota.

Relâmpagos cintilavam cortando o céu, tão dramáticos e deslumbrantes quanto uma faca que ceifasse o crepúsculo vespertino. Reduzi a velocidade e quase parei enquanto o estrondo de um trovão ecoava. Em uma rajada de ferozes projéteis líquidos, a chuva parecia atacar o teto e o capô do meu carro como uma metralhadora e, associada ao anoitecer sob as nuvens pesadas, reduzia minha visibilidade a poucos metros.

– Isso é ridículo – murmurei, percebendo que teria de abandonar minha missão.

Assim que houvesse condições, eu retornaria na próxima entrada para carros e tomaria o rumo de casa. De repente, vislumbrei um intervalo na cerca viva e

peguei o acostamento para fazer a volta. Bem à minha frente, iluminado pelas luzes gêmeas dos meus faróis, estava o carro de Jack, estacionado no fim de um longo caminho que levava a um pequeno chalé de pedra. Desliguei o motor e os faróis e fitei o chalé através do aguaceiro. Era o tipo de lugar que fotografavam e transformavam em quebra-cabeças. Janelas de sacada ladeavam a porta de entrada, e havia um charme rústico e aconchegante nas paredes de pedra áspera. Não se via nenhuma luz no interior, mas, com aquele tempo, era improvável que Jack estivesse fora de casa, embora ele *tivesse* mencionado que a praia deserta era boa para corridas. Talvez eu pudesse deixar a jaqueta sem ter que vê-lo... Saí do carro e corri até a porta e, embora eu tivesse percorrido uma distância de menos de cinco metros, tinha ficado completamente molhada. Ao lado da porta de carvalho havia uma sineta de metal antiga, e eu a puxei, mas, se algum som se fez presente dentro da casa, ele decerto se confundiu com o barulho da chuva e dos trovões. Eu não levava um casaco, e a camisa fina que tinha usado no trabalho colava no meu corpo como uma segunda pele à medida que a chuva, ao cair sobre mim como um jato, literalmente me lavava. E eu permanecia tremendo diante da porta de Jack.

– Por favor, não esteja em casa. Por favor, não esteja em casa – murmurei.

Eu já estava procurando do lado de fora da casa por um lugar seco no qual pudesse deixar a jaqueta e o bilhete, quando, de repente, a porta se abriu e Jack apareceu à minha frente.

A primeira coisa que me veio à cabeça deve ser o que passa pela dos homens quando estão vendo revistas masculinas. Mas não peço desculpas por isso de maneira nenhuma. Mesmo sendo noiva, comprometida com outra pessoa, eu não era cega, nem tampouco imune ao que, tenho certeza, foi apenas puro reflexo dos hormônios. Jack estava nu da cintura para cima, e o jeans velho e desbotado, que ele devia ter vestido rapidamente sobre o corpo ainda úmido, colava em lugares que eu não deveria olhar. Mas olhei, mesmo assim.

– Emma – disse ele, dando um sorriso que indicava surpresa e abrindo ainda mais a porta, em um gesto de boas-vindas. – Entre.

Gotas voaram ao meu redor quando sacudi a cabeça como um cachorro molhado.

– Não, está tudo bem. Não posso ficar. Só vim trazer uma coisa para você. Espere aí, que está no carro.

Um braço de músculos definidos se estendeu na chuva e segurou meu pulso.

– Bem, a menos que seja um bote, pode esperar a tempestade aplacar. Agora entre, antes que você se afogue.

A não ser que eu arrancasse meu braço de sua mão, não havia muito que eu pudesse fazer, exceto deixar-me gentilmente conduzir para dentro da casa. O corredor era escuro e estreito e era quase impossível não se deixar dominar pelo intoxicante coquetel de nossa pele úmida e qualquer que tenha sido o sabonete

que ele usara no banho.

– Por aqui – disse ele, enquanto sua mão deslizava dos ossos delicados do meu pulso e se unia confortavelmente à minha.

Eu o segui em silêncio, perguntando-me quão mais espetacularmente eu falharia em meu plano de me manter distante daquele homem. Até aquele momento, poucos minutos tinham transcorrido, e Jack já me conduzia pela mão para o interior de sua casa isolada, seminu, enquanto minhas roupas se colavam de maneira tão reveladora ao meu corpo que daria no mesmo se eu estivesse sem elas.

A cozinha era uma caverna quente e confortável, com vigas aparentes e paredes de pedra, além de um fogão de ferro fundido. Agora que era uma verdadeira antiguidade e emitia acolhedoras ondas de calor. Instintivamente, segui em sua direção. A única fonte de luz eram os últimos e cinzentos cacos do dia, estilizados pelos relâmpagos e visíveis através das portas duplas de vidro que davam para um pequeno jardim e o mar mais adiante.

– Uau! – exclamei, com um arquejo, quando todo o céu foi iluminado por um imenso raio que pareceu sumir nas ondas do mar. – Que vista incrível!!

– É, sim.

Ao ouvir a voz de Jack, senti os minúsculos pelos de minha nuca se eriçarem e involuntariamente estremei.

– Você está com frio – observou ele.

Vi que seus olhos desceram para minha blusa encharcada. Ele puxou uma toalha que estava dobrada sobre o fogão, mas, em vez de passá-la para mim, parou à minha frente e a desdobrou, colocando-a em torno dos meus ombros, como um toureiro que manejasse uma capa. Ele deveria ter largado as bordas da toalha, ou eu deveria ter recuado um passo, mas não nos movemos. Ouvi que minha respiração soara ligeiramente áspera e senti uma vontade louca e quase irresistível de pousar minha mão na parede muscular de seu peito. Os olhos de Jack estavam cravados nos meus e vi suas pupilas se dilatarem. A advertência de Caroline não encontrou eco em minha mente. Eu não devia estar fazendo aquilo. Nem ele. Encontrei forças para me afastar e, quando o fiz, o encanto se quebrou. Esfreguei a toalha energeticamente em minhas roupas encharcadas, enquanto ele apanhava uma camisa que estava pendurada no encosto de uma cadeira. Tentei não prestar atenção na interação dos músculos enquanto ele se esticava para vestir a camisa de mangas curtas, mas era difícil não olhar.

– Desculpe não poder lhe oferecer uma bebida quente ou algo assim – disse ele. – A luz acabou durante a tempestade.

Aquilo explicava a casa às escuras.

– Isso acontece bastante por aqui – comentei, feliz por poder conversar sobre cabos de energia, a rede elétrica nacional, loucas condições climáticas, qualquer coisa que não aquele momento de intimidade que ambos nos esforçávamos por

fingir que não acabara de acontecer. – Ao menos você tem o Aga para cozinhar e ferver água.

– Vou parecer estúpido se eu disser “hein”?

Daquele jeito estava melhor: era muito mais como as brincadeiras que tínhamos feito durante o almoço, no outro dia. *Aquilo* era inofensivo e trivial. Com *aquilo* eu podia lidar. Corri os olhos pela cozinha que ia mergulhando no escuro. Eu buscava uma chaleira, mas só consegui avistar uma elétrica, então peguei uma panela de ferro fundido em um suporte próximo.

– Vou lhe mostrar – prometi, enchendo a panela de água. – Ai, todos os clichês que você já ouviu sobre os britânicos e o seu hábito de beber chá passarão a ser verdade.

Ele riu e me trouxe saquinhos de chá, canecas e leite, que pegou na geladeira.

– Como você é especialista nesse tal Aga, poderia me ajudar com isto mais tarde? – perguntou ele, tirando da geladeira uma bandeja com dois bifes enormes. – Não posso deixar que estraguem... E quem sabe quanto tempo ficaremos sem energia elétrica?

Enquanto aguardava a água ferver, estendi as mãos frias ao calor que irradiava do fogão. Minha blusa ainda estava desconfortavelmente molhada.

– Deixe-me buscar algo seco que você possa vestir – ofereceu Jack, desaparecendo no corredor escuro.

Alguns minutos depois, voltou trazendo um moletom cinza-claro que exibia a logomarca da Universidade de Harvard e o entregou a mim. Corri o dedo sobre a insígnia e ergui as sobrancelhas, com admiração.

– O garoto do Texas fez bonito – falei com um sorriso.

– Tive pais que me apoiaram e ótimos professores – respondeu ele com humildade, e gostei da maneira como ele não reivindicou o crédito de seu sucesso acadêmico, embora eu tivesse certeza de que o merecera.

Sacudi levemente o moletom, abrindo-o, e o deslizei por minha cabeça, tentando ignorar o perfume entranhado no tecido.

– Posso me virar – disse de modo cavalheiresco quando comecei a desabotoar a blusa molhada passando a mão sob o moletom largo.

– Não, está tudo bem – garanti, puxando botões relutantes por buracos que não queriam que eles saíssem.

Ele observava com um leve ar de diversão enquanto eu prosseguia na tentativa de me livrar da blusa, em uma série deselegante de movimentos, que incluíram tirar a cabeça da gola e quase enfiá-la pelas imensas mangas do moletom dele. Eu estava começando a sentir calor e a ficar agitada, e era grande a chance de que estivesse presa dentro da porcaria do casaco.

– Precisa de ajuda? – ofereceu ele, educadamente, contraindo os lábios.

– Não, estou bem – garanti.

Então fiz uma careta quando um músculo estirou dolorosamente em meu

pescoço. Cerrei os dentes com determinação.

- Vi fazerem isso uma vez em um filme... pareceu muito mais fácil do que é.
- Também não me lembrava de a atriz ter grunhido tanto quanto eu.
- *Flashdance*, creio eu – disse ele, com tranquilidade.

Interrompi meu contorcionismo por um segundo e olhei para ele.

– Estou impressionada.

– É que gosto de cinema.

Gostava mesmo. Dava para perceber.

Por fim, consegui me livrar de minha peça de roupa problemática. Dei um imenso suspiro de alívio ao puxar a blusa molhada de baixo do moletom de Harvard.

– Mas, se eu lembro corretamente, a garota do filme estava na verdade tirando o sutiã – afirmou Jack.

Dei um sorrisinho de satisfação ao puxar a peça íntima de renda de dentro da manga do moletom, como um mágico que tirasse um coelho da cartola.

– Agora sou *eu* que estou impressionado.



Ficamos sentados à pequena mesa da cozinha, bebendo chá à luz que se extinguia e olhando a tempestade que desabava lá fora. Era como se estivéssemos abrigados em uma ilha tranquila ou em um porto, protegidos não só dos fenômenos atmosféricos, como também de todos os outros perigos e preocupações do mundo além daquelas paredes. Jack fazia com que eu me sentisse segura. Isso tinha de estar ligado ao fato de ele ter salvado a minha vida, não tinha? No entanto, não explicava a curiosa sensação que eu experimentava: como se tivesse acabado de encontrar o caminho para casa, após uma jornada muito longa.

Sheridan. O nome soou em minha cabeça como o dobrar de um sino. A casa de Jack era com *ela*, não comigo. Descansei a caneca na mesa com um pouco mais de força que o necessário, fazendo com que ele, que observava os relâmpagos lá fora, se voltasse e olhasse para mim.

– Tem tempestades assim no Texas? – perguntei, desajeitadamente forçando que a conversa nos fizesse lembrar a nós dois da casa e da vida de Jack em outro lugar.

– Eu não moro mais no Texas. Nós nos mudamos para Nova York quando eu era criança.

– E é lá que você mora agora? – perguntei, sem habilidade, lançando janelas afora, para juntar-se à tempestade, toda a minha pretensão de sutileza.

Ele me estudou demoradamente antes de responder, e imaginei que, já tendo sido entrevistado por um número suficiente de jornalistas, era fácil para Jack

reconhecer uma pergunta com segundas intenções. E era preciso reconhecer que a minha não tinha sido nada engenhosa.

– Cresci em Nova Yorke e morei lá a maior parte da minha vida adulta. Então, alguns anos atrás, quando os livros começaram a fazer sucesso, comprei um pequeno rancho no interior do estado, e é lá que eu moro agora.

Estava escurecendo rapidamente, e não víamos mais nada na cozinha, então Jack pegou uma caixa de velas em um armário ao lado da pia. Ouvi o rascar de um fósforo antes que ele retomasse nossa conversa.

– E vocês? Você e Richard planejam continuar por aqui depois que se casarem?

Engoli em seco, sentindo-me um pouco desconfortável com a pergunta. Será que havia nela uma crítica implícita ou eu só estava sendo excessivamente sensível?

– Sim, bem, é onde nossas famílias e amigos vivem, é onde trabalhamos.

Ele assentiu, porém mais uma vez pude perceber que minha resposta causara certo desapontamento, o que me deixou com raiva. Ele não tinha o direito de me julgar, de *nos* julgar, por sermos provincianos. Não havia nada de errado nisso.

– Então, há quanto tempo vocês estão noivos?

– Desde o Natal.

Ele pegou uma vela e a colocou no parapeito da janela ao lado da pia, e a iluminação conseguida foi suficiente para que eu visse sua expressão de surpresa.

– Tão recente assim? Não sei por quê, mas tive a impressão de que vocês estivessem juntos há muito mais tempo.

– Começamos a namorar ainda adolescentes, mas rompemos por um tempo. Eu fiquei fora.

Ele prosseguiu na tarefa de colocar velas em pontos estratégicos da cozinha. As chamas bruxuleantes lançavam sombras nas rústicas paredes de pedra, dando ao ambiente um aspecto de gruta encantada.

– Então, aonde você foi quando esteve “fora”? – perguntou Jack, e ficou claro que ele não estava mais interessado em discutir meu relacionamento.

– Londres, para começar, e então, por causa do trabalho, morei um ano e meio em Washington.

Ele se virou para me encarar, com uma expressão de surpresa.

– Presumo que você não esteja falando do seu trabalho na livraria...

A observação me fez sorrir.

– Não. Eu era da área de marketing. Eu *sou* da área de marketing – corrigi, odiando a maneira como, havia algum tempo, eu tinha começado a me referir à profissão da minha escolha: no passado.

Ele me olhou com curiosidade, esperando que eu continuasse.

– Tive de fazer um pequeno... intervalo na carreira... um ano sabático,

suponho que você fosse chamar assim.

Fiz uma pausa, porque sempre me sentia desconfortável quando precisava dar aquela explicação.

– Minha mãe não anda bem de saúde, então voltei para casa por um tempo, para ajudar meu pai nos cuidados com ela.

Vi admiração e compreensão nos olhos de Jack.

– Até que ela melhora?

Fiz outra pausa diante daquele questionamento.

– Na verdade, não. Até que ela piore. Ou, ao menos, até que fique tão mal que meu pai finalmente seja capaz de aceitar o que está acontecendo e deixar que ela vá.

Ergui os olhos, lutando para não chorar. Minhas palavras talvez soassem duras, mas *eu* certamente não era, e ainda menos depois do acidente.

– É Alzheimer – contei, por fim.

Só que as palavras saíram um pouco abafadas, porque, de alguma forma que eu não lembro como aconteceu, quando as pronunciei eu estava sendo confortada nos braços de Jack, com a boca de encontro à parede de seu peito.

Ele não me ofereceu palavras, e eu fiquei feliz por ele não recitar alguma banalidade bem-intencionada porém ineficaz. Para um homem que ganhava a vida com palavras, ele certamente sabia quando elas não eram necessárias. Eu gostava daquilo, de verdade. Por fim, sentindo-me muito constrangida, eu me afastei.

– Então – comecei a perguntar, exibindo um sorriso de falsa alegria e bochechas manchadas de lágrimas –, você ainda quer que eu tente cozinhar aqueles bifes?

Enquanto ele começava a preparar uma salada, vasculhei as gavetas do fogão, em busca de uma frigideira. Trabalhamos juntos em um silêncio amistoso, como se aquela fosse apenas uma de muitas refeições que houvéssemos preparado juntos. E o mais surpreendente era que nada daquilo, por mais desconhecido que fosse, parecia absolutamente *estranho*. Ergui os olhos algumas vezes e o peguei olhando para mim com uma expressão que era difícil de definir. Talvez se tratasse – e isso era o mais perto que eu podia chegar de uma definição – de uma espécie de incompreensão que ao mesmo tempo surpreendia e agradava. Eu me sentia como ele.

Quis perguntar se ele costumava cozinhar em casa com a esposa, não porque estivesse interessada, mas só porque pensei que um de nós devia ao menos reconhecer a existência de nossos pares ausentes. No entanto, por algum motivo, o momento certo não se apresentou. Comemos à mesa da cozinha, à luz de velas. Eu queimara um pouco os bifes, mas Jack era educado demais para dizer outra coisa senão que era exatamente daquele jeito que ele gostava da carne. Ele abriu uma garrafa de vinho, mas eu só tomei uma taça pequena, dizendo que logo teria

de voltar para casa dirigindo.

– Não acho que você deva ir até que a tempestade passe – disse Jack, solenemente. – A estrada costeira não é iluminada e fica muito perigosa na chuva.

Veio à minha mente a imagem de outra estrada escura que ambos tínhamos razão para recordar bem. Sobrevivente e salvador, trocamos um olhar longo e expressivo.

– Não posso chegar tarde – expliquei. – Nos últimos tempos, meus pais ficam em pânico permanente quando dirijo.

– É compreensível. Você não pode ligar?

– Bem, Richard vai telefonar da Áustria, mais tarde, e não acho que vá ficar muito satisfeito se souber que ainda não estou em casa.

O que eu de fato queria dizer era “se souber que estou com você”, e acho que Jack percebeu aquilo.

– Mas ele não ia querer que você dirigisse quando as estradas não estão seguras...

– É claro que não – confirmei, em defesa do meu noivo.

Não havia uma forma educada de dizer que Richard provavelmente pensaria que minha segurança estava mais em risco na companhia de Jack que nas estradas. De repente me senti esmagada por uma imensa onda de culpa.

Jack deve ter percebido meu desconforto, pois estendeu o braço sobre a mesa e deu tapinhas nas costas da minha mão, como fazemos quando queremos acalmar uma criança assustada.

– Não se preocupe. Vamos levá-la para casa, de uma forma ou de outra. – E lembrou, de repente: – Mais cedo, quando chegou aqui, você disse que tinha trazido algo para mim. O que era?

Rapidamente retirei minha mão de baixo da dele, quando aquelas palavras fizeram que eu recordasse o propósito de minha visita. Tive a sensação de que haviam jogado um balde de água gelada em mim.

– Deixei no carro. Vou lá buscar – disse, afastando-me da mesa e seguindo para a porta da frente, antes que ele pudesse me deter.

Ainda estava chovendo, mas nem de perto tão violentamente quanto antes. Em segundos, voltei e entreguei a ele, agora molhado de chuva, o pacote de papel pardo que eu novamente embalara, de modo um tanto frouxo. Havia um sorriso de curiosidade em seu rosto bonito, que lentamente congelou quando ele viu a jaqueta. Em silêncio, Jack voltou à cozinha e, à luz das velas, leu o bilhete que a mãe de Amy escrevera.

– Pode me dar o endereço deles? – perguntou, circunspecto. – Gostaria de responder ao bilhete.

– É claro.

Ele olhou a jaqueta de couro dobrada e eu me perguntei se, como o vestido

que eu usara naquela noite fatídica, a jaqueta também seria descartada. Alguns objetos permanecem eternamente maculados, por mais que se consiga remover suas manchas superficiais.

Ficamos em silêncio por um longo tempo. Quando Jack voltou a falar, foi para fazer uma pergunta. Uma pergunta que, em retrospectiva, deveria ter sido precedida por uma buzina de advertência.

– Tem uma coisa que vem me intrigando em relação àquela noite, uma coisa que Amy disse. De que ela estava falando quando lhe agradeceu por tê-la perdoado?

Franzi a testa, genuinamente confusa com as palavras de Jack.

– Do que você está falando?

– Você não lembra... – começou ele, em tom alentador –... momentos antes de as ambulâncias chegarem... Amy agradeceu o fato de você ter sido uma boa amiga e ter perdoado alguma coisa... Parecia tão importante para ela que me deixou curioso.

– Eu... eu não sei – respondi, balançando a cabeça lentamente de um lado para outro.

Eu havia esquecido as palavras de Amy até aquele momento, e alguma coisa dentro de mim se contraiu e retesou com aquela lembrança. Eu estava ciente de que Jack ainda me observava.

– Não acho que ela soubesse o que estava dizendo – continuei, com a voz não muito estável. – Mas isso não chega a surpreender, não é? Ela mal estava consciente, nada do que disse fazia sentido.

– Desculpe – disse Jack ao ver minha expressão de angústia.

De repente eu estava lá de volta, ajoelhada naquele asfalto molhado, olhando para minha amiga horivelmente machucada, segurando sua mão... e nunca, nem por um só momento, imaginando que aquela seria a última conversa que teríamos.

Pela segunda vez naquela noite, os braços de Jack me envolveram, consolando-me. O soluço pareceu vir de algum lugar bem fundo dentro de mim, de um poço que eu havia tentado selar – não com muito êxito, como era possível ver. Jack me manteve abraçada a ele gentilmente enquanto eu chorava, e havia uma libertação em poder ser assim com Jack, porque, diferentemente do que acontecia quando eu estava com Richard ou Caroline, eu não precisava me preocupar com a dor *dele*, a perda *dele* ou com os sentimentos *dele*: podia apenas permitir que a onda de dor me erguesse e me lançasse a terra, quando finalmente morresse na praia. Minhas mãos estavam presas entre nós, pousadas em seu peito, e eu podia sentir as batidas fortes e regulares de seu coração. Jack ainda me segurava junto ao seu corpo quando uma de suas mãos seguiu para o meu cabelo, alisando-o suavemente contra a curva de minha nuca. Gradualmente a torrente de lágrimas diminuiu, tornando-se um fio. Afastei a

cabeça de seu peito e da grande mancha molhada que eu deixara em sua camisa.

– Desculpe – sussurrei, e até minha voz soava alquebrada e magoada.

– Shhh.

Ele procurou me acalmar, e então, sem nenhum aviso, nenhum sinal ou indicio de que aquilo estaria prestes a acontecer, sua cabeça baixou e seus lábios delicadamente roçaram os meus.

Ele nos separamos como se tivéssemos sido eletrocutados. Meu arquejo de choque eliminou todas as outras emoções, como um incêndio que se espalhasse pela floresta. Meus olhos cintilavam, furiosos. Então tudo não passava daquilo? Ele só me consolara pensando em tirar vantagem de minha vulnerabilidade? Como eu pudera me enganar tanto?

Olhei para ele, que parecia tão chocado com o que fizera quanto eu – e quase tão horrorizado também. Ele estendeu uma das mãos em minha direção, como alguém que tentasse repelir alguma coisa maligna. Como se de alguma forma tudo aquilo fosse *minha* culpa.

– Que diabo...? – gritei.

– Desculpe. Eu não tinha a intenção de fazer aquilo. Não sei o que passou pela minha cabeça.

Havia, provavelmente, algum tipo de significado insultante no que ele dissera, mas eu estava furiosa demais para captar nuances.

– Não estava tentando me aproveitar de você. Por favor, acredite nisso, Emma.

Encarei Jack como se nunca o tivesse visto, como se ele fosse um estranho – o que, na realidade, era exatamente o que ele era. Olhei à minha volta freneticamente, procurando minha bolsa, e a peguei.

– Emma, por favor. – implorou Jack, com a mão ainda estendida e o rosto aflito. – Não sei nem como isso aconteceu. Eu não queria beijar você. Eu *não* quero beijar você.

Será que ele achava mesmo que alguma coisa do que estava dizendo poderia melhorar a situação?

– É bom saber – rebati, com amargura –, mas isso não muda absolutamente nada.

Dei meia-volta e segui para a porta.

– Emma, espere – gritou Jack, fechando a mão em meu pulso e me fazendo virar para ele. – Me deixe explicar.

– Poupe sua explicação – disparei, com rispidez. – Não sei por que você fez aquilo, nem me importa. Mas o que quer que essa... essa *amizade* pudesse ser, você acabou de arruinar.

Havia uma bola compacta de dor em meu peito, e eu podia senti-la queimando como um cometa raivoso quando olhei para ele.

– Pensei que você me entendesse. Pensei que estivéssemos nos tornando amigos, que eu pudesse confiar em você.

– Eu entendo, estamos e você pode – disse ele.

Balancei a cabeça e vi que já estava na porta da casa sem me dar conta de como tinha chegado ali. Mas ele estava bem atrás de mim, de modo que, quando me virei para me despedir, quase colidi com ele.

– Devo muito a você, Jack. Jamais vou negar isso. Mas o que acaba de fazer... bem, isso passou dos limites.

Se minhas palavras tiveram algum significado para ele, Jack escondeu bem.

– Então, obrigada por salvar minha vida, aproveite o restante da sua e, se tiver alguma decência, faça um favor a nós dois e fique o mais distante possível de mim.

A essa altura, eu já estava do lado de fora. Podia ouvir, pelo barulho do cascalho sob nossos pés, que ele ainda estava me seguindo. Entrei no carro, e meu coração martelava loucamente quando arrisquei olhar para onde ele estava, observando-me com uma expressão agoniada no rosto. Minha mão tremia tanto que foram necessárias três tentativas até que eu finalmente conseguisse enfiar a chave na ignição.

Iluminadas pelo feixe de luz dos meus faróis, vi suas feições lançadas em um relevo de sombras. Seus olhos pareciam desolados quando ele correu a mão sobre a boca, e meus próprios lábios formigaram traiçoeiramente com a lembrança. A culpa subiu como bile em minha garganta, amarga e ácida. Pressionei com força o botão que abria minha janela e disse, por fim:

– Richard estava certo sobre você.

Jack se encolheu como se eu o tivesse cortado.

– Que diabo você estava pensando? Você e sua mulher podem gostar desse lixo de relacionamento aberto, mas *eu* certamente não!

Dei marcha à ré e acelerei pela entrada de sua garagem, arrancando a grama que a ladeava, em minha pressa. Eu devia estar prestando mais atenção, mas meus olhos estavam fixos apenas na expressão aturdida no rosto de Jack.

CAPÍTULO 7

Obom da raiva, daquele tipo de raiva cega e sangrenta que eu sentia quando deixei a casa de Jack, é que ela lhe dá algo tangível em que focar. E enquanto se está ocupado inflamando e alimentando essa raiva com todas as coisas inteligentes e mordazes que deveria ter dito – se as palavras ao menos tivessem vindo à mente, na ocasião –, não é preciso se preocupar em cavar mais fundo e revelar aquilo que *de fato* o está consumindo.

Mas, como a tempestade da noite anterior, minha raiva só podia durar o tempo que fosse necessário para que ela mesma se consumisse. E, à luz do dia, quando o nevoeiro da cólera já se havia dissipado, eu me dei conta de que minha reação ao toque de Jack se devera em grande parte ao sentimento de culpa. Eu permitira que ele se aproximasse de mim, confundindo a dívida que tinha para com ele com um passe livre para a amizade e a confiança. E a própria reação um tanto radical de Richard só havia me deixado teimosamente determinada a provar que meu noivo estava errado. Mas, afora suas ações heroicas na noite do acidente, o que eu realmente sabia sobre Jack? Nada. Estava claro que casamento e relacionamentos (dele ou meu) eram algo que ele estava preparado para negligenciar por completo, sempre que lhe fosse conveniente.

Mais tarde naquela noite, quando Richard telefonou, eu menti, e não me lembrava de já ter feito aquilo antes, *jámais*. Culpei uma gripe pela aspereza em minha voz, e então ouvi minha desonestidade zumbir pela linha telefônica como um mosquito malévolos. Não fiz menção à visita a Jack nem muito menos ao que tinha acontecido no final da noite. É claro que foi apenas uma falta por omissão, mas eu estava bastante atenta à diferença que isso fazia.

Foi somente quando desfieci a cena que tinha acontecido na cozinha de Jack e a enrolei em seguida, como se faz com o fio solto de um tricô, que percebi que tudo começara a ficar fora de controle com a pergunta sobre Amy. Fora uma pergunta insignificante, embora, ao ter sido dita, não poderia mais ser reconsiderada, de modo que continuaria a me corroer até que fosse esclarecido: *o que* Amy acreditava que eu tivesse perdoado? Não me ocorria *absolutamente nada* que algum dia ela pudesse ter feito e que exigisse um pedido de desculpas. E a dúvida ainda mais desconcertante: por que minha boa amiga, com seu

espírito generoso, seu coração aberto e seu jeito alegre de encarar a vida, julgava ter feito algo que tivesse me magoado? Nada seria menos provável que isso.

Mas agora que Jack havia aberto a porta para aquela lembrança, tudo o que eu via quando fechava os olhos era Amy no asfalto frio daquela estrada, agarrada à minha mão como se eu fosse um padre que a estivesse absolvendo em seus momentos finais, e o alívio em seu rosto quando eu lhe dissera que estava tudo bem.

Tentei me convencer de que não havia nenhuma intriga ou mistério oculto nas palavras de minha amiga. Era provável que ela estivesse se desculpando de ter arruinado um par de sapatos que pegara emprestado... ou outra coisa igualmente mundana. *Será mesmo? Será que era isso que estava na mente de Amy em seus últimos momentos? Sandálias de grife arruinadas?* Balancei a cabeça com raiva diante da voz da dúvida, que, por alguma razão, estava falando em meu pensamento com um suave sotaque americano. Que droga, Jack! Por que diabo não guardara suas perguntas estúpidas para si mesmo?

Havia apenas uma pessoa que conhecera Amy tão bem quanto eu; uma pessoa que talvez pudesse me dizer o que eu precisava saber.



– Caroline McAdam.

Sua voz soara nítida e profissional, com uma entonação cantada.

– Oi, Carol, sou eu.

Seu tom de voz se tornou mais brando e caloroso, e o sorriso que eu sabia que ela acabara de abrir era tão visível para mim quanto se eu estivesse diante dela.

– Oi, querida. Como você está?

Era uma boa pergunta, mas não uma a que eu soubesse exatamente como responder naquele momento.

– Estou bem – respondi, porque era aquilo que ela esperava ouvir. – Eu só estava me perguntando... se você teria tempo para um café rápido...

Fez-se uma ligeira pausa, e eu até podia visualizá-la na imobiliária, sentada à sua mesa ao lado da janela, olhando as horas no relógio de pulso e talvez até mordendo o lábio, como sempre fazia quando estava considerando algo inesperado.

– Sim, acho que posso dar uma fugida, se for rapidinho.



Cheguei antes de Caroline ao café, pedi dois cappuccinos e até encontrei uma pequena mesa junto à janela. Pelo vidro, eu a vi se aproximar, acenei e então

retribuí o largo sorriso que ela me deu.

Já lá dentro, ela destampou com cuidado seu café espumante, e eu esperei que ela desse um gole antes de começar a explicar por que a tirara de seu escritório no meio da manhã. Não tínhamos muito tempo.

– Caroline, tem uma coisa que eu preciso lhe perguntar.

Ela ergueu os olhos e delicadamente lambeu a pequena trilha de espuma que a bebida deixara em seu lábio superior.

– Isso parece sério – observou ela.

– Eu... eu não sei. Talvez seja.

Uma pequena ruga surgiu entre as sobrancelhas de minha amiga.

– Então, o que foi?

– Caroline, sobre a noite em que Amy morreu... do que você se lembra?

Observei a musculatura de sua face se contrair como em um espasmo e me odiei por fazer aquilo com ela, mas não havia mais ninguém a quem eu pudesse perguntar.

– Imagino que você não esteja se referindo à despedida de solteira...

Triste, balancei a cabeça, confirmando a suposição de Caroline.

– O acidente – afirmei em voz baixa.

Dessa vez, foi ela quem balançou a cabeça, enquanto desviava de mim os olhos subitamente fascinados pelo que quer que fosse que ela estivesse fingindo olhar pela janela.

– Não me lembro de muito – admitiu. – Depois da festa, tudo não passa de um borrão. Eu me lembro de Amy estar passando mal, do cervo na nossa frente e então... tudo fica um pouco nublado, até o momento em que eu já estava sentada na traseira da ambulância.

Eu sabia que as lembranças de Caroline eram imprecisas, mas não tinha a menor ideia de que havia tantas lacunas assim.

– Então você não se lembra de encontrar Amy na beira da estrada?

Ela voltou a olhar para mim e parecia em choque.

– *Eu* a encontrei? Pensei que tivesse sido Jack...

As palavras de Caroline tiveram um efeito quase visceral sobre mim. Estendi o braço sobre a mesa e segurei sua mão.

– Foi *você* quem chegou até Amy primeiro, querida.

Ela pareceu aflita diante daquela revelação.

– Fui eu? Não fazia ideia. Tudo sumiu. Não consigo me lembrar de nada.

Eu soube então que seria quase inútil fazer a pergunta seguinte, mas a fiz de qualquer jeito.

– Nesse caso, você não se lembra do que ela disse enquanto aguardávamos a ambulância, não é?

Os olhos de minha amiga, transformados em duas imensas bolas de gude azuis, revelavam quanto a pergunta a deixara abalada.

– Como assim? Como ela poderia falar? Amy estava inconsciente.

Balancei a cabeça, triste.

– Não, não estava. Ela estava acordada. Bem, mais ou menos... Meu Deus, Caroline, foi horrível vê-la daquele jeito e não poder fazer nada para ajudá-la!

Caroline estava com os olhos cheios de lágrimas, e eu me odiei por dar a ela a imagem que eu sabia que a manteria acordada por várias noites, exatamente como acontecera comigo.

– Carol, a razão de eu estar falando deste assunto é que me lembrei de algo que Amy disse, algo muito estranho, e me perguntei se você não saberia o que ela quis dizer...

Ela balançou a cabeça, talvez porque continuasse lutando contra a imagem horrível de nossa amiga ainda consciente depois de ter sido lançada pelo para-brisa de seu carro.

– O que foi que ela disse? – perguntou, a voz saindo num sussurro rouco e entrecortado.

– Bem, a princípio pensei que ela estivesse apenas balbuciando coisas sem sentido, mas, agora, não tenho assim tanta certeza... Parecia ser muito importante o que ela estava tentando me dizer, algo sobre estar feliz por eu ter perdoado alguma coisa e ser uma boa amiga. Caroline me encarou, e seus olhos eram duas joias azuis cintilantes.

– Você *era* uma boa amiga – afirmou.

Acenei com a cabeça.

– Não, o que ela estava tentando me dizer era mais do que isso. Era como se fosse um agradecimento por eu ter sido tão compreensiva, ter perdoado... Você tem alguma ideia? Sabe do que ela estava falando?

Caroline levou a mão ao seu copo de café e tremia tanto que a espuma se moveu de um lado para outro no recipiente plástico.

– Não. Não tenho a mínima ideia.

Depois de dizer aquilo, ela pegou o café e bebeu um grande gole. E eu me perguntei se minha amiga não estaria tentando lavar da boca o gosto da mentira...

– Caroline – comecei a dizer, desejando sondar um pouco mais –, tem certeza de que não sabe? Não lhe ocorre nada que Amy possa ter dito ou feito e que a estivesse preocupando?

A pergunta soa ridícula em meus lábios.

O rosto de Caroline corou ligeiramente, outro sinal curioso. Mas ela não vacilou.

– Não, é claro que não. Nada do que você está dizendo faz sentido. Tem certeza de que não imaginou essa conversa? Afinal, você tinha acabado de machucar a cabeça.

Aquilo me deixou furiosa, e eu realmente não queria ficar zangada com

minha amiga.

– Não imaginei, não. Até porque não fui só eu que ouvi: Jack também ouviu.

Diante de minhas palavras, ela emudeceu. Baixou os olhos e começou a brincar com o copo plástico.

– Eu realmente não sei o que ela queria dizer – confirmou, quebrando o silêncio. Em seguida, ergueu a cabeça para me olhar, com os olhos cheios de lágrimas, e eu soube que uma constatação muito mais esmagadora tinha superado minhas interrogações quando Caroline por fim desabafou: – Não posso acreditar que ela estivesse consciente...



Minha tarde foi horrível. Eu passara a ter uma nova cota a acrescentar à minha montanha de culpa de crescimento acelerado: magoara Caroline e forçara a volta da noite do acidente ao primeiro plano de sua memória. *Não que o acontecimento tivesse, em algum momento, estado muito longe*, pensei, com tristeza. Sem dúvida, eu fora a culpada do desânimo refletido nos ombros de minha amiga e de seu passo claramente esgotado enquanto ela caminhava de volta para o trabalho, depois de me abraçar na calçada ao se despedir de mim.

Quando Richard telefonou naquela noite, eu quase lhe perguntei sobre o curioso comentário de Amy, mas ele estava apressado, ligando do hospital para onde um aluno fora levado, com um tornozelo machucado, após ter sido retirado da pista de esqui em uma maca. O momento não era adequado, e achei que não faria mal esperar até que ele voltasse. Sorri para a escuridão do meu quarto, deitada na cama, envolvendo meu corpo com os braços e tentando fingir que eram os dele. Apenas mais dois dias. Eu estava sentindo mais saudade de Richard do que pensara que sentiria, e por detalhes que não paravam de me surpreender. Sentia falta das mensagens ridículas sobre nada que ele me enviava ao longo do dia e das piadinhas bobas de internet com que ele continuamente enchia minha caixa de entrada. Sentia falta da massagem que ele fazia nos meus pés quando eu os colocava no colo dele e de como cozinhava pratos de que ele nem mesmo gostava, só porque eu os apreciava. Minha boca se curvou em um sorriso quando pensei em como se podia infalivelmente contar com ele para a resposta perfeita quando, indecisa diante do espelho, eu lhe indagava sobre a minha aparência. Sentia falta da maneira como Richard dizia meu nome, como se ele tivesse um sabor delicioso, ou do modo como ele às vezes olhava para mim, como se nunca fosse se cansar de me ver ao lado dele. Todos as suas arestas se aparavam de encontro às minhas superfícies lisas, e vice-versa. Éramos como duas esculturas de gelo que, tendo ficado muito tempo uma ao lado da outra, acabaram por fundir-se em uma só.

Por mais de um motivo, culpo Jack pelo pesadelo que tive naquela noite. Eu

estivera lendo seu livro antes de dormir, portanto não era tão inesperado que meu subconsciente me transportasse para um cenário no qual eu parecia ser uma detetive no auge de uma investigação. Eu estava em uma espécie de centro de investigação criminal da polícia, acho, pois me via diante de um imenso quadro branco coberto de fotografias, recortes de papel e notas rascunhadas – o mesmo tipo de quadro que eu já vira em inúmeros filmes policiais.

Em meu sonho, felizmente, não havia expostas nele as típicas imagens macabras das cenas dos crimes, mas, ainda assim, as várias fotos ali reunidas eram igualmente dolorosas de ver. Ocupando o centro da montagem estava a fotografia grande e colorida de Amy, a que fora colocada no cavalete em seu funeral. Presas como satélites em torno daquele retrato estavam muitas das fotos que eu vira na cama de Caroline: nós três na escola; nós três, ainda adolescentes, naquelas poses bobas que são comumente tiradas em cabines fotográficas, e também as duas fotos nas quais eu não aparecia: aquela do pub e a de Richard com as estranhíssimas luzes no cabelo. Eu olhei para a minha mão e vi que estava segurando vários outros itens que precisavam ser acrescentados ao quadro. Então me aproximei e preendi nele um pequeno cartão retangular com elaboradas letras prateadas: nosso convite de casamento. O próximo item a ser afixado era um recibo de lavanderia; depois, um tiquete da estação de esqui em que Richard estava hospedado e, por fim, o minúsculo pedaço de papel que eu encontrara no bolso de Amy e no qual ela havia rabiscado o número do telefone do trabalho do meu noivo.

Era tudo tão incrivelmente vívido que, enquanto eu caminhava a passos largos e com determinação em direção ao quadro branco, destampeei o pincel marcador e pude sentir o cheiro pungente de sua tinta. Em seguida, observei enquanto minha mão se movia pelo quadro, e era quase como se ela pertencesse a outra pessoa. Deslocando-se com rapidez pela superfície branca e plana, ela circulava itens em movimentos frenéticos e repetitivos e traçava uma complexa série de linhas entrecruzadas com setas vigorosamente rabiscadas. Recuei um passo e examinei os traços interligados, que conectavam uma série de pistas que meu cérebro em estado de vigília fora capaz de mais para ver.

Acordei ofegante e encharcada de suor, deixando escapar intensos arquejos. Tornei a me deitar sobre os travesseiros úmidos, mas, mesmo assim, as imagens se recusaram a desaparecer como deveriam, feito fumaça no ar. Eu não juntei tudo lentamente, uma pecinha de cada vez: em vez disso, a imagem me veio completa e horrenda. Em um instante, não havia movimento, então pisquei e, de repente, senti o deslocamento das peças, cada uma delas deslizando e se encaixando no devido lugar. Por um minuto, pensei que fosse passar mal, fisicamente mal. Engoli em seco várias vezes e tive que controlar a náusea. Eu tinha que estar errada. Tinha de haver outra explicação. Eu acabara de despertar de um pesadelo, eram quatro da manhã, e eu não estava pensando com clareza.

Tinha que ser essa a causa do que estava acontecendo. Qualquer outra coisa seria simplesmente inconcebível.

Mas às vezes o inconcebível, por mais deplorável que seja, vem a ser a verdade. Todas as pistas tinham estado ali o tempo todo, mas eu me recusara a vê-las. Fora preciso a pergunta de Jack para acender o rastilho, e então a faísca tinha serpenteado inexoravelmente até um imenso barril de dinamite que, se eu estivesse certa, não demoraria a fazer meu mundo em pedaços.

Agora eu via tudo, em uma horrível colagem de imagens e lembranças: Amy e Richard rindo juntos em antigas fotografias; Amy à beira da estrada, após o acidente, segurando minha mão e sussurrando um pedido de desculpas com seu sopro final; o número do telefone do trabalho de Richard escondido entre os pertences de Amy, e a maneira como ele se mostrara tão enlutado no funeral e perturbado nas semanas que se seguiram.

No entanto, por outro lado, havia Richard. O meu Richard, que eu conhecia e em quem confiara a vida toda. O homem que no Natal me dissera que para ele nunca haveria outra mulher no mundo além de mim e que então, diante dos nossos pais, abaixara-se, apoiando-se em um dos joelhos, e me pedira em casamento exibindo uma pequena caixa de veludo com um anel. Era essa lembrança, de todas as que eu gostaria de poder ignorar, que ficava voltando e me atropelando como se fosse um trator.



Na manhã seguinte, eu estava totalmente sem apetite, mas me sentei à mesa da cozinha e me abasteci de café, só para o caso de precisar de alguma ajuda para subir pelas paredes, o que eu já estava fazendo muito bem. Ao amanhecer eu havia enfim decidido esperar até que Richard retornasse, no dia seguinte, para fazer ou dizer o que quer que fosse. Aquela era uma conversa que decididamente tinha de acontecer cara a cara, não através de uma conexão ruim de celular.

Do outro lado da mesa, minha mãe despejava em uma tigela, com todo o cuidado, uma cachoeira dourada de crocantes flocos de milho. Ela gostava de sentir que ainda era suficientemente independente para preparar o próprio café da manhã, o que suponho que se pudesse dizer que ela fazia, se servir o cereal contasse como tanto. Sua cabeça estava baixa enquanto ela encarava a tarefa com toda a metódica concentração de uma criança de 5 anos. À luz da manhã, notei uma fina rede de fios grisalhos entre as mechas ruivas e fiz uma anotação mental sobre marcar um horário para ela com o cabelereiro quando eu chegasse ao trabalho. Aquele era o tipo de providência que meu pai jamais pensaria em tomar, o tipo de peso que eu devia tirar dos ombros dele. Mamãe nunca fora do tipo que ficasse “largada”.

A sensação de perda veio como uma onda não sei de onde e me derrubou

com sua intensidade. Para onde ela teria ido, minha *verdadeira* mãe, não aquela mulher de camisola, sentada na cozinha, que se parecia com ela. Porque eu *precisava* muito de minha mãe agora, onde quer que ela estivesse. Precisava de sua sabedoria e de seus conselhos e, principalmente, precisava muito que ela me dissesse que diabo eu devia fazer em seguida.

Ela ergueu os olhos de sua tarefa e sorriu para mim, e por um breve momento pensei que ela estivesse de volta. Até que ela falou.

– Por acaso você sabe onde guardam o leite agora?

Sentindo-me triste, balancei a cabeça. Ela fazia a mesma pergunta todas as manhãs. Eu me levantei devagar, e me sentia e me movia mais como alguém da idade *dela* que da minha ao responder:

– Não tenho certeza, mãe. Vou olhar na geladeira.



Seria um eufemismo dizer que, naquele dia, eu não estava no auge da minha eficiência no trabalho. Errara o troco dado a três clientes, e somente dois deles tinham sido honestos o bastante para apontar o erro; encomendara cem exemplares de um novo título, em vez de dez, e então, espetacularmente, conseguira derramar uma xícara de café na caixa de uma nova entrega. Com sinceridade, no fim do dia eu tinha sorte de ainda *ter* um emprego, pois eu sem dúvida teria me demitido. Felizmente, Monique era um pouco mais compreensiva e, apesar de ter me xingado – *em francês*, o que era um verdadeiro indicativo do alto grau de seu aborrecimento –, ela, sábia, me deixara sozinha. No entanto, uma hora antes do fim do dia, veio até mim com um pedido solene.

– Emma, você pode me fazer um imenso favor e ir para casa, enquanto ainda me resta a livraria? – disse, num tom gentil.

Eu não posso culpá-la, pensei, enquanto pegava minha bolsa e a chave do carro e seguia para a saída dos fundos da loja.

Eu logo o vi, um segundo ou dois antes de ele me notar. Estava encostado na lateral do meu carro, descontraído, observando as áreas sujas e desertas destinadas à operação de carga e descarga atrás das lojas da rua principal. A porta se fechou com um clique atrás de mim e ele se voltou na minha direção. Fiquei parada no alto dos dois degraus da porta de saída e, por um breve instante considerei a possibilidade de dar meia-volta e implorar a Monique que me deixasse ficar e trabalhar a última hora do expediente. Mas qual seria o sentido, se Jack já tinha me visto?

Quando me aproximei do carro, ele endireitou a postura e, antes de dizer qualquer coisa, ergueu ambas as mãos, como se quisesse afastar a enxurrada de palavras com que eu o havia atacado da última vez que nos vimos.

– Bem, antes de você começar a brigar comigo, deixe-me dizer que reconheço que isso não é exatamente “ficar o mais distante possível de você”, como pediu.

– Não, não é – confirmei, num tom de indiferença. – O que você está fazendo aqui, Jack?

– Estou aguardando seu horário de saída.

– Só termino daqui a uma hora.

Ele deu de ombros brevemente, como se aquilo não tivesse importância, e tornou a se recostar em meu carro.

– Tudo bem, posso esperar.

Balancei a cabeça, exasperada e incrédula.

– Há quanto tempo está aqui?

Ele olhou para o relógio em seu pulso.

– Não muito tempo. Cerca de uma hora, talvez.

Olhei ao redor, analisando o ambiente insalubre da rua dos fundos das lojas: havia lixo espalhado pelo chão e caixotes de madeira quebrados que formavam pilhas altas ao lado de latões de lixo fedorentos e transbordantes. Não era um lugar agradável para passar a tarde.

– Vá para casa, Jack – ordenei, cansada, passando por ele e abrindo a porta do meu carro.

Ele deve ter captado alguma coisa no meu tom de voz, porque qualquer traço de brincadeira que pudesse ter havido em sua fisionomia tinha sumido quando ele disse:

– Vim me desculpar. Eu agi de forma totalmente inapropriada, na outra noite. Você tem todo o direito de ficar com raiva de mim. Já precisou dar conta de muita coisa, há pouco tempo, e de maneira nenhuma eu quero lhe causar mais sofrimento. Meu comportamento foi inaceitável, e não há desculpas para o que aconteceu. Você estava tão triste, e eu a estava abraçando, e consolando, e então...

Sua voz foi sumindo. À luz de tudo o mais que estava acontecendo na minha vida, o comportamento de Jack e a tentativa de beijo haviam despencado na escala das minhas preocupações. Mas ele ainda não merecia meu perdão.

– Então beijar outras mulheres é a sua reação imediata quando elas precisam ser confortadas, é isso?

Meu tom era mordaz.

– Você deve ter uma esposa muito compreensiva mesmo! – completei.

A testa dele se franziu.

– Eu não tenho esposa.

Mais mentiras. De repente, eu parecia estar cercada delas.

– “Para Sheridan, minha amiga, minha amante, minha inspiração e minha esposa. Para sempre, Jack”

Corei ligeiramente enquanto dizia as palavras, só percebendo que as tinha decorado quando as ouvi precipitando-se de minha boca.

– *Vingança amarga* – disse Jack, compreendendo minha reação e suspirando.

– É a dedicatória.

Ele assentiu.

– Você deve ter uma edição antiga. Não está mais lá, nas últimas impressões.

Fiquei calada por um longo momento.

– Eu fui casado, faz muito tempo. Não deu certo.

Ele deu uma risada que soou mais do que um pouco amarga.

– Mas nada disso é desculpa para o meu comportamento, eu sei. *Eu* posso ter um passe livre, mas deveria ter respeitado o fato de que você não tem.

A culpa não era só dele, eu sabia. Eu tinha agido de forma ingênua, mas qualquer mensagem ambígua que eu tivesse passado agora estava muito bem enterrada sob a feia avalanche do conteúdo da caixa de Pandora que ele tinha aberto. Uma caixa em que eu gostaria que ele nunca tivesse mexido.

– Ah, sim – falei, acomodando-me no assento do motorista. – O júri ainda está deliberando sobre essa questão de ter ou não passe livre.

Eu me inclinei um pouco para fora do carro, com o intuito de alcançar a maçaneta interna e bater a porta, mas Jack foi mais rápido que eu: com uma velocidade relâmpago, ele pôs uma das mãos no caixilho e agarrou a borda da porta. Mesmo assim, foi por pouco que a porta não bateu nos dedos dele.

– Esta é mesmo uma *excelente* maneira de perder os dedos – ralhei, porque tirar aquele fino fizera meu coração disparar.

Ele se agachou ao lado da porta aberta.

– O que foi que você acabou de dizer?

– Eu disse que até uma criança é esperta o bastante para não colocar a mão na frente da porta de um carro.

Havia uma intensidade aguçada nos olhos de Jack e mais que um leve toque de impaciência quando ele contestou:

– Não sobre a droga da porta. O que você quis dizer com “o júri ainda está deliberando sobre essa questão de ter ou não passe livre”?

Girei as pernas para fora do carro, forçando-o a levantar-se e a dar um passo para trás enquanto eu saía do veículo.

– Só que talvez eu esteja acusando de traição o homem errado.

Não sei bem que reação eu esperava que ele tivesse. Era a primeira pessoa para quem eu verbalizava a suspeita, portanto talvez todo mundo fosse me olhar daquela maneira que fazia com que eu me sentisse um réu no tribunal, sendo ele o promotor.

– Tem certeza? Porque Richard não me pareceu exatamente desse tipo.

– Ele é homem, não é? – devolvi, com amargura.

– Ai! – murmurou Jack – Nem todos os homens traem, Emma. Alguns de

nós são dignos de confiança.

Suspirei e tentei tirar o tom amargo de minhas palavras.

– Bem, neste momento eu não tenho certeza de *nada* – admiti.

– Então você ainda não falou com ele? Não tem nenhuma prova substancial?

Aquele homem vinha assistindo a muitos dramas de tribunal...

– Não. Ainda não conversamos. Ele só volta amanhã.

– Então o escute, antes de tudo – começou Jack, soando bem mais razoável do que eu esperava. – Dê a Richard a chance de contar o lado *dele* da história.

Assenti relutantemente. Mas era o que eu já havia decidido fazer.

A voz dele se tornou mais leve, tentando trazer algum alívio muito necessário à situação.

– E então, se ele andou mesmo *aprontando* por aí, posso lhe dar algumas dicas sobre como cometer o crime perfeito.

– *Vingança amarga* de novo?

Ele pareceu agradavelmente surpreso de saber que eu conhecia a trama de seu romance de estreia.

– Você leu?

Assenti, e antes que ele começasse a pensar que eu comprara o livro por causa de minha curiosa conexão com ele (o que, claro, era *exatamente* o motivo), acrescentei:

– Não há como evitar a leitura de todo tipo de coisas estranhas quando se trabalha em uma livraria.

– Ai de novo! – brincou ele, fazendo uma careta.

Então ficou em silêncio por um bom tempo, e parecia estar me estudando até que perguntou, hesitante:

– O que vai fazer agora? Esta tarde. Tem algum plano?

Me torturar com a imagem das duas pessoas em quem eu mais confiava me traindo não parecia uma confissão muito admirável.

– Vou para casa – respondi.

– Vou verificar um lugar não muito longe daqui, para minha pesquisa. Por que não vem comigo e me ajuda a descobrir a melhor maneira de me livrar de um corpo em um lago?

Ele deve ter notado a indecisão em meu rosto, porque acrescentou:

– Pode vir a ser útil, caso você decida embarcar em uma carreira de assassina.

Esse estímulo veio acompanhado de olhos nitidamente brilhantes.

– O que está acontecendo aqui, Jack? O que isso significa? *De verdade*: por que você está aqui?

Ele poderia ter se escondido atrás da necessidade de se desculpar da atitude que tomara na casa dele, naquela noite, ou do artifício da pesquisa, mas sua

expressão se tornou séria, e eu soube que ele percebera que nenhuma daquelas respostas iria emplacar.

– De verdade? – repetiu Jack, e eu fiz que sim com a cabeça, antes de ele continuar: – Então terei de ser franco e dizer que eu mesmo não sei ao certo.

Tive a sensação de que não estar certo dos próprios motivos era algo que Jack estava achando um tanto desconfortável.

– A melhor maneira que encontro para explicar é que parece cedo demais para ir embora, apenas. Eu me sinto ligado a você de uma forma que é totalmente desconcertante e bastante ilógica. É quase como se o que começou na noite do acidente ainda não tivesse chegado ao fim. Há algo em relação a tudo isso que parece não resolvido, como se fosse um negócio inacabado – conclui.

Não era uma explicação muito esclarecedora, mas, estranhamente, compreendi o que Jack quis dizer, pois sentia o mesmo que ele.

– E então, o que acha? Quer me ajudar a planejar um crime?

Era, sem dúvida, um dos mais loucos e mais sedutores convites que eu já recebera, e talvez exatamente a distração de que eu precisava.

– Está certo. Por que não?

Ele pôs a mão forte e condutora na base das minhas costas e me guiou até onde seu carro estava estacionado, em um dos compartimentos para carga e descarga vazios.

– Aposto que é assim que as heroínas burras são assassinadas em seus livros – declarei, acomodando-me no banco do passageiro depois de ele abrir a porta para mim.

Ele riu e puxou meu cinto de segurança, para que eu o prendesse na trava. Para um homem que estava alegremente discutindo a melhor maneira de matar alguém, ele era de fato bastante preocupado com segurança.

Enquanto seguíamos para um dos lagos que faziam parte do livro que eu vendera a ele, eu examinava as páginas de papel acetinado e espesso e me sentia mais fascinada pelas anotações que ele rabiscara nas margens com uma grossa tinta preta que pelo texto em si.

– “Desmembramento? Tempo de decomposição? Possibilidade de autópsia?” – citei, fechando o livro e deixando-o descansar em meus joelhos. – Você nunca pensou em escrever algo mais alegre?

Ele riu e tirou os olhos da estrada por um momento, encarando-me.

– Morte vende – explicou, encolhendo os ombros de forma irresistível.

Imaginei que ele soubesse do que estava falando: os últimos três livros de Jack tinham, todos, chegado ao topo da lista de mais vendidos.

– E sexo, é claro. Isso também vende muito – emendou.

Eu enrubesci, o que era inacreditável. Eu era uma mulher adulta e havia alegremente renunciado à minha virgindade havia mais de uma década. Ainda assim, sentira calor e adquirira um tom rosado na face só de ouvi-lo dizer a

palavra *sexo*.

Encontramos o lago com facilidade, e só foi preciso parar uma vez, em um minúsculo povoado rural, para pedir informações a um senhor que caminhava com seu cão. Enquanto o homem explicava a melhor rota, com palavras acompanhadas de enérgicos movimentos dos braços que mais pareciam as pás de um moinho de vento, pude perceber que seu forte sotaque regional era em grande parte indecifrável para Jack. Ao nos afastarmos do simpático aposentado, Jack sorriu e acenou para ele, agradecido, dizendo baixinho na privacidade do carro:

– Puxa, aquele homem precisa de legendas. Não faço a menor ideia do que ele acabou de dizer. Ele estava falando a nossa língua?

Eu ri e, sem pensar no que estava fazendo, estendi a mão e dei tapinhas em seu antebraço bronzeado, enquanto respondia:

– Não se preocupe, Jack. Eu entendi.

Aquele devia ter sido um gesto totalmente irrelevante, porém alguma coisa estranha aconteceu quando minha mão tocou o braço de Jack, sob a manga enrolada. Cada terminação nervosa entrou em sobrecarga sensorial quando sua pele de pelos escuros e macios se conectou com a ponta dos meus dedos. Foi uma reação puramente involuntária, da qual eu não tivera nenhum controle. Talvez muito semelhante à que levava àquele nosso quase beijo. Vi os nós dos dedos de Jack apertarem por reflexo o volante, em reação ao meu toque.

O lago era um ponto conhecido na região por sua beleza e, francamente, era bonito demais para ser o lugar de desova de um corpo. Era cercado por uma densa mata com árvores e vegetação rasteira, exceto em uma das extremidades, onde uma área plana, de grandes rochas lisas, formava uma plataforma levemente inclinada que levava à beira da água. Jack estacionou o carro em uma trilha estreita e seguimos por uma vereda de pitorescas setas pintadas à mão, que nos conduziram ao lago. Uma brisa leve circulava à nossa volta quando deixamos a trilha lado a lado, acertando nosso passo em direção à água delicadamente ondulante. Coberto de musgo, o solo sob nossos pés era macio e irregular, e eu aceitei agradecida o braço que Jack me estendeu quando me viu em dificuldade com meus sapatos de salto.

– Desculpe – falei, apontando meu calçado – Normalmente uso saltos mais altos para passear pelo campo.

– Sem problemas – disse ele, olhando para baixo e então franzindo a testa ao ver os saltos do meu sapato afundando na terra, que ainda estava alagada da tempestade recente.

Ele gesticulou com a cabeça na direção das pedras planas, que estavam a uns vinte metros de distância.

– Vamos para lá, tudo bem?

Arranquei um pé da terra, movimento que foi acompanhado de um ruído que

se assemelhava a um arroto abafado.

– Foi o meu sapato, não eu – esclareci.

O sorriso de Jack foi delicadamente provocador e fez com que ele de repente aparentasse bem menos que seus 36 anos.

– Claro que sim – respondeu.

Seguimos com dificuldade por mais alguns metros, enquanto eu concentrava todo o meu esforço em não cair de cara na lama.

– Seria mais fácil se eu carregasse você – ofereceu Jack, depois que eu agarrei seu braço ao me desequilibrar.

– De jeito nenhum – falei, erguendo os olhos brevemente do solo lamacento. – Eu consigo.

Jack balançou a cabeça.

– Você é teimosa – observou enquanto eu lutava com o terreno sob os meus pés.

– É o que dizem – comentei, apoiando o primeiro pé nas sólidas pedras à margem do lago.

– Eu peço desculpas. Não pensei em toda aquela chuva recente. Os sapatos estão estragados?

Antes que eu pudesse responder, ele se agachou à minha frente e deslizou uma das mãos por meu tornozelo.

– Tire-os – pediu.

Seria minha imaginação ou sua voz soara um pouco mais grave e rouca que o normal?

Fiz como ele pediu, e apoiei as mãos em seus ombros enquanto ele me livrava dos sapatos enlameados. Depois que os tirou, foi até a borda do lago e mergulhou os saltos na água, realizando movimentos circulares. Ficou de costas para mim enquanto se ocupava da tarefa. Quando terminou de limpá-los e voltou para onde eu estava, todos os vestígios de lama e intimidade haviam desaparecido dos meus sapatos e do rosto dele.

Ficamos de pé lado a lado, observando o lago enquanto o sol começava a descer por trás das árvores, trazendo um misterioso brilho avermelhado à superfície da água. Por um segundo, o lago pareceu um medonho mar de sangue, e eu estremeci involuntariamente diante daquela imagem. Jack se voltou para mim com uma expressão preocupada.

– Está com frio?

Balancei a cabeça, negando. Embora a brisa estivesse forte o bastante para fazer cada folha falar em sussurros com a árvore vizinha, o ar não estava nem um pouco frio.

– Não. Estou bem.

– Quer voltar para o carro? Posso vir aqui sozinho depois.

– Não. Não seja bobo. Estou bem. Além disso, você não sabe falar a língua

local, então duvido que encontraria este lugar outra vez.

Ele riu, e o som reverberou pela clareira como um bem-vindo eco.

– Faça o que tiver que fazer... Ficarei feliz sentada aqui, esperando.

Pareceu que ele ia protestar, mas a luz começava a diminuir, e isso talvez tenha feito que ele se decidisse. Jack me deixou por algum tempo e voltou carregando uma câmera profissional. Na outra mão, tinha uma manta xadrez, que estendeu na superfície plana e rochosa. Aquilo se parecia um pouco demais com uma cama para o meu gosto, então a ignorei.

– Não vou demorar mais que alguns minutos – prometeu. – Só quero andar em torno do lago e tirar algumas fotos.

– Tenha cuidado: não vá cair! – recomendei, advertindo-o, quando ele começou a se afastar.

Ele parou e se virou para me olhar.

– O que você faria se eu caísse?

A resposta brotou nos meus lábios sem que eu pensasse, ligando-me a ele de maneiras que eu não conseguia nem começar a compreender.

– Eu o salvaria, é claro. Exatamente como você fez comigo.



Na verdade, Jack demorou bem mais que alguns minutos, e eu por fim acabei mesmo me sentando na manta xadrez, enquanto o observava avançar ao longo do perímetro do lago. O lugar era tranquilo, e o silêncio só era rompido pelo farfalhar da natureza e o chamado ocasional de algum pássaro. Mas seria preciso mais que um local sereno para me libertar da turbulência em minha mente. Minha cabeça estava cheia de perguntas sem respostas, dispostas em um espectro que ia de *Meu noivo andou mesmo dormindo com minha melhor amiga?* a *Como é possível amar um homem e ao mesmo tempo se sentir tão misteriosamente conectada a outro? Será que me sinto assim porque Jack salvou minha vida?* Em meio a essas questões complicadas, havia outras pequenas joias, como: *Caroline teria suspeitado de alguma coisa entre Richard e Amy?* e *Que diabo vou fazer se minhas suspeitas se confirmarem?*

A exploração que Jack fez do lago foi tão completa quanto uma manobra do exército. Apesar da superfície molhada e escorregadia, ele se mostrou o tempo todo firme e seguro enquanto atleticamente andava de um lado para outro na margem, elaborando algo que eu tinha certeza que um dia reconheceria nas páginas de seu próximo livro.

Embora estivesse longe demais para que conseguíssemos conversar, eu gostava da maneira como de vez em quando ele parava e olhava para mim, dando-me um sorriso ou um aceno de mão. Mesmo quando não estava ao meu lado, ele tinha um jeito curioso de fazer com que eu sentisse como se estivesse.

Ele tirou muitas fotografias do lago e da vegetação circundante, antes de voltar para a plataforma rochosa e se juntar a mim na manta.

– Consegui o que queria? – perguntei. – Vai usar este lugar no livro?

– Talvez. Depende. Terei de ver aonde a história vai me levar.

– Você sempre quis ser escritor? – perguntei e de imediato dei uma risadinha.

– Todo o mundo lhe faz essa pergunta?

Ele sorriu.

– Sim. Essa e “eu vou aparecer no seu próximo livro?”

– E então? Eu vou?

Ele riu, e eu gostei do eco caloroso naquele som.

– Terá de esperar e ver por si mesma.

Mudei de posição na manta, desfrutando a sensação do sol de fim de tarde no meu rosto.

– E quanto às *suas* esperanças e sonhos de carreira? – perguntou, devolvendo-me a pergunta.

– Isso é pesquisa para a sua trama ou você está genuinamente interessado?

– Genuinamente interessado, é claro.

E talvez estivesse mesmo, porque ouviu com atenção enquanto eu falava de meu antigo trabalho, que me levava de Londres a Washington, abrira meus olhos para experiências novas e me deixara ávida por viajar mais.

– Você deve sentir falta. O trabalho na livraria deve ser bastante sossegado, em comparação com o antigo.

Considerarei minha resposta com cuidado antes de dizer:

– Sossegado, sim. Mas certamente não monótono. Trabalhar com Monique jamais poderia ser monótono.

Jack riu, e vi o brilho divertido em seus olhos enquanto ele claramente recordava a figura muito excêntrica de minha chefe.

– Bem, *ela* decididamente poderia ser uma personagem de meu livro – afirmou.

Sorri afetuosamente.

– Devo muito a ela. Tem sido mais uma mãe do que uma chefe para mim, neste último ano.

Jack apanhou uma pedra que estava por perto e habilmente a atirou sobre o lago, conseguindo que ela desse três impressionantes quiques antes de desaparecer sob a superfície vítrea.

– Aconteceu alguma coisa específica à sua mãe, para que você voltasse? – sondou ele, delicadamente. – Se você não se importa que eu pergunte.

Eu estava confusa. Pensei que já tivesse explicado tudo a ele.

– Entendi sobre a doença dela, mas você não poderia ter permanecido em Londres e mantido seu emprego? Parece ter sido um sacrifício grande demais...

Alguna coisa naquela pergunta fez que eu ficasse um pouco na defensiva,

embora soubesse que ele não pretendia ser indelicado.

– Eu não deixei o marketing para sempre – garanti, embora pudesse ouvir uma voz que ecoava dentro de minha cabeça e provocava: É mesmo? Parece que deixou, sim. – Só precisava estar aqui, mais imediatamente acessível, por ora. Na verdade, foi mais por meu pai que por minha mãe. Ele é teimoso e orgulhoso, e não pede ajuda. Nem minha, nem de Richard, nem dos médicos. Ele até tentou manter os sintomas de minha mãe ocultos de todos pelo maior tempo possível.

Dei uma risadinha sem humor.

– Então, no ano passado, aquilo tudo foi demais e ele acabou indo parar no hospital.

O semblante de Jack transmitia simpatia e preocupação.

– Pensamos de início que fosse um infarto, mas, felizmente, não era. Só que poderia ter sido. Isso aconteceu em um sábado; na segunda de manhã entrei no escritório do meu chefe e pedi uma licença.

– Foi uma atitude corajosa.

– Não me sinto corajosa – admiti, baixinho. – Mas, se alguma coisa acontecesse a qualquer um dos dois, eu não poderia viver com as consequências de ter ficado em Londres. Ao menos agora posso ajudar diariamente, e Monique é incrível. Nenhum emprego em Londres teria me permitido um horário tão flexível.

Jack assentiu, demonstrando que entendia o que eu estava dizendo.

– Sabe o que é mesmo muito doido em relação a tudo isso? – perguntei, ciente de que estava prestes a partilhar com ele algo que nunca antes havia admitido. – A pessoa que ficaria absolutamente horrorizada com o que fiz, com o que deixei para trás, é minha mãe. Bem, mamãe como ela era, não agora. Ela acreditava em ir o mais alto que fosse possível, aproveitando ao máximo o próprio potencial e sempre buscando a próxima grande meta. Foi isso que fez dela uma professora tão fantástica.

Nesse ponto, minha voz se tornou mais triste.

– Acho que ela ficaria decepcionada se soubesse como as coisas terminaram.

– Não creio que alguém pudesse ficar decepcionado com você – disse Jack – Você colocou as necessidades das pessoas que ama antes das próprias necessidades. Você dá, em vez de receber e o faz tão sem esforço que não acho que se dê conta de quanto isso é grandioso.

Muito possivelmente, aquela fora uma das coisas mais bonitas que alguém já me dissera, mas eu me sentia aberta e exposta ao holofote de seu escrutínio. A Emma que ele descrevia soava como uma santa ou uma mártir, e eu certamente não era nem uma nem outra.

– Não sou nem de perto tão altruísta nem tão boa quanto você acha que sou – disse a ele. – Bem ao contrário, na verdade.

Ele me dirigiu um sorriso ao dizer:

– Bom saber disso.

Ele mudou de posição ligeiramente na manta, ficando mais próximo de mim, de modo que todas as vezes que inspirava, seu ombro esbarrava no meu. Olhávamos o lago que escurecia, perdidos em nossos pensamentos.

– Então vamos lá, vamos ao ponto: o que exatamente aconteceu entre a noite de terça e agora, que fez você questionar seu noivo? – perguntou.

Suspirei profundamente. Tinha esperanças de que ele não perguntasse, mas deve ter sido em parte culpa minha, por ter mencionado o fato, em primeiro lugar.

– Nada aconteceu nos últimos dias, não especificamente. Eu só juntei um monte de coisas que não faziam sentido e agora... bem, agora acho que fazem.

– Então me conte – pediu.

Inspirei profunda e purificadoramente, tentei organizar os pensamentos e, pelos vinte minutos seguintes, contei tudo a ele. Foi catártico e esclarecedor, e ouvir de meus lábios o desenrolar da história fez com que eu me convencesse ainda mais de que havia chegado à única conclusão lógica possível.

Surpreendentemente, Jack tinha uma opinião diferente.

– É isso, então? Isso é tudo o que você tem?

– Hein?

– Um número de telefone, algumas fotografias, um pedido de desculpas truncado e um sonho muito estranho. E foi isso que a fez concluir que eles estavam tendo um caso.

– Eu, bem... eu... sim. Isso não basta? Parece bastante conclusivo para mim.

Jack balançou a cabeça devagar.

– Não posso acreditar que eu esteja dizendo isso, porque... e vou ser sincero... seu noivo não me deixou a melhor impressão do mundo até aqui, mas não acho que você tenha o suficiente para enforcá-lo. Está longe de ter.

Franzi a testa, sentindo-me dividida. Eu queria que Richard fosse inocente, é claro que queria. Mas não conseguia me livrar da sensação de que tinha chegado à conclusão certa, à única conclusão possível, mesmo que, para chegar até ela, eu tivesse dado um salto.

– Honestamente, Emma, isso não é nem de perto tão preto no branco quanto acho que você acredita que seja. Tudo o que você tem é uma série de pistas que você costurou para formar um quadro, mas as peças poderiam ter se combinado de uma centena de formas diferentes, e você teria um cenário inteiramente diverso. Pistas não provam nem culpa nem inocência de ninguém, e às vezes não há *nenhum* sinal a desvendar nem a ignorar.

Ele apanhou outra pedra e a lançou sobre o lago.

– Às vezes, a coisa dá errado, só isso – refletiu.

Dei um leve suspiro, com o qual pretendia expressar minha empatia. Certo,

tinha entendido: não estávamos mais falando sobre a minha situação, falávamos sobre a *dele*.

– Sheridan? – perguntei, hesitante, e senti seu ombro mover-se bruscamente, como se ele tivesse sido queimado. – Importa-se se eu perguntar o que aconteceu? Você não precisa me dizer, porque compreendo totalmente que algumas coisas...

– Voltei para casa mais cedo de uma turnê de divulgação de um livro e a encontrei com meu melhor amigo.

Inspirei bruscamente diante da maneira amarga e brutal como ele relatou.

– No chuveiro do nosso quarto – acrescentou, como se o lugar fosse relevante.

Procurei por um momento o que dizer, tentando encontrar o tom certo de empatia ou simpatia. Então, só Deus sabe o que me deu para que eu dissesse:

– Nunca fiz sexo no chuveiro.

Houve um momento de perplexidade, que preenchi gemendo repetidamente em minha cabeça *Eu falei mesmo isso?*. Mas, no fim, aquela veio a ser a resposta perfeita, porque nada mais naquele momento poderia ter feito com que ele se virasse para mim com aquela expressão de surpresa, nem teria feito que Jack risse tanto que na verdade parecia que ele estava se curvando de dor.

Quando por fim se controlou, ele disse:

– Faz muito, muito tempo que ninguém consegue me fazer rir tanto quanto você fez hoje. Você é uma mulher interessante, Emma Marshall, e não para de me surpreender.

Mordi o lábio, sem saber como responder àquelas palavras. Felizmente, ele não parecia esperar que eu o fizesse.

– Pelo seu bem, eu espero *de verdade* que isso que a está preocupando com relação a Richard e a Amy não tenha nenhuma semelhança com a minha situação, que tudo seja apenas um grande mal-entendido.

Uma súbita onda de pânico me tomou quando ouvi as palavras de Jack. De uma forma ou de outra, eu deveria ter a resposta no dia seguinte.

CAPÍTULO 8

Pela manhã, eu havia chegado a duas conclusões. Uma delas era que oito horas de sono por noite definitivamente *não* eram necessárias, porque eu duvidava muito de que tivesse dormido oito horas *ao todo* na semana inteira, e ainda assim eu continuava funcionando – bem, ou algo parecido com isso. A segunda era que não importava quanto se preparasse ou se ensaiasse o que quer que fosse que se quisesse dizer, algumas situações nunca saíam da maneira como tinham sido planejadas.

Os ônibus da excursão organizada pela escola de Richard à estação de esqui na Áustria não retornariam antes das seis da tarde, mas cheguei ao estacionamento ao menos uma hora antes do horário previsto. Entrei de ré em uma vaga de canto, que ficava um pouco escondida em meio aos galhos de uma árvore. Não demorou muito até que uma procissão de veículos começasse a encher o estacionamento da escola, ocupando os espaços à minha volta. Apesar de o início da noite estar agradavelmente quente, permaneci dentro do carro, ao contrário das dezenas de pais que estavam reunidos por ali em grupos ansiosos, à espera do retorno dos filhos.

Logo depois das seis, os dois ônibus chegaram fazendo uma entrada ruidosa, e então os pais se dispersaram como se fossem formigas. Richard foi o primeiro a descer do veículo da frente, ligeiramente desganhado e parecendo um pouco cansado, o que, após uma jornada de 24 horas, não era de surpreender. Ele correu os olhos pelo estacionamento e viu meu carro sob a copa da árvore. Acenou para mim e sorriu, pegou a prancheta que trazia debaixo do braço e deu início à última tarefa de um líder de excursão: conferir o nome de cada criança à medida que o responsável a levasse, certificando-se de que todas voltassem para casa.

Observei-o trabalhar e tenho que admitir que parecia muito bom no que fazia. Era fácil perceber que Richard era um dos professores preferidos dos alunos, e muitos dos pais fizeram questão de ir até ele e cumprimentá-lo com um aperto de mão, em agradecimento por ele ter tomado conta de seus bens mais preciosos.

Por fim, Richard se despediu dos motoristas dos ônibus, pegou sua bolsa de

viagem e andou apressado até onde eu estava. Ele abriu a porta do carona, pulou para dentro do carro e me beijou, isso tudo em praticamente um só movimento. Eu não o repeli, mas também não correspondi, o que pelo jeito ele não percebeu. A distração talvez tenha sido influenciada pelo fato de ele estar sem dormir.

– Olá, linda! – disse, acomodando-se no banco e sorrindo com afeto.

Tentei retribuir, mas meu sorriso pareceu falso e forçado.

– Desculpe a demora. Está esperando há muito tempo?

Pelo ônibus, esperara apenas uma hora; pelo confronto que ele nem sabia que teríamos, havia esperado dois dias inteiros.

– Não muito – respondi.

E foi tudo o que eu disse. Liguei o carro, mas antes que pudesse dar a partida, Richard se inclinou e desligou.

– Ei, por que a pressa? – perguntou, estendendo os braços para mim. – Venha aqui, mulher.

Houve uma época, não fazia muito tempo, em que essas palavras teriam levado um sorriso afetuoso aos meus lábios, e eu teria ido de bom grado para os braços de Richard. Tentei evocar aquele sentimento enquanto ele me puxava para mais perto de si e, agora que tínhamos o estacionamento só para nós dois, começava a me beijar de uma maneira que certamente não teria feito se ainda houvesse pais ou alunos por ali.

– Meu Deus, como senti sua falta! – murmurou de encontro aos meus lábios.

Ele tornou a me beijar e felizmente não pareceu notar que eu não lhe dera a resposta óbvia. Por fim, parte da minha reticência deve tê-lo alcançado, porque ele se afastou e perguntou, inseguro:

– Está tudo bem? Você parece um pouco... *ausente*.

Você não faz ideia!, pensei. Balancei a cabeça e coleí outro sorriso falso nos lábios. Não tinha a menor intenção de começar nossa discussão enquanto ainda estivéssemos ao alcance das câmeras de circuito fechado de TV da escola. Eu já tinha escolhido o lugar perfeito, e não era ali.

– Estou cansada – respondi, o que não era mentira. – Não tenho dormido bem ultimamente.

Ele me deu um abraço apertado.

– Isso é porque eu não estava ao seu lado – disse ele, baixando a voz enquanto prometia: – Mas consertaremos isso hoje à noite.

Por sorte, minha cabeça estava enterrada na concavidade de seu ombro, de modo que, ao dizer aquilo, Richard não pôde ver o olhar altamente duvidoso com que recebi suas palavras.

Atencioso, ele perguntou primeiro por minha mãe e meu pai, antes de se lançar às histórias que queria partilhar comigo – vários casos curiosos da viagem. E eram fatos como aquele que tornavam tudo tão impossível de acreditar... Como alguém que obviamente se importava comigo e com todos os aspectos da

minha vida podia fazer algo tão inconcebivelmente cruel? Era muito contraditório!

Ele estava muito ocupado contando uma história divertida sobre como ele e dois outros professores tinham saído, em um fim de noite, para uma degustação da cerveja local e acabaram ficando trancados do lado de fora de seus quartos, quando de repente percebeu que eu havia passado da saída que nos levaria ao seu apartamento.

– Ei, Emma, aquela era a nossa saída!

Tirei os olhos brevemente da estrada ao olhar para ele e explicar:

– Pensei em irmos a um lugar sossegado, antes. Vai ser rápido.

Ele franziu a testa, confuso.

– É sossegado, em meu apartamento.

O que eu na verdade queria dizer era que estava pensando em irmos a algum lugar neutro e isolado, algum lugar em que eu pudesse gritar com ele – se as coisas chegassem a esse ponto – sem que alguém chamasse a polícia. Porém, o que respondi foi:

– Sim, eu sei, mas pensei que seria bom se déssemos uma caminhada e quem sabe você esticasse as pernas um pouco, depois de sua longa viagem...

– O que eu gostaria *mesmo* era de um bom banho quente e uma massagem nas costas – contestou, esperançoso.

Bem, aquilo certamente não aconteceria.

– Vamos dar uma caminhada, Richard. Não demoraremos – garanti, em um tom que esperava que fosse convidativo.

Ele me observou com atenção antes de tornar a se recostar no banco, com uma expressão de dúvida no olhar, o que significava que ele estava começando a se dar conta de que alguma coisa talvez estivesse errada. *Bem-vindo ao clube!*

Eu seguia para a Farnham Ravine, um lugar de beleza impressionante, que ficava a uns 25 quilômetros de casa e era muito procurado no verão por turistas e amantes de trilhas. Pinheiros altos guarneciam as bordas e as laterais de um despenhadeiro íngreme e rochoso – em uma de suas primeiras pinturas, minha mãe havia capturado perfeitamente raios de sol deslumbrantes atravessando a rede rendada de seus galhos.

Richard ficou em silêncio durante quase todo o trajeto e, quando olhei para o banco do passageiro, descobri o porquê: ele havia *dormido*. Por alguma razão aquilo me deixou muito furiosa. Ao chegarmos ao pequeno estacionamento, freei de forma um pouco mais brusca que o necessário, o que fez com que ele acordasse resmungando.

– Chegamos – anunciei, soltando o cinto de segurança e examinando o estacionamento, que, exceto por nosso veículo, estava vazio.

Ótimo. Ninguém por perto que pudesse nos perturbar.

Richard espiou pelo para-brisa e esfregou os olhos enquanto lia a placa de

boas-vindas.

– Farnham Ravine? O que estamos fazendo aqui?

Não respondi, mas saltei do carro e segui na direção de uma placa que encaminhava os visitantes para a trilha. Podia ouvir o ruído dos passos de Richard no cascalho atrás de mim, mas não desacelerei, forçando-o a correr um instante até me alcançar.

– Emma? O que isso tudo significa?

Não disse nada, apenas apressei o passo. Estava quase sem fôlego quando enfim me virei para encará-lo. Tínhamos percorrido apenas um pequeno trecho da trilha estreita e irregular; de um dos lados havia um imponente paredão de pinheiros altos e, do outro, a íngreme queda rochosa que levava ao pé do despenhadeiro, uns 30 metros abaixo. Agora que o momento tinha finalmente chegado, eu não sabia como começar, o que era insano, porque havia dias que vinha treinando aquilo.

– Emma, que diabo está acontecendo? Você está começando a me assustar.

Respirei fundo e então soltei o ar lentamente.

– É sobre Amy – comecei, avaliando com cuidado o semblante de Richard em busca da reação.

Não vi nada, a não ser uma perplexidade genuína. Será que eu estava *errada* em relação a tudo aquilo?

– O que tem ela?

O vento soprava em rajadas ao longo da trilha e levantava delicadamente o cabelo louro-escuro de meu noivo, expondo sua testa. Parte de mim queria ceder ao impulso de estender a mão e colocá-lo no lugar, ajeitando-o. Outra parte queria socar Richard. Agarrei minha mão pelo pulso, incerta de poder confiar que ela não acabaria tomando uma daquelas atitudes – ou ambas.

– Ela me disse uma coisa... na noite em que morreu.

– No hospital?

Fiz que não com a cabeça.

– Quando estava deitada na estrada e esperávamos a chegada da ambulância.

Ali estava. A reação que eu estivera procurando tão atentamente: os olhos de Richard tremularam e pude ver, de modo muito claro, que ele engoliu em seco.

– O que foi que ela disse?

Havia um fio de alguma coisa em seu tom de voz, algo que eu não soube identificar de imediato. Não era culpa, mas certamente era apreensão.

– Ela só me agradeceu... disse que eu tinha perdoado...

– E por que ela fez isso?

– Eu esperava que *você* pudesse me dizer.

Ele correu a mão pelos cabelos, e o desalinho que causou superou o que o vento fizera.

– Como eu poderia saber? Ela era *sua* amiga.

– Era mesmo?

Os olhos de Richard voaram até os meus, e sua expressão revelava assombro e raiva.

– Que tipo de pergunta idiota é essa? É claro que era. Vocês três eram como irmãs. Faziam tudo juntas, contavam tudo umas às outras. Por que perguntar isso a *mim*?

– Bem, parece que não contávamos exatamente *tudo* umas às outras.

Era alívio aquilo que eu via no rosto de Richard, porque eu não sabia o que Amy de fato tinha querido dizer? Talvez. Como um guerreiro em plena batalha, continuei a atacar:

– Porque eu acho que Amy estava dormindo com alguém, talvez alguém com quem ela não devesse...

Fiz uma pausa, não para dar um efeito dramático, mas porque era muito difícil e doloroso dizer aquelas palavras.

–... e acho que pode ser você.

Eu imaginara uns cinquenta rumos diferentes para a conversa a partir dali. Mas não havia considerado o que de fato aconteceu. O rosto de Richard ficou completamente imóvel por um segundo, e então seu semblante antes impassível e atordoado se dissolveu em dor e agonia.

– Ah, meu Deus, Emma! Eu sinto tanto!

Aquelas palavras me atingiram fisicamente, como um soco, e eu cambaleei para trás, felizmente na direção das árvores, e não da queda íngreme. Tive a impressão que a mão de Richard, estendida, tentava me segurar, mas então eu me afastei ainda mais, como se fugisse de um monstro.

– É verdade? – perguntei, em choque. – Você está me dizendo que é *verdade*?

Eu o vi assentir uma única vez, antes que seu rosto se contorcesse, em meio ao desespero. Meus joelhos de repente pareciam fracos, e uma onda de náusea ameaçou estrangular minhas palavras antes que eu pudesse colocá-las para fora.

– Como você pôde fazer isso? Como pôde fazer isso comigo? Com a gente?

Richard compreendeu que não havia resposta possível àquela acusação. Ele deu um passo instável e vacilante em minha direção, e eu gritei:

– Fique longe! Não chegue perto de mim!

– Emma.

Meu nome parecia estar sendo arrancado dele.

Balancei a cabeça com violência quando a imagem dos dois – dele e de Amy – juntos, nus, de repente se projetou em meu pensamento, na tela ardente da fúria. Engoli o sabor amargo da bile em minha boca.

– Por quê, Richard? Por quê? Eu não era bastante para você?

– Não foi isso – protestou ele, entre gemidos.

– Então foi o quê? – gritei. – Você estava entediado? Queria variar? O que foi que ela deu a você que eu não podia dar?

– Nada. Não foi *assim*.

Meus olhos queimavam como brasas enquanto eu vociferava:

– Então foi *como*? Porque eu não consigo pensar em uma única coisa que pudesse justificar que você destruísse tudo o que tínhamos só para trepar com a *minha melhor amiga*.

E, ao dizer essas palavras, senti que uma faca me atravessava, não uma vez, mas duas, porque a traição fora dupla. Contrastando com minhas palavras anteriores, a pergunta seguinte emergiu como um sussurro:

– Você estava... você estava apaixonado por ela?

– Não. Não, é claro que não. É você que eu amo. Amy foi... um erro, um erro terrível e estúpido. Não foi nem um caso, foi somente sexo, e foi apenas uma vez.

– Você espera que isso faça com que eu me sinta *melhor*? – trovejei. – Porque isso só piora tudo!

Richard olhou ao redor, tomado pelo desespero. Compreendera, ainda enquanto as palavras deixavam sua boca, que tinha dito a coisa errada. Francamente, não havia nada que ele pudesse dizer que fosse impedir que o nó em torno de seu pescoço se apertasse cada vez mais.

– Então me conte!

As palavras venenosas foram cuspidas contra ele, como se tivessem vindo de uma serpente.

– O quê? – perguntou ele, impotente. – O que você quer saber?

– Tudo.

Os olhos de Richard eram poços azuis de tormenta. Ele não tinha para onde ir, nenhuma defesa que pudesse oferecer, nem como evitar minhas perguntas. Mas tentou uma última fuga:

– Para quê, Emma? Para quê? Não podemos apenas encontrar uma forma de superar isso? Eu fui fraco, fiz uma coisa estúpida e terrível, mas dissecá-la não vai ajudar em nada.

Sua escolha de palavras foi particularmente apropriada, porque revelou o que aquilo estava começando a parecer: a necropsia logo após a morte do nosso relacionamento.

– Diga – exigi.

Ele se afastou de mim ao começar a falar, incapaz de me olhar nos olhos enquanto rasgava minha pele com suas palavras.

– Acho que tudo começou há alguns anos...

– O quê? – gritei, e minha voz lembrou a de uma harpia enlouquecida. – Você dormiu com ela por *anos*?

– Não, não. Eu disse a você que foi apenas uma vez. O que eu quis dizer foi que começamos a ficar mais próximos há alguns anos. Depois que você foi embora. Depois que rompemos.

Ele me olhou, mas uma raiva amarga me estreitava os olhos; eu mal conseguia me obrigar a encará-lo.

– A princípio, éramos só amigos; saíamos com Caroline e Nick a maior parte das vezes, apenas pela companhia. Mas à medida que o tempo foi passando...

– Você se interessou por ela – emendei com ressentimento.

Ele passou a mão pelos cabelos.

– Não, não no começo. Ela era apenas Amy, sua amiga. Eu nem conseguia pensar nela de outra maneira. Não conseguia pensar em *ninguém*. Ainda estava apaixonado por você.

– Estou comovida – falei, minha voz destilando sarcasmo como se fosse veneno.

– O tempo foi passando, e eu comecei a sair com outras pessoas, mas não dava em nada. Por sua causa.

– Você está partindo meu coração – zombei com crueldade.

E então de súbito precisei desviar os olhos, porque a verdade era que aquilo era precisamente o que ele estava fazendo.

– Amy me entendia. Nós nos dávamos bem, tínhamos o mesmo senso de humor, e eu sabia... bem, suspeitava, ao menos...

A voz de Richard falhou, e ele pareceu constrangido ao concluir:

– Eu sabia que ela gostava de mim. Sabia que ela queria algo mais.

Amy. Seu rosto apareceu diante de mim como uma miragem. Eu a conhecera quase a vida toda; partilhara com ela segredos, esperanças e medos. Confiara nela. E, no entanto, ela quebrara o código sagrado, a regra fundamental da amizade, ao correr atrás do ex da amiga.

– Eu resisti por muito tempo.

– Bem, bravo para você!

Ele ignorou a interrupção.

– Mas, por fim, quando parecia que você *nunca mais* voltaria, as coisas começaram a... *acontecer* entre a gente.

Não importava quantos eufemismos ele usasse, eu ainda podia ver toda a terrível cena como se estivesse diante de mim.

– Então você ficou com ela quando eu estava em Londres?

– Não. Bem, quase. As coisas poderiam ter acontecido naquela época, eu podia ver... mas então você voltou para casa. E eu assumi o que já sabia, o tempo todo: que era *você* , que sempre tinha sido você, que eu não poderia amar ninguém mais, porque meu coração era seu.

– Então foi isso: ela só ficou com uma parte diferente da sua anatomia! – emendei.

Richard se encolheu como se tivesse levado um tiro, mas ainda assim prosseguiu:

– Logo que você voltou, imediatamente esfriamos as coisas entre nós.

Voltamos a ser amigos, nada mais.

– E você não achou que fosse importante me contar nada disso, quando reatamos? – disparei, com raiva.

– Nós dois concordamos em não contar detalhes de outros namoros. Dissemos que não era preciso...

– Isso porque pensei que fossem estranhas sem nome, *não* minha melhor amiga.

– E nós não namoramos. Bem, não propriamente. Só trocamos alguns beijos e...

– Chega! – gritei.

Já estava sendo bastante difícil tirar as imagens indesejadas da minha cabeça, então era certo que eu não precisava que ele oferecesse mais detalhes.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Richard talvez esperasse que eu já tivesse ouvido o suficiente daquela história desagradável, mas eu só estava reunindo forças para ouvi-la até o fim.

– Então quando foi que você trepou com ela?

Não sei o que o deixou mais chocado: se a maneira como me expressei, se minha necessidade de saber tudo. Quando ele falou, a voz soou hesitante e, em cada sílaba, culpada.

– Foi no ano passado, depois que você me pediu que arranjasse um encontro de Amy com aquele idiota da escola.

Ele ergueu os olhos para mim, provavelmente esperando confirmação, mas tudo o que conseguiu em resposta foi um olhar de pedra.

– Bem, ela saiu com ele, mas o cara era um babaca. Eu disse a você que não queria fazer aquilo.

A sorte de Richard foi que não havia ali por perto nada que eu pudesse jogar nele, naquele momento, porque ele tinha chegado perigosamente perto de fazer parecer que eu, de alguma forma, fora em parte responsável pelo que acontecera. Ele se apressou em continuar:

– Bem, a coisa ficou feia de verdade, e ela acabou ligando para mim, e estava mergulhada em um mar de lágrimas.

– Por que ela ligou para você?

– Não sei. Talvez tenha sido porque fui eu que combinei o encontro. Ou porque eu era amigo dela, quem sabe! Não tenho certeza. Você não imagina quantas vezes desejei poder voltar o relógio e dizer a ela que ligasse para outra pessoa.

Eu me preparei para que a avalanche final me enterrasse, enquanto Richard completava sua história.

– Era tarde. Fui consolá-la, tomamos alguns drinques, e então... bem...

Ele não terminou. Não precisava. Eu tinha entendido.

– Depois, nós nos sentimos péssimos. Ambos sabíamos que aquilo tinha sido

errado. Amy sabia o tempo todo que eu amava você, que era com você que eu queria ficar.

Ele me dirigiu um olhar de súplica, mas não teve resposta. Meu coração parecia uma pedra enterrada em meu peito.

– Ela me implorou que a deixasse contar para você. Queria que você soubesse quanto ela estava arrependida.

Fechei os olhos, mas a dor ainda estava lá, atrás de minhas pálpebras cerradas.

– No fim, eu a convenci de que deveria ser *eu* a contar. Eu é que tinha cometido a maior traição com você. Era minha função implorar a você que me perdoasse.

– E no entanto você não fez isso... – interrompi-o com frieza.

– Não pude – explicou com uma voz sussurrante e entrecortada. – Não podia correr o risco de perder você, não podia me sujeitar à possibilidade de que você me deixasse. Então menti. Para você e para Amy. Afirmei a ela que você tinha dito que a perdoaria, mas com a condição de que vocês duas jamais falassem sobre o assunto. Nunca.

O mistério, portanto, estava finalmente solucionado. Era àquilo que Amy estava se referindo enquanto perdia a vida, na beira da estrada. Por isso ficara agradecida. Olhei para o homem que havia me traído da pior maneira possível, e soube que ele estivera coberto de razão em temer que aquele fosse o fim para nós. Porque certamente teria sido. E agora era.

Ele observou minha reação e soltou um gemido que pareceu ter sido forjado com dor.

– Não! – gritou ao perceber que eu começava a tirar o anel de noivado do dedo. – Não, Emma, por favor!

Ergui os olhos e vi que Richard estava chorando. Estranho. Meus olhos estavam secos. Era a inversão da cena de nosso primeiro rompimento.

– Por favor, não! – implorou ele, diminuindo a distância entre nós e tentando me segurar.

Dei um último puxão, e o anel de diamante estava fora do meu dedo. Coloquei-o na palma da mão que estendi em direção a Richard.

– Pegue.

Ele balançou a cabeça, recusando.

– Pegue, Richard. Eu não o quero. Acabou para nós. Fim.

– Não diga isso – suplicou, e as lágrimas rolavam por seu rosto. – Me dê outra chance. Jamais farei qualquer coisa que magoe você novamente.

A mão que segurava o anel permanecia firme como uma rocha, embora por dentro não houvesse uma só parte minha que não estivesse em farrapos.

– É tarde demais. Você me deu este anel apenas algumas semanas depois de dormir com outra mulher. Disse que eu era a única pessoa no mundo para você,

enquanto provavelmente ainda podia se lembrar do cheiro e do gosto dela.

Cheguei a mão que segurava o anel para mais perto dele, enquanto ordenava pela terceira vez:

– Pegue.

– Não quero. Ele é seu.

Olhei nos olhos dele, e alguma coisa dentro de mim perdeu a razão.

– Você não quer?

Ele assentiu.

– Bem, nem eu.

E ao dizer aquilo, fechei a mão em torno do anel com o grande diamante e o lancei com toda a minha força no despenhadeiro. Em um arco descendente pelo céu, com as facetas capturando os últimos raios do sol, ele despencou como uma estrela cadente na direção do solo rochoso, muito abaixo de nós. O choque e o horror se estamparam no rosto de Richard. Para ser sincera, eu mesma fiquei um tanto horrorizada.

– Você sabe quanto...

Ele se interrompeu, felizmente, ou eu de fato poderia tê-lo empurrado para que ele se juntasse ao maldito anel. Ele deu um passo na direção do precipício, o que era uma burrice, dado meu atual estado de espírito, e olhou solenemente para o vasto e rochoso terreno lá embaixo.

– Agora nunca mais iremos encontrá-lo...

Não achei que uma resposta fosse necessária, mas fiz uma pergunta:

– Você está com o seu telefone?

Ele pareceu atordoado e confuso, mas ainda assim levou a mão ao bolso e pegou o celular. Então o estendeu para mim, quase como eu fizera com o anel.

– Não preciso dele. Você, sim – falei bruscamente.

Ele franziu a testa, ainda não tendo se dado conta das minhas intenções. Olhei-o nos olhos uma última vez:

– Vai precisar chamar um dos seus amigos, ou um táxi, ou quem você bem entender.

Ele ainda parecia desorientado, mesmo quando comecei a me afastar.

– Estou indo embora, Richard, e não me interessa nem um pouco como você vai sair daqui. Na verdade, nada mais com relação a você vai me interessar, nunca mais.



Nos dias que se seguiram ao nosso rompimento, Richard empregou todo e qualquer método concebível para entrar em contato comigo. Telefonou, mandou mensagens de texto, enviou e-mails, até remeteu uma carta pelo correio. À exceção de um pombo-correio, ele fez uso de praticamente todos os meios de

comunicação existentes. Tudo foi inútil: eu rasguei em pedaços qualquer coisa que não pudesse ser eliminada pelo botão *Delete*. Inevitavelmente, portanto, restou-lhe a opção de aparecer na livraria. Ele estava usando o terno de trabalho e a gravata que eu lhe dera no Natal. A troca de presentes não fora inteiramente justa no ano anterior: eu comprara para ele um suéter de caxemira e uma gravata, e ele me dera um diamante solitário que lhe custara três meses de salário. Ainda me sentia um pouco culpada em relação àquilo. Será que eu deveria sugerir a ele que jogasse o suéter no despenhadeiro, de modo que as coisas ficassem um pouco mais equilibradas?

– Olá, Emma! – disse ele com cautela, parado perto da entrada da loja.

Eu o olhei com indiferença.

– Richard.

Isso foi tudo o que ele recebeu de mim. Nem mesmo um “olá”, nem um cumprimento, somente seu nome.

No entanto, ele deve ter pensado que isso era encorajamento suficiente, pois deu um passo na direção do balcão.

– O que você está fazendo aqui?

Ele tentou o sorriso, aquele que eu sempre dissera que era irresistível. Mas ao que parecia, eu havia finalmente adquirido alguma imunidade. Richard viu a expressão impassível no meu rosto e a entendeu bem. Então pigarreou, e a maneira como o fez revelou que ele estava muito nervoso.

– Vim comprar um livro.

Não valia a pena morder a isca. A loja não era minha, portanto eu não podia afastá-lo à força, nem gritar que ele fosse embora.

Ergui uma das mãos e apontei as pilhas de livros à nossa volta.

– Fique à vontade.

Minha atitude o deixou claramente perplexo. Ele devia ter se preparado para encontrar Emma Furiosa, Emma Vingativa ou mesmo Emma Perturbada. Mas a Emma Não-Estou-Nem-Aí era óbvio que não se encaixava em seus planos.

Ele manteve o pretexto de que realmente estava em busca de um livro: puxou um volume de uma das prateleiras e o abriu em uma página aleatória. Ele o olhou sem ver por um minuto ou dois, e então interrompeu o silêncio da livraria.

– Você não atendeu às minhas ligações.

Parei de fingir que estava verificando a nota fiscal de umas entregas e pousei a caneta no balcão.

– Não, não atendi. E não vou atender. Não tenho mais nada pra falar com você. Já disse tudo no outro dia.

– Bem, ainda há coisas que *eu* quero dizer. Preciso explicar.

– Eu não quero ouvir. Nós terminamos, Richard. Acabou.

Fez-se um ruído atrás de mim, e eu soube que Monique tinha acabado de entrar na loja. Não duvidei nem por um minuto que ela tivesse ouvido toda a

conversa e esperara pelo momento certo de fazer sua entrada.

– *Bonjour, Richard, comment ça va?* – cumprimentou-o com frieza, apertando furtivamente a minha mão sob o balcão ao passar por mim.

Richard ergueu os olhos, confuso. Não a conhecia bem o bastante para saber que ela só passava para sua língua materna quando estava muito feliz ou extremamente furiosa. E era certo que ela não estava sorrindo.

– Bom... hã... olá – respondeu ele, tão atrapalhado quanto ela sabia que ele ficaria.

– Posso ajudá-lo com sua compra? – perguntou ela, estendendo-lhe a mão com muitos anéis, a fim de pegar o volume. – É um livro fascinante, *non?*

Richard olhou pela primeira vez para o pesado livro de capa dura que estava segurando, e viu que parecia ser uma enciclopédia de sistemas de drenagem europeus.

– Hã, só estou dando uma olhada – falou, guardando o livro no lugar errado da estante. – Na verdade, vim dar uma palavrinha com Emma.

Sua intenção fora clara e óbvia, e eu tinha certeza de que Monique compreendera que ele estava esperando que ela pedisse licença e se retirasse, a fim de nos dar alguma privacidade. Ele realmente não a conhecia.

Monique jogou o braço para trás em um gesto pitoresco, como se acabasse de me fazer surgir num passe de mágica, e exclamou:

– E aqui está ela!

Richard olhou de mim para minha chefe e percebeu que estava derrotado. Era como observar um gato persa altamente astucioso brincando com um camundongo. Monique permaneceria exatamente onde estava – que, naquele preciso momento, era entre mim e meu ex-noivo.

Richard olhou para o relógio na parede da livraria. Eu sabia que ele só tinha uma hora de almoço, portanto seria difícil voltar a tempo. Ele não tinha alternativa, a não ser falar na frente de Monique.

– Emma, não podemos simplesmente deixar as coisas como estão. Precisamos discutir tudo, com calma e bom senso – falou, dirigindo um rápido olhar para a terceira pessoa na loja ao completar: – Com *privacidade*.

– Você pode falar abertamente na frente da Monique.

Ela sorriu e deu de ombros, em um gesto tipicamente francês.

– Não se importe comigo. Eu mal falo inglês, de qualquer forma.

Para esconder meu sorriso, virei às pressas para o lado, como se olhasse pela vitrine lateral da livraria. Foi quando avistei um carro muito familiar. Ah, não! Aquilo estava prestes a ficar ainda mais constrangedor.

– Você recebeu as flores que eu mandei? – perguntou Richard de repente, e eu voltei a olhar para ele, com um lampejo da raiva lembrada.

O buquê era imenso, tão grande que precisei empurrá-lo com força até conseguir enfiá-lo por inteiro na lixeira. Contei isso a ele, e não senti nada diante

do olhar de desespero e impotência que ele me lançou.

– Você as jogou no lixo? – falou, incrédulo.

Imaginei que elas tivessem custado a Richard uma pequena fortuna, mas, ainda assim, certamente bem menos que o anel.

– Sim. Bem, cheguei a pensar em ir colocá-las no túmulo de Amy.

O rosto de Richard pareceu empalidecer diante da frieza da minha voz.

– Mas... bem, sinceramente, isso também não me pareceu apropriado.

Ele se aproximou do balcão e correu a mão pelo cabelo.

– Emma, você precisa me ajudar. Eu simplesmente não sei o que fazer.

– Você poderia comprar um livro – sugeriu Monique, fingindo inocência.

Não creio que ele tenha ouvido o que ela disse. O olhar de Richard estava suplicante, e fez com que se agitasse dentro de mim, involuntariamente, um fiapo da compaixão que eu pensara ter eliminado por completo.

O tilintar do sino da loja, que anunciava um novo cliente, salvou-me da resposta. Ergui os olhos e confirmei que não me enganara ao reconhecer o carro. Parecíamos personagens do que se estava configurando em uma verdadeira farsa francesa! Tudo o que precisávamos agora era de uma criada com pouca roupa, e a cena estaria completa.

– Olá, Jack

Os olhos de Jack correram por nós, avaliando – com grande precisão, imagino – a cena que acabara de interromper. Ouvi um leve suspiro da minha chefe, que conseguira soar coquete e encantada ao mesmo tempo. De Richard, apenas uma palavra – “Monroe” –, que tanto poderia ter sido um cumprimento quanto uma acusação. A julgar pelo olhar furioso de meu ex-noivo, pensei que era mais provável que fosse a última.

Ignorando os outros ocupantes da loja, Jack dirigiu sua atenção e seu sorriso caloroso a mim.

– Oi, Emma.

Retribuí o sorriso, tentando decidir se a situação havia melhorado ou ficado muito pior.

– É um prazer vê-lo aqui novamente, *monsieur* Monroe.

Ouvi a respiração sibilante de Richard e me perguntei o que dera em Monique para cutucar a onça já zangada com uma vara tão curta.

– Novamente? – repetiu Richard, voltando seu óbvio olhar de desagrado para mim. – Então ele fez disso um hábito?

Jack deu um passo de advertência, aproximando-se do balcão e bloqueando parcialmente minha visão de Richard. A testosterona circulava densa no ar, como um ciclone em miniatura.

– Isto é uma loja, Richard. As pessoas chegam, compram livros, levam para casa e leem. Não é um conceito difícil de entender – falei.

Pensei ter visto uma leve contração nos lábios de Jack, e me senti grata por

ele ainda não ter se rebaixado a responder diretamente à rude acusação de Richard.

– E, aliás, caso você tenha esquecido, deixe-me lembrá-lo *mais uma vez* de que quem eu vejo ou deixo de ver não é mais da sua conta.

Jack se recostou no balcão, agora quase me ocultando da visão de Richard. Então apanhou um catálogo em uma pilha perto da caixa registradora e pareceu folheá-lo casualmente, examinando os títulos – mas isso, claro, apenas para uma pessoa cega ou estúpida o bastante para não perceber que sua real intenção era posicionar o próprio corpo como um escudo entre mim e Richard.

– Bem, eu não gosto disso – declarou Richard, fulminando Jack com um olhar que, uns cem anos atrás, teria levado os dois homens a um duelo.

Minha admiração pelo nível de tolerância do meu novo amigo cresceu ainda mais quando ele olhou para Richard com calma e disse:

– É mesmo? Na verdade, eu acho que ler é uma ótima diversão. Mas talvez seja só por causa da minha profissão.

Eu só vira Richard chegar perto de bater em alguém uma vez, em todos os nossos anos de convivência – e aquela situação não fora nem de perto tão tensa quanto a que se desenrolava ali, agora.

– Ouça, estou tentando ter uma conversa particular aqui com minha *noiva* – retrucou ele, e as palavras saíram forçadas entre dentes que pareciam já cerrados para dar ou receber um soco.

– *Ex-noiva* – corrija-o, constrangida com o fato de que havia praticamente gritado a correção, em minha tentativa frenética de derramar um pouco de água naquelas chamas, antes que elas se inflamassem de verdade. – *Ex-noiva* – repeti, bem mais baixo.

Os olhos de Jack seguiram para os meus, e neles era possível ler uma centena de perguntas, mas a maior parte delas, de uma forma ou de outra, parecia indagar se eu estava bem. Assenti quase imperceptivelmente, porém seu olhar se sustentou, fixo em mim.

Com a visão periférica, vi Richard olhar de Jack para mim, e soube que ele não perdera nada: nem a preocupação tácita no rosto de Jack, nem minha silenciosa resposta tranquilizadora.

– Ah, que maravilha!

Sua declaração foi acompanhada de um furioso sorriso de escárnio que deixava claro que ele se referia a algo que podia ser tudo, exceto uma maravilha. Nem seriam necessárias as palavras que ele gritou em seguida:

– Que merda é essa?

Ele deu meia-volta e saiu pisando duro. Bateu a porta tão forte que pensei que ela cairia das dobradiças. O silêncio perplexo que ficou em seu rastro foi finalmente quebrado por Monique.

– Acho que terei de rever minha opinião sobre esse jovem. Na verdade, para

um iniciante, ele até que xinga bem.



Jack saiu pouco tempo depois, levando dois livros muito caros que, sabe-se lá como, Monique conseguira lhe vender durante a breve visita. Ela deslizou a nota de 50 libras para o interior da caixa registradora e fingiu não ver meu olhar recriminador diante de sua exploração descarada.

– Não me olhe com essa cara feia, Emma! Se seus namorados vêm aqui ver você, o mínimo que podem fazer é comprar meus livros.

– Nenhum deles é meu namorado – corriji.

E doía saber que era verdade, por duas razões diferentes. Durante toda a tarde, aquela cena constrangedora se repetira seguidas vezes em minha cabeça, assim como a conversa que eu tivera com Jack, logo depois.

– Então era tudo *verdade*?

Eu confirmara com a cabeça, ainda atônita demais com o comportamento de Richard, de modo que mal conseguia falar. Ele raramente era hostil ou agressivo, e vê-lo daquela maneira fora muito desconcertante, como ver seu velho e fiel cão tentar arrancar o braço de alguém.

– E foi sua a decisão de terminar o noivado, não dele?

Eu o fitei com um expressivo olhar de ironia, que respondeu à sua pergunta sem a necessidade de palavras.

– Entendo.

Ele me observava tão intensamente que era difícil sustentar seu olhar.

– E como você está agora?

Aquela era uma excelente pergunta, mas eu não me sentia plenamente capaz de analisá-la por enquanto. Ainda estava surfando a crista da onda da minha raiva. Mas, girando em redemoinhos nas suas profundezas, havia a dor da traição e da perda.

Jack estendeu os braços até onde minhas mãos descansavam, no balcão, e as cobriu com as dele, o que fez com que as minhas parecessem pequenas, com os dedos dobrados dentro de seu aperto forte e protetor.

– Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, se quiser apenas conversar... sabe onde me encontrar.

Assenti em silêncio, incapaz de confiar na firmeza da minha voz, se eu tivesse de usá-la naquele momento.

– É sério, Emma – reiterou ele, baixando a voz a pouco mais que um sussurro, e provavelmente tão baixo a ponto de aborrecer Monique. – A qualquer hora. Dia ou noite. Prometa que vai me procurar, sim?

Mais movimentos afirmativos da minha cabeça.

Ele deixou a loja com muito menos barulho e drama que o último visitante.

– *Desse* eu gosto de verdade – declarou Monique, sincera.

– Só porque ele compra seus livros mais caros – disparei, esfregando as palmas das mãos contra o tecido da calça jeans sem perceber, como se para apagar qualquer vestígio do toque de Jack.

– Tsc, tsc – repreendeu-me minha chefe. – Olhe o que diz, Emma!

CAPÍTULO 9

Eu tinha acabado de adormecer, depois do que pareceram horas me revirando e remexendo na cama, quando meu celular zumbiu impacientemente na superfície polida da mesinha de cabeceira. A luz diáfana do amanhecer começava a penetrar pela abertura entre as cortinas, e eu tive que olhar várias vezes para o visor do telefone até ver que eram apenas seis e meia da manhã. Pisquei desejando clarear a visão e vi a identificação de quem ligava: *Caroline*. Automaticamente, meu estômago se revirou e meu coração falhou uma batida. Ninguém ligava àquela hora do dia, a menos que fosse sério.

– Caroline?

Atendi à ligação já sentindo meu estômago se contrair, à espera de más notícias.

Ela foi direto ao ponto.

– Vocês *terminaram*? Você rompeu com Richard e nem pensou em me contar?

– Caroline, são seis e meia da manhã.

Ela continuou a bufar, como se eu não tivesse falado.

– Que diabo você estava pensando?

– Richard lhe contou – concluí, suspirando.

– Não, ele não contou droga nenhuma! Qual é o problema com vocês dois? Recebi uma mensagem ontem à noite, de uma garota idiota... que eu nem conheço tão bem assim... do clube de rúgbi. Parece que Richard esteve no bar do clube ontem à noite, bebendo como se não houvesse amanhã e espalhando a notícia sobre vocês dois para quem quisesse ouvir. Estou aqui sentada há um tempão, esperando dar uma hora razoável para ligar.

Eu ia dizer que, na minha opinião, essa hora razoável ainda demoraria a chegar, mas Caroline não me deu chance de falar.

– Não posso acreditar, Emma Marshall, que nos conhecemos há mais de vinte anos e é *assim* que eu fico sabendo.

Quando Caroline finalmente parou para respirar, tudo em que eu conseguia pensar era: *Ótimo, nosso rompimento agora é um apetitoso tema para os fofoqueiros locais.*

– Por que diabo você não me contou? – disparou Caroline, em tom de acusação, com os pulmões claramente de volta à plena capacidade.

Na verdade, ainda era cedo demais para aquele tipo de conversa.

Eu dei como resposta uma única palavra:

– Amy.

– O que Amy tem que ver com isso?

Como em um terremoto, pude sentir um estrondo e o tremor quando o chão em que nossa amizade fora construída começou lentamente a se abrir. Fechei os olhos e vi uma vida inteira de lembranças despencar de cabeça nas profundezas escuras do abismo.

– Amy e Richard.

O suspiro de Caroline quando eu disse os nomes foi prova suficiente.

– Mas você já sabia, não é mesmo? – perguntei com amargura. – Percebi isso no outro dia; portanto, não se dê o trabalho de negar.

– Eu... eu...

Caroline, normalmente tão segura e confiante, parecia estar com dificuldade para formular uma resposta.

– Eu não tinha certeza.

Ela fez uma pausa e prosseguiu, confessando em um sussurro:

– Eu não *queria* ter.

– Droga, Caroline! Por que você não me disse nada?

– Porque eu não tinha *certeza*. Amy nunca me contou nada, e eu poderia estar enganada... Eu só sabia que ela estava saindo com alguém e que estranhamente estava guardando segredo sobre isso.

Fechei os olhos, como se eu pudesse fazer desaparecer a dor da traição, que estava sempre diante de mim, não importava para que direção eu me voltasse.

– Não posso acreditar que você não tenha dito nada, Caroline. Achava que você fosse minha melhor amiga.

– Eu não podia – disse ela, em um gemido. – Não podia magoar você desse jeito.

– E *isso* não está me magoando? – repliquei amargamente.

Outro longo silêncio. Caroline foi a primeira a quebrá-lo.

– Olhe, precisamos conversar sobre isso pessoalmente.

– Não, não precisamos.

– Emma...

Havia um tom dolorido, de negação, na voz de Caroline, e imaginei que a conversa não se desenrolara nem um pouco da forma como ela havia esperado.

– Emma, por favor, deixe-me ajudá-la a tentar resolver isso. Você pode continuar chateada comigo, eu não me importo, mas não me exclua da sua vida. Eu sou sua amiga. Você precisa de mim.

Agora que a raiva se esvaíra, sua voz saiu sussurrada e perceptivelmente

tremida quando ela concluiu:

– E eu preciso de *você*.

Ela estava certa, nos dois casos. Precisávamos uma da outra, e ela ainda era minha amiga, a única que me restava, agora que Amy e Richard tinham sido espetacularmente arrancados de mim. Mas era recente demais, estava cedo demais naquela manhã, e a ferida ainda estava exposta.

– Não quero falar sobre isso, Caroline, de verdade. Com ninguém, ainda não. Não há nada a resolver. Richard e eu terminamos. Isso não pode ser consertado.

Houve mais um longo silêncio do outro lado da linha, quando pude ouvir o ruído baixo da voz de Nick, ao fundo. Compreendi que eu provavelmente devia agradecer a ele o fato de não ter recebido aquele telefonema ainda mais cedo.

– Me dê alguns dias, Caroline. Preciso de espaço para colocar minha cabeça em ordem. Por favor. Eu telefono quando estiver pronta para falar. Mas me deixe sozinha até lá.

Depois do telefonema, eu me recostei nos travesseiros, sabendo que não haveria a menor possibilidade de voltar a dormir. Por mais que quisesse buscar apoio em Caroline, não podia ignorar – ou perdoar – o fato de ela ter suspeitado de que fosse Richard o homem com quem Amy estava “saindo” e, ainda assim, não ter dito nada. Nem uma só palavra. Ela deixara que eu continuasse a planejar um casamento, uma vida e um futuro, sabendo o tempo todo que tudo o que eu vinha construindo poderia muito bem estar sustentado em uma mentira. As três pessoas em quem eu mais confiava no mundo tinham me traído, de uma forma ou de outra, e o gosto ácido da dolorosa decepção queimava minha garganta sempre que eu pensava nisso.



Abri as cortinas do meu quarto na manhã de sábado, realmente grata por ser meu dia de folga. Até mesmo o tempo melhorara, e o sol tinha aparecido depois de vários dias. Vesti uma calça jeans e um suéter leve com decote em V e usei maquiagem suficiente apenas para garantir que ninguém pudesse perceber com facilidade quão pouco eu vinha dormindo nos últimos dias.

Covardemente, adiei a descida ao primeiro andar até que o motor do carro anunciou a saída de meus pais. A vida dos dois seguia, na maior parte do tempo, uma rotina muito fixa – o que dava um grande conforto à minha mãe e, por sua vez, tranquilizava meu pai. Aquela era uma parte de seu ritual de sábado: eles iam ao hipermercado da cidade próxima. Lá, minha mãe empurrava o carrinho e escolhia nas prateleiras os itens aleatórios e bizarros que, em sua maioria, meu pai conseguia recolocar no lugar – sem que ela visse e antes que chegassem à caixa. Ainda assim, ele deixava escapar um ou outro item, o que explicava o ocasional pote de ovos de codorna em conserva, ou um condimento exótico que

às vezes aparecia na despensa. Depois das compras, eles almoçavam sempre no mesmo restaurante, e minha mãe passava uns bons quinze minutos estudando o cardápio, até que pedia exatamente o mesmo prato que havia escolhido na semana anterior e na anterior àquela.

O dia se estendia à minha frente como uma ondulante estrada no deserto, mas eu não conseguia me concentrar em nenhuma tarefa. Tentei mergulhar no livro que estava lendo, procurando uma fuga nas páginas de mistério e intriga que criavam um mundo muito mais fácil, no qual bastava matar a pessoa que tivesse feito algo de que não se gostasse. Simples. Várias horas mais tarde, finalmente admiti a derrota e fechei o livro, suspirando. O enredo era complexo, e nada dele entrava na minha cabeça. Virei o volume e estudei o retrato do autor na quarta capa. Era diferente dessa vez, uma foto tirada em um estúdio. Contornei a imagem do cabelo escuro e espesso que ela mostrava e então me senti chocada comigo mesma ao me perguntar, muito à toa, como seria de fato correr os dedos por entre aqueles fios. Havia um brilho nos olhos castanho-dourados que me fitavam da foto, como se soubessem exatamente o que se passava pela minha cabeça.

– Ah, que droga! – praguejei, levantando-me num pulo.

Não parei para considerar meus motivos, temendo o que aquele tipo de análise poderia revelar, e fui em busca do meu casaco e das chaves do carro.

Escrevi um bilhete para os meus pais. *Caroline telefonou. Vou sair. Talvez volte tarde.* Bem, aquilo não era mentira, mas sem dúvida era uma interessante versão da verdade. No entanto, havia uma mentira da qual eu definitivamente era culpada: de ter dito a Caroline que eu não precisava falar sobre o que tinha acontecido. Porque eu precisava, muito, e isso era visível. Mas tinha que ser com alguém imparcial e solidário, alguém que compreendesse com exatidão o que eu estava sentindo, porque também sofrera a mesma traição capaz de abalar a fé nas pessoas.

Tinha um discurso perfeitamente ensaiado quando parei diante da casa de Jack, pouco tempo depois. *Olá, Jack, espero que você não se importe de eu ter aparecido assim sem aviso, mas, se não tiver outros planos para hoje à noite, eu gostaria de levá-lo para jantar, para agradecer tudo o que você fez.* Achei que soaria perfeitamente aceitável. Convidar para um jantar alguém que salvara sua vida era simplesmente um gesto simpático.

Cheguei à casa de Jack no momento em que ele voltava de uma corrida ao longo da enseada em formato de lua crescente, vizinha à sua casa. Eu o vi deixar a praia e seguir em direção à íngreme escadinha de pedra que levava ao quintal dos fundos da propriedade. Comecei a descer os degraus irregulares esculpidos rusticamente na face da rocha. Ele abriu um largo sorriso, um pouco ofegante, quando me viu. Vestia um short de corrida e uma camiseta de Harvard, o que indicava que ele já fora membro da equipe de corrida da universidade. Eu estava

impressionada, mas não surpresa.

– Emma – cumprimentou, e havia um prazer genuíno revelado no tom de sua voz.

Sorri um pouco timidamente em resposta, forçando meus olhos a focar seu rosto, não a brilhante camada de suor que cobria os braços e o corpo musculosos e fazia grudar a camiseta. O homem tinha corrido, pelo amor de Deus! Ele tinha o direito de suar. Eu mesma me senti um pouco desconfortável com o calor enquanto tentava lembrar o que estava fazendo ali.

Jack pegou uma toalhinha que tinha deixado na base da escada e a passou pelo rosto e pela parte posterior do pescoço. Um cacho de cabelo escuro ficou fora do lugar, e fiquei espantada com a intensidade da vontade que tive de estender o braço e ajeitá-lo.

– Desculpe, não devia ter vindo sem avisar. Estou interrompendo seu treino... sua corrida... ou seja lá o que for.

Os olhos dele brilharam.

– Você não costuma correr, não é?

– Não, a menos que eu esteja sendo perseguida ou tenha que escapar de um prédio em chamas.

Ele sorriu, e senti o nó apertado da tensão dentro de mim começar a afrouxar lentamente. Sempre me esquecia de que era muito fácil ter Jack como companhia, de que a camaradagem fluía sem nenhum esforço. Sempre me surpreendia o modo como me sentia relaxada ao lado dele.

– Quer caminhar um pouco? – perguntou ele, inclinando a cabeça na direção da praia vazia atrás de nós.

– Sim, contanto que você tenha certeza de que não estou me intrometendo.

– Claro que não está. Eu queria mesmo vê-la de novo – confidenciei, começando a andar ao meu lado. – Estou preocupado com você desde aquele episódio na livraria.

Senti um calor no rosto que poderia ser em razão do esforço de emparelhar meu passo com o dele. Ou talvez se devesse à constatação de que estivera nos pensamentos de Jack. Aquilo era bom ou ruim?

Caminhamos em um silêncio cômodo e amigável ao longo da praia deserta, seguindo o rastro das pegadas que ele deixara na areia. Algo naquele lugar silencioso e isolado transmitia uma paz e uma tranquilidade maravilhosas. Eu quase podia sentir a tensão escoar-se de mim, como se fosse a vazante da maré.

Por fim, chegamos ao ponto mais distante da enseada, e de mútuo acordo nos sentamos na praia, perto da linha em que as ondas mudavam a cor da areia de ouro para caramelo. Meu cabelo, sob a ação do vento já um pouco mais forte, açoitava minha cabeça, e as mechas esvoaçantes pareciam fitas vermelhas presas em um poste. Fiquei tentando, sem sucesso, prendê-las atrás das orelhas, e certa vez, ao erguer o olhar, vi que Jack me observava com uma expressão

curiosa. Sem nenhuma razão aparente, meu pulso acelerou e senti os lábios subitamente ressecados. Jack mudou ligeiramente de posição e se virou para olhar o mar.

– Semana difícil? – arriscou ele, com os olhos fixos no horizonte.

– Já tive melhores – respondi.

Ele se virou e olhou para mim.

– Quer falar sobre isso?

– Pensei que quisesse, ou mesmo que *precisasse*. Mas sabe de uma coisa? Agora que estou aqui, só quero deixar isso tudo para trás, como se fosse uma mala pesada que eu pudesse pegar mais tarde. Neste momento, não quero nem *pensar* nisso, muito menos falar.

Ele assentiu, provavelmente compreendendo meus sentimentos melhor que eu mesma.

– Caroline acha que estou errada, que eu *deveria* falar. Mas ela sempre foi assim. Ela analisa um problema de todos os ângulos possíveis, até encontrar uma solução.

– Não acho que seja uma estratégia ruim. Você já conversou sobre esse assunto com ela?

Eu me senti um pouco envergonhada ao responder.

– Não. Na verdade, não. Não estamos exatamente no melhor momento da nossa amizade. Eu a culpei, em parte. Porque ela não me disse que suspeitava do que estava acontecendo.

Quando ouviu minhas palavras, Jack franziu a testa, e pude ver que a minha resposta o tinha preocupado.

– Vocês duas passaram por algo tão terrível e trágico, algo que somente as duas podem de fato compreender. Talvez esta não seja uma boa hora para excluí-la da sua vida. E, quanto a não lhe contar, bem, ela provavelmente pensou que estivesse protegendo você.

– Eu sei, você tem razão. É só que agora a ferida está exposta. Acho que as minhas emoções ainda estão espalhadas por aí, por todo lugar.

Baixei o tom de voz, como se quisesse evitar que as gaivotas que circulavam acima das nossas cabeças ouvissem minha admissão de culpa.

– Na maior parte do tempo eu simplesmente sinto uma raiva imensa – falei, com a sensação de estar confessando um crime terrível. – Raiva de Caroline, por fazer segredo de suas suspeitas; raiva de Richard, por me trair, e de Amy também, pelo mesmo motivo...

A expressão no rosto de Jack era de preocupação enquanto eu continuava:

– ...mas principalmente raiva... ou melhor, ódio... por ela ter morrido e nos deixado.

– Queria muito não ter que voltar para os Estados Unidos daqui a três semanas – disse ele. – Tenho a sensação de que estou abandonando você

exatamente quando as coisas estão ficando difíceis.

Ele se aproximou de mim e passou o braço pelo meu ombro, parecendo entender que, embora eu não quisesse falar sobre o assunto, eu precisava, sim, de algum conforto.

Tive que apertar os lábios para que a resposta “Então não vá” não escapasse acidentalmente. Fora um pensamento ridículo meu, e teria sido bem constrangedor se eu o tivesse externado. Era óbvio que Jack iria embora: ele tinha dito, na noite em que nos conhecemos, que sua estada ali era breve. Sua casa e sua carreira eram nos Estados Unidos, e o que o mantinha na Inglaterra era somente a pesquisa que precisava fazer para seu livro.

– Não é responsabilidade sua cuidar de mim – argumentei, sentindo que meu lado independente, aquele que Richard sempre considerara tão desafiador, vinha mais uma vez à tona. Era bom senti-lo de novo. Depois de tanto tempo.

Jack sorriu, e eu compreendi que não tinha havido nenhum traço de machismo em seu comentário.

– Ah, mas em algumas culturas você *sempre* será minha responsabilidade. Faz parte do pacote, quando se salva a vida de alguém. Algumas filosofias acreditam que estou eternamente obrigado a cuidar de você agora.

– Andou pesquisando no Google, não foi?

– Sim. Você também?

– Sim.

Havia muitas informações na internet sobre as relações entre vítima e salvador: o vínculo, a proximidade, o compromisso e a obrigação inexplicáveis. Algumas esclareciam a estranha conexão que eu sentia com Jack desde a noite em que nos conhecemos.

– De qualquer forma, não sei ao certo se o que eu preciso é de falar – continuei, retomando o tema da conversa. – *Você* teve alguém com quem conversar depois que você e Sheridan... você sabe ...?

Por um momento me perguntei se eu não havia ultrapassado o limite. Era provável que eu não estivesse nem perto de conhecê-lo bem o bastante para justificar uma pergunta tão pessoal quanto aquela. Eu devia me esforçar mais para ter isso sempre em mente. Não sabia nem mesmo se ele me daria alguma resposta, quando um sorriso torto surgiu em seu rosto.

– Ah, eu conversei! Nós dois conversamos. Com dois advogados muito caros... e agora extremamente ricos. Você tem razão, às vezes falar *não é* a resposta.

Ao menos Richard e eu não tínhamos que nos preocupar em vender propriedades ou nos desfazer de bens comuns. Tivemos apenas um bem em conjunto, e eu o lançara pelo ar até o fundo de um despenhadeiro.

– Sabe, o mais estranho é que, quando tento entender meus sentimentos quanto a tudo o que aconteceu com Richard, eu me sinto mais humilhada e

furiosa que magoada.

Ele assentiu, demonstrando compreender o que eu estava dizendo.

– Acho que sinto cerca de setenta por cento de raiva e vinte por cento de mágoa.

Passado um segundo, Jack perguntou:

– Sei que lido mais com palavras que com números, mas você *sabe* que essa conta não fecha, não é?

Ergui os olhos para ele, enquanto ouvia sua observação gentilmente provocativa.

– O que são os últimos dez por cento, então?

Quando respondi, minha voz soou baixinho e suavemente, e foi quase como se as palavras estivessem sendo arrancadas dos meus lábios pela brisa revigorante do mar.

– Alívio.



Quando caminhávamos de volta para a casa, finalmente lembrei de perguntar a Jack se ele me deixaria levá-lo para jantar, mas ele inverteu o convite e me pediu que ficasse e compartilhasse sua refeição.

– Tenho cozinhado naquele seu fogão – disse ele, destrancando a porta dos fundos.

Entramos na cozinha, onde o ar estava tomado pelo cheiro de um ensopado picante à moda mexicana. Havia uma panela enorme, que na realidade estava mais para um caldeirão, sobre a chapa de fogo brando do fogão Aga, e ela continha o suficiente para alimentar ao menos uma dúzia de mexicanos que passassem por ali.

– Tem certeza de que tem o bastante?

Eu ri, tirando os sapatos cheios de areia e me aproximando do fogão onde Jack misturava o ensopado, que borbulhava suavemente.

– Tem muito – observou ele. – Não vá me dizer que é o tipo de garota que só come alface!

– Eu pareço alguém que só coma isso?

Minha resposta foi acompanhada por uma espécie de risada autodepreciativa, que soltei antes de perceber que aquilo soaria como se eu estivesse em busca de elogios. Senti meu rosto ficar mais quente que a mais ardida das pimentas, enquanto os olhos de Jack percorriam brevemente o meu corpo. De repente desejei ter vestido algo muito menos justo que o suéter fino que delineava claramente a plenitude dos meus seios e a calça jeans justa que se colava aos quadris e às coxas como uma segunda pele.

– Para mim, parece tudo certo – afirmou Jack, afastando-se de repente de

mim. – Preciso de um banho rápido. Você ficará bem sozinha aqui embaixo por alguns minutos?

– Claro, vou ficar de olho no ensopado.

Ele balançou um dedo no ar ao advertir:

– Não toque no meu ensopado. Trata-se de um trabalho de gênio culinário, além de ser a única coisa que eu sei cozinhar.

Ele então sorriu, de uma forma que fez seus olhos franzirem nos cantos.

– Sente-se e relaxe. Fique à vontade. Não vou demorar.

Não podia me sentar nem conseguia relaxar. E isso se devia, em parte, à necessidade de ignorar a pergunta que insistia em voar como um abutre ao redor da minha cabeça: *Que diabo você veio fazer aqui?* A outra razão era um pouco mais fácil de compreender, e tinha relação com não permitir que meus pensamentos vagassem para imagens de Jack tomando banho sob jatos de água quente, logo ali, no andar de cima.

Passei da cozinha para o corredor, e me admirei da quantidade de quartos do lugar. A primeira porta que tentei dava para um quarto que era nítido que Jack usava como escritório. Um documento aberto na tela do computador me atraía como um ímã, mas relutantemente fechei a porta. Afinal, não acreditava que o convite para “ficar à vontade” incluísse ler trechos do livro em que ele estava trabalhando.

Do outro lado do corredor havia uma sala acolhedora. Nela, notei algo cuja presença ali era tão surpreendente que, espantada, cheguei a arquejar. Caminhei até ele, e ainda estava ali, de pé, olhando-o, quando Jack desceu, uns dez minutos depois.

Como eu, Jack também estava descalço, por isso não ouvi quando ele se aproximou. Então dei um pulo quando ele, postado atrás de mim, pôs as mãos com suavidade em meus ombros. Precisei de um minuto ou dois para que meu coração voltasse ao ritmo normal, embora eu suspeitasse de que isso poderia ter acontecido muito mais rapidamente se ele tivesse tirado as mãos dos meus braços e não estivesse recendendo a sabonete, xampu e loção pós-barba. Cada vez que eu respirava, era invadida pelo cheiro perturbador dele.

– Desculpe, assustei você – disse ele. – Você devia estar a quilômetros daqui.

Era verdade. A cerca de mil quilômetros, na realidade. Voltei a encarar o quadro, e Jack me acompanhou.

– Gosto de ficar olhando para ele – confidenciou.

Seus olhos varreram a imagem, que mostrava uma casa em ruínas ao lado de um lago. Em primeiro plano, via-se um salgueiro, cuja sombra fora habilmente recriada pela artista na superfície ondulante da água.

– Pode-se olhar para ele uma centena de vezes, e mesmo assim perceber algo diferente, toda vez.

Meneei a cabeça, concordando com ele. Muitas das obras dela exerciam

exatamente aquele efeito sobre mim, e era gratificante ouvir que ele gostava daquela pintura para a qual estávamos olhando.

– Eu me pergunto que lugar é esse.

– É um vilarejo rural na Dordonha – falei, com meus olhos ainda colados no quadro.

Ele deu as costas para a parede e me olhou com espanto, então se aproximou da lareira para examinar a assinatura no canto do quadro.

– F. Marshall – disse ele, e a admiração em sua voz era claramente perceptível. – Sua mãe?

Confirmei com a cabeça, emocionada demais para falar. Fazia anos que eu não via aquele quadro.

– Passamos férias lá, há uns dez anos. Ficamos em uma pequena casa descendo a estrada que levava a esse local – contei, apontado a pintura com a cabeça. – Mamãe acordava ao amanhecer, todos os dias, esperando a luz certa para capturar o cenário do jeito que ela queria.

Ele estudou o quadro com o que parecia ser a medida certa de concentração e disse:

– Ela acertou na mosca.

Sorri com sua crítica muito pouco profissional.

– Sim, acertou.

Um de seus braços estava em torno dos meus ombros enquanto conversávamos, e pareceu perfeitamente natural que eu me apoiasse em Jack. Mas não havia em seu abraço nada que eu pudesse detectar que não fosse o apoio reconfortante de um amigo.

– Ela ainda pinta?

Deixei escapar um suspiro triste e pesaroso.

– O tempo todo. Mas nada nesse nível, não mais.

Havia uma simpatia genuína refletida no olhar de Jack, e a mão que segurava meu ombro o apertou suavemente.

– Acabamos ficando sem espaço nas paredes de casa, então ela começou a vender algumas telas em uma galeria da cidade. Na verdade, ela se saiu muito bem.

Tornei a suspirar, e olhei novamente para a pintura.

– Mas eu sempre gostei desta; torci para que ela ficasse com ela.

O sol estava começando em sua lenta descida em direção ao horizonte, e quando voltamos para a cozinha Jack abriu as portas de vidro, permitindo a entrada refrescante da brisa do mar e de preguiçosos e oblíquos raios de luz. Ele recusou minha oferta de ajuda enquanto pegava montes de verduras na geladeira e mergulhava um pouco mais em seus confins para extrair algumas cervejas e uma garrafa de vinho. Sorriu com aprovação quando optei pela cerveja, e abriu ainda mais o sorriso quando recusei o copo.

– Decididamente, o meu tipo de garota – disse ele, abrindo duas garrafas e me entregando uma.

Era apenas um modo de dizer, eu sabia, mas levei logo a garrafa aos lábios, tentando esconder o meu sorriso.

Enquanto ele lavava e picava os ingredientes da salada, pensei em colocar nossos pratos, e comecei a abrir espaço entre os papéis acumulados em pilhas sobre a mesa. Um grande envelope escorregou das minhas mãos, de forma que o conteúdo se espalhou sobre a mesa: uma coleção de fotografias coloridas caiu como cartas de tarô na superfície de madeira. Logo reconheci o lago que tínhamos visitado; as fotos eram parte da pesquisa de Jack. Comecei a reuni-las novamente em uma pilha. As imagens eram tão semelhantes que ficava difícil ver o que ele estava tentando capturar ali, mas então meus dedos se imobilizaram quando chegaram às quatro últimas, que estiveram escondidas sob as demais. Eu estava retratada em todas. Abri a boca para dizer alguma coisa, para perguntar por que ele as tinha tirado... Mas tornei a fechá-la, confusa.



Naquela noite, aprendi mais sobre Jack com as coisas que ele *não* disse que com as que disse. Ele falou do pai, já falecido – e a proximidade dos dois e a falta que sentia dele estavam ali, em sua voz, o que achei realmente comovente. Sempre acreditei que se pode dizer muito sobre uma pessoa com base no relacionamento que ela tem com a família, principalmente com os pais, o que era uma das coisas que eu sempre amara em Richard. Balancei a cabeça, como se quisesse me livrar de um inseto irritante. Precisava aprender a parar de fazer aquilo: ficar relacionando tudo com Richard.

Jack era uma boa companhia, divertido e inteligente – e também muito hábil em desviar a conversa para longe de qualquer questão muito pessoal. Claro que ele tinha todo o direito de proteger sua privacidade, assim como, tenho certeza, muitas pessoas de vida pública faziam, mas ainda assim era frustrante. No fim da refeição, eu havia comido demais, estava um pouco tonta por causa das duas cervejas que tomara e provavelmente tinha contado muito mais do que deveria sobre meu relacionamento com Richard. Em troca, não obtivera quase nada.

Quando Jack foi até a geladeira e, com um olhar interrogativo, ergueu mais uma cerveja, fiz que não com a cabeça. Eu teria que dirigir mais tarde, e duas cervejas definitivamente eram o meu limite. Ele pegou uma, tirou a tampa e levou a garrafa à boca. Enquanto bebia um gole demorado, meus olhos foram atraídos para seu pescoço: fiquei olhando com fixação, estranhamente fascinada com os músculos que se moviam sob a pele bronzeada. Ele notou que eu o observava, e senti um rubor quente em minhas bochechas.

– Que foi? – perguntou ele, baixando lentamente a garrafa e recostando-se na

bancada.

Abri a boca para falar, mas não saiu nada. *Diga alguma coisa*, meu cérebro gritava para mim. *Qualquer coisa. Mas não fique aí sentada, boquiaberta.*

– Eu só estava me perguntando...

Minha voz sumiu. Eu não tinha ideia do que dizer, de como terminar a frase.

– Que foi, Emma? Se você quer saber alguma coisa, pergunte.

Engoli em seco ruidosamente, como se fosse eu que tivesse acabado de beber metade de uma garrafa de cerveja. Será que todos os escritores de romances policiais eram daquela forma, tão diretos e intuitivos, ou será que aquilo era uma característica particular de Jack?

– Bem... você falou sobre seu trabalho e sobre sua vida nos Estados Unidos, mas não disse se havia alguém especial nela... alguém à espera de que você volte para casa...

Estremeci por dentro. Deveria ter perguntado sobre o livro que ele estava escrevendo, seu prato favorito ou quanto ele ganhara no último ano! Qualquer coisa teria sido preferível a xeretar sua vida pessoal. Jack sorriu diante de meu desconforto, e em seus olhos havia um brilho malicioso.

– Bem, tem o Fletch, meu labrador, que é um pouco especial, agora que está ficando com as patas traseiras instáveis. Mas ele já tem 12 anos, então isso é de esperar. E, é claro, tenho dois cavalos que...

Embolei um guardanapo e joguei nele.

– Certo, certo, já entendi. Estou sendo intrometida e invasiva. Desculpe. Esqueça que perguntei.

Ele se abaixou para pegar o guardanapo, mas não havia censura em seus olhos quando encontraram os meus.

– *Tive* algumas mulheres no meu passado – admitiu ele. – Mas ninguém que eu me arrependa de ter deixado escapar.

Havia uma honestidade clara em suas palavras e em seu rosto, e eu estava totalmente despreparada para aquilo e para a fugaz pontada de inveja que senti das mulheres sem nome que passaram pela vida dele.

– Você nunca pensou em se casar novamente?

– Não, nunca. Não acredito mais no casamento – respondeu Jack, com firmeza, e havia uma tensão tão perceptível em sua voz que me arrependi de ter provocado.

– Não? Nem em Papai Noel e na Fada dos Dentes? – brinquei.

A tensão se dissolveu à medida que o som de sua risada encheu a cozinha.

– Você é engraçada – comentou, em tom de elogio, o que fez algo dentro de mim inflar.

– Farei apresentações aqui a semana inteira, pode comprar o ingresso.

Ele tomou outro gole antes de continuar:

– Já percorri a estrada do casamento uma vez, e não me vejo fazendo isso de

novo.

– Já viu esse filme...

– E comprei a camiseta – completou ele, com uma expressão pesarosa no rosto. – Mas ela não serviu.

Muito bem. Não havia espaço para ambiguidade no que ele revelara. Recolhi nossos pratos sujos e fui lavá-los na pia, sem saber por que suas palavras tinham me afetado. Não cabia a mim curar ou salvar aquele homem, com seu passado machucado. Seria a responsabilidade de outra pessoa. Por algum motivo, aquela constatação me deixou triste.

– Bem, eu também tenho uma pergunta para você. Por que *alívio*?

Levei um momento para perceber que ele estava retomando o fio da nossa conversa anterior.

– Você esperou *três horas* para perguntar isso?

– Sou um homem paciente. Não acredito em apressar as coisas. Gosto de fazer tudo com calma.

Meu pulso acelerou um pouco ante o *duplo sentido* involuntário de suas palavras e a maneira ridícula como eu as interpretara. Quando o olhei para responder, vi um brilho divertido em seus olhos, e de repente percebi: as palavras eram suas ferramentas, e ele sabia exatamente o que estava fazendo com elas.

– *Alívio?* – lembrou ele.

– As coisas aconteceram de modo mundo rápido entre mim e Richard. E isso não foi culpa *dele* só, foi de nós dois.

Pelo menos fui honesta o bastante para admitir.

– Quando voltei para casa, retomamos imediatamente o nosso relacionamento, como se os anos de afastamento nunca tivessem existido. E isso foi errado, porque não éramos mais as mesmas pessoas. Nós fomos de zero a cem em questão de semanas.

Olhei para ele, para ver se o estava entediando com aquele assunto, mas Jack simplesmente assentiu, encorajando-me a continuar.

– Richard me pediu em casamento no Natal, diante de nossas famílias, ajoelhado... essa coisa toda. Foi completamente inesperado e romântico, e eu me deixei levar por aquilo.

Minha voz estava tão carregada de arrependimento, tão tensa, que se tornou quase um sussurro.

– Eu o amava. Do contrário, jamais teria dito sim, mas será... eu não sei... será que eu o amava *o bastante*?

Era uma pergunta a que nem eu mesma sabia a resposta, e contrai os lábios, como se tivesse dito algo vergonhoso. Era a primeira vez que expressava aquele pensamento em voz alta. A primeira vez que ousava fazê-lo. Na ocasião do pedido, eu fora arrastada pelo entusiasmo de amigos e parentes, que ficaram todos tão encantados com o fato de estarmos noivos que acabaram por me deixar

sem espaço, sem nenhuma chance de dizer: “Não podemos ir mais devagar e pensar nisso um pouco mais?”

– Não se pode casar para agradar à família ou aos amigos – declarou Jack, e de alguma forma eu podia perceber que mais uma vez as nossas histórias passadas se cruzavam e se fundiam.

– Sei disso.

Ficamos ambos em silêncio por um momento.

– Já chega disso – anunciou Jack – Eu devia animá-la, não fazer com que enchêssemos de lágrimas a nossa cerveja. Que tal um filme?

– O cinema mais próximo fica a uns 50 quilômetros daqui – comentei, olhando para o relógio em meu pulso. – Duvido que chegássemos lá antes de o filme começar.

– Não estou falando de cinema – corrigiu ele. – Tem uma pilha de DVDs na outra sala. Enquanto eu acendo a lareira, por que você não escolhe algo para assistirmos?

Ele não estava brincando quando disse que era fã de filmes. Devia haver mais de duzentos estojos de DVD na caixa que ele me entregou. Eu poderia passar o resto da noite só tentando escolher algum. Ajoelhei-me no chão com a caixa à minha frente, enquanto Jack arrumava gravetos e achas no cesto da lareira.

– Não consigo escolher. O que você gostaria de ver? – perguntei, feliz por ele estar de costas para mim, agachado diante da lareira preparando o fogo, porque minha atenção estava dividida entre a caixa de filmes e a maneira interessante como seus músculos se moviam sob o tecido fino da camiseta.

– Qualquer coisa. Você decide. Ou apenas escolha um por acaso.

Fiz como ele tinha dito.

– *Charada* – anunciei, erguendo o estojo plástico para sua aprovação.

– Uma europeia que se apaixona por um americano misterioso. Escolha interessante.

Levantei-me e entreguei a ele o estojo com a imagem de Audrey Hepburn e Cary Grant na capa, dizendo:

– Não vejo este há séculos, e adoro a voz dela.

Ele inseriu o disco no aparelho, antes de se voltar e me encarar.

– Prefiro a sua.

Não sabia o que dizer, então resolvi que o melhor era não dizer nada. Jack se sentou no sofá de dois lugares, esticando as longas pernas à sua frente. O sofá era grande o suficiente para acomodar nós dois, mas hesitei e me virei na direção de uma poltrona solitária ao lado da lareira crepitante.

Ele deu um tapinha na almofada vaga ao seu lado no sofá, como um convite.

– Venha sentar-se aqui.

Normalmente não respondo bem quando me dizem o que fazer. Tenho um

veio de teimosia em mim com mais de um quilômetro de largura. Gosto de estar no comando, de tomar as minhas decisões. Jack me olhou do sofá confortável, e sua expressão revelava que ele sabia exatamente o que eu estava pensando.

Eu me sentei ao lado dele.



Há coisas piores do que adormecer na casa de alguém quando você foi convidada para o jantar, e uma delas é adormecer com a cabeça apoiada na virilha de seu anfitrião. Infelizmente, eu fiz as duas coisas.

Estava sonhando. Estávamos na França, na casinha próxima à antiga casa de fazenda retratada no quadro de minha mãe. Ela estava ansiosa para ir pintar, mas eu insistia em que, antes, ela escovasse meu cabelo, para que eu pudesse ir à escola. Era um sonho maluco, do tipo que não fazia nenhum sentido.

Em um minuto estávamos assistindo a Cary e Audrey correndo por Paris, tentando evitar que se apaixonassem ou fossem assassinados, quando então o calor do fogo, as cervejas do jantar ou apenas o fato de eu não estar dormindo bem desde não sei quando me venceram. E não acordei com um susto, muito pelo contrário. Meus olhos se abriram aos poucos, focando uma curiosa forma de metal diretamente diante do meu rosto. Pisquei devagar, tentando entender o que era aquilo e o que estava fazendo no meu travesseiro. O travesseiro, que, aliás, parecia ter estranhos contornos não muito confortáveis. A forma de metal me confundiu: era como um daqueles enigmas de revista, apresentando um objeto cotidiano fotografado de um ângulo estranho. De onde eu estava, ali deitada, parecia o puxador de um zíper.

O sono me deixou em um instante, quando me ergui abruptamente de seu colo, acertando-o dolorosamente no maxilar com a parte posterior da minha cabeça. Vários palavrões encheram o ar (não tenho certeza de quem eles vieram), e ainda estávamos ambos esfregando as áreas atingidas no choque quando me apoiei nos joelhos.

– Ah, meu Deus, Jack, desculpe! – falei, verdadeiramente mortificada.

– Por quê? Por usar meu colo como travesseiro ou por tentar quebrar meu maxilar?

Ele parou de esfregar a área machucada, e havia de fato uma grande marca vermelha no ponto onde minha cabeça se chocara com seu rosto.

– Devo ter cochilado – comentei, digna de um Einstein.

Olhei para a televisão e vi apenas a tempestade branca e granulada.

– O filme já acabou?

– Há quase duas horas.

– Por que você não me acordou?

– Bem, para começar, de início achei que você só estivesse... encontrando

uma posição confortável...

Tenho certeza de que meu rosto inteiro estava vermelho.

– Então, quando percebi que você tinha mesmo dormido, fiquei com pena de perturbá-la. Você parecia estar precisando do descanso.

– Desculpe mesmo – repeti.

Ele estendeu a mão e deu tapinhas de camaradagem em meu ombro – não da maneira como se esperaria que um homem fizesse com uma mulher que, poucos minutos antes, estava com o rosto enterrado em sua virilha.

– Não se preocupe com isso.

Olhei para o relógio e vi que já passava da meia-noite.

– Já é muito tarde. Preciso ir.

– Não sem um café – disse Jack – Quero ter certeza de que você estará bem acordada antes de se sentar ao volante do carro.

Ele me deixou ali e foi preparar a dose de cafeína, e eu afundei de volta no sofá, ainda me encolhendo por dentro ao pensar em como tinha me aconchegado tão intimamente com ele enquanto dormia. Corri os dedos pela bochecha que se aninhara no corpo de Jack, e pude sentir os sulcos e as marcas deixados pela costura da braguilha do jeans. Esfregando furiosamente os vincos, fui verificar o dano em um espelho com moldura de carvalho pendurado na parede. No lado sobre o qual eu estivera deitada, meu rosto parecia de fato amassado e meu cabelo estava uma bagunça. Estranhamente, no outro lado da cabeça, os longos fios ruivos estavam lisos e arrumados, puxados para trás, sem uma única mecha fora do lugar, preso atrás da orelha, quase como se tivessem sido alisados e acariciados.

O truque da cafeína funcionou, embora eu tenha engolido o café tão rápido que ele desceu queimando a garganta. Jack queria me seguir em seu carro e certificar-se de que eu voltaria para casa em segurança, mas insisti em que não era necessário.

– Você bebeu mais cerveja que eu. Não deve dirigir de jeito nenhum – falei, enquanto deslizava os braços pelas mangas do casaco que ele segurava para que eu vestisse.

Ele levou as mãos à minha nuca, para soltar o cabelo da gola, e seus dedos roçaram a pele.

– Acho que um cara do meu tamanho pode aguentar três cervejas sem desmaiar bêbado em um sofá – provocou.

– Eu não estava bêbada, estava dormindo – protestei enquanto ele me acompanhava na curta caminhada até meu carro.

Peguei as chaves na bolsa quando paramos ao lado do automóvel. A noite estava clara e estrelada e tão silenciosa que eu podia ouvir o som abafado do mar quebrando nas rochas da praia.

Ficamos diante um do outro na escuridão, ambos parecendo estranhamente

desajeitados e inseguros quanto à maneira como a noite deveria terminar. Fiz o primeiro movimento, descansando as mãos em seus ombros e dando-lhe um beijo suave no rosto.

– Obrigada pela noite encantadora – agradei, afastando-me. – Estou me sentindo muito melhor agora.

CAPÍTULO 10

Alivraria teve um movimento atípico naquela segunda-feira e, ao fim do dia, eu sentia uma dor incômoda e irritante na base da coluna e estava exausta e exasperada. Quando cheguei à entrada da garagem de casa, sonhava com a perspectiva de um jantar rápido e um demorado banho de espuma. Só que não pude estacionar o carro no lugar habitual, porque a vaga estava ocupada pela última coisa que eu queria (ou esperava) ver ali. O carro de Richard.

– Que inferno! – murmurei, ao parar meu carro ao lado do dele e olhar em seu interior.

Vazio. Richard já havia entrado. Um movimento fugaz na janela chamou minha atenção, o que significava que alguém ouvira minha chegada. Sem chance agora de fazer o que seria minha reação instintiva: uma rápida retirada e ficar dando voltas a esmo pelas ruas, até que ele fosse embora.

Eu devia esperar por isso, pensei, sentada no carro, bufando em silêncio. Era praticamente inevitável, dada a maneira como meus pais haviam reagido à notícia do nosso rompimento. Por dias, eu evitara contar a eles, mas, assim que soube que o fim do nosso noivado era de conhecimento público, não tivera escolha senão me sentar com meus pais numa noite após o jantar e efetivamente partir o coração de mamãe. Ver a desolação tomar conta de seu rosto à medida que eu explicava o mais devagar e pacientemente possível que Richard e eu tínhamos decidido que não nos casaríamos mais foi tão horrível quanto imaginei que seria.

– Chegamos à conclusão de que talvez tenhamos precipitado um pouco as coisas – explicara delicadamente, imaginando se a mentira soava tão falsa para eles quanto para mim.

Meu pai, sentado no sofá ao lado de mamãe, que se mostrava chocada e consternada, não aceitara uma explicação tão vaga quanto aquela.

– Mas você conhece Richard há 25 anos. Como isso pode ser precipitado?

Valeu por essa, pai! Estendi a mão para pegar a de mamãe, pensando se era daquele jeito, dilacerados e desesperados, que os pais se sentiam quando contavam aos filhos que estavam se divorciando. Minha mãe parecia mesmo tão desamparada quanto uma criança ao ouvir que seu mundo estava prestes a ser

destruído.

– Acredito que nos precipitamos ao ficarmos noivos. Não tínhamos reatado por tempo suficiente para tomarmos esse tipo de decisão. Acho que ambos mudamos muito durante o tempo em que estivemos separados. Não somos mais os mesmos de quando éramos adolescentes.

Minha mãe havia assentido, calada, o que poderia ter significado que ela compreendia, não fosse o fato de seus olhos estarem confusos e cheios de lágrimas.

– Quando se ama de verdade, o tempo que se está junto não importa. Sua mãe e eu ficamos noivos depois de apenas três meses.

Mais uma vez, pai, obrigada!

– Quem sabe vocês não mudam de ideia... – dissera mamãe, em uma voz tragicamente esperançosa.

– Não creio, mãe.

– Todo mundo tem um desentendimento de vez em quando – dissera ela, como se me falasse de um mundo que eu nunca tivesse vislumbrado. – Provavelmente, é só um pouco de medo, um frio no estômago. Deve ser isso.

Frio no estômago. Coração congelado. Na verdade, mãe, frieza em tudo.

Meu pai não comprara a versão que eu havia tão cuidadosamente ensaiado, mas ao menos tivera o bom senso de não me pressionar mais.

– Eu já tinha o vestido e o chapéu, e tudo o mais – dissera mamãe, em tom de lamento. – Vocês dois são tão perfeitos juntos! Todos dizem isso. Mesmo quando eram criancinhas, faziam tudo juntos; eram inseparáveis. Ele era um bom menino naquela época, e ainda é. Vai ser um bom marido, e um bom pai também, um dia.

Sua voz tinha começado a vacilar.

– Ele já é como um filho para seu pai e para mim.

Foi quando eu soube que não conseguiria me segurar por muito mais tempo: mal podia respirar sob o peso da culpa que ameaçava me soterrar. *Felizmente, já está quase terminado*, eu pensara então. Mas haveria ainda a pergunta final de papai:

– Emma, essa decisão tem alguma relação com Amy?

Naquele momento, vi um caleidoscópio girar em minha cabeça: o para-brisa estilhaçado, os terríveis ferimentos de Amy, e então seu corpo, quente e suado de paixão, enroscado com o de Richard.

– Não. Não mesmo – mentira, e depois fugira para a privacidade do meu quarto antes que desmoronasse por completo.



Quando coloquei a bolsa e o casaco na mesa do hall de entrada, pude ouvir o

som de vozes que vinha da sala de jantar. Vislumbrei meu reflexo no espelho de moldura dourada na parede e fiquei surpresa ao constatar que eu parecia relativamente normal. Devia haver vapor saindo de meus ouvidos, porque eu estava com toda a certeza a poucos graus do ponto de ebulição.

– Aí está ela! – gritou minha mãe, radiante, quando abri a porta.

Três rostos se voltaram na minha direção. Dois deles sorriam, mas o terceiro parecia na defensiva, e com toda a razão. A mesa estava posta para quatro, e havia travessas cobertas e uma panela fumegante no centro. Richard estava sentado na cadeira que ocupara durante as numerosas refeições que havia partilhado conosco ao longo dos anos. Tinha um copo de cerveja a meio caminho da boca, e me olhou com cautela por cima da borda. Com admirável controle, resisti ao impulso de arrancar o copo de sua mão, ou de o virar todo em cima dele, embora ambas as ideias tivessem seu mérito.

– O que está acontecendo aqui?

Vi minha mãe engolir em seco, nervosa, e meu pai pousar a mão em seu ombro, tranquilizando-a.

– Não há nada *acontecendo* aqui – falou ele em tom apaziguador. – Só estamos jantando, só isso.

Virei-me para lançar um olhar expressivo a Richard, só para o caso de eles não terem notado que alguém que não morava ali estava à nossa mesa. Mamãe mudou desconfortavelmente de lugar na cadeira, mas foi a vez de meu ex-noivo estender a mão sobre a mesa e apertar a dela, acalmando-a. Maravilha. Eles agora haviam feito de *mim* a vilã.

– Está tudo bem, Frances. Emma só está surpresa de me ver aqui. Só isso.

“Surpresa” não era a palavra que eu teria escolhido, e tenho certeza de que isso não passou despercebido a Richard, considerando que o fuzilei com os olhos.

– Posso dar uma palavrinha com você, por favor, Richard? Lá fora.

Era admirável que eu tivesse conseguido enunciar as palavras, tão apertados estavam meus lábios. Richard se levantou e, virando-se para meus pais, dirigiu-lhes um sorriso de desculpas.

– É melhor que seja rápido – aconselhou meu pai. – Eu já vou servir, e é aquele frango de que você gosta, rapaz.

Só de pensar em comida, meu estômago revirou, protestando. Ou será que fora por ouvir meu pai falar com meu ex de forma tão carinhosa?

Richard deliberadamente se demorou, recolocando com cuidado a cadeira junto à mesa e deixando o guardanapo ao lado do prato enquanto eu esperava à porta com crescente impaciência. Por que ele estava se dando o trabalho? Será que não sabia que de jeito nenhum ele voltaria para aquela mesa?

Ele me seguiu até o corredor e eu me certifiquei de que a porta da sala de jantar estivesse bem fechada, antes de me virar para ele como uma lutadora de boxe.

- Que diabo você está fazendo aqui? – disparei.
- Você vai me dar um soco se eu disser “jantando”?

Ele viu a expressão em meus olhos e percebeu que não era um bom momento para brincar.

– Olha, seus pais telefonaram para mim hoje e me convidaram. O que eu deveria ter dito?

– Hã... “não” teria funcionado.

– Como eu poderia, quando seu pai me disse que sua mãe estava muito aborrecida com... você sabe... você e eu?

– Não existe mais “você e eu”. Não mais. Lembra-se?

Ele prosseguiu, como se eu não tivesse falado.

– Então, quando ele me disse que ela não vinha dormindo bem por esse motivo, o que eu deveria dizer?

Sua justificativa me atingiu como uma ferroada, mas também soou dolorosamente verdadeira. Nem mesmo Richard seria tão insensível para vir sem um convite. Mas por que papai não me dissera nada sobre como mamãe estava lidando com aquela questão?

– E então – continuou Richard, com um pouco menos de confiança – eu pensei que... talvez... *você* pudesse ter pedido a eles que me ligassem... Que você quisesse dar o primeiro passo...

Meus olhos se arregalaram, incrédulos, mas, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele rapidamente acrescentou:

–... mas agora vejo que não foi o caso.

Balancei a cabeça já em desespero. Provavelmente aquilo era culpa minha. Se eu tivesse dito a meus pais a *verdadeira* razão de eu ter rompido com Richard, teria mais chance de meu pai recebê-lo com uma espingarda que com uma panela de comida. Mas eles acreditavam que tivéssemos tido apenas uma briga boba ou que eu estivesse sofrendo de um caso de nervosismo pré-nupcial. Agora, a menos que o expulsasse de casa e arriscasse aborrecer meus pais ainda mais, eu teria de engolir uma noite com Richard sentado à mesa diante de mim.

– Venham, vocês dois. A comida está esfriando – chamou meu pai lá da sala de jantar.

– Isto ainda não acabou – sibilei, dando meia-volta e agarrando a maçaneta da porta.

Mas Richard também levou a mão ao puxador, e seus dedos cobriram os meus. Por um instante, paramos na borda de um despenhadeiro familiar.

– Não, Emma, não acabou – reforçou ele, em voz baixa, como se fosse uma promessa. – Não acabou mesmo.

Não foi a melhor das refeições, mas tampouco foi a pior. Ninguém esfaqueou ninguém nem derramou um prato de comida fervente no colo do outro. O que não quer dizer que eu não tenha pensado na possibilidade. A recente viagem organizada pela escola de Richard dominou a maior parte da conversa, o que para mim estava bom: quanto menos oportunidade tivéssemos de falar um com o outro, menor a chance de terminarmos em um festival de insultos.

Odiava estar tão na defensiva e exasperada em minha própria casa; odiava sentir que Richard estava invadindo meu espaço. Havia limites, e ele não os estava respeitando, e a situação não mudaria enquanto meus bem-intencionados pais continuassem tentando fazer com que voltássemos. Era difícil ignorar as expressões de expectativa e esperança em seus rostos ao longo do jantar. Eles mais pareciam dois cientistas dedicando-se ao estudo da calota polar e antecipando, ansiosos, os primeiros momentos de um degelo. Tinham uma longa espera pela frente.

Quando o timer do forno soou e meu pai foi buscar a torta de maçã com creme (outro prato entre os favoritos de Richard – papai estava *mesmo* lançando mão de todos os recursos possíveis), uma atmosfera constrangedora desceu sobre a mesa. Embora mamãe ouvisse tudo com atenção, desde que a doença se manifestara sua contribuição na conversa não era grande coisa. No entanto, sua presença significava que nem Richard nem eu podíamos dizer exatamente o que queríamos. Em vez disso, usávamos a linguagem corporal; sobretudo, trocávamos muitos olhares. Por isso, quando papai voltou, eu estava sentada muito ereta na cadeira, como se aguardasse a chegada de um carrasco, não da sobremesa. Quando os pratos foram retirados, eu estava com uma dor de cabeça colossal e não queria nada além de me retirar para o santuário do meu quarto.

– Alguém quer café?

Richard ia aceitar, mas, ao olhar para mim, mudou de ideia.

– Não posso, infelizmente, Bill. Tenho que corrigir uma pilha de trabalhos ainda hoje – explicou, levantando-se.

– Ah, que pena! – lamentou mamãe – Mas na verdade *eu* também tenho uma pilha de dever de casa para corrigir para amanhã de manhã.

Por um breve momento, o muro entre mim e Richard se desfez em pó, enquanto trocávamos um olhar.

– Eu acompanho você – ofereci-me.

Richard assentiu, concordando. Então deu um beijo no rosto de mamãe, agradeceu ao meu pai a refeição e me seguiu mais uma vez em direção ao corredor. Eu estava com menos raiva do que antes, em especial porque a raiva exigia mais energia que a que me restava naquele momento. Estava praticamente esgotada.

– Você não pode fazer isso de novo, Richard. Não pode aparecer no meu trabalho nem vir à minha casa. Isso não é justo.

– De outra forma, não consigo que você me atenda.

Suspirei pesadamente antes de explicar:

– E o que você acha que isso quer dizer? Você não pode me *obrigar* a mudar de ideia. Não assim. Se continuar agindo dessa forma, só vai me fazer odiá-lo ainda mais.

Ele arquejou ante a minha rudeza.

– Você me *odeia*?

Balancei a cabeça, cansada e confusa. Era ódio o que eu sentia?

– Não sei. Às vezes, sim. É. Esta noite, cheguei bem perto disso.

Ele teve a decência de parecer envergonhado. Estendeu a mão na minha direção, mas, ao ver minha expressão de incredulidade, deixou-a cair ao lado do corpo.

– Desculpe. É só que eu não sei o que fazer, o que dizer. Não sei como fazer este jogo, para ganhar você de volta.

– Isto não é um jogo.

– Sei disso.

– Não tem vencedores aqui. Todos saímos perdendo.

– Não precisa ser assim – implorou Richard, e a rouquidão em sua voz evidenciava a emoção que ele estava sentindo.

– Precisa. Ao menos por ora.

Eu pensei que, ao dizer aquelas palavras, estivesse fechando a porta com firmeza, mas ele entreteve alguma esperança escondida entre elas.

– Mas talvez... não agora, eu entendo... mas, com o tempo... um dia...?

Sua voz falhou.

– Não, Richard. Sinceramente, não sinto que isso possa acontecer.

Ele balançou a cabeça, e os cabelos louros caíram sobre seus olhos, mas não o suficiente para esconder a dor que eles deixavam transparecer.

– Não vou parar de tentar reconquistar você, Emma. Não posso simplesmente dar as costas e ir embora.

Não havia mais nada que eu pudesse dizer a ele.

– Por favor, não jogue fora tudo o que tivemos, tudo o que fomos.

– *Você* fez isso. Não fui eu. A única coisa que *eu* joguei fora foi meu maldito anel.

Ele riu sem humor.

– É. E eu não sei disso? Passei algumas horas vasculhando as pedras e as ervas daninhas à procura dele.

Apesar de tudo o que eu tinha dito sobre não me importar com o que acontecesse a ele, não pude impedir minha reação instintiva diante de sua imprudência.

– Você desceu a Farnham Ravine depois que eu fui embora? Você é maluco? E se você tivesse se machucado ou deixado o telefone cair? Como alguém

saberia que você estava ferido?

Estranhamente, o fato de eu estar furiosa com ele pelo risco tão idiota que ele correria pareceu deixá-lo feliz.

– Bem, como você pode ver, não quebrei nenhum dos dois. Mas também não encontrei seu anel.

Fiquei irritada ao pensar na inutilidade daquela tentativa de procurá-lo. O anel estava definitivamente perdido.

– Eu pensei que se... *quando* você mudar de ideia, vai querer seu velho anel de volta.

– Não vou mudar de ideia, Richard.

– Por enquanto, não – admitiu.

Não restava nada a ser dito. Estávamos andando em círculos. Abri a porta e esperei que ele soubesse por ela. Quando estava quase cruzando a soleira, Richard acrescentou:

– Aliás, se eu *tivesse* caído, o telefone não teria ajudado.

Franzi a testa, tentando entender.

– Não havia sinal – disse ele, com amargura. – Nada. Depois que desisti de procurar o anel, tive de andar mais uma hora até conseguir ligar para que fossem me pegar.

Abri a boca para falar, e ainda não sabia se seria um “desculpe” ou um “bem feito!”, mas acabei não dizendo nenhum dos dois, porque um barulho me deteve. Virei-me na direção da sala de jantar e vi que a porta estava entreaberta. Pelo vão, via-se a silhueta da minha mãe.

– Adeus, Richard – disse, abrindo ainda mais a porta.

– Boa noite, não adeus.



Eu não ouvi quando ela entrou. Poderia ter sido o farfalhar do tafetá e da seda, que teimosamente se recusavam a ficar dobrados na cama, que mascarara seus passos no tapete do quarto. Poderia ter sido o crepitar do papel de seda enquanto eu tentava acondicionar na caixa o vestido mais caro que eu já havia comprado – e não usara. Mas o mais provável é que tivesse sido o som de meus leves soluços que me impediu de ouvir que minha mãe havia silenciosamente se juntado a mim no quarto de hóspedes, no momento em que eu lutava para guardar meu vestido de noiva.

Eu a senti tocar de leve o meu ombro. Inclinei o rosto até que minha bochecha se apoiasse no dorso de sua mão. Com delicadeza, ela afastou os fios de cabelo do meu rosto, soltando-os da pele úmida. Em seguida, correu a mão livre pelos meus cabelos, acariciando e confortando. Fechei os olhos e tive a sensação de que tinha dez anos novamente.

– Chegue para lá – pediu com doçura na voz.

Mudei de posição na cama e ela se sentou onde eu tinha estado, começando a manusear as dobras de tecido marfim do vestido de noiva. Com uma segurança que fazia parecer que passara a vida inteira trabalhando em uma butik de alta-costura, e não no Departamento de Artes de uma escola, ela habilmente começou a dobrar os vários metros de tecido, ajeitando-os no lugar. Trabalhava em silêncio enquanto o vestido começava a se compactar, assumindo uma forma controlável, e de tempos em tempos erguia os olhos e me olhava com a intensa preocupação maternal que eu não via em seu rosto havia muito tempo.

Fiquei observando enquanto suas mãos trabalhavam. Eu as conhecia tão bem! Elas viviam em mil lembranças da minha infância: foram elas que me apoiaram quando dei meu primeiro passo; que enxugaram minhas lágrimas quando os pesadelos me acordaram e que fizeram curativos em meus joelhos ralados quando a bicicleta me derrubava. Aquelas mãos, tão hábeis em pintar e esculpir, tinham pertencido somente a mim quando escovavam meus cabelos toda noite ou enquanto seguravam as minhas com firmeza no hospital, no instante em que dissemos adeus à minha avó. Aquelas mãos deveriam segurar os próprios netos, um dia, no futuro. No entanto, essa possibilidade, naquele momento em que ela guardava meu vestido de noiva em sua embalagem, nunca parecera tão pequena.

Quando ela terminou, voltou-se para mim com um sorriso triste.

– Não se preocupe, minha ursinha, tudo vai dar certo, você vai ver.

Não sei bem o que me fez chorar ainda mais: se seu eterno otimismo; se o uso do meu apelido de infância, pelo qual ela não me chamava havia quase vinte anos; se o fato de que, pela manhã, somente uma de nós iria se lembrar de que aquilo tinha acontecido.

CAPÍTULO 11

Enquanto subia a ladeira do trabalho de Caroline, a cesta de vime repleta de muffins batia em meu quadril. Eu não podia saber como aquele encontro transcorreria ou o que ela faria com a oferta de paz que eu acabara de pegar na confeitaria. Melhor cenário: ela aceitaria meu pedido de desculpas e poderíamos deixar aquele assunto para trás. Pior cenário: eu acabaria com uma cesta de muffins atirada na minha cabeça.

O sino acima da porta da imobiliária tilintou, anunciando a minha chegada. Os três homens ergueram a cabeça, tirando os olhos da tela de seus computadores, e olharam para mim. Um deles se levantou, sorrindo calorosamente.

– Emma. Que bom ver você. Como vai?

– Bem, obrigada, Trevor – respondi ao chefe de Caroline, um tanto distraída e discretamente buscando ver, além da barreira formada por seu corpo, a mesa de minha amiga.

– Ela não veio hoje – informou, dando um passo para trás com agilidade, como se eu precisasse da confirmação visual de sua ausência. – Presumo que você tenha vindo falar com Caroline, não comprar uma casa...

Caroline sempre mencionava as tentativas de seu chefe de ser engraçado, de forma que dei um meio sorriso e tentei ignorar o tímido alarme que misteriosamente começara a soar, a distância, após as palavras dele.

– Ela está doente. Telefonou hoje de manhã – completou ele.

E este acréscimo fez o sino em minha cabeça retinir um pouco mais alto.

– Ela disse qual era o problema? – perguntei, cravando nele o meu olhar.

Trevor pareceu um pouco perturbado com o tom de intensidade da minha pergunta, e o sorriso foi aos poucos desaparecendo de seus lábios.

– Hã, não, ela não disse. Presumi que fossem, você sabe... problemas femininos.

– Entendo...

Descansei a pesada cesta na borda da mesa do corretor júnior. Notei seu olhar ávido para os bolinhos e discretamente deslizei a cesta para longe de seu alcance. Ele sorriu, bem-humorado. Voltei-me para Trevor.

– Ela disse se viria amanhã?

– Desculpe, não perguntei. Eu estava com alguns clientes, então não pude conversar.

– Tudo bem, não tem problema. Quando chegar à livraria, vou ligar para ela e ver como está – falei, apanhando a cesta e me virando para sair.

– Ela não está atendendo – avisou-me o terceiro colega de trabalho de Caroline.

O alarme já badalava sensivelmente mais alto em minha cabeça quando me virei para o homem de quem eu nunca conseguia me lembrar o nome e que procurava explicar:

– Tentei ligar para ela várias vezes nesta manhã, para tratar de uma venda que ela estava fechando. Mas ninguém atendeu ao telefone.

Foi real e tangível o ímpeto que senti: de puxar um dos telefones deles e discar o número de Caroline. Apertei os dedos contra a palma da mão, em uma tentativa de impedi-los de me constranger ainda mais diante dos colegas da minha amiga. Eles já estavam me olhando com franca curiosidade. Acho que não tivera tanto êxito em manter o pânico longe do meu rosto quanto imaginara que teria.

Não esperei chegar à livraria. Na caminhada de cinco minutos da imobiliária até lá, tentei oito ligações para cada um dos números de Caroline, o do telefone de casa e o do celular. O cara sem nome tinha razão: ela não estava atendendo.

Durante toda a manhã, minha preocupação continuou a ferver lentamente. Se Caroline não tivesse se recuperado até a hora do almoço, eu pediria a Monique que me deixasse ir até sua casa, para ver como ela estava. Conhecia os hábitos de minha amiga quase tão bem quanto os meus. O celular costumava ficar ao lado da cama, e havia um telefone fixo na mesa de cabeceira de Nick. Se ela estivesse em casa, doente, não teria como ignorar o dueto tocando em seus ouvidos.

Uma da tarde chegou e se foi, e as vinte ligações no telefone de Caroline ainda não tinham produzido nenhuma resposta. Já bastava. Não descansaria enquanto não tivesse certeza de que ela estava bem. Deixei o balcão e fui até o fundo da loja avisar Monique de minha saída. Ao chegar lá, porém, deparei com minha chefe abotoando o casaco e enroscando uma longa echarpe de seda no pescoço.

– Você vai sair?

– Isso não é óbvio? Você não lembra que tenho um compromisso marcado com aquele vendedor novo? Vou deixar que ele me pague um almoço caro e pense que esta pobre francesa aqui não compreende as complexidades de administrar uma livraria. Vou esperar até depois de termos tomado o conhaque, para só então deixar claro que a proposta que ele está fazendo é inerente.

– Indecente – corrigi-a.

– Eu sei disso, Emma – disse Monique com uma piscadela.

É claro que ela sabia.

A ausência de Monique me deixou com a responsabilidade de tomar conta da loja; portanto, seria impossível sair para ver Caroline, como eu esperava. Fora essa expectativa a única coisa capaz de conter o meu pânico durante toda a manhã. Minha preocupação era como um tigre inquieto andando de um lado para outro na jaula. Não tinha para onde ir e, quanto mais tempo ficasse presa, mais desesperada e perigosa seria.

Eu não queria incomodar Nick no trabalho, mas, como não tinha o número do seu celular, não me ocorria outra maneira de descobrir se Caroline estava bem. Se ela estava em casa doente, ele certamente teria entrado em contato com ela e poderia ao menos me tranquilizar. Levou uma vida até que eu fosse transferida para seu departamento, e quando por fim consegui ser atendida, disseram-me que ele estava indisponível.

– Preciso falar com ele com urgência – expliquei, esperando que eu estivesse exagerando, mas temendo não estar. – Quando ele estará livre?

– Lamento, mas ele ficará fora do escritório por dois dias, em uma conferência. Se for mesmo urgente, posso tentar enviar uma mensagem.

Considerarei a possibilidade por um momento.

– Não, está tudo bem. Talvez o assunto possa esperar. Peço desculpas por tê-lo incomodado – retruquei, tentando conter minha ansiedade.

– Tem certeza?

– Sim, obrigada. Tenho certeza.

Só que não tinha. Nem um pouco.



Mantive o celular ao meu lado no balcão. No intervalo entre um cliente e outro, continuava tentando os números de Caroline, sem conseguir resposta. Onde ela estava? E por que não atendia? Qual era a gravidade de seu estado? Será que ela desmaiara em casa, que rolara da escada e estava caída, incapaz de alcançar o telefone e pedir ajuda? Desde o acidente, minha imaginação tinha o hábito de correr desenfreada.

No meio da tarde eu já considerava seriamente a opção de interromper a reunião de negócios de Monique e pedir a ela que retornasse à livraria. Eu sabia que grande parte da minha ansiedade se devia à culpa: eu virara as costas para Caroline e, de forma infantil, direcionara a minha raiva a quem não a merecia. Eu a havia atacado, e o fizera pela simples razão de que a amiga de quem eu estava com raiva *de verdade*, a amiga que me traíra, não estava mais aqui para que eu pudesse culpá-la.

Quando o telefone enfim tocou, quase o derrubei do balcão, na pressa de atender à chamada. Olhei para o visor esperando ver o nome de Caroline e fiquei

furiosa ao ver o de Richard. Pressionei o botão para recusar a ligação. Trinta segundos depois, o aparelho tocou de novo. Será que ele não podia simplesmente esquecer? Olhei o relógio e vi que passava das quatro, então ele já devia estar em casa. Eu me perguntei o que seria preciso para fazê-lo entender. Parecia não fazer diferença a quantidade de vezes que eu dizia a ele que não entrasse em contato comigo: ele simplesmente não escutava.

Richard ligou mais três vezes antes de recorrer às mensagens de texto. *Atenda*. Considerei enviar uma mensagem dizendo apenas *Não* como resposta, mas eu não queria iniciar nenhum tipo de comunicação com ele. Sua segunda mensagem foi mais imperativa: *PRECISO FALAR COM VOCÊ. É URGENTE*. Franzi a testa para a tela e me perguntei se o uso de maiúsculas teria sido deliberado. Era como se ele estivesse gritando comigo.

Empurrei o telefone um pouco mais para longe. A terceira mensagem foi a fórmula mágica. Foi a que me fez pegar o telefone e ligar de volta. Se ele a tivesse enviado desde a primeira vez, teria nos poupado dez minutos. *Me ligue. Caroline está com problemas*.

– O que aconteceu? Onde ela está? – perguntei direto, já que não era o momento para “alôs” ou amenidades.

Sua voz soou distante e vazia, e atrás de sua resposta sucinta eu podia ouvir que um vento uivava.

– Estou no cemitério, no túmulo de Amy. Caroline também está aqui. Ela está péssima. Não consigo fazer com que ela me ouça. Preciso que você venha para cá. Rápido.



Estou mesmo correndo o risco de ser eleita a Pior Funcionária do Ano, pensei enquanto virava a placa na porta de Aberto para Fechado e corria pela livraria apagando as luzes e acionando o sistema de alarme. Rabisquei um bilhete quase ilegível para Monique, explicando minha saída, e o deixei em sua mesa. Eu deveria ter ligado para ela, mas não queria perder nem um segundo.

Parecia que todos os sinais de trânsito estavam emperrados no vermelho e que em cada carro à minha frente havia um motorista aprendiz tendo sua primeira aula. Quando por fim entrei no estacionamento do cemitério, meu nível de ansiedade havia disparado. Estacionei meio torto na vaga ao lado do carro de Richard e disparei na direção da área de sepultamento, vestindo o casaco enquanto corria.

Eu lembrava aonde devia ir, embora não tivesse colocado o pé ali desde o dia, quase um mês atrás, em que me agarrara ao braço de Richard, em busca de apoio enquanto via o caixão de Amy ser baixado para dentro da terra. Nas primeiras semanas, a ideia de ir ao cemitério havia parecido dolorosa demais, e

então, depois de eu saber o que acontecera entre ela e Richard... bem, continuava dolorosa demais.

Eu não tinha visto a lápide de Amy, e na verdade ainda não podia vê-la propriamente, porque Caroline estava ajoelhada diante dela, com a testa apoiada no mármore branco e os braços caídos sobre as bordas, como se abraçasse a amiga que jazia ali. Só aquilo já era preocupante. Porém, mais inquietante ainda era o som gutural e cavernoso de seus soluços, como se ela estivesse chorando por muitas horas.

Richard estava um pouco mais atrás. Ele observava Caroline com verdadeiro desespero, andando de um lado para o outro, e suas mãos entravam e saíam dos bolsos, sem descanso. Quando ouviu que eu me aproximava correndo, fez meia-volta, e em todos os nossos anos de convívio, não creio que em qualquer outro momento ele tenha ficado tão aliviado de me ver. Parei abruptamente, tentando dar um sentido à cena. Richard correu na minha direção, como se estivesse ávido por passar aquela responsabilidade. Por um instante quis me virar e correr no sentido contrário, de volta para o carro, e então para o mais distante que pudesse daquele lugar terrível. Mas claro que não fiz isso.

– Graças a Deus, você veio! – falou, com um fervor genuíno na voz.

Ignorei sua mão estendida e caminhei com cuidado sobre a grama esponjosa, escolhendo um caminho entre pequenas pilhas de terra revolvida, uma pazinha lamacenta e uma série de bulbos de plantas. Aproximei-me de Caroline por trás e delicadamente pousei a mão em seu ombro. O estremecimento causado por seus soluços se propagou pelo meu braço.

– Caroline. Sou eu, Emma. Vim para levá-la para casa, querida. Venha.

Ela não parou de chorar nem se virou. Não sei ao certo nem mesmo se me ouviu, tampouco se estava ciente do meu toque. Aquilo lembrava horrivelmente a noite em que ela se ajoelhou ao lado de Amy na estrada, enquanto esperávamos a ambulância.

– Há quanto tempo ela está assim? – perguntei, movendo meu olhar preocupado de Caroline para Richard, que havia recomeçado a andar de um lado para o outro.

– Eu não sei. Não tenho certeza.

– Bem, como ela estava quando você a trouxe para cá?

– Eu não a trouxe. Eu vim sozinho, esperando que o lugar estivesse vazio, e a encontrei aqui... assim.

Havia muita coisa implícita naquela frase. Eu me obriguei a empurrar para segundo plano o fato de Richard ter ido visitar o túmulo de Amy e tentei me concentrar na pessoa que mais precisava de mim.

– Não tenho a menor ideia de há quanto tempo ela está aqui nem de como chegou. Não vi o carro novo no estacionamento...

– Ela ainda não está dirigindo – contei, incisiva.

Richard pareceu alarmado com a notícia, mas achei que era a coisa menos importante com que nos preocuparmos naquele momento.

– Fiquei dizendo a ela para se afastar do... do túmulo, mas ela não solta a lápide, e quando tentei erguê-la, ela começou a chorar tão alto que pensei que alguém fosse chamar a polícia e mandar me prender por agressão.

Pude ver nos olhos de Richard que a lembrança o fizera reviver o pânico e quase tive um momento de simpatia por ele.

– Tentei ligar para Nick, mas ele não atende – falou.

– Ele está fora, em uma conferência.

– Então, o que fazemos agora? – perguntou, parecendo impotente.

Corri a mão pelo braço de Caroline, sentindo a fria umidade que se infiltrara no tecido de seu casaco. Devia haver mesmo muito tempo que ela estava ali.

– *Você* não precisa fazer nada. Pode ir. Eu cuido disso. Vou levá-la para casa.

Foi uma sensação boa, a de dispensá-lo, mas quando ergui os olhos vi que ele não fizera nenhum movimento para ir embora. Eu não tinha energia para insistir, então simplesmente o ignorei e passei o braço pela cintura de Caroline, tentando fazer com que ela se levantasse.

– Vamos, Caroline, levante-se, vamos para casa agora.

Senti que seu corpo enrijecia e os braços apertavam ainda mais a lápide de Amy. Então ouvi Richard emitir um breve ruído que se traduzia como *Eu disse*.

– Caroline, não podemos ficar aqui – argumentei. – Logo, logo vai escurecer, e você está gelada. Vamos para a sua casa. Vamos tomar um chá e conversar. Venha.

Ela sacudiu a cabeça enfaticamente, mas ao menos desviou o rosto do túmulo de Amy e olhou para mim. Ainda não era possível ver toda a epígrafe, mas duas palavras gravadas em letras douradas pareceram saltar do mármore para cima de mim: “Amiga leal.” Enrijeci.

– Não posso ir. Ainda não – disse ela, com a voz alquebrada. – Não até que estejam todos na terra.

Olhei para a esquerda e para a direita e não vi nada além de lápides. *Todo mundo já está na terra, Caroline*, pensei. Então baixei os olhos para o incongruente equipamento de jardinagem descartado ao lado do túmulo de Amy. Caroline estendeu a mão e pegou um grande bulbo marrom que me parecia uma cebola.

– Quando acordei, hoje, vi que os narcisos haviam começado a brotar em nosso jardim, e de repente me dei conta de que Amy não tinha nenhuma flor crescendo ao lado dela. Todas as flores aqui são cortadas... e mortas. Queria que ela tivesse algumas vivas. Amy *amava* flores.

Sim, amava, lembrei. Embora as flores que ela mais amasse fossem, em geral, as do tipo “de floriculturas caras”, que são entregues em grandes arranjos.

– Por isso, fui até o mercado das flores e comprei todas estas – continuou

Caroline, descrevendo com a mão um arco abrangente que indicava as dezenas de bulbos colocados sobre a grama, ao lado de vários sacos estufados e ainda fechados, que guardavam outros mais. – Só que não consigo me lembrar de quais flores ela mais gostava: eram narcisos, açafrões ou tulipas?

Eu sabia a resposta: Amy não dava a mínima, mas eu não podia dizer aquilo a Caroline. Não quando ela me olhava com os lindos olhos azuis transbordantes de lágrimas e os lábios trementes como os de uma criança inconsolável.

– Amarilidáceas – respondi, decidida. – Amy amava amarilidáceas.

Será? Talvez. Quem saberia? De qualquer forma, aquilo não era por Amy. Era por Caroline.

– Vamos plantá-los, então – continuei, ajoelhando-me ao lado dela.

O solo produziu um ruído desagradável sob meus joelhos quando me estiquei para pegar a pazinha, e senti que a lama se infiltrava no jeans, mas aquele era um preço pequeno a pagar para dar a Caroline algum conforto. Meu coração doía ao ver o sofrimento dela e perceber como eu devia tê-lo aumentado ao atribuir-lhe uma culpa que nem mesmo era dela.

Estiquei a mão para trás, tentando alcançar um dos sacos repletos de bulbos, mas alguém o alcançou primeiro – uma grande mão masculina. Richard já rasgava o saco, ajoelhando-se no chão lamacento.

– Sua calça... – comecei, já tarde demais, pois suas roupas de trabalho impecáveis tinham acabado de ter o mesmo destino que o meu jeans, tão logo seus joelhos afundaram na terra macia.

– Não tem importância – garantiu, e começou a cavar com as mãos.

Olhei sua cabeça curvada enquanto ele colocava cuidadosamente o bulbo no solo. Alguma coisa dentro de mim se revirou, e essa sensação permaneceu comigo enquanto eu enfiava a pá no chão e me punha a trabalhar.

Como trabalhamos juntos, não demorou muito e, quando o último dos bulbos foi plantado, Caroline finalmente concordou em se levantar. Sem nem perceber, ela limpou as mãos sujas no casaco creme, antes de tocar delicadamente o nome de Amy na lápide.

– Eu sinto tanto, Amy. Por favor, me perdoe – sussurrou, e as lágrimas que haviam temporariamente cessado enquanto trabalhávamos recomeçaram a cair.

– De que ela está se desculando? – perguntei a Richard em voz baixa, esquecendo-me de que eu não deveria falar com ele.

Ele aproximou a cabeça da minha e senti de leve a fragrância de sua loção pós-barba, uma marca cara que eu lhe dera de presente no último aniversário.

– Não é óbvio? – replicou, com voz triste e pesarosa. – Ela pede desculpas por... por...

– Por o quê? – insisti, sussurrando, ansiosa por aumentar a distância entre o meu rosto e o de Richard.

– Por ter matado Amy – explicou, e suas palavras garantiram toda a distância

que eu poderia ter desejado, pois o choque fez que eu jogasse a minha cabeça para trás.

Abracei Caroline. Ela parecia frágil, e de repente senti um medo desesperado de que alguma coisa ruim pudesse acontecer a ela. Um medo terrível de que, se não fizesse nada para ajudar minha amiga, eu pudesse perdê-la também. Talvez não física, mas sem dúvida emocionalmente. A culpa nascida da vergonha e da negligência fez com que eu a mantivesse abraçada a mim: embalei-a por vários longos minutos, enquanto Richard apenas observava, tendo os olhos igualmente aterrorizados.



Foi uma caminhada lenta de volta ao estacionamento. Richard levava o equipamento de jardinagem e as sacolas com os bulbos não plantados, e eu guiava Caroline. Ela se apoiava em mim, com as pernas rígidas e frias, provavelmente por causa de muitas horas sentada na grama molhada, antes que a encontrássemos. Quando nos afastamos do túmulo, ela voltou a chorar.

– Odeio deixá-la aqui assim, sozinha. Prometa que vai voltar comigo para visitá-la outra vez, Emma – pediu, com um tom de voz tão diferente do costumeiro que me doeu o coração e me deu a sensação de estar falando com uma estranha.

Rezei para que a mudança fosse temporária; eu não podia enfrentar a perda de outra pessoa que amava – de novo, não. Ela repetiu o pedido, e seus olhos buscavam nos meus uma promessa que eu relutava em fazer. Mas a última coisa que eu queria era decepcioná-la mais uma vez.

Eu podia sentir que Richard, do outro lado de Caroline, me estudava. Foi ele quem quebrou o silêncio que começava a ficar desconfortável.

– Eu trago você, Caroline – prometeu, enquanto apontava para seu carro com as chaves que acabara de pegar no bolso da calça. – Sempre que quiser vir, eu trago você.

Era claro que sim.



Por mais que eu tivesse relutado em aceitar a oferta de Richard, acabei concordando com que ele nos levasse para casa.

– Posso trazê-la aqui de novo, mais tarde, para que pegue o seu carro – oferecera Richard quando entrei no carro ao lado de Caroline, que estava visivelmente nervosa e só soltou meu braço por tempo suficiente para agarrar o cinto de segurança e prendê-lo com firmeza. – Não me custa nada.

– Não é preciso. Pego um táxi – eu tinha respondido, querendo que ele

compreendesse que aquilo de jeito nenhum significava que algo havia mudado entre nós.

Seus lábios se contraíram. Ele tinha entendido.

Quando chegamos, conduzi Caroline pela escada direto até o banheiro, e decidi temporariamente ignorar o fato de que Richard não havia apenas nos deixado lá, como eu esperava, mas nos seguira casa adentro.

– Vou colocar a chaleira no fogo enquanto você cuida dela – disse ele, já rumando para a cozinha.

Balancei a cabeça, irritada, mas não disse nada. Coloquei as roupas sujas de Caroline no cesto e fiquei por perto tempo suficiente para me certificar de que ela tivesse tudo de que precisava para o banho, mas, afora montar guarda diante do boxe, eu de fato não tinha nenhuma desculpa para não descer. Estava aliviada, pois Caroline melhorara visivelmente assim que entramos em casa.

Havia três canecas fumegantes na bancada da cozinha. Peguei uma e fiquei agradecida pela bebida quente e revigorante. Mantive os olhos fixos no chá como se, ao evitar olhar para Richard, eu pudesse fingir que ele não estava ali. Infelizmente, ele não aceitaria assim tão fácil.

– Nick mencionou que Caroline não estava muito bem durante a última semana, mais ou menos, mas eu não sabia que ela estava tão mal – começou ele.

Tomei um grande gole de chá, uma golada desconfortável, que queimou o céu da minha boca enquanto eu tentava engolir a bebida junto com a minha culpa.

– Você sabia? – perguntou ele, pondo o dedo tão fundo na ferida que pareceu ter feito de propósito.

– Não. Não sabia. Tivemos uma pequena desavença, e não nos falamos muito nos últimos dias.

– É mesmo? – Sua voz continha toda a surpresa de alguém que conhecia a mim e a meus hábitos muitíssimo bem. – Sobre o quê?

– É particular – respondi.

– Bem, esse é um momento ruim para que vocês duas fiquem brigadas. Certamente vocês precisam do apoio uma da outra agora.

– Houve motivos.

Ele me olhou do outro lado da cozinha limpa e arrumada de Caroline.

– Emma...

– Você não precisa mesmo continuar aqui. Vou ficar um pouco, talvez até durma, já que Nick está fora. Portanto, agradeço o fato de você ter me avisado sobre Caroline, mas...

– Não faça isso de novo – pediu, com amargura.

– É por aí.

Ele balançou a cabeça, e havia em seus olhos uma tristeza pela qual eu me recusava a me sentir responsável. Richard esperou até que Caroline, usando um

grosso roupão, se juntasse a nós na cozinha. Ele a abraçou e a beijou afetuosamente no rosto antes de ir embora. Da porta da cozinha, ele me dirigiu um último olhar, e então, em vez de “até logo”, disse simplesmente meu nome.

– Emma.

– Richard – devolvi, perguntando-me como, em um período de tempo tão curto tínhamos conseguido nos afastar tanto, que até mesmo “olás” e “até logos” estavam agora muito além do nosso alcance.



Aceitei de bom grado o banho que Caroline me ofereceu. Enquanto estava sob o jato de água quente, desejei que todas as manchas do dia pudessem ser limpas tão facilmente quanto aquela lama que o sabonete e a água eliminavam do meu corpo. O comentário de Richard sobre o sentimento de Caroline, sobre ela acreditar que havia “matado Amy”, tinha me deixado chocada e dominada pelo tipo de culpa que se infiltra nos ossos e corre pela medula como um câncer agressivo. Eu não tinha ideia de que Caroline se sentisse daquela forma. Nenhuma. Nem sequer imaginava que ela estivesse carregando sobre seus ombros o peso esmagador da responsabilidade pela morte de nossa amiga. *Talvez, se você não tivesse sido tão insensível e lhe virado as costas, teria percebido isso*, entoava uma voz de censura em minha mente. Mergulhei a cabeça sob o jato forte.

Caroline me emprestara um suéter macio e uma legging e, quando me vesti e descí, minhas roupas enlameadas já estavam na máquina de lavar. Soltei um pequeno suspiro de alívio. Era bom saber que a deusa do lar estava de volta. Ela me esperava na sala, enrocada no sofá. Desabei sobre a almofada macia ao seu lado e, quando nos olhamos, nossos semblantes traduziam de forma quase idêntica um pedido de desculpas.

– Desculpe...

– Desculpe...

Ficamos apenas nos fitando, olhos azul-celeste e verde-esmeralda transbordantes das lágrimas que ainda não tinham sido derramadas. Por um longo momento, nenhuma de nós se moveu. Então deixei escapar um som que era parte risada parte soluço, enquanto nos jogávamos nos abraços uma da outra, perdidas em uma avalanche de alívio e pedidos de desculpas. Houve frases embaralhadas, interrompidas por negações ininteligíveis e muitas lágrimas – algumas de felicidade, mas a maior parte delas por recuperarmos algo extremamente precioso que poderia ter se perdido.

O telefone de Caroline tocou um pouco depois e, pelo sorriso ao apanhá-lo, soube que era Nick. Fui até a cozinha para lhe dar alguma privacidade, mas ainda assim pude ouvir parte da conversa.

– Fiquei um pouco mal hoje...

Bufei ligeiramente ao ouvir o eufemismo de minha amiga. Ela devia me conhecer bem o bastante para saber que, se ela não contasse a ele, eu mesma o faria, e relataria tudo tão logo ele estivesse de volta. O incidente no cemitério havia mostrado de forma muito clara que Caroline ainda sofria em consequência do trauma de nosso acidente. Suas feridas eram do tipo que precisava de muito mais que apenas suturas e antibióticos.

Pedimos pizzas de um restaurante local (nada típico de Caroline) e surpreendentemente conseguimos encontrar parte de nosso apetite – tanto que quase demos conta dela inteira (muito pouco típico de nós duas).

– Então, Srta. McAdam... – comecei, depois que as embalagens de pizza tinham sido jogadas fora e estávamos de volta à sala, com sua iluminação aconchegante –... hoje Richard disse algo que me deixou muito perturbada...

– Vocês finalmente voltaram a se falar? – perguntou ela, com indisfarçado prazer.

– Não. Não voltamos. Não mesmo – respondi, determinada a não deixar que ela me desviasse do que eu queria dizer.

Fingi não ver seu desapontamento. Como eu deveria abordar aquele assunto? Sacudi a cabeça. Não havia maneira fácil, então prossegui:

– Caroline, você *não* matou Amy.

Ela arquejou.

– Uau! Os corpos diplomáticos estão clamando por pessoas como você, sabia?

– Estou falando muito sério, Caroline. A morte de Amy não foi culpa sua. De forma nenhuma.

– Eu estava dirigindo o carro.

– E era a *minha* despedida de solteira – contrapus. – Isso faz com que seja minha culpa também?

– É claro que não – refutou.

Peguei sua mão e a segurei com firmeza.

– Ela havia acabado de tirar o cinto de segurança, e você fez tudo o que pôde para evitar o acidente – falei, sabendo que as lembranças que a minha amiga guardara dos momentos que antecederam o impacto eram imprecisas. – E depois, se não fosse por você ter corajosamente escalado os destroços do carro e encontrado Amy na estrada, bem, Jack jamais teria sabido que estávamos lá, não teria parado e bem... tudo teria sido diferente. – *Tudo mesmo, mais do que eu posso lhe contar agora.*

Eu podia ver uma ruga familiar vincando sua testa. Era a que ela costumava exibir quando se via diante de um problema muito difícil de resolver. Insisti em meu ponto.

– Pode ter sido Jack quem me tirou dos destroços, mas você me salvou tanto

quanto ele, Caroline. Você precisa acreditar nisso. Eu devo minha vida a você.

Caroline começou negar com a cabeça, mas eu não aceitaria que ela fizesse aquilo.

– Você estava em estado de choque, tínhamos acabado de passar pela situação mais aterrorizante de nossa vida, e ainda assim você fez o que precisava ser feito, por mim e por Amy. Você conseguiu sair de lá por nós e ficou ao lado de Amy até que o socorro chegasse. Você foi forte e corajosa, sempre foi.

Fechei os olhos e me lembrei das inúmeras vezes que ela estivera ao meu lado, defendendo e apoiando. Quando o valentão da escola, dois anos mais velho e cerca de 60 centímetros mais alto que nós duas me escolheu como seu próximo alvo, foi *Caroline* quem o enfrentou. Quando terminei com Richard, depois da universidade, foi para Caroline que eu liguei, chorosa, à meia-noite, insegura sobre se tinha feito a coisa certa. Foi *ela* que me ouviu por horas e que me disse que tudo ficaria bem. Ela estava sempre do meu lado, mesmo quando achava que eu estava errada. Não foi só na noite do acidente que ela me salvou: Caroline me salvava por anos.



Passar a noite ali tinha sido uma boa decisão, concluí enquanto nos preparávamos para dormir, algumas horas depois. Suspeitei que parte da causa do colapso de Caroline no cemitério tinha sido uma longa noite insone sem a presença de Nick. Ela havia parado de tomar o remédio para dormir que o médico prescrevera, mas até ali tinha se recusado a ouvir o conselho dele de frequentar um grupo de apoio a pessoas de luto. Na verdade, eu encontrara vários folhetos amassados enfiados em uma gaveta da cozinha quando procurava cardápios de restaurantes delivery.

– Não há nenhuma vergonha em pedir ajuda – dissera a Caroline, enquanto tirava da embalagem uma escova de dentes nova que ela guardava para hóspedes inesperados (aliás, quem faz esse tipo de coisa?).

Ela escovava os dentes na pia ao lado, e eu tive que esperar até que ela cuspsse a espuma:

– Talvez eu vá, se você for – barganhou. – Você já considerou o aconselhamento? Sobre *relacionamento*, não sobre luto. Para você e Richard.

Sequei os lábios na toalha espessa e macia e balancei a cabeça.

– Isso é para relacionamentos que têm conserto. No meu caso, o dano é irreparável.

– Não precisa ser assim – continuou, pisando com cautela no campo minado de meu noivado desfeito. – Sei que você não quer ouvir isso, mas Nick me disse que nunca viu Richard desse jeito. É muito pior do que quando vocês romperam da outra vez.

Mordi o lábio ao ouvir as palavras de minha amiga, mas não disse nada.

– Ele está arrependido *de verdade*, Emma. Sabe que cometeu um erro terrível.

– Ótimo. Fico feliz que ele reconheça. Me poupa o trabalho de ter de ficar chamando a atenção dele para isso e, aliás, pensei que vocês estivessem do *meu* lado.

Foi a esse ponto que chegamos: quem fica com a guarda dos amigos, pensei com tristeza.

– Não estamos do lado de ninguém. Somos a Suíça.

Franzi a testa para seu reflexo no espelho, que emendou:

– Ok, estou do seu lado. Mas Nick é a Suíça. Tudo bem? É que Richard não tem mais ninguém com quem conversar. Vocês vão superar isso, não vão? – perguntou Caroline, desesperada, desligando a luz do banheiro e caminhando na minha frente até o quarto. – As pessoas conseguem, sabe? Elas encontram força para perdoar, e então seguem em frente.

Corri o pente pelo cabelo antes de me acomodar no lado de Nick na cama. Havia mais dois quartos na casa, mas, por alguma razão, nem Caroline nem eu havíamos considerado a possibilidade de eu dormir em outro lugar senão perto dela. Ela subiu no outro lado da cama e apagou a luz. Talvez não quisesse que eu visse seu rosto quando fez a última pergunta:

– A razão de você não querer voltar com Richard não teria nada a ver com Jack Monroe, teria?

A pergunta pairou no quarto escuro entre nós duas.

– Boa noite, Caroline – falei com firmeza.



Fiquei acordada por algum tempo ainda, depois que o ritmo suave da respiração de Caroline me informou que ela já havia adormecido. Levei mais tempo para cair no sono, lembrando-me de inúmeras noites passadas na casa de Caroline, na nossa infância. Só que naquela época havia uma terceira pessoa no quarto, ocupando uma cama dobrável estreita armada o mais perto possível do sofá de Caroline. As lembranças eram tão vívidas que quase esperei que a mãe de Caroline entrasse ali a qualquer momento, dizendo-nos em tom exasperado: “Pela última vez, garotas, vão dormir.” Meus olhos ficaram pesados, e eu virei de lado, dobrando as pernas em posição fetal.

– Boa noite, Caroline – murmurei, sonolenta, para o quarto silencioso. – Boa noite, Amy.



Eu o vi assim que olhei pela janela, na manhã seguinte. Parecia um pouco mais reluzente que da última vez que o vi, como se tivesse sido lavado.

– O seu carro! – disse Caroline, admirada, olhando pelas janelas da frente para o veículo antigo perfeitamente estacionado ao lado do seu modelo até agora intacto. – Como ele veio parar aqui?

Eu havia programado o alarme do telefone para muito cedo, de modo que conseguisse chamar um táxi, pegar meu carro no cemitério e *ainda* chegar à livraria bem antes do início do expediente. Eu devia a Monique, no mínimo, chegar cedíssimo e dar uma explicação.

– Ah! Richard. Ele tem uma chave reserva, é? – Caroline respondeu à própria pergunta.

Tinha. Era uma das muitas coisas que eu vinha pensando em pegar no apartamento do meu ex-noivo. E também várias peças de roupa penduradas no armário, artigos de toalete na prateleira do banheiro e alguns livros e DVDs misturados aos dele por todo o apartamento.

– Bem, foi simpático e atencioso da parte dele – disse Caroline, colocando duas fatias de pão na torradeira. – Não foi?

Dirigi um sorriso amarelo à minha amiga, mas não disse nada enquanto selvagemmente passava manteiga em uma torrada e a mutilava. Acho que aquilo dizia tudo.



Por mais que eu não quisesse, tinha de agradecer o retorno do meu carro. No fim, escolhi a saída do covarde e agradeci por mensagem de texto. *Obrigada por buscar meu carro.* Hesitei, imaginando o que acrescentar. Flexionei os dedos acima da tela, antes de permitir que digitassem velozmente. *Você pode, por favor, deixar minha chave reserva na livraria, na próxima vez que passar por lá?* Pressionei o botão “Enviar” antes que pudesse mudar a mensagem – ou de ideia.



– Pronto – falei com um sorriso, recostando-me na cadeira para examinar meu trabalho. – O que você acha?

Minha mãe estendeu ambas as mãos, contemplando cuidadosamente o esmalte cor-de-rosa forte que eu acabara de aplicar em suas unhas. Ela ergueu os olhos para mim e sorriu.

– Ficaram lindas, Emma, muito bonitas. Obrigada.

Comecei a recolher os instrumentos de nosso kit de manicure, fechando potes de vários cremes e loções e guardando frascos em uma maleta de maquiagem. Mamãe posicionou a mão de maneira que os raios de sol do fim da tarde, que

entravam obliquamente pela janela, pudessem destacar as unhas pintadas.

– Uma cor tão bonita! É exatamente o mesmo tom do Pôr do Sol Magenta do catálogo de cores Fisher, que encomendamos na escola.

Olhei para ela com um sorriso triste. Como era cruel o destino ao decidir que ela deveria lembrar o nome de praticamente todas as cores de um catálogo no qual não punha os olhos havia anos, mas não conseguisse recordar milhares de lembranças perdidas de sua vida como esposa e mãe!

Ambas gostávamos muito daquela hora que, todas as semanas, passávamos cuidando de suas unhas, mas era provável que por razões diferentes. Ao longo dos meses, enquanto lixava, afastava a cutícula e pintava, eu jamais deixara de recordar o que me levava a introduzir aquele novo ritual em nossa vida.

Richard e eu tínhamos ido visitar um lar para idosos que alguém havia recomendado, afirmando que possuíam excelentes instalações para pacientes de Alzheimer. É claro que meu pai havia categoricamente se recusado a nos acompanhar, o que, em retrospecto, não tinha sido nada ruim. Não que houvesse algo desabonador em relação ao lar, não fora isso. O prédio era moderno, as instalações eram mais que satisfatórias e a equipe de funcionários parecia simpática e bastante atenciosa. Mas, enquanto percorríamos o lugar – passando pelos quartos que, por mais que buscassem parecer um lar, continuavam impessoais como um quarto de hospital –, uma sensação de imensa tristeza começou a tomar conta de mim. Percorremos um longo corredor de quartos ocupados por idosos de olhar perdido, muitas vezes sentados no escuro, olhando para... o nada. Aquele não era o lugar certo para minha mãe, nem agora, nem nunca, lembro de pensar. Não era aquilo ali que minha mãe generosa, com seu sorriso fácil e o irrepreensível senso de humor, pertencia. A mulher criativa, de olhar perspicaz e talento artístico não tinha nada a fazer ali. Ela não se enquadraria, de jeito nenhum.

Chegamos ao fim do corredor, e o administrador, que nos mostrava o lar, levou a mão ao bolso, de onde tirou uma chave que serviria para destrancar um par de amplas portas duplas. Então, explicou: “E esta sala de recreação se destina especificamente a nossos pacientes com demência. Temos de mantê-la trancada pois alguns deles têm uma tendência a perambular por aí”.

Quando a porta se abriu, senti meu coração se apertar ao me dar conta de que estivera equivocada. Mamãe se enquadrava, sim. Era difícil ignorar o cheiro de incontinência urinária que dominava o ambiente, mas não era aquela a razão de eu não querer cruzar a soleira e entrar na sala. Foi quando senti minha mão ser agarrada, de repente, e então apertada com firmeza. Eu me virei e deparei com o olhar preocupado de Richard, que sacudiu a cabeça discretamente e aproximou o rosto do meu, ao dizer: “Este não é o lugar para ela. Não se preocupe.” Minha resposta fora um aceno de cabeça, porque minha garganta, apertada demais, não deixava que as palavras passassem. Mas, sinceramente,

não creio que em nenhum outro momento eu o tenha amado mais que naquele, e só porque ele compreendia tudo o que eu estava sentindo sem que eu precisasse dizer uma única palavra.

Naturalmente, não podíamos abandonar a visita pelo meio, o que teria sido uma grosseria. Tínhamos de ao menos fazer parecer que considerávamos seriamente o pacote de cuidados que tínhamos ido analisar. Havia vários residentes no interior da sala de recreação, a maior parte deles parecendo estar mais adiantada na estrada da demência do que mamãe. Mas olhar à volta e ver seus rostos vazios e perdidos era uma horrível antevisão – que, eu sabia, ficaria comigo por um longo tempo.

Havia caixas de quebra-cabeças empilhadas sobre uma mesa, sem que ninguém tentasse montá-los; prateleiras cheias de livros, sem nenhum espaço que indicasse que algum deles havia sido retirado para leitura, e o pequeno piano de cauda posicionado ao lado da janela estava coberto por uma leve camada de poeira. A sala, como as pessoas que a ocupavam, parecia ter perdido seu propósito. Eu mal conseguia ouvir as palavras do administrador acima do ruído produzido por uma grande tela de televisão, cujo volume estava tão alto que eu achava curioso que o aparelho auditivo de ninguém ali houvesse queimado.

Eu me virei, e foi quando a vi. Ela parecia velha, bem mais velha que a minha mãe, e estava sentada curvada no que parecia uma cadeira de rodas elétrica muito sofisticada. Os cabelos brancos ralos pareciam um ninho de algodão-doce que deixava ver o couro cabeludo rosado. Usava uma camisola que parecia limpa e um robe verde horroroso, com manchas recentes na frente. Ela fitava um canto distante da sala, o ponto no qual a parede e o teto se encontram. Segui seu olhar e não vi nada além da cornija e do gesso, mas seus olhos estavam fixos, como se ela visse muito mais. Não restava nada dela ali – ela era um amontoado de ossos em uma camisola, a pele enrugada e fina como papel cobrindo os lugares nos quais deveria haver carne. *Quem é você?*, pensei com tristeza. Você é a filha de alguém, a esposa de alguém, provavelmente a mãe de alguém. Como foi que você se perdeu tanto?

Fiz meia-volta para ir embora dali, meus olhos começando a se encher de lágrimas; meu pai tivera razão em não ir, eu queria ter tomado a mesma decisão. Baixei os olhos, e foi então que os vi: os pés descalços encolhidos e frágeis daquela senhora, de veias azuis proeminentes e dedos nodosos, mas com as unhas cobertas com uma camada perfeitamente imaculada de esmalte vermelho. Era a coisa mais incongruente que eu já vira. Aquelas unhas absolutamente perfeitas! Alguém dedicara tempo e esforço para deixar uma mulher que, era óbvio, não iria a lugar algum e provavelmente nem conseguia se lembrar de sua vida antes daquele lugar, com as unhas excepcionalmente lindas. Alguém se importava. Ela não fora largada à deriva nem abandonada, afinal.

O lar para idosos não era o certo para nós. Mas a senhora com as unhas dos

pés pintadas naquela cor viva me deu a força e a determinação de que eu precisava para continuar visitando outros – não para agora, mas talvez para o futuro. Algo mais ficara daquela visita também, porque agora, independentemente do que estivesse acontecendo em minha vida, do que eu estivesse fazendo, todas as semanas eu reservava tempo para pintar as unhas da minha mãe.

– Chegaram algumas correspondências para você hoje de manhã – anunciou meu pai, passando por ali com uma xícara de chá em uma das mãos e o jornal enfiado debaixo do braço. – Deixei no seu quarto.

Não ergui os olhos da minha tarefa de passar uma camada de esmalte incolor sobre as unhas de mamãe.

– Obrigada, pai. Vou olhar quando subir.

Quatro correspondências estavam apoiadas em meu espelho. Examinei cada uma delas antes de devolvê-las à penteadeira: uma do meu banco; uma conta do celular; um lembrete sobre o imposto do meu carro e uma carta da mãe de minha amiga morta.

Reconheci de imediato a caligrafia extravagante de Linda, embora eu só a tivesse visto uma vez antes, no pacote que trazia a jaqueta de couro de Jack. Esse envelope era pequeno demais para que ela estivesse devolvendo alguma coisa, e eu não tinha a menor ideia do motivo de ela escrever para mim. Dentro do envelope havia uma única folha de papel, cuidadosamente dobrada em torno de outro envelope selado, como se estivéssemos brincando... de correio do além-túmulo. Porque, naturalmente, eu havia imediatamente reconhecido a caligrafia no segundo envelope também. Era diferente da letra da mãe, mais desalinhada. Havia uma única palavra no envelope: meu nome. Portanto, era claro que ela jamais tivera a intenção de que ele fosse postado. Qualquer um pensaria que eu ia querer ler o que quer que Amy tivesse a dizer, mas eu não. Em vez disso, peguei a carta de Linda.

Querida Emma,

Donald e eu finalmente terminamos de empacotar as coisas do apartamento de Amy. Foi muito difícil e comovente, e nós vínhamos adiando a tarefa. Acho que, se fosse por Donald, ele continuaria pagando o aluguel por anos e manteria o lugar como um templo dedicado a ela, mas, bem, teria sido simplesmente mórbido, não é? Amy não ia querer que fizéssemos isso.

De qualquer forma, encontrei a carta aqui incluída junto dos documentos importantes de Amy. Ela obviamente queria que você a recebesse, e eu me pergunto se ela pretendia entregá-la a você no dia do seu casamento... Seja como for, aí está. Espero que você não ache o que quer que ela tivesse a lhe dizer angustiante demais. Você tem sorte. Eu daria qualquer coisa para ter notícias dela uma última vez.

Todo o meu amor.

Linda.

A última frase de Linda me fez sentir uma culpa insuportável. Teria sido muito melhor para os pais de Amy terem encontrado uma carta endereçada a *eles* no apartamento, e não a mim. E quanto a considerá-la angustiante de ler, bem, tenho certeza de que seria, sim. Isso se eu tivesse alguma intenção de lê-la, o que não tinha. Não queria ler os votos de felicidade de Amy por meu casamento que nunca aconteceu, e, se ela a tivesse escrito por outro motivo... bem, eu também não queria saber. Não agora. Ainda não. Talvez nunca.

Fui até meu armário e puxei de suas profundezas uma caixa de sapatos velha na qual eu não mexia fazia anos. Estava presa por um elástico largo, e a tampa de papelão estava estufada com uma pilha de lembranças de adolescente. Coloquei o envelope branco imaculado em seu novo local de descanso e fechei a tampa, prendendo-a com o elástico. Em seguida, tornei a enterrar a caixa em meu armário.



– Ah, veja! – começou Monique, com animação, durante um intervalo de almoço naquela mesma semana. – Um de seus namorados veio ver você. Que bom. O dia já estava começando a ficar entediante.

Dirigi a ela o tipo de olhar fulminante que é perdoado somente a empregados que compartilham um afeto genuíno e de longa data com seu chefe. Então vi Richard saltar de seu carro, tendo estacionado com um atípico descuido sobre as linhas amarelas duplas que ladeavam o meio-fio diante da livraria.

Ele entrou na loja sem dizer nada, colocou a chave reserva do meu carro em cima do balcão de madeira polida e a deslizou em minha direção.

– Sua chave. Como pedido.

Nada em seu rosto deixava transparecer o que ele estava sentindo. Nem um só traço. Mas quem tivesse estado presente quando, aos 9 anos, ele caiu de uma árvore e se recusou a chorar – mesmo estando com o braço quebrado em dois lugares – teria reconhecido a dor que ele ocultava. Eu reconheci.

Tentei engolir um incômodo sentimento de culpa. Richard não parecia bem. Eu conhecia os traços e sinais de seu rosto, e os vincos profundos gravados ao lado de sua boca e as manchas escuras sob os olhos eram novas aquisições. Sob o bronzeado que ele ganhara enquanto esquiava, parecia pálido e cansado. Eu disse a mim mesma que não me importava.

– Obrigada – falei, cobrindo a chave com a mão. – Não precisava vir só para isso – acrescentei.

– Tive a impressão de que você não queria que eu ficasse com ela por mais

tempo que o necessário.

– Bem, não – concordei, sentindo-me desconfortável. – Na verdade, tem outras coisas minhas que ainda estão na sua casa, coisas que eu gostaria de buscar...

Ele se encolheu como se eu o tivesse esfaqueado.

– Será que posso passar lá num dia de semana, na hora do almoço, para pegá-las?

Eu não precisava traduzir que “num dia de semana, na hora do almoço” era um eufemismo para “quando você não estiver”. Pude ver em seus olhos que ele tinha entendido.

Ficamos parados nos olhando, constrangidos, estranhos atravessando um território inusitado. Francamente, tinha sido mais fácil quando ainda estávamos gritando um com o outro.

– Sim. O que você quiser. Você ainda tem a sua chave?

Assenti, anotando mentalmente que deveria deixá-la por lá quando tivesse acabado.

– Como Caroline está? – perguntou ele abruptamente.

Pude sentir nosso alívio mútuo: aquele ao menos era um tópico neutro, sem nenhuma contracorrente oculta que nos pudesse sugar.

– Bem melhor. Ela foi à primeira sessão do aconselhamento no outro dia e pareceu bastante positiva ao contar como foi. Nick está aliviado. Ele andava muito preocupado com ela.

Richard assentiu, abriu a boca para dizer algo e então mudou de ideia. Aquilo era horrível. Doloroso. Cada frase era um campo minado. Era impossível escolher um caminho em meio aos restos esquartejados de nosso relacionamento sem que mais danos fossem causados. Onde estava Monique, com suas tiradas ácidas, quando eu mais precisava dela? Olhei para trás, mas minha chefe, pela primeiríssima vez, havia diplomaticamente nos deixado a sós para que conversássemos.

– Eu já ia esquecendo: trouxe uma coisa para você – disse Richard, tirando um grande envelope de papel pardo acolchoado de baixo do braço.

Meu coração se contraiu. Depois das flores, eu esperava de verdade que ele não tentasse me reconquistar com presentes. Estaria perdendo dinheiro e tempo.

– É um livro – falou, colocando-o sobre o balcão.

Deslizei os dedos sob a aba do envelope e puxei um livro de capa dura grande e de aspecto caro: *Alzheimer: uma visão revolucionária*. Embora eu tivesse lido muitos livros sobre aquela doença perversa desde que minha mãe recebera o diagnóstico, aquele título em particular eu não conhecia.

– É novo – disse Richard, quando o virei e li rapidamente a quarta capa. – Tem uns estudos de caso muito interessantes no último capítulo. Eles mencionam estratégias que não experimentamos antes. Acho que algumas podem ajudá-la.

Pus o livro sobre o balcão.

– Obrigada. Parece interessante. Quanto devo a você?

Uma expressão de dor cruzou o rosto dele.

– Nada. É claro que nada. Eu o encomendei há meses, antes... antes de tudo. Só que levou um tempo para chegar – falou, balançando a cabeça como se ainda não pudesse acreditar que eu lhe oferecera dinheiro. – Você não me deve nada.

– Bem, obrigada mais uma vez.

Ele olhou para o relógio em seu pulso.

– Preciso ir. Acho que nos vemos por aí – falou e, depois de perceber minha expressão, completou: – Ou não.

Ele se dirigiu à porta, e então se deteve. Eu quase podia ver sua luta interior enquanto ele tentava conter o que quer que quisesse de fato me dizer.

– Não jogue o livro fora só porque veio de mim – pediu, lembrando claramente o destino das flores. – Pelo menos leia primeiro.

– Vou ler – prometi.

Ele li. Richard tinha razão: o livro continha estratégias que talvez pudessem ajudar mamãe. Elas me deram esperança. Aquilo com que eu não sabia como lidar, e o que eu me esforçava de verdade para tirar da minha mente, eram as inúmeras anotações que Richard fizera nas margens do livro. Ele devia ter passado séculos escrevendo ali, e eu não sabia o que fazer com aquilo.



Caroline sincronizou a ligação com perfeição. Ela sabia a que horas eu saía do trabalho, e ligou no momento em que eu pegava a bolsa e me preparava para sair.

– Oi. Sou eu – anunciou, sabendo que eu não precisava olhar a identificação de chamada para reconhecer sua voz.

Ela foi direto ao assunto. Acho que queria me pegar desprevenida. Missão cumprida, amiga.

– Você sabe que dia é hoje?

Era uma pergunta idiota. Claro que eu sabia. Datas importantes assim simplesmente não saem da nossa mente.

– Sim, claro, eu sei.

– Bem, eu estava pensando...

Minha amiga não muito autoconfiante deixou a frase no ar. Permaneci calada.

– Comprei flores – continuou ela.

– Legal.

Eu não estava sendo sarcástica, mas também não estava sendo exatamente sincera.

– Você vem comigo depois do trabalho, para as colocarmos juntas?

Suspirei. Eu sabia que aquilo, ou alguma coisa do gênero, tinha de ser o propósito da ligação.

– Não, Carol. Acho que não.

– Mas é o *aniversário* dela – protestou, com tristeza.

– Não posso, Caroline. Simplesmente não posso.

– Você tem que perdoar em algum momento, Emma. Não pode continuar com isso. Eu *conheço* você.

– Bem, talvez eu possa. Mas talvez eu não seja uma pessoa tão legal quanto você.

– Sim, você é – defendeu-me.

– Vá sem mim – pedi. – Desculpe, Caroline, mas é cedo demais para mim.

– Muito bem então. – Caroline havia cedido, sem argumentar de verdade. Acho que ela não havia acreditado de fato que eu fosse dizer sim. – Mas vou dizer a ela que as flores são nossas – emendou, com um leve tom de desafio na voz.

– Certo, como quiser.

Fiquei olhando fixamente para o calendário na parede da livraria por muito tempo depois de Caroline desligar o telefone.

– Feliz aniversário, Amy.

CAPÍTULO 12

Naquela tarde de sexta-feira, enquanto eu trocava as roupas de trabalho por algo mais adequado a uma visita ao lago, do lado de fora da minha janela o sol brilhava, tépido, e uma brisa agitava as árvores. *Isso não é um encontro*, disse a mim mesma, com firmeza, quando vestia uma calça preta e pegava a única peça de roupa que ainda não havia experimentado: um suéter de lã angorá com um profundo decote drapeado. Sua cor, jade, caía bem com o vermelho dos meus cabelos e destacava o verde dos meus olhos. O calçado fora a única decisão fácil de tomar. Decididamente, salto baixo.

Soltei o cabelo e o escovei até que ele caísse em meus ombros como uma cachoeira de cobre polido. Havia acabado de aplicar uma camada de brilho nos lábios quando o carro parou na frente da casa. Meu coração começou a bater loucamente e minha boca de repente ficou seca. Era absurdo, mas eu me sentia como uma adolescente que se preparava para o primeiro encontro.

Era estranho ver Jack no hall da casa dos meus pais, educadamente apertando a mão de papai. Ele ergueu os olhos e deu um sorriso caloroso ao ouvir que eu descia a escada – e quando seu olhar encontrou o meu, eu torci para que o ruído dos meus passos fosse alto o suficiente para mascarar o som da respiração presa na minha garganta.

Houve uma estranha sensação de colisão de mundos quando Jack e meu pai se cumprimentaram. Aquele era um território novo e estranho para mim. Richard fora como um membro da nossa família por tanto tempo que eu mal reconhecia a sensação de ansiedade e agitação por ver a minha vida familiar e a sentimental se cruzarem, e tudo o que eu podia fazer era torcer para que todos gostassem uns dos outros. No entanto, nem precisava ter me preocupado com isso. Jack foi charmoso, modesto e respeitoso quando meu pai, um tanto sem jeito, expressou sua gratidão já tardia ao nosso visitante.

– Nós lhe devemos tudo, Frances e eu – disse ele humildemente.

Todos nos viramos quando mamãe, que viera da cozinha, chegou em silêncio e parou ao lado de papai.

– Não há palavras que possam expressar adequadamente o nosso sentimento. Se não fosse por você, nós a teríamos perdido. Você salvou todos nós quando tirou Emma daquele carro.

– Foi um prazer.

O suave sotaque de Jack fez sua resposta soar tanto calorosa quanto sincera.

– Ela significa o mundo para a mãe dela e para mim... – falou meu pai, engasgando de emoção.

– Pai – interrompi-o, achando sua franqueza com um completo estranho tanto comovente quanto inesperada. – Vai deixar Jack constrangido se continuar assim.

– De jeito nenhum – interveio Jack, com delicadeza, erguendo a mão e brevemente colocando-a sobre a minha, que estava apoiada no corrimão de madeira. – Entendo perfeitamente como vocês devem se sentir. Perder Emma seria inconcebível.

Fez-se silêncio. Engoli em seco tão ruidosamente que tenho certeza de que os três ouviram.

– E esta é a minha mãe, Frances – falei, apressando-me a preencher o vazio com uma apresentação totalmente desnecessária.

Jack lhe ofereceu a mão e, depois de um segundo ou dois de constrangedora hesitação, minha mãe estendeu a dela.

– É um prazer finalmente conhecê-la – disse Jack, dando um sorriso caloroso e genuíno. – Emma fala da senhora com tanto carinho que tenho a sensação de que já a conheço. Esperava mesmo pela oportunidade, antes de voltar para os Estados Unidos, de lhe dizer quanto admiro seu trabalho. Na casa que aluguei tem uma tela sua que é maravilhosa. Emma me disse que a senhora a pintou na França, e ela é, sem sombra de dúvida, uma das pinturas mais cativantes que já vi.

Aquelas palavras acertaram em cheio o coração de mamãe. Ela de repente pareceu relaxar na companhia de Jack – o que era algo particularmente incomum de acontecer com estranhos – e inflar de orgulho com o elogio. Fiquei me perguntando se tinha sido a admiração dele que agradara a ela ou se tinha sido o fato de ele ter dito que logo voltaria para os Estados Unidos. Porque ela certamente *não* parecera muito feliz um pouco antes, quando a mão dele cobrira a minha por alguns instantes. Se minha vida sentimental um dia fosse dividida em times, haveria pouca dúvida sobre para qual deles minha mãe ia torcer.



– Gostei dos seus pais – disse Jack quando nos afastávamos da casa em seu carro. – Parecem ser gente muito boa.

– E são.

Eu me remexi ligeiramente no assento, ainda me sentindo desconfortável com o que tinha acontecido na saída.

– Desculpe... minha mãe agora se confunde com facilidade.

Sua mão esquerda deixou o volante e deu tapinhas de leve na minha.

– Não tem problema – disse ele, com convicção, e em seguida voltou a mão ao volante e completou: – Não se preocupe com isso.

Mas eu não podia evitar. A preocupação estava lá. O tempo todo. O último incidente só tinha servido para ressaltá-la. Quanto à minha mãe, nada ficaria bem novamente até o dia em que ela me visse casada com Richard.

Jack estava me ajudando a vestir o casaco quando mamãe falara pela primeira vez.

– Você é um dos amigos de Richard? – perguntara ela.

Houvera então um momento terrível em que olhei para o chão, na esperança de ver um buraco no qual pudesse desaparecer. Infelizmente, tudo o que havia sob meus pés era o carpete bege.

– Não, Sra. Marshall – respondera Jack, de modo gentil. – Eu só o encontrei poucas vezes, e não o conheço muito bem.

Ele olhara para mim com um sorriso amável.

– Mas sou um dos amigos de Emma.

Meu sorriso de retribuição fora cheio de desculpas e agradecimentos.

– Você sabe quem ele é, Frannie – intercedera meu pai. – Eu lhe disse mais cedo. Este é Jack Monroe, o cavalheiro que ajudou Emma e Caroline depois do acidente.

E então mamãe assentira com a cabeça, como se o que meu pai tinha acabado de dizer fosse um fato interessante porém trivial, e sobre o qual ela não estivesse nem um pouco disposta a falar.

– E o senhor vai ao casamento deles, Sr. Monroe? O casamento de Emma e Richard?

Foi quando olhei para o meu pai. Ele balançou a cabeça; não havia nada que pudesse fazer. Minha mãe sabia que havíamos cancelado tudo. Ou ao menos soubera, no dia anterior.

– Mãe... – eu começara –, a senhora lembra que Richard e eu...

– Ela será uma noiva tão linda! – interrompera-me mamãe. – Claro, eles tiveram que adiar, era o certo a fazer. Mas agora acho que já esperaram tempo suficiente. O senhor não acha?

Papai parecera pouco à vontade, e eu me sentira vagamente enjoada de tão constrangida. Jack, porém, não se mostrara perturbado com a conversa bizarra.

– Emma será de fato uma noiva linda, mas receio que eu não vá estar aqui para ver. Não vou ficar aqui por muito mais tempo e, na verdade, não sou um grande fã de casamentos.

As palavras de Jack foram como uma faca se cravando na minha carne, mas ele não poderia imaginar. Por trás de mamãe, meu pai pedira desculpas em silêncio a nós dois, enquanto pegava a esposa gentilmente pelo cotovelo e a conduzia de volta à cozinha. Eles estavam quase na porta quando o comentário final dela soara no hall.

– Quem era aquele rapaz simpático com Emma? Era um amigo de Richard?
– Ela não é sempre tão confusa assim... É isso que torna tudo muito frustrante – desabafei. – A gente simplesmente não sabe como ela vai estar no dia seguinte. É tão difícil para o meu pai!

– E para você também – observou Jack, com simpatia.

Dei de ombros.

– A ideia de não a ter por perto apavora meu pai. Eles estão casados há quase quarenta anos.

– Sim, logo se vê que sua mãe adora casamento. O *seu casamento* em particular.

– Acho que a maioria das mães quer ver a filha feliz e com a vida estabelecida, mas para a minha isso se tornou quase uma obsessão.

Jack ficou em silêncio por um momento, concentrado na direção.

– E, naturalmente – continuei –, ela ama Richard de verdade.

– E não o amamos todos?

Ri alto, de um jeito não muito refinado. Ele tirou os olhos da estrada e me dirigiu um sorriso largo que me aqueceu em lugares que um simples sorriso não costuma alcançar.

– O que ela vai fazer quando se der conta de que o seu casamento não vai acontecer?

Suspirei, e nenhum vestígio de sorriso restou diante daquela pergunta.

– Não sei. – Foi minha resposta sincera. – Espero que ela aceite e que seu estado não piore por causa disso. Eu não suportaria ser o catalisador que acelerasse o seu declínio. Não poderia viver comigo mesma se isso acontecesse.

Os dedos dele apertaram o volante com firmeza e ele pareceu escolher as palavras com muito cuidado antes de falar:

– Só não se deixe sugar de volta a um relacionamento com ele apenas para agradar a seus pais.

Não respondi. Ele desviou os olhos da estrada por muito mais tempo do que deveria. E dessa vez não havia nem sombra de sorriso em seu rosto.

– Emma, você não pode estar mesmo pensando nisso. Seria, *sem dúvida*, a pior coisa que você poderia fazer.

– Deixaria muitas pessoas felizes – ponderei, com um suspiro.

– *Você* é uma delas?

– Não.

– Então, não faça isso. Nem mesmo pense nisso. Acredite em mim: não se case com alguém para fazer os outros felizes. Isso não dá certo.

Desconfiei de que Sheridan subitamente tivesse se juntado a nós, no carro. Ah, isso mesmo! Ali estava ela, no banco traseiro, sentada bem ao lado de Richard! De repente, havia muitos ex-relacionamentos com que lidar – mais deles que alguém poderia suportar. Mas eu estava determinada a não deixar que

arruinassem minha tarde com Jack.

Seguimos pela estrada, e o sol surpreendentemente quente de abril se filtrava através do para-brisa. O carro era um casulo quente e seguro que me levava para longe do teste de resistência emocional que minha vida atual parecia ser. E eu me deixava levar feliz.

– O que acontecerá com sua mãe quando seu pai não der mais conta sozinho? – perguntou Jack, voltando a um tema que eu achava que já tivéssemos deixado para trás.

– Não sei. Visitei alguns lares para idosos, mas papai não quer nem considerar a possibilidade, nem mesmo como apoio ou socorro temporário.

– E o que me diz de *home care*? Vocês poderiam conseguir alguém que morasse na casa e os ajudasse? Seu pai aceitaria isso?

Suspirei.

– Não sei. Talvez. Richard e eu pesquisamos essa opção algum tempo atrás, mas mesmo somando o salário dos dois, não era algo que pudéssemos bancar.

Dei uma risada sem humor.

– E por algum motivo, acho que a oferta dele não está mais de pé.

– Então, que tal eu?

– Como?!

– Eu poderia ajudar vocês. Gostaria de fazer isso.

As palavras de Jack foram tão completamente inesperadas que levei alguns segundos para registrá-las. E então tive um vislumbre de outra vida. Vi meu pai não vencido pela exaustão e pela preocupação. Eu o vi saindo para jogar golfe ou indo ao pub com os amigos, todas as coisas que ele não podia mais fazer. Vi também as mudanças que poderiam ocorrer na minha vida. Eu poderia voltar para Londres, retomar minha carreira. Ser filha da minha mãe, não sua cuidadora. Vi tudo isso, e em seguida bati a porta na cara desses sonhos imprudentes.

– Não. Em hipótese nenhuma.

Não creio que minhas palavras o tenham surpreendido, embora ele tenha inspirado com força quando pousei a mão em seu braço.

– Por favor, não pense que sou mal-agradecida, Jack. É muita generosidade sua, mas não é algo que a gente possa aceitar.

– Qual o sentido de ser bem-sucedido e ganhar mais dinheiro do que consigo gastar, se não puder ajudar outras pessoas?

– Para isso servem as obras de caridade.

– Eu já contribuo para obras de caridade. Não foi por isso que ofereci.

– Então, por que foi?

Talvez minha pergunta tenha soado mais confrontadora do que eu pretendia, mas eu queria muito saber a resposta. Ele demorou um bom tempo até responder.

– Porque me preocupo com você, com o que acontece com você. Eu me pego querendo tornar a sua vida melhor... e Deus me ajude, eu nem mesmo sei por quê. Talvez seja pela forma como nos conhecemos, ou talvez eu sentisse a mesma coisa se tivesse simplesmente esbarrado com você na rua. Emma, você não é alguém de quem eu possa facilmente me afastar, que eu possa esquecer. Sei que o que estou dizendo não faz o menor sentido, mas sinto que preciso cuidar de você, protegê-la.

Ele deu uma risadinha, ciente de que suas palavras tinham parecido fantasiosas e antiquadas.

– Acho que quero ser seu cavaleiro errante... e eliminar parte da pressão financeira, permitindo que cuide melhor da sua mãe. Seria uma maneira muito fácil de eu poder ajudá-la.

– Obrigada pela oferta, Jack. Obrigada mesmo. Mas não.

Jack desviou o olhar da estrada por um momento.

– Só me prometa uma coisa: se um dia você precisar *mesmo* de ajuda, não fará nada estúpido, como roubar um banco ou arranjar três empregos extras... ou se casar, só para dar um jeito nas coisas.

Quis perguntar a ele qual dentre aquelas opções ele considerava a pior, mas acho que eu já sabia a resposta.

Jack deve ter pressentido minha necessidade de mudar de assunto, porque foi muito habilidoso ao levar nossa conversa para uma direção totalmente distinta. Ele passou os vinte minutos seguintes contando uma história divertida que vivenciara em uma turnê de lançamento no Extremo Oriente. Mas foi sua descrição evocativa do país e de seu povo que me agradou e fez que eu tivesse vontade de reservar um lugar no próximo voo para Xangai.

– Sua vida é tão diferente da minha! – falei, e minha voz soou involuntariamente melancólica.

– De que maneira? Explique.

Suspirei, não querendo dar a entender que estivesse lamentando; era apenas uma observação.

– De quase todas as maneiras imagináveis. Você trabalha em algo que claramente ama, e é muito bom no que faz.

Jack deu de ombros, com modéstia.

– Você viaja, conhece o mundo. Não está preso a responsabilidades, a obrigações.

Tínhamos chegado à saída para o lago.

– Aqui? – perguntou ele.

Assenti. Ele não tinha precisado de mim para se localizar, e eu me questioneei, mais uma vez, por que ele me pedira que viesse com ele.

– Você também poderia ter todas essas coisas.

Deixei escapar um longo suspiro e balancei a cabeça, pesadosa.

– Não creio. Não agora, pelo menos.

Sua boca se contraiu, formando uma linha, e imaginei que minha resposta talvez o tivesse desapontado um pouco.

– Não devia desistir das coisas que são importantes para você. Sua família importa, e você agora está fazendo algo incrível por eles, mas não abra mão dos seus sonhos, Emma. São os sonhos que nos fazem quem somos. Todo mundo tem responsabilidades e compromissos; o truque é equilibrá-los em uma vida que também a faça feliz e realizada.

– É isso que você faz?

Ele deu uma pausa de um instante antes de responder.

– Sim, é. Mas você está enganada: eu *tenho* responsabilidades... algumas muito importantes, que não posso ignorar... que não ia *querer* ignorar.

Eu me retorci no assento, com a curiosidade aguçada. A que compromissos ele estava se referindo, que tinham trazido um tom tão sério à sua voz? Quem seria? Ou o quê? Mas Jack já tinha dado as confissões por encerradas. Soltou o cinto de segurança e levou a mão à maçaneta da porta.

– Aqui estamos – anunciou com um sorriso.



Ele estendeu a mão para mim quando nos aproximamos do lago. Hesitei por um breve segundo, antes de colocar a palma da minha mão na dele e permitir que seus dedos se entrelçassem firmemente com os meus. Jack era um homem tátil, aquela era a sua natureza, e a essa altura eu já devia saber que não deveria dar demasiada importância ao seu frequente contato físico. Mas era mais fácil falar que fazer, já que, por hábito, o meu coração saltava e os meus pulmões se contraíam quando a pele dele tocava a minha.

Circulamos o lago duas vezes, e eu me senti grata pelo apoio de seu braço quando o solo ficava irregular ou escorregadio, e mesmo quando não ficava. Jack parecia preocupado, talvez perdido em uma reviravolta ou um enigma de sua trama, embora eu suspeitasse que houvesse mais coisas em sua mente que apenas a locação do assassinato perfeito.

Observei-o com atenção enquanto ele permanecia de pé na margem do lago. Sabia que sua silhueta desenhada na superfície da água permaneceria comigo muito tempo depois que ele tivesse voltado para casa. Jack desapareceria da minha vida em menos de duas semanas, e eu sinceramente não sabia o que aquilo me fazia sentir. O que eu sabia era que jamais voltaria àquele lago, que estaria vinculado demais às lembranças dele.

Estendi a manta que tínhamos trazido do carro na mesma rocha plana de antes, e esperei que ele se juntasse a mim.

– Deve ser muito estranho passar a vida planejando crimes e modos de

escapar impunemente deles – observei quando ele por fim se sentou ao meu lado na manta.

– Você ficaria surpresa de saber como isso pode ser libertador – retrucou ele com um sorriso. – Gosto de pensar que isso me torna um ser humano mais bem-ajustado.

Ergui as sobrancelhas. Jack me fitou por um longo momento, e mais uma vez senti que ele estava a ponto de me dizer alguma coisa, que estava à beira de um precipício e então decidia não pular. Ele voltou a olhar para o lago.

– Tem alguma coisa neste lugar...

Ele estava de costas para mim, e percebi como seu cabelo escuro adquiria um brilho quase azulado onde o sol o tocava. Deixei-me ficar observando, porque ele não podia me ver. Peguei um dos seixos grandes e planos no chão ao nosso lado e comecei a brincar nervosamente com ele.

– Não parece o tipo de lugar onde uma vida deva terminar – comecei, sem saber se estava falando sobre o livro de Jack ou sobre a nossa realidade, talvez ambos. – Está mais para o lugar onde algo poderia começar.

Senti o meu coração disparar, sabendo que minhas palavras tinham revelado muito. Será que ele ao menos entendera o que eu, muito desajeitadamente, tentara dizer? Será que Jack fazia alguma ideia do efeito que causava em mim? Acho que devia fazer, porque sua mão deslizou sobre o cobertor e cobriu a minha. Minha respiração ficou presa na garganta.

– Tem alguma coisa em você, Emma que consegue me tocar de uma forma que há muito tempo ninguém conseguia.

– Não sei o que é... nem se ao menos tem um nome – comecei, baixando a voz a um sussurro, como se as palavras fossem um segredo, uma confissão de culpa, que as árvores pudessem espalhar –, mas acho que sinto o mesmo em relação a você.

Ele fez que sim lentamente com a cabeça, e não creio que minha resposta tenha sido exatamente uma surpresa.

– Quero ser franco com você, Emma. Porque já passei da idade de fazer joguinhos e não dizer a verdade. Tem alguma coisa aqui, alguma coisa entre nós, e eu não sei se é por causa da forma como nos conhecemos nem se é apenas algo físico. Mas decididamente é real.

– Eu sei. E isso me apavora.

Ele deu uma risada desanimada.

– Não é a coisa mais lisonjeira de ouvir, mas, dadas as circunstâncias, entendo o sentimento. Sua vida já tem complicações suficientes neste momento, você não precisa de mais uma.

Jack se levantou abruptamente e estendeu a mão para me ajudar a ficar de pé. Mas não me soltou quando eu me vi diante dele; só me fitou por um longo tempo, como se buscasse gravar meu rosto em sua memória. Para que um dia

eu pudesse aparecer nas páginas de seus livros? Ou haveria outra razão? Eu não tinha percebido que um vinco se formara entre os meus olhos até que o polegar dele tentasse delicadamente apagá-lo de minha fronte. Sua voz era suave quando ele quebrou o encanto do momento.

– Desculpe, Emma. Era para o dia de hoje ser um momento agradável para você, não mais um motivo de preocupação. Talvez fosse melhor você simplesmente esquecer que tivemos essa conversa...

Jack se curvou para recolher a manta e, quando ele não estava olhando, peguei no chão o seixo grande e plano com o qual eu estivera brincando. Queria algo que me fizesse lembrar daquele momento, algo tangível. Discretamente, deixei que a pedra deslizasse para meu bolso.

Permaneci calada durante o curto trajeto até o restaurante, lembrando tudo o que ele dissera à luz declinante do dia, na margem do lago. Quando chegamos ao pub alegremente iluminado, havia uma única coisa de que eu tinha certeza: que o que ele dissera já estava indelevelmente gravado em minha memória, e nada – nem agora nem no futuro – jamais faria com que eu esquecesse.



O restaurante era encantador, todo de vigas de carvalho, paredes de pedra e charme rústico. Fomos acompanhados até uma mesa mais isolada ao lado de uma janela, iluminada por uma vela vermelha em um pote de vidro.

Havia um casal de idosos em uma mesa próxima à nossa. Estavam inclinados um na direção do outro sobre a toalha de mesa alva como a neve, e suas mãos enrugadas e com manchas senis estavam entrelaçadas sem nenhum constrangimento. Senti uma inesperada pontada de inveja de sua intimidade. Sentia falta daquilo; queria aquela sensação de volta, e agora tinha certeza de com quem queria partilhá-la. Eram sonhos impossíveis, do tipo que não tinham pé na realidade, mas que ainda assim se recusavam a ir embora.

– Foi uma tarde muito agradável, Jack. Obrigada por me convidar. Acho que eu precisava me afastar de tudo – falei, dando um suspiro no fim.

– É bom vê-la mais relaxada – disse ele com aquele sorriso que sempre fazia meu coração falhar uma batida.

Eu não era a única a sofrer o efeito de seu charme: a garçonete tinha decididamente encarado Jack quando ele, com suas habituais boas maneiras, puxara a cadeira para mim. Ela olhara por um breve instante em minha direção. Seu rosto expressava tanta admiração e seu olhar dizia “*Muito bem!*” de forma tão clara que foi difícil não sorrir. As mulheres sempre fariam aquilo: olhar para ele daquela forma; flertar um pouco, talvez; tentar chamar sua atenção. No entanto, quando estávamos juntos, nem uma só vez senti que seu foco estivesse em qualquer outro lugar que não inteiramente em mim. Jack tinha tudo o que

fosse possível querer ou procurar em um homem. Ele era o pacote completo, todos os itens desejáveis em uma lista do homem ideal, dessas que as revistas femininas publicam. Seria mesmo tão surpreendente que eu estivesse começando a me...

– O que vocês dois querem beber?

Eu acabei de pensar “... a me”?

– Gostariam de ver a carta de vinhos?

Eu ia mesmo completar com “... apaixonar”?

– Emma?

Mas eu não estava me apaixonando por Jack. Estava? Era somente um interesse passageiro, atração física. Não podia ser amor. Podia?

– Emma, algum problema?

Dei um salto, como se tivesse acabado de acordar de um transe e deparado com Jack e a garçonete. Os dois me observavam com franca curiosidade.

– Uma taça do branco da casa, por favor – respondi, encantada por perceber que não havia perdido a capacidade de falar com coerência, mesmo que tivesse, ao que parecia, tirado licença do restante dos meus sentidos.

Será que eu teria feito mesmo algo tão estúpido quanto me apaixonar por um homem que logo desapareceria em definitivo da minha vida, era praticamente alérgico a compromissos e ainda estava marcado pela cicatriz da traição da ex-mulher? Como *aquilo* seria possível, se apenas seis semanas antes eu ia me casar com outra pessoa?

Jack estava falando, mas eu, novamente distraída, não o ouvira.

– Desculpe – falei, balançando a cabeça como se pudesse reposicionar em um canto do meu cérebro todos os pensamentos errantes. – O que você disse?

Ele me olhou pensativo.

– Tem certeza de que você está bem? Não está doente nem nada? Você parece um pouco... estranha.

– Não. Estou bem, muito bem – menti.

Ele estendeu a mão sobre a mesa e a pousou sobre a minha.

– Vai ficar mais fácil, você sabe, com o tempo. Não vai doer sempre tanto assim.

Ele havia segurado minha mão tantas vezes antes que eu já deveria estar imune ao seu toque, mas quando seus dedos se curvaram sobre os meus, algo parecia diferente. Uma veia começou a latejar em meu pescoço enquanto ele me olhava. Seus olhos cor de caramelo ficaram sérios de repente.

– Não gosto da ideia de partir daqui a duas semanas, quando as coisas estão ainda tão difíceis para você!

O que eu queria dizer era “Fique então. Termine seu livro aqui. Termine todos os seus livros aqui. Você tem a profissão mais portátil do mundo. Não precisa ir embora”. Tudo isso teria sido completamente ridículo e mais que um pouco

insano. Portanto, o que eu *de fato* eu disse foi:

– Você salvou a minha vida, Jack, mas isso não o torna eternamente responsável por ela, nem por mim. Você está livre, agora.

Havia uma doçura amarga em seu sorriso quando ele replicou:

– Por algum motivo, acho que *sempre* vou me sentir um pouco responsável por você. Sua voz estava estranhamente séria. – Mesmo do outro lado do mundo.

Não havia nada que eu pudesse dizer em relação àquilo, mas guardei suas palavras para analisá-las mais tarde.

– Você *poderia* ficar mais tempo, isto é, se quisesse?

Senti o fluxo quente do sangue que afluía para as minhas bochechas enquanto eu tentava fazer com que minha pergunta parecesse sem importância.

– Na verdade, não – admitiu. – Tenho negócios em Nova York, e o aluguel da casa em Trentwell termina no fim do mês.

Ele quase encerrou ali, mas então acrescentou com cautela:

– E, como mencionei antes, tenho um... compromisso... uma responsabilidade com alguém em casa. Eu *preciso* voltar.

Engoli em seco, determinada a não permitir que ele visse o efeito que suas palavras tiveram em mim. Ali estava a questão: ele tinha um “compromisso”. *Havia* alguém para quem ele estava voltando, como eu suspeitara. Então, aquele era o fim; na verdade, aquela noite poderia muito bem ser a última vez que eu o via. Senti a ferroadada das lágrimas e pisquei furiosamente, tentando afastá-las. Se aquela seria a última vez, eu estava decidida a não desperdiçá-la pensando em todas as coisas que poderiam ter sido.

Escondi o que estava sentindo por trás das brincadeiras e provocações que sempre pareciam tão fáceis entre nós. Ri quando ele fingiu achar os pratos britânicos do cardápio totalmente desconcertantes. “Torta do pastor, prato do lavrador, petardos e sapo no buraco? Qual é o problema de vocês?” Brindamos ao futuro e tentei não deixar que a tristeza em meu olhar revelasse que estávamos indo claramente em direções muito diferentes.

Deixamos o restaurante por uma porta nos fundos, que levava a uma área de estar ao ar livre, à margem de um rio. O sol já estava bem baixo no céu, logo iria se pôr, e seus raios faziam a água corrente cintilar e reluzir como mercúrio borbulhante.

– Vamos caminhar um pouco? – sugeriu ele.

Assenti e acertei o passo com o dele ao atravessarmos o pátio externo até um curto lance de escada de madeira que levava à beira do rio. Jack pegou minha mão ao descermos os degraus úmidos e escorregadios, e então continuou a segurá-la enquanto caminhávamos ao longo do rio. A temperatura estava nitidamente mais baixa que antes, mas eu não sentia nem um pouco de frio com minha mão na dele.

Não tinha mais ninguém à vista do nosso lado do rio, e na outra margem

havia somente um descampado. A sensação era de privacidade e isolamento, como se estivéssemos muito mais distantes da civilização do que a apenas alguns minutos de caminhada. À medida que as sombras cresciam e as árvores projetavam silhuetas intrigantes à nossa volta, eu sentia como se fôssemos aos poucos nos perdendo em um mundo nosso, próprio e particular – um mundo no qual as regras eram todas diferentes.

Vimos uma ponte mais à frente, de um tipo antigo, de parapeito de madeira. Não havia nenhuma razão para que a atravessássemos, não precisávamos chegar ao outro lado. No entanto, quando a alcançamos, ambos nos viramos para subir os poucos degraus. Ali, a vegetação em ambas as margens era densa, com os galhos das árvores baixos o suficiente para roçar a cabeça de Jack ao pisarmos as pranchas do piso. No centro da ponte, nos detivemos por consentimento tácito e ficamos observando o rio desistir de sua luta com a noite, mudando do prata para o negro profundo. Uma brisa suave soprava, despenteando meu cabelo e afastando-o do rosto, mas deixei que os fios vermelhos voassem ao sabor do vento, enquanto me apoiava no parapeito e corria os olhos ao longo de toda a extensão do rio. A lua agora estava no céu e com impaciência empurrava para longe os últimos fachos da luz do dia.

Ficamos em silêncio durante muito tempo. As palavras pareciam supérfluas naquele momento de perfeita harmonia. Fui a primeira a falar.

– Há tanta paz aqui! Gostaria de ficar para sempre.

Esperei que ele risse de uma declaração tão fantasiosa quanto aquela, mas ele não riu.

– Você devia ter trazido a câmera – continuei.

Ele saiu de sua posição no parapeito e se postou na minha frente.

– Não preciso dela – disse, a voz baixa. – Acho que vou me lembrar deste momento para sempre... e por todas as razões erradas.

Não me lembro de sua cabeça baixar nem de seus braços me envolverem, e isso é uma pena, porque eu já sabia, no momento mesmo em que aconteceu, que no futuro eu ia querer reviver aquela cena vezes sem conta. Só sei que em um instante Jack estava parado à minha frente e, no outro, eu estava esmagada em seus braços, e minha boca se movia na dele, enquanto uma força primitiva me arrebatava e eu me entregava ao beijo mais incrível que já havia experimentado.

Eu despencava em queda livre, sem saber a que altura estava ou quando me chocaria com a terra. O corpo dele se ajustava perfeitamente ao meu, cada contorno encontrando sua contraparte, enquanto nos fundíamos. Ouvi um gemido, que poderia ter vindo de qualquer um de nós, enquanto o beijo desafiava nossa necessidade de oxigênio e continuava a me transportar da realidade para um mundo que me envolvia numa bruma de luxúria, onde eu não sabia de nada, exceto da completa perfeição de sentir nossa boca e nossa língua se encontrando

e se combinando.

Ele não se afastou de uma vez, mas foi libertando minha boca aos poucos, com uma série de beijos mais breves, o que tornava até mesmo a separação deliciosamente erótica. Ele continuou a me segurar, mas arqueou as costas para trás, de forma que pudesse ver o meu rosto. A respiração dos dois era pesada, e eu podia sentir nossos corações martelando, comunicando-se em um ritmo instintivo.

– Sei que não devia ter feito isso – começou Jack, com a voz áspera e não exatamente controlada –, mas não vou me desculpar nem mentir, porque *nunca* vou lamentar ter dado esse beijo.

Tentei falar, mas meus lábios pareciam não querer fazer algo assim tão comum; tudo o que queriam era unir-se aos dele outra vez.

– Talvez tenha sido errado eu me aproveitar de você desse jeito. Mas só uma vez... uma única vez... eu tinha de saber como era.

Havia tanta coisa errada na fala de Jack que eu nem sabia por onde começar...

– Você não se aproveitou de mim... não mesmo.

Minha habilidade de me comunicar de forma articulada parecia ter desaparecido, assim como o ardor nos olhos dele.

– Eu *quis* que você me beijasse.

Eu quase podia ouvir meu último fiapo de orgulho escorregar pelas tábuas da ponte e cair na água lá embaixo.

– Eu queria havia muito tempo.

Jack fechou os olhos brevemente. Pensei de verdade que ele fosse se entregar e me beijar outra vez, mas, com uma força e uma determinação que eu o odiei por encontrar, ele gentilmente aumentou a distância entre nós dois. O tremor que senti nele era o único indício de que ele não queria mesmo me soltar.

– Isso é errado – disse ele, sem me olhar nos olhos enquanto falava. – Para nós dois.

Tentei negar com a cabeça, mas ele interrompeu o movimento segurando meu queixo. Com muita ternura, Jack deslizou o polegar sobre meu lábio inferior, que ainda estava inchado por causa do beijo.

– Você passou por muita coisa, está vulnerável e confusa. Não sabe que caminho tomar, e eu sou uma complicação desnecessária, algo de que você simplesmente não precisa neste momento.

– Mas...

Pude ouvir a derrota em minha voz muito antes que meu cérebro tivesse o bom senso de perceber que aquela era uma luta que eu não venceria.

Jack balançou a cabeça com tristeza.

– É muito cedo para você e tarde demais para mim.

Seus braços se flexionaram e ele me afastou um pouco mais, até que o

contato físico entre nós foi desfeito.

– Não sou aquilo de que você precisa na sua vida agora, Emma. Mas, que Deus me ajude, estou usando cada grama de força que tenho para não puxá-la de volta aos meus braços e apagar em você a lembrança de qualquer homem que um dia você possa ter beijado!

Olhei para ele com olhos que não tinham vergonha de implorar. O que eu sentia estava escrito no meu rosto, e uma pulsação reveladora latejava erraticamente na base do meu pescoço. Não havia dúvida sobre o que eu queria. Absolutamente nenhuma. Eu o ouvi gemer baixinho quando ele olhou para mim, antes de se obrigar, com determinação, a olhar de novo para o rio.

– Tudo de que você não precisa é começar algo comigo agora. Algo com um fim que já olha você de frente. Você já teve muitos finais em sua vida, Emma. Eu não serei mais um.

Eu poderia ter tentado argumentar, poderia ter implorado, mas uma pequena semente de autopreservação finalmente ganhou vida, salvando meus últimos vestígios de dignidade.

– O que você quis dizer com ser tarde demais para você? É porque você irá embora em poucos dias?

Ele parou de fitar o rio e olhou para mim, e havia tristeza em seu olhar quando ele respondeu:

– Não. Isso é só geografia. O que eu quis dizer é que... *você*... chegou tarde demais para mim... dez anos atrasada, na verdade.

Dez anos. Foi quando o casamento de Jack terminou. Eu podia sentir o espectro de Sheridan e do que ela fizera erguer-se do rio escuro como se fosse um espírito das águas e acabar com o momento de forma mais eficaz do que qualquer fantasma teria conseguido.

Não havia mais nada a dizer, e Jack ligou o som do carro no trajeto de volta, tentando preencher com música o imenso abismo que se abrira entre nós. Podia não ser uma atitude muito madura, mas, em vez de me esconder atrás de uma fachada de conversa vazia, eu fingi que dormia. E ele fingiu que acreditava em mim.

CAPÍTULO 13

Nos dias que se sucederam, a lembrança daqueles momentos com Jack me seguiu muito de perto. Quando eu pensava ter me livrado dela, bastava erguer os olhos do que estivesse fazendo, e ali estava ela novamente. Fantasma de recordações me assombravam e continuavam a inundar a minha mente em momentos impróprios. Eles se materializaram em minha caminhada pela floresta, no sábado à tarde, quando as folhas voaram com a brisa, e de repente não era mais minha mãe que estava ao meu lado, mas Jack, e a floresta havia desaparecido, e eu tinha voltado à ponte, e estava perdida nos braços dele.

Eu me distraíra tanto que por um momento nem percebi que minha mãe não estava mais ao meu lado. Ela havia parado uns cinco metros atrás no caminho irregular e fitava as árvores sobre nós, enquanto o vento balançava a rede rendada de seus galhos. Refiz meus passos até voltar para perto dela. Em silêncio, corri a mão por seu braço e examinei seu rosto. Nos últimos tempos, muitas linhas finas irradiavam de seus olhos, e a curva de seu maxilar estava menos pronunciada, mas ela ainda parecia tão dolorosamente *normal*, tão a *minha mãe*, que às vezes era difícil aceitar as mudanças que estavam acontecendo dentro dela. Mudanças que nós, impotentes, não podíamos impedir que a levassem, sem piedade, para longe de nós.

– As árvores não ficam bonitas, assim, com o sol brilhando por entre elas?

Olhei para o alto e apertei de leve seu braço.

– Ficam, mãe. Vamos continuar?

Puxei-a delicadamente pelo braço. Ela, porém, balançou a cabeça, distraída, ainda olhando para o alto enquanto uma lembrança esquiva, havia muito esquecida, emaranhava-se nos fios de suas recordações esfarrapadas.

– Acho que vi uma fotografia... ou talvez fosse uma pintura... há muito tempo, que era assim. Havia árvores com a luz do sol passando obliquamente por entre elas... acho que era em uma floresta.

Dei um sorriso triste. Eu também lembrava.

– Era uma pintura, mãe. E você está certa: era bem assim.

Eu me lembrava até da época em que mamãe a tinha pintado. Fora no meu último verão em casa. Era comum que eu descesse para tomar o café da manhã e encontrasse, misturados na cozinha, os aromas de torrada e de tintas a óleo. Eu

quase esquecera que naquela época ela se levantava com o sol e pintava até que papai e eu acordássemos. Ela então se sentava conosco, exuberante e animada com seus trabalhos, e frequentemente com o rosto salpicado de reveladoras manchas de tinta.

Agora me partia o coração que a única marca em sua testa fosse um vinco, enquanto ela se esforçava para lembrar. E então, sem nenhum aviso, a lembrança de repente atravessou, como um feixe de luz, a escuridão vazia.

– Eu a pinteí. Fui eu, não foi? Eu pintava quadros.

– Sim, mãe. Foi você. Você é uma artista muito talentosa.

Torci para que ela reconhecesse que eu usara o tempo presente, não o passado.

– Parece uma espécie de sonho. Como se tudo tivesse acontecido em outra vida.

Fiz que sim com a cabeça. Era quase aquilo. Prendi a respiração, esperando que outras lembranças viessem em sequência, agarradas à cauda do cometa daquela que conseguira romper a barreira, mas nada mais veio. De novo, a sensação era de que meu pai e eu brincávamos de cabo de guerra com o Alzheimer de mamãe, cada lado puxando desesperadamente para ficar com ela para si. Não podia nem sequer imaginar como devia ser para ela, sendo puxada, indefesa, de um lado para outro, à beira do abismo do esquecimento. Momentos como aquele – quando ela própria se dava conta de quanto estava se afastando de nós – eram agriçodes, de partir o coração.

Deslizei o braço pelos ombros de mamãe e a abracei com força. Ela se virou e sorriu para mim, mas a luz da lembrança já começava a se apagar. Soube que ela se extinguiu por completo quando nos viramos para ir e ela tornou a olhar para cima.

– As árvores ficam bonitas, assim, com o sol brilhando por entre elas – disse ela, então recomeçou a andar ao meu lado.

A lembrança dos momentos com Jack não se perderam com tanta facilidade. Elas me seguiram até o trabalho, e apareciam espontaneamente, fazendo-me vacilar em meio a uma conversa, ou esquecer o que estava fazendo e parar, distraída, em um cômodo vazio, correndo os dedos sobre os lábios, recordando seu beijo. Monique tratou a questão com sua costumeira e elegante presença de espírito.

– Acho que vou demitir você esta semana – soltou ela enquanto tomávamos um café certa manhã, como se dissesse uma trivialidade qualquer.

Queimei o lábio dando um gole grande demais na bebida.

– Como é que é?!

– Nada pessoal – garantiu com um sorriso charmoso e dando de ombros –, mas agora você é inútil no trabalho.

Não era exatamente a melhor avaliação de desempenho que eu já recebera.

Mas também não era inteiramente inexata.

– Desculpe – falei, cobrindo as transgressões dos últimos dias e as que eu sabia que ainda viriam. – Logo estarei melhor. Em uma semana, aproximadamente – garanti.

– O quê? Quando ele voltar para os Estados Unidos? Você acha que isso vai consertar as coisas? Que todo esse sentimento que você tem por seu autor americano desaparecerá como mágica, quando ele se for?

Eu a fitei com olhos enormes como bolas de gude, pois não dissera a ela absolutamente nada sobre meus sentimentos por Jack.

– O quê? Você acha que estou tão velha e cega que me esqueci dos caminhos do coração? Eu sou francesa, Emma, não teria como esquecer! – anunciou com orgulho.



Aquela noite com Jack parecera tanto ser um fim que seu telefonema, alguns dias depois, foi totalmente inesperado. Mas não tão inesperado quanto seu comentário inicial.

– Sapo no buraco... isso não se refere a um sapo *de verdade*, certo?

– Como?

– Isso está me intrigando, é só. Por que alguém ia querer comer um sapo? Para começar, acho que eles são venenosos.

– Não, Jack, não é de verdade.

– Humm, foi o que pensei.

Fez-se um longo silêncio, o que me levou a pensar que a ligação bizarra tivesse chegado ao fim. Então a voz retornou:

– E você sabe prepará-lo?

– Sim, sei. Quer que eu faça para você experimentar, antes de ir embora?

– Você está livre no sábado à tarde, digamos, por volta das quatro?

– Estou.

Ele fez uma pausa.

– Passei mais tempo tentando inventar essa desculpa ridícula para ligar para você do que levei para esboçar a trama de um livro.

Sorri.

– Certo, não pareceu nem um pouquinho artificial.

Sua risada de resposta se fundiu no ruído da linha quando ele desligou.



– Desculpe. Você acha *o quê*?

A voz de Caroline soou alta o bastante para fazer com que vários clientes nas

mesas próximas à nossa olhassem para nós.

Aproximei minha cadeira da dela um pouco mais, baixando a voz.

– Acho que posso estar... ter me apaixonado por Jack.

– Ridículo! – disparou, descartando minha declaração com uma só palavra.

– Não, não é. É como me sinto. Como eu acho que venho me sentindo há semanas; só que levei algum tempo para reconhecer isso.

– Olhe... – Caroline começou, e eu podia ver que ela fazia um grande esforço para falar em um tom calmo e comedido, quando eu suspeitava que o que ela queria *de fato* era me dar uma boa bofetada. – O que você acha que sente por Jack... bem, isso não é possível, simples assim. Ele é um bom sujeito, um sujeito *muito legal*, um *herói* de verdade. Mas não é o tipo de homem com quem pessoas como nós ficamos. Ele é como um personagem de um livro, ele é todo glamour, brilho e empolgação. Mas não é *real*. Não da maneira como Nick é...

Ela fez uma pausa, claramente se perguntando se deveria terminar a frase.

–... ou Richard.

– Richard. Ah, claro! Ele é *exatamente* o tipo de homem que toda mulher sonha encontrar! O tipo que dorme com sua melhor amiga! É o par perfeito para qualquer uma.

– Porra, Emma, foi só uma vez!

Levantei a cabeça, chocada. Era raro ouvir Caroline xingar. De nós três, sempre fora Amy a dona de uma linguagem cuja “expressividade” agradaria aos ouvidos de Monique.

Caroline suspirou, balançou a cabeça e tentou outra tática.

– Olhe, você mesma não disse que Jack é contra o casamento?

Fiz que sim com a cabeça.

– E que ele sinalizou que existe alguém para quem precisa voltar, nos Estados Unidos?

Fiz que sim novamente.

– E que você acha que ele ainda pode estar ligado à ex-mulher?

Mais uma vez, fiz que sim – e dessa vez, muito mais triste.

– Bem – concluiu, dando um longo suspiro –, retiro tudo o que disse: o cara é o melhor partido do mundo! Vá em frente!

Detestava o modo como ela estava sendo sarcástica, mas, tendo apresentado os fatos daquela forma, tão cruamente, eu podia ver que tinha alguma razão. Suspirei e puxei a cadeira para mais perto da mesa, pois era a hora do almoço, e o café estava lotado. Embora tivéssemos conseguido um dos poucos reservados nos fundos, eu estava ciente de que podíamos ser ouvidas pelas mesas próximas.

Caroline deu uma mordida no sanduíche antes de me olhar com uma expressão de puro desespero.

– Deve ter sido um beijo e tanto – falou ela.

– E foi – admiti. – Mas não é por isso que me sinto assim.

– Não é? Olhe, Emma, você mal sabe quem é o cara. Você o conheceu há menos de dois meses. Não pode estar apaixonada por alguém que é pouco mais que um conhecido, alguém que está de passagem.

Ela se recostou na cadeira, visivelmente satisfeita por ter marcado um ponto vitorioso.

– Eu conhecia Richard *desde sempre* e pensava que fosse apaixonada por ele. E o que consegui com *isso*?

Caroline suspirou, percebendo que meu argumento fizera com que ela perdesse terreno.

– Então me diga de novo, exatamente, o que Jack falou após o beijo, quando a deixou em casa.

– É esse o problema! – desabafei, balançando a cabeça e sentindo-me tão confusa quanto ficara cinco dias antes. – Ele agiu como se nada tivesse acontecido. Como se a ponte, o beijo e o que ele disse depois simplesmente não tivessem existido.

Caroline franziu os lábios, como se tentasse decidir se dava voz à próxima pergunta ou não. Então se decidiu pelo sim.

– E você tem *certeza* de que eles realmente existiram?

Eu lancei a ela um olhar mordaz. Ela recuou.

– Está certo, está certo. Não me olhe assim. Eu tinha que perguntar. Você passou por muita coisa nos últimos tempos e bateu a cabeça no acidente...

– Isso foi há mais de sete semanas, e sem sombra de dúvida eu não sonhei nem imaginei nada disso. Não poderia. Foi o beijo mais maravilhoso que já dei.

Duas idosas que dividiam a mesa mais próxima à nossa olharam com interesse, certamente despertado por meu último comentário – que, tenho de admitir, soara bem mais alto do que deveria. Sorri, afável, para elas, e aproximei ainda mais minha cadeira da mesa.

– Então, quando o verá novamente? – perguntou Caroline, e havia certa resignação em suas palavras.

– No sábado. Vou fazer sapo no buraco.

Caroline ergueu bruscamente a cabeça.

– Não pergunte – adverti. – Você acha que devo dizer a ele como me sinto ou isso seria só procurar problema? Menciono o que aconteceu naquele dia? Pergunto sobre isso a ele? Ou simplesmente deixo as coisas como estão?

– São muitas perguntas. Me dê um minuto.

Então voltei a me recostar no assento de couro preto acolchoado, enquanto esperava por algumas palavras de sabedoria e orientação. Eu estava fora do meu ponto de equilíbrio e precisava dos conselhos sensatos e ponderados de Caroline, com seu relacionamento de longa data, seus valores sólidos e sua firmeza de caráter.

– Certo, acho que já sei. Quer mesmo que eu diga o que acho *de verdade* que você deve fazer no sábado?

Inclinei-me em sua direção, na expectativa da resposta.

– Acho que você deve dormir com ele.

Não sei de quem o choque foi maior: se foi o meu ou o das senhoras da outra mesa. O meu, acho.

– Como? O que foi que você disse?

As duas velhinhas pousaram as xícaras nos pires. Acho que elas também queriam entender direitinho.

– Dormir com Jack Fazer sexo. Tran...

Eu a interrompi, antes que uma das senhorinhas de cabelo azulado tivesse um ataque cardíaco em cima do bolinho que comia.

– Entendo a terminologia.

Olhei para ela com um misto de confusão e incredulidade.

– Quem é *você*? E o que você fez com a verdadeira Caroline?

De baixo de sua franja, ela me lançou um olhar ligeiramente encabulado.

– Sei que isso pode parecer pouco ortodoxo...

– Você acha mesmo?

–... mas, escute, porque acho que pode realmente ser a melhor coisa... para você e para Richard, quero dizer.

Eu teria que pedir esclarecimentos às minhas idosas bisbilhoteiras, porque era claro que eu não estava entendendo *nada* do que ela estava dizendo.

– Deixe-me ver se entendi: você acha que eu deveria... *fazer amor*...

Usei, de forma deliberada, a única expressão que ela intencionalmente não incluía.

–... com Jack, alguém por quem acho que estou nutrindo sentimentos verdadeiros, e que fazer isso de alguma forma irá resolver meus problemas de relacionamento com Richard, que... a menos que você tenha esquecido... me traiu?

– Exatamente – anuiu Caroline, satisfeita.

Balancei a cabeça, perguntando-me se teriam colocado algo mais forte naquele café.

– Caroline, você está louca, é oficial! O que está dizendo é completamente ridículo.

Minha amiga fez uma careta, como se a solução que oferecera fosse tão óbvia que ela não conseguia compreender por que eu não a entendia.

– Olhe, neste momento você nem mesmo considera a ideia de voltar com Richard, não é verdade? Você está magoada e furiosa com ele. É totalmente justificável. E, na minha opinião, nada vai mudar até que você supere o que ele fez, ou talvez... *até que a balança esteja equilibrada*.

Nada do que Caroline estava dizendo explicava sua sugestão absurda, mas ela

continuou:

– Pense só, Emma: se *você* fizesse a mesma coisa... bem isso seria um pouco como anular o que Richard fez. Você não poderia continuar com raiva dele, se tivesse feito a mesma coisa. Vocês estariam em pé de igualdade de novo.

Olhei para ela, sentindo-me desesperar.

– Caroline, eu não posso, *não vou*, fazer sexo com Jack para me vingar de Richard. Que tipo de pessoa eu seria, se fizesse isso? E, além do mais, você está desrespeitando os meus sentimentos por Jack.

Caroline suspirou de novo, e convenientemente escolheu ignorar minha última observação.

– Só estou dizendo que dormir com Jack pode ser exatamente o que você precisa agora.

Esse ponto eu não discutiria.

– Jack é como um romance de férias tórrido e intenso. Admito que existe um tipo de faísca ou atração entre vocês, isso é evidente, e sei que acha que o que está sentindo é amor, mas você precisa saber que, na realidade, *não é*. Está tudo na sua cabeça, é tudo falso e está ligado ao fato de ele ser um herói e ter salvado você. Ele me salvou também, lembra?... de certa forma... mas você não *me* vê por aí pensando que estou apaixonada por ele. Vê?

Deixei escapar um leve som de desgosto, mas não respondi, e ela então prosseguiu:

– Emma, é verdade, você precisa confiar em mim. À luz da realidade, esses sentimentos que você acha que nutre por Jack simplesmente não vão resistir. Mas você está tão perdida nessa atração impossível que deixou de ver com clareza.

Suas palavras me rasgaram como facas, mas eu não deixaria que aquilo transparecesse.

– Portanto, talvez se você e Jack... consumarem o ato – acrescentou ela muito mais timidamente, só então ficando ciente da nossa plateia da terceira idade –, bem, isso livrará seu sistema dele. Irá expurgá-lo de você.

Fiz uma careta. Ela fazia meus sentimentos por Jack parecerem algum tipo de doença desagradável que eu precisava erradicar.

– E então, depois de feito, você verá a diferença entre ter um caso rápido com alguém por quem se tem uma paixão aguda e uma relação duradoura com alguém que se ama.

Eu me limitei a ficar olhando para ela.

– E, de quebra, você ainda fará sexo com um cara muito gato – acrescentou, como se aquele fosse o argumento decisivo.

– Impressionante! – exclamei.

Caroline estava tão contente com sua proposta idiota que nem percebeu que eu estava sendo sarcástica.

– Eu sei! *Você* vai acabar com essa sua obsessão por Jack, *ele* vai ficar feliz

com uma rapidinha nas férias e você e Richard vão conseguir encontrar uma forma de ficar juntos outra vez. Todos sairão ganhando.

As velhinhas balançaram a cabeça sabiamente, como se Caroline fosse a maior consultora sentimental de todo o Reino Unido.

– Caroline. Você está maluca. Esse foi o pior conselho que já ouvi. Melhor você continuar vendendo casas mesmo, porque nunca sobreviveria dando conselhos sobre relacionamentos.

Ela pareceu abatida diante da minha rejeição.

– Além do mais, seu plano parece ignorar o maior e mais intransponível dos problemas.

Caroline esperou, ansiosa, que eu terminasse.

– Jack não quer nenhum tipo de envolvimento ou complicação, nem mesmo uma “rapidinha” sem compromisso. Ele deixou isso bem claro.



Naquela noite, quando voltei para casa, pendurei a bolsa e o casaco no corrimão e segui o cheiro de comida até a cozinha, esperando encontrar meus pais fazendo uma coisa ou outra por ali, como de costume. Mas o cômodo estava escuro; a única luz vinha da porta de vidro do forno, que deixava ver uma travessa cozinhando a fogo brando. Atravessei a cozinha e fui até a sala ao lado, que também estava na penumbra.

– Pai? Mãe? – gritei na casa silenciosa.

Havia algo errado. Desde que mamãe ficara doente, a vida dos dois era governada pela rotina e pela ordem. Espontaneidade e comportamento impulsivo tinham sido banidos tão logo o mal de Alzheimer se mudara para nossa casa. Subi a escada intempestivamente, mas, mesmo antes de ter escancarado a porta do quarto de meus pais, já sabia que eu era a única pessoa na casa. Voltei correndo ao andar inferior, quase perdendo o equilíbrio ao descer os degraus, na pressa de encontrar meu telefone. Peguei a bolsa e a levei para a cozinha, tirando o celular. Ainda estava discando o número de papai quando vi o bilhete. Estava escorado na chaleira.

Acendi as luzes e li sua letra desenhada. Quando cheguei ao fim da breve explicação, a expressão de perplexidade em meu rosto havia mudado de uma simples testa franzida para uma carranca. “Fui ao pub com George”, era o início – e quase tão ridículo quanto se estivesse escrito “Fui sequestrado por alienígenas; por favor, traga o resgate”. Era raro meu pai se dar ao luxo de alguns momentos de confraternização masculina no pub local com seus amigos. Mas, por mais bizarro que fosse, aquela não era a parte do bilhete que realmente me perturbava. “Sua mãe está na escola com Richard. O jantar está no forno. Devemos estar de volta às oito.”

O que ele queria dizer com “sua mãe está na escola com Richard”? Será que ela havia saído sozinha de novo e que Richard a encontrara? Não, claro que não podia ser aquilo: não haveria nenhuma possibilidade de papai estar socializando com os amigos, bebendo uma cerveja, se mamãe tivesse saído sozinha. Portanto, aquilo só podia significar que Richard a tinha *levado* à escola. Mas por quê? Por mais que eu tentasse, não conseguia pensar em uma única razão pela qual ele pudesse ter feito tal coisa – nem quando *éramos* noivos, muito menos agora. Não fazia sentido. E pior: transformava em chacota o acordo que eu fizera com meu pai e que ele aceitara com relutância, que era o de excluir Richard da nossa vida familiar – ao menos até que a poeira do rompimento tivesse se assentado.

Quanto mais pensava naquilo, mais furiosa ficava. Richard estava usando a afeição de longa data de minha mãe por ele como uma ferramenta para se insinuar de volta em minha vida. Era vergonhoso. E se ele achava que agindo daquela forma ia me reconquistar... bem, ele teria outra resposta. Movida por uma indignação justificada, peguei as chaves do carro e me dirigi à porta.

Enquanto percorria o caminho familiar até a escola, tive que me lembrar, a todo o instante, de desacelerar. Não foi fácil, com a raiva correndo em minhas veias como um estimulante, praticamente forçando meu pé direito a pressionar com mais força o acelerador. Conversas imaginárias e expressivas passavam por minha cabeça enquanto eu dirigia – e todas elas colocavam Richard em seu devido lugar. Na realidade, eu sabia que provavelmente não diria nada na frente da minha mãe. Não importava. Eu ia só encontrá-los e levar mamãe de volta para casa, e se ele não conseguisse entender o recado nas entrelinhas, então era ainda mais estúpido do que eu pensava.

A escola estava quase na escuridão total, e eu sabia que as portas principais estariam trancadas, então me dirigi a uma das entradas laterais, ouvindo o zumbido das câmeras de segurança seguindo o meu progresso. Então me dei conta de que aquele plano poderia acabar mal: com alarmes disparados, a chegada de carros de polícia e nenhuma explicação fácil sobre o porquê de a filha de uma ex-funcionária ter sido apanhada invadindo o antigo local de trabalho da mãe.

Cheguei à porta, que se abria para um corredor também completamente escuro. Parei por um segundo com a mão na maçaneta de alumínio. Não tinha que fazer aquilo, tinha? As labaredas da raiva que me impeliram a sair de casa e entrar no carro haviam se transformado em brasas de irritação em estado latente. Era muito provável que eu devesse voltar para casa e esquecer tudo. Meus dedos se flexionaram em torno da maçaneta tubular e, em seguida, quase que por vontade própria, abriram a porta. Prendi a respiração. Nenhum alarme soou, nenhum segurança surgiu no corredor. Interpretei aquilo como um sinal de que minha ida ali fora uma decisão correta.

Não precisava de iluminação para me deslocar pelo prédio. Nem para saber

onde deveria procurar primeiro. Ignorei a passagem que levava à Escola de Tecnologia e ao escritório de Richard e segui direto para o Bloco de Artes. Era o lugar para o qual mamãe ia querer ir. Era para onde seguia sempre.

Quando passei pelas portas giratórias, pude ver que várias salas estavam iluminadas – eram as salas de aula de arte e os escritórios do corpo docente. Tentei regularizar minha respiração, preparando-me para o que certamente seria uma cena desagradável, qualquer que fosse a forma como ela transcorresse.

– Com licença, posso ajudá-la?

A voz soara aguda e desconfiada e, apesar da pergunta, não parecia que a pessoa estivesse mesmo querendo me ajudar. A menos que *ajudar* fosse um eufemismo para expulsar.

– A escola está fechada e é propriedade privada.

A voz tinha vindo de trás de mim, e devo ter dado um pulo; eu não ouvira a aproximação de ninguém, nem qualquer movimento em uma das salas. Estivera tão concentrada em libertar minha mãe dos cuidados de Richard que ficara cega e surda a qualquer outra coisa. Eu me virei devagar, sem saber o tamanho do problema em que estava metida.

– Emma! Pelo amor de Deus, não vi que era *você*.

A pessoa, que apenas alguns segundos antes parecia prestes a acertar minha cabeça com uma escultura, agora me envolvia em um imenso abraço.

– O que você está fazendo andando assim no escuro? Me deu um susto e tanto! Não sabia que você também viria hoje.

Eu não quis dizer a Janice, uma antiga colega de mamãe, que até alguns minutos atrás eu também não sabia que viria.

– Como você está, querida? Estamos todos tão preocupados com você! Uma tragédia.

Assenti com a cabeça, um pouco distraída. A presença de Janice tirou ainda mais força de minha missão. Ela era uma mulher afetuosa e amigável, que gostava muito de uma boa conversa e de uma fofquinha. Quando mamãe chefiara o Departamento de Artes, ela fora sua assistente, e eu sabia que tinham sido boas amigas, além de colegas de trabalho. Por essa razão, ela merecia minha atenção e cortesia.

– Estou bem, obrigada.

Janice acariciou minha mão, em um gesto consolador, e vi que o dedo anelar vazio não tinha passado despercebido.

– Que pena vocês terem tido que adiar o casamento – disse ela.

Achei que houvesse uma pergunta por trás da afirmação aparentemente inocente. Isso significava que Richard não tinha contado a ninguém na escola que o casamento fora mais do que apenas adiado? Decidi por um descompromissado “arrá”, e ela felizmente não insistiu. Lancei um olhar por cima do ombro para a sala de arte iluminada atrás de mim, esperando que a qualquer momento Richard

e minha mãe sumida surgissem, o que tornaria completo o meu constrangimento.

Janice interpretou mal o meu olhar.

– Eles estão na C4, a sala grande de arte – avisou. – Pode ir encontrá-los.

Hesitei, perguntando-me o que dizer e quanto do que dissesse seria provavelmente o tema que dominaria a conversa na sala dos professores no intervalo do dia seguinte.

– Hã... O que eles estão fazendo, Richard e mamãe?

Janice pareceu um pouco surpresa com a minha pergunta.

– O mesmo de sempre.

Aquilo não ajudou em nada. Tive esperanças de que, se eu ficasse calada por tempo suficiente, ela pudesse elaborar aquela resposta; Janice não era uma mulher que gostasse de silêncios. Ela não me decepcionou.

– Acho uma coisa linda, isso que ele faz!

Abri um sorriso pálido. Richard fazendo coisas lindas era um conceito com o qual eu lutava, recentemente, mas não serviria de nada dizer aquilo a Janice.

– Acho que é.

– Ah, com certeza! E você sabe bem quanto significa para ela.

– Ah, sim, claro.

– Mas isso sempre causa um nó na minha garganta, sabe?

Certo, era o bastante! Eu de fato não descobriria sem perguntar.

– Desculpe, Janice, mas o que *exatamente* Richard está fazendo aqui com a mamãe?

– Acompanhando-a pela Exposição de Arte, é claro. Como sempre. Não foi por isso que você veio também? Para se juntar a eles?

– A Exposição de Arte – repeti, com um longo suspiro de compreensão.

Era algo que mamãe havia fomentado, e ela trabalhara duro para conquistar um patrocínio privado para uma pequena galeria de exposições a ser construída ao lado das salas de arte, onde a cada ano o trabalho dos alunos seria exibido.

– Você disse “como sempre”. Quer dizer que Richard já fez isso antes?

Janice franziu o cenho, claramente confusa com o fato de eu parecer saber tão pouco sobre o que estava acontecendo. *Bem-vinda ao meu mundo, Janice.*

– Ah, sim, ele a trouxe nos últimos três anos! Mas eles vêm sempre no fim da noite, quando a escola está fechada e todos já foram para casa. Eu nem saio do escritório até eles irem embora. Sua mãe fica chateada quando as pessoas a cumprimentam e ela não se lembra delas. E eu não quero lhe causar mais sofrimento, ainda mais sabendo quanto ela ama ver os trabalhos que as crianças fizeram.

Fiquei ali, parada no corredor, sentindo-me menor que qualquer criança que frequentasse a escola. Richard tinha feito uma coisa muito bacana, levando mamãe ali secretamente durante aqueles anos. E o fato de ele nunca ter me falado sobre aquilo, ou esperado agradecimentos, só fez com que eu me sentisse

ainda mais idiota, se isso fosse possível.

– Ele não lhe contou nada sobre isso?

Balancei a cabeça em silêncio e vi o suave sorriso de Janice em resposta.

– Isso é tão típico de Richard, não é? Ele é um jovem tão atencioso e agradável! É uma verdadeira joia, você não acha?

Eu realmente não sabia o que dizer, principalmente porque havia jogado minha “joia” fora de forma quase tão arrogante quanto me livrara de seu anel.

– Vá se juntar a eles – instou Janice, dando-me um leve empurrão na direção da área de exposição. – Vou voltar para o escritório... não quero que sua mãe me veja.

Esperei até que ela se fosse e fechasse a porta atrás de si, antes de prosseguir caminhando até a última sala, no final do corredor. Através das portas de vidro, fiquei observando Richard e minha mãe. As paredes estavam cobertas com pinturas e desenhos a carvão, e havia uma grande exposição de objetos de cerâmica. Richard seguia mamãe, que percorria lentamente a mostra, estudando com cuidado cada peça. Ele parecia ouvir com interesse enquanto ela apontava detalhes que lhe chamavam a atenção. Eu não tinha a menor ideia se o que ela estava dizendo era sensato, se ela estava em um de seus momentos de lucidez ou se era tudo um amontoado de palavras sem sentido. Era impossível dizer pela observação do rosto de Richard, porque ele estava ouvindo e sorrindo, pacientemente parado ao lado dela, fazendo perguntas que eu só podia imaginar, mas que pareciam evocar uma resposta animada, porque a iluminavam com um entusiasmo que eu não via em seu rosto havia muito tempo. Dei uma última e demorada olhada nos dois juntos, antes de me virar e me retirar em silêncio.

O fim

PARTE TRÊS

O antigo relógio carrilhão do hall soou. Seria mesmo tão tarde? Devia ser: aquele relógio nunca atrasara, desde o dia em que meu pai o comprou. Ele nunca contou à mamãe quanto pagara por ele, mas a culpa em seu rosto sempre que ela perguntava dizia tudo. Isso e o fato de que meu pai nunca mais foi a outro leilão.

Feita a maquiagem, recostei-me na cadeira. O quarto estava quente, desagradável, até, e ergui um pouco os cabelos na tentativa de me refrescar. O sol surpreendentemente forte para o outono entrava pelas grandes vidraças da janela e, embora eu me se sentisse incrivelmente feliz por não estar chovendo, o quarto começava a ficar insuportável.

O caixilho da janela antiga rangeu quando o empurrei para cima, a fim de deixar entrar um pouco de ar. Percebi que vários automóveis antes estacionados lá fora partiam agora, levando a família e os amigos para a igreja. Acima do ruído dos motores, eu podia ouvir que um vizinho cuidava do seu gramado, e o cheiro da grama recém-cortada flutuou para o interior do quarto, trazido pela brisa. O aroma sobrepujou a fragrância das flores que estavam em um vaso sobre a cômoda antiga.

Fui até o buquê de frésias brancas que eu havia arrumado com cuidado em um vaso de cristal. Curvei a cabeça, e os fios ruivos do meu cabelo se misturaram às flores em formato de funil, enquanto eu inspirava profundamente. Ele as enviara ontem, e elas eram perfeitas. Era um gesto adorável e muito típico dele. E o que o tornava ainda mais especial era a mensagem que ele havia escrito no cartãozinho que as acompanhava. Eu o puxei de entre os longos caules verdes e o reli. As palavras trouxeram um sorriso aos meus lábios, e eu corri o dedo levemente sobre o nome dele.

Suspirei e voltei aos meus preparativos.

CAPÍTULO 14

Eu vinha adiando a missão já fazia algum tempo, assim como se adia uma ida ao dentista, apesar da dor de dente incômoda, porque, ainda que o dentista tenha lhe garantido o contrário, você simplesmente *sabe* que vai doer. Mas eu tinha enfim esgotado as minhas desculpas. Era hora de livrar o apartamento de Richard dos últimos vestígios da minha presença.

Monique evidentemente aplaudiu a decisão e me ofereceu um horário de almoço prolongado e uma imensa caixa de papelão para o transporte dos meus pertences para fora da vida de Richard.

– É hora de você fechar a porta desse capítulo da sua vida, Emma – aconselhou Monique, com metáforas encantadoramente misturadas.

– Eu sei. Mas todas as vezes que tento, Richard interfere, travando a porta com o pé.

– Então, você precisa encher o pé! – sugeriu, temperando as palavras com um sorriso dissimulado. – *Assim* ela irá fechar.

Percorri o conhecido trajeto até o apartamento de Richard no piloto automático e imaginei, ao entrar no estacionamento dos moradores, se aquela seria a última vez que eu visitaria o lugar. Era provável que sim. Ocupei a vaga vazia de Richard e peguei a caixa de papelão no banco traseiro. Como se respondesse a um reflexo condicionado, meus dedos digitaram o código no teclado à entrada do pequeno bloco de apartamentos. O bloco estava silencioso; os moradores eram em sua maioria jovens que muito provavelmente estariam no trabalho, àquela hora. E isso era bom, porque, ao cortar aqueles últimos laços, eu não queria esbarrar em nenhum dos vizinhos de Richard. Enquanto eu subia até o terceiro andar, meus passos ecoavam com um ruído surdo nos degraus revestidos de linóleo. Deslizei a chave na fechadura, lembrando a mim mesma que, antes de ir embora, precisava tirá-la do meu chaveiro e deixá-la ali.

Senti um leve cheiro de mofo quando abri a porta da frente e entrei no pequeno hall do apartamento. Aspirei o ar, e meu nariz se franziu ao captar os odores misturados de restos de comida de restaurantes delivery e de uma sala que havia algum tempo não via uma janela aberta. Olhei para a cozinha e fiz uma careta diante dos pratos sujos empilhados na bancada, apesar da lava-louça

em perfeito estado, logo abaixo deles. Richard não voltara por completo à vida de estudante, mas não estava muito longe de fazê-lo. No entanto, aquilo não era problema meu. Não mais. Resoluta, dei as costas à louça suja. Apoiei a caixa de papelão com mais firmeza no quadril e segui para o quarto. Tinha dado apenas alguns passos quando ouvi. Congelei como um bicho assustado e virei a cabeça lentamente na direção do som, como se até mesmo os ossos do pescoço pudessem denunciar minha presença, caso eu me movesse rápido demais. Um segundo depois, ouvi de novo, e dessa vez pude precisar de onde o ruído viera: do quarto de Richard. Havia alguém ali no apartamento comigo, alguém que tinha ainda menos direito de estar ali do que eu. Tarde demais, lembrei-me dos folhetos que a polícia distribuía alguns meses antes, advertindo os moradores da onda de roubos diurnos na área.

Senti o coração disparar e a boca ressecar instantaneamente, efeitos do pânico. A qualquer momento, a porta do quarto poderia se abrir e quem quer tivesse invadido o apartamento me encontraria. Ouvi o som áspero de alguma coisa se movendo no piso de madeira do quarto de Richard. Estavam vindo? Eu teria tempo de pegar meu telefone e ligar para a polícia? Não, é claro que não, e eles me ouviriam de qualquer forma. Eu precisava sair dali. “*Corram*”, meu cérebro disse às pernas, que não obedeciam, congeladas de medo. Não, eles me ouviriam com facilidade e estariam em cima de mim antes que eu estivesse na metade do caminho para a porta de entrada. Eu precisava dar o fora dali em silêncio, torcendo para que não ouvissem o barulho da porta se abrindo. Recuei um passo lento e hesitante e bati em um pôster emoldurado que Richard havia pendurado no hall. A moldura se soltou do prego frágil e se chocou contra o piso em uma cacofonia de vidro quebrado. *Merda! Corra!*, eu disse a mim mesma, no momento em que uma voz gritava de trás da porta do quarto.

– Quem está aí?

Meu coração ainda estava batendo loucamente quando Richard abriu a porta com violência, brandindo selvagememente uma raquete de tênis.

– Meu Deus, Emma, pensei que você fosse um ladrão!

– Pensei o mesmo de você – disse, ainda trêmula, embora a ameaça de perigo já tivesse passado. – E o que você estava planejando fazer com isso? – perguntei. – Desafiar o ladrão para uma partida?

Richard olhou para a raquete em sua mão e balançou a cabeça, antes de arremessar a arma improvisada em direção à sala. Ela caiu com um leve baque no tapete estampado, bem ao lado do casaco e da bolsa de Richard, que pareciam ter sido descuidadamente largados ali no chão.

– E o que você está fazendo aqui? – desafiei, sem parar para pensar que era eu a pessoa que não pertencia àquele lugar, não ele.

Incrivelmente, foi só então que percebi algo que deveria ter estado muito óbvio: Richard vestia apenas uma camiseta velha e desbotada e uma cueca

samba-canção, e o quarto de onde ele saíra estava em completa escuridão, com o sol da primavera mantido do lado de fora pelas cortinas pesadas.

Acendi a luz do hall, aproximando-me de Richard ao notar a palidez doentia de seu rosto e a fina camada de transpiração em sua testa. Ele estreitou os olhos diante da claridade e imediatamente desligou a luz.

– Está com enxaqueca de novo? – perguntei.

Ele assentiu sem energia, ao mesmo tempo em que estendia a mão para a moldura da porta, em busca de apoio.

– Você devia estar na cama – anunciei solenemente.

– Eu *estava* na cama até ser acordado por alguém que tentava saquear o apartamento – rebateu ele.

Seu olho bateu na imensa caixa de papelão que eu deixara cair no piso do hall.

– Mas estou vendo que você não veio aqui pegar os meus pertences, apenas os seus.

Era perceptível a aflição em sua voz, o que poderia ser consequência da dor de cabeça. Ou não.

– Olhe, eu vou embora – falei, curvando-me para pegar a caixa. – Só vim durante o dia porque pensei que seria mais fácil assim... para nós dois... quando você não estivesse em casa.

De repente, um pensamento me ocorreu:

– Mas onde está o seu carro? Eu não teria entrado se o tivesse visto lá fora.

– Eu o deixei na escola – explicou, e vi o esforço que precisava fazer só para ficar ali de pé, falando comigo.

Ele estava mesmo com um aspecto terrível.

– Um colega professor me trouxe. Minha visão estava ficando esquisita, e achei melhor não dirigir.

Eu conhecia as enxaquecas de Richard; ele sofria com elas havia anos. Eram quase sempre gerenciáveis, desde que ele tomasse o medicamento logo que percebesse os primeiros sintomas. Eram raros os episódios severos a ponto de perturbar sua visão e deixá-lo de cama. Aquela era claramente uma crise grave. As piores, em geral, eram acionadas pelo estresse. Talvez não fosse nenhuma surpresa que ele estivesse com uma agora.

– Volte para a cama – falei com firmeza. – Vou embora. Volto outra hora.

Ele se virou, agradecido, na direção do quarto escuro.

– Você pode pegar o que veio buscar – disse com amargura, enquanto se dirigia aos tropeços para a cama de casal, como se até o movimento de suas pernas fizesse a cabeça latejar ainda mais.

– Você está mesmo mal, não é? – perguntei, tendo a vaga consciência de que o havia seguido até o quarto e agora o observava sentar-se lentamente no colchão.

Alguma coisa na maneira como ele se sentou na cama com a cabeça latejante apoiada nas mãos me impediu de ir embora.

– Você tomou o remédio? – perguntei.

Ele negou com a cabeça, depois se encolheu, como se estivesse arrependido do gesto.

– Não. Tudo o que eu queria era um quarto escuro e ver se conseguia dormir até que a dor passasse.

Deixei escapar um suspiro exasperado, e soei exatamente como uma namorada quando falei:

– Por que não? Você *sabe* que ela não passa sem o remédio.

Dei meia-volta e segui para o banheiro de ladrilhos brancos.

– Vou buscá-lo.

Nada havia mudado no banheiro desde a última vez que eu estivera ali. Nenhum item tinha sido removido: a prateleira com meu xampu, condicionador, creme facial e loção corporal estava exatamente como a tinha deixado; minha camisola pendia do cabide atrás da porta, e alguns grampos de cabelo estavam na borda da banheira. Eu estava por toda parte. Não era de admirar que ele estivesse se saindo tão mal na tarefa de me esquecer.

Abri o armário de remédios de porta espelhada e levei a mão automaticamente à prateleira em que ele guardava o remédio para enxaqueca. A caixa estava ali, mas, quando puxei a cartela de alumínio, todas as cavidades já haviam sido furadas e estavam vazias. Com a embalagem na mão, voltei ao quarto.

– Não tem mais nenhum. Onde está a caixa nova? Você comprou outra, não foi?

Era surpreendente a facilidade com que eu conseguia voltar ao papel de namorada ranzinza.

Enquanto eu estava no banheiro, Richard havia se recostado nos travesseiros amarrotados, e seu rosto bonito estava quase da mesma cor do lençol de linho branco.

– Não. Eu sabia que tinha de fazer isso, mas fiquei adiando.

– Richard! – disse, e a irritação fez minha voz subir um tom.

Ele se encolheu perante o aumento de decibéis.

– É, bem, tenho tido outras preocupações ultimamente.

Talvez eu tenha hesitado por alguns segundos, mas não muito mais que isso. Naquela situação, eu não tinha escolha, tinha? Sem esperar permissão, abri a gaveta superior da mesa de cabeceira de Richard, na qual eu sabia que estaria a receita.

– O que você está fazendo? – perguntou.

Sua cabeça dominada pela dor evidentemente não estava funcionando em toda a sua capacidade.

– Vou buscar a porcaria do remédio para você – respondi, preparando-me para sair.

Ele virou a cabeça lentamente no travesseiro, com todo o cuidado, como se seu pescoço estivesse pousado em uma superfície de cacos de vidro, e olhou para mim.

– Obrigado – disse ele, com a voz fraca.

Eu não sabia o que dizer nem como me sentia vendo-o naquele estado, tão doente e vulnerável. Acho que foi isso que deixou minha voz tão anormalmente brusca quando eu disse, por fim:

– Volte a dormir. Não vou demorar.



Havia uma fila irritantemente longa na farmácia e, quando voltei ao apartamento, sabia que a dor de cabeça de Richard devia ter se transformado em alguma coisa parecida com um gigante rugindo e batendo um bastão dentro de seu crânio, querendo sair. Consegui encontrar um copo limpo na cozinha – tarefa nada fácil – e o enchi com água bem gelada antes de voltar ao quarto. Para evitar que a luz o incomodasse, eu fechara a porta do quarto ao sair. Agora hesitava na soleira: devia bater e correr o risco de perturbá-lo ou devia entrar direto? Aquilo era ridículo, porque, apesar do fim do noivado, o lugar ainda parecia minha segunda casa. Fechei a mão em torno da maçaneta da porta e a empurrei lentamente para baixo. Richard estava dormindo, mas não de maneira tranquila e relaxada. Em sua agitação, ele havia se livrado dos lençóis, que estavam retorcidos debaixo de suas pernas. Mesmo no quarto escuro eu podia ver uma camada reluzente de suor no seu tronco exposto, pois ele havia tirado a camiseta, que era agora uma bola úmida e de aspecto desagradável no chão. Eu não sabia qual a melhor atitude a tomar: deixá-lo dormir ou tentar que ele tomasse o remédio? Sua cabeça se agitava de um lado para outro e volta e meia seu rosto era atravessado por um espasmo de dor. Remédio, decidi.

– Richard, voltei.

Ele não respondeu, mas franziu a testa como se tivesse ouvido minha voz.

– Richard, abra os olhos. Você precisa tomar isto.

Coloquei dois comprimidos na palma da minha mão, mas ainda não havia sinal de que ele tivesse me ouvido.

– Richard, sou eu. Está me ouvindo? Acorde e tome o remédio.

Sei que então ele reconheceu minha voz, porque sua expressão mudou e ele murmurou alguma coisa que bem podia ter sido meu nome – se tivesse sido falado debaixo d'água, com a boca cheia de algodão. Pus tanto os comprimidos quanto o copo d'água na mesa de cabeceira e me abaixei ao lado da cama. Se alguém tivesse dito que eu estaria ali, no apartamento de Richard, cuidando dele

daquela forma, eu teria chamado essa pessoa de maluca. Mas o que eu poderia fazer? Deixá-lo passando mal e ir embora?

Deslizei a mão sob seu pescoço, tentando não recuar ante a desagradável umidade da pele, e gentilmente levantei sua cabeça dos travesseiros. Com a mão livre, peguei os dois pequenos comprimidos brancos. Os lábios dele estavam quentes e secos quando os separei delicadamente com os dedos e deslizei o remédio para sua língua. Eu havia tocado aqueles lábios umas mil vezes e os tinha sentido em praticamente cada centímetro do meu corpo, mas a intimidade daquele momento me deixou tão desconfortável que eu podia sentir que meu rosto estava começando a corar. Aquilo parecia mais do que impróprio, sobretudo levando em conta a nossa situação. Peguei o copo d'água e o levei à sua boca.

– Engula, Richard.

Com obediência, mais dormindo que acordado, ele fez como eu pedi. Quando tive certeza de que os comprimidos tinham sido engolidos, inclinei o copo mais uma vez em seus lábios ressecados.

– Beba mais um pouco – pedi, e ele tomou mais vários pequenos goles do líquido refrescante.

De repente, sua mão se ergueu e cobriu a minha, de forma tão inesperada que quase deixei cair o copo de água gelada inteirinho em cima dele. *Isso por certo o teria acordado*, pensei. Seus dedos deslizaram pelo dorso da minha mão em um lento movimento acariciante. *Ele está dormindo, não sabe o que está fazendo*, eu disse a mim mesma, enquanto afastava o copo, antes de tentar lentamente tirar minha mão de baixo da dele.

– Não vá, Emma.

As palavras saíram engroladas, pronunciadas por uma voz grossa, vinda das profundezas de um sonho.

Baixei nossas mãos unidas até que elas descansassem em seu peito, antes que eu finalmente conseguisse libertar a minha, centímetro a centímetro, sem acordá-lo. Fiquei um longo momento com apenas a ponta dos dedos descansando na parte superior de seu corpo antes de finalmente cessar o contato.

– Shhhhh... – falei, como se acalmasse uma criancinha. – Volte a dormir.

Foi o que ele fez.



Limpei o apartamento – de mim. Fui sistematicamente de cômodo em cômodo removendo cada vestígio de tudo o que eu, sem pensar, havia deixado ali durante os últimos doze meses. Depois de ter recolhido tudo, exceto as roupas que estavam no guarda-roupa de Richard, limpei o apartamento. Disse a mim mesma que só estava fazendo aquilo para passar o tempo, não porque eu me

importasse com o aspecto do lugar ou com a forma como seu ocupante escolhera viver ali. Quando terminei, as bancadas da cozinha estavam novamente limpas e a lava-louça vibrava, completando o seu ciclo. As sombras do fim da tarde haviam se alongado, e eu não tinha nenhum motivo real para ficar. No entanto, me parecia errado simplesmente ir embora.

Como Richard ainda não mostrasse nenhum sinal de despertar, acabei decidindo que teria de correr o risco de acordá-lo ao pegar os últimos itens deixados no quarto dele. Entrei pé ante pé no cômodo e abri as portas do armário. Trabalhei rapidamente na penumbra, guiada apenas pela luz que vinha do hall, enquanto puxava minhas poucas peças de roupa de seus cabides e abria a cômoda para pegar a pequena coleção de lingerie que eu tinha deixado lá.

Quando já estava saindo do quarto, a luz da mesa de cabeceira foi repentinamente acesa, e eu quase deixei cair a pesada caixa de papelão que estava carregando. Não imaginava que Richard já estivesse acordado nem tinha a mínima ideia do tempo que ele ficara me observando. Ele se sentou na cama, recostando-se nos travesseiros.

– Como você está? – perguntei.

Ele correu a mão pelos cabelos, e o efeito foi que ficaram ainda mais despenteados do que durante toda a agitação anterior.

– Melhor – garantiu ele.

Então seus olhos seguiram de mim para a caixa enorme que eu segurava.

– Pior.

Não havia sentido em fingir que eu não sabia a que ele se referia.

– Fiz um sanduíche para você e tem água fresca na jarra – anunciei, indicando a bandeja que havia deixado ao lado da cama.

– Eu pensei... – começou ele, mas sua voz foi sumindo.

Balancei a cabeça.

– Não, Richard. Nada mudou.

– Mas você ficou.

– Só até que você acordasse. Agora estou indo – rebati, dirigindo-me à porta enquanto falava.

– Isso tem a ver com aquele americano...

Meu suspiro foi de cansaço.

– Não é ele o problema.

– Mas você ainda se importa comigo, Emma. Eu *sei* que se importa.

Olhei para ele com tristeza. A dor de cabeça podia ter melhorado, mas ele ainda parecia longe de estar bem. No entanto, eu não podia deixar que ele pensasse que o que acontecera ali era algo mais do que mera gentileza.

– Não o bastante, Richard. Nem de perto o bastante.

Eu o vi dirigir um olhar triste para a caixa transbordante em meus braços.

– Você não vai mesmo voltar?

Lágrimas inesperadas embargaram a minha voz.

– Não, não vou.

Ele olhou para o outro lado, e acho que ambos agradecemos a luz fraca que mantinha nossos rostos na sombra.

– Fiquei me enganando esse tempo todo, não foi? Pensei que se eu lhe provasse o meu imenso arrependimento, se conseguisse fazer com que você entendesse quanto a amo... você me daria outra chance. Sei que não mereço, mas essa é a única coisa que tem me ajudado a seguir em frente.

Não me ocorreu nada que eu pudesse dizer que já não tivéssemos discutido excessivamente. Esperei até alcançar a porta antes de me voltar para fitá-lo.

– Sinceramente, não sei se poderia perdoar a traição se as coisas tivessem ocorrido de outra maneira, se o acidente não tivesse acontecido – admiti, com uma honestidade que surpreendeu a mim tanto quanto a ele. – Mas *não consigo* perdoar o mal que você fez quando me tirou...

Sua expressão de total espanto confirmou que ele não tinha a menor ideia do que eu estava dizendo.

– Amy – expliquei baixinho.

Ele fez um movimento brusco, e vi sua garganta mover-se convulsivamente ao ouvir o nome dela.

– Com o que fez, você tirou Amy de mim. Tirou as lembranças que eu tinha dela.

Agora minhas lágrimas escorriam, mas pouco me importava se ele as visse ou não.

– Eu devia estar de luto pela minha melhor amiga, mas, graças a você e ao que você fez, não posso. Não posso nem pensar nela sem ver vocês dois juntos, se beijando... se tocando...

Estremeci, e Richard pareceu dilacerado com a minha reação.

– Por sua causa, não posso chorar por ela, nem mesmo *pensar* nela sem ficar com raiva, sem me sentir traída. E acho que *já* vou conseguir perdoar isso.



Para mim, essa conversar marcou mais o nosso término do que o dia do rompimento propriamente dito. E no trajeto para casa, enquanto a caixa que continha a minha vida com Richard sacudia e chacoalhava no assento ao meu lado, pude finalmente acreditar nas palavras com que ele se despedira de mim: “Não vou mais pressionar você, Emma. Não vou continuar tentando reconquistá-la, nem vou procurar fazer com que você mude de ideia.” Eu assentira, agradecida, com a sensação de liberdade dos ombros que se livram de um grande peso e – estranhamente – ao mesmo tempo sentindo pânico ao ver a porta de uma história se fechar de forma ruidosa e definitiva. “Mas saiba de uma

coisa”, completara Richard, “quando você mudar de ideia – e você vai mudar de ideia – eu estarei bem aqui, à sua espera.”

Meus pais não estavam em casa quando cheguei, e eu me senti grata por isso, pois não queria ter que explicar a fúnebre caixa que eu levava nos braços. Não demorei muito a guardar tudo em seus devidos lugares – de volta à minha vida e fora da de Richard. Estava prestes a fechar as portas do armário quando meu olho bateu em algo escondido lá no fundo. Uma última coisa ainda precisava ser feita.

Peguei a caixa de sapato e a arrastei para o carpete do quarto. Soltei o elástico que mantinha a tampa no lugar, e lá estava ela. À minha espera. Antes, era cedo demais: eu não estava pronta. Mas agora eu estava.

Sentei-me no chão, com as costas apoiadas na cama, e peguei o pequeno retângulo branco. Meu coração começou a bater loucamente e meus dedos estavam trêmulos quando virei o envelope e rompi o lacre. Era hora de deixar que ela falasse, pela última vez. Finalmente, chegara a hora de ler a carta de Amy.

Querida Emma:

Isso parece estranhamente formal, não é mesmo? Mas, por outro lado, essa coisa toda é muito estranha. Aqui estou eu, escrevendo esta carta para você, o tempo todo sabendo que nunca, jamais irei entregá-la. Doido, não é? Tenho certeza de que você não ia mesmo querer lê-la. Se não quer falar no assunto, então a última coisa que vai querer é vê-lo registrado em papel, o preto no branco (o azul no branco, na verdade, já que não tenho uma caneta preta!).

Mas eu preciso escrever isso, preciso tirar tudo isso da minha cabeça e colocar no papel. Talvez assim eu possa trancar as lembranças (e esta carta também) em algum lugar secreto e de fato começar a tocar a minha vida.

Não sei como você consegue, não sei mesmo. Às vezes olho para você quando está sorrindo para mim ou me dando um abraço de despedida e procuro em seu rosto e em seus olhos um vestígio, um sinal... qualquer coisa... Porque tenho certeza de que você ainda sente algo, mas não há nada ali, absolutamente nada. Ou você é a melhor atriz do mundo (“... e o Oscar vai para Emma Marshall!”) ou (e eu suspeito que seja este o caso) você é a melhor pessoa, a mais generosa, a mais capaz de perdoar em todo o Universo. Um anjo... não, mais que isso: uma santa. Bem, algum tipo de criatura celestial. Ninguém mais poderia ter encontrado forças ou seja lá o que for a que você recorreu quando resolveu não: a) mandar que me apedrejassem em praça pública, b) contratar um assassino profissional para me eliminar, ou c) (a pior de todas as opções) me excluir de sua vida e nunca mais falar comigo.

Permita que eu diga uma coisa já de início: eu mereço todas as opções acima – e ainda mais. Não pense que não sei disso, porque sei. Não entendo por que você não me odeia. Eu me odeio. Qualquer um que soubesse o que eu

fiz (embora eu peça a Deus que ninguém jamais fique sabendo) certamente pensaria que sou a criatura mais desprezível que já rastejou para fora de uma cova e andou entre pessoas decentes. Pessoas que sabem como se deve agir e se comportar neste mundo. Pessoas que sabem que não se deve, absoluta e categoricamente, nunca, jamais, dormir com o noivo da sua melhor amiga. Certo, ele era só seu namorado na época, eu sei disso, mas não creio que eu possa me safar por causa de um pormenor técnico. O que eu fiz foi terrível. Horrível. Sou uma pessoa horrível, horrível, cuja única qualidade redentora é vir a ser a melhor amiga de alguém tão verdadeiramente nobre que me perdoa por cometer o maior erro de toda a minha estúpida vida e me permite que eu me agarre a um título do qual não sou mais digna. E se a única coisa que você pede é que eu nunca mencione esse erro, nem uma única vez, jamais, então eu tenho que respeitar isso. Acho que essa foi a maneira que você encontrou de deixar isso para trás: nunca expressar esse erro em voz alta.

Posso ver que isso funciona para você, porque – ao menos de fora – tudo parece ótimo entre você e Richard. Graças a Deus! E eu digo isso de todo o coração. Quero que vocês sejam felizes. Abençoada e alegremente felizes, rindo dia e noite, felizes do tipo e-viveram-felizes-para-sempre. Vocês merecem. Os dois. E – não que isso de alguma forma me desculpe de minha traição – não creio que você tenha se sentido sempre assim desde que voltou para casa. Sei quanto deve ter sido difícil para você pôr sua carreira e toda a sua vida em compasso de espera e voltar para ajudar seu pai a cuidar de sua mãe. Olhe, este é outro exemplo de quanto você é uma pessoa generosa. Eu queria pensar que faria o mesmo pelos meus pais, mas, para ser sincera (e prometi a mim mesma que aqui seria), acho que não.

Às vezes, mesmo recentemente, eu penso que talvez esteja vendo no seu rosto alguma coisa que... eu não sei... você parece um tanto perdida ou... oprimida por tudo. Caroline acha que você está sofrendo de nervosismo pré-nupcial, mas eu não tenho tanta certeza assim... Acho que você estava assim mesmo antes de ficar noiva. Agora, em retrospectiva, não sei se me permiti pensar que parte dessa incerteza e confusão talvez tivesse a ver com Richard. Será que fiz isso? Fui tão idiota assim? É provável que eu tenha sido. Se há uma coisa que toda essa situação miserável me ensinou é que você deve amá-lo verdadeiramente (e a mim também), porque nos perdoou depois de termos magoado você de uma forma tão tão profunda.

Acho que Richard lhe contou tudo o que aconteceu naquela noite... Você obviamente sabe que o que fizemos não foi de modo algum premeditado nem planejado. Não foi nada que quiséssemos que acontecesse. Pronto! Eu fiz de novo. Menti, e tinha prometido a mim mesma que não haveria nada disso nesta carta. Deixe-me esclarecer: Richard cem por cento nunca quis nem planejou que aquilo acontecesse. Dê-me uma pilha de bíblias, e eu jurarei sobre elas!

Já eu... bem, houve um tempo... quando você estava morando fora e tínhamos perdido contato... bem, não tem nenhuma maneira de dizer isso de outra forma. Comecei a me permitir pensar que... talvez, só talvez, Richard e eu pudéssemos... você sabe. Mas fui eu, somente eu, misturando e confundindo todas as coisas (como sempre faço). Era apenas na minha cabeça que ele tinha esse tipo de sentimento por mim. Era somente eu vivendo uma fantasia boba e estúpida que jamais deveria ter permitido que crescesse. Na realidade, sei a verdade, sempre soube: Richard nunca amou ninguém além de você.

Ele chorou, ele contou? No instante em que terminamos... você sabe... ele começou a chorar – ei, quem diria que eu era assim tão ruim nisso? Desculpe. Não há nada aqui que justifique piada. Nunca tinha visto um homem chorar daquele jeito antes. Nunca tinha visto alguém tão destruído pela culpa e pela vergonha. Mas acho que eu tenho um segundo lugar bem próximo nesse ranking.

Fiz algumas coisas idiotas, irrefletidas e irresponsáveis na minha vida (não preciso listá-las – você testemunhou a maior parte delas ao longo dos anos!). Mas isto... este pecado, crime, traição... é a pior de todas elas, e se vivermos até nos tornarmos senhorinhas grisalhas sentadas em nossas cadeiras de balanço no lar de idosos, eu ainda acho que jamais serei capaz de entender como você nos livrou dessa.

Eu amo você, Emma, com todo o meu coração. Estou mais que arrependida de quase ter destruído algo tão precioso quanto nossa amizade. Obrigada por salvá-la, por me salvar. Eu prometo uma coisa: nunca, jamais, farei qualquer coisa que possa magoá-la outra vez, pelo resto da minha vida. Você tem minha palavra.

Amigas para sempre, Amy.



– Você prefere este?

Puxei a cortina e examinei Caroline no vestido que ela havia acabado de provar. Fiz cara feia e balancei a cabeça.

– Não tanto quanto os outros. Experimente o azul de novo – sugeri, erguendo o da pilha pendurada no meu braço e entregando-o a ela.

Era manhã de sábado, as lojas estavam lotadas e a música dos provadores me causava dor de cabeça. Sair para fazer compras juntas era algo mais característico da nossa adolescência, mas Caroline não desistiria enquanto não me convencesse a ir com ela.

– Por favor, Emma. Preciso comprar um vestido realmente especial para o meu aniversário, e não quero ir sozinha – implorara ela ao telefone.

– Leve Nick – eu sugerira, sabendo que ele provavelmente ficaria tão

entusiasmado com a perspectiva quanto eu.

– Não posso – sussurrara ela ao telefone, o que acho que significava que ele estava por perto.

– Por que não?

Houve ruídos de movimento quando ela se mudou para uma posição que lhe oferecesse mais privacidade.

– Faz dias que ele vem deixando pistas sobre uma grande noite de celebração. E eu acho de verdade que vai ser *a noite*.

– A noite de quê?

Sua voz mudou para um sussurro entusiasmado:

– Acho que ele vai me pedir em casamento, Emma, no dia do meu aniversário. Sempre dissemos que esperaríamos, que guardaríamos mais dinheiro, mas desde que Amy... bem, acho que isso fez com que ele repensasse. Então, está vendo por que você precisa ir comigo? Preciso da sua ajuda para escolher alguma roupa que seja fabulosa.

É claro que eu tinha dito sim, e que me esforçara de verdade para ignorar a pontada de ciúme que senti ao ouvir aquelas palavras. Eu não tinha nenhum direito de invejá-la pelo entusiasmo com algo que ela vinha querendo e esperando por quase toda a vida adulta. Jamais poderia ser tão egoísta a ponto de negar aquilo a ela, só porque o meu noivado e os planos de casamento haviam terminado em desastre. Ambas tínhamos passado por um período terrível; Caroline merecia aquela felicidade.

As cortinas se agitaram, e ela parou à minha frente com o vestido azul. O cabelo estava despenteado pelas muitas roupas que haviam passado por ele; ela estava sem sapato e usava meias de lã listradas, perfeitas com seu jeans e botas, mas não exatamente com o vestido de seda tomara que caia que se ajustava ao seu corpo esguio como se fosse feito sob medida. Ela estava deslumbrante.

– É este – decidi, com certeza.

Ela abriu um grande sorriso, olhou-se no espelho e assentiu, feliz.

– Se Nick não a pedir em casamento com este vestido, então eu mesma me caso com você.

Nossa caçada ao vestido perfeito havia nos mantido ocupadas durante a manhã, mas, quando eu estava ao seu lado na fila da caixa, Caroline abordou o tema dos meus planos para mais tarde naquele dia. Eu devia ter esperado por aquilo.

– Você ainda vai ver Jack hoje à tarde?

Caminhei com a fila, que se aproximava da caixa.

– Acho que sim.

– Você não parece estar muito certa disso.

Dei de ombros, tentando fingir uma indiferença que não sentia.

– Não. Não é isso. É que vai ser estranho, só isso. Vai ser minha última

chance de me despedir dele.

– Provavelmente será sua última chance de fazer... qualquer outra coisa... com ele também – advertiu Caroline solenemente, enquanto pegava o cartão de crédito e o entregava ao funcionário da loja.

– Meu Deus, isso de novo não! Você está obcecada. Não vai acontecer, principalmente quando, em poucos dias, ele desaparecerá da minha vida.

– Talvez ele mude de ideia e fique mais um pouco – sugeriu Caroline, encolhendo-se ligeiramente quando o preço de sua compra apareceu no pequeno visor da caixa registradora.

– Não acredito. Ele disse alguma coisa sobre o contrato de locação da casa ser de apenas três meses.

Caroline observou enquanto o atendente dobrava com cuidado seu vestido e o envolvia em papel de seda, antes de puxar uma sacola grande e vistosa da parte inferior do balcão. Quando a pessoa gasta tanto quanto ela acabara de gastar, pelo menos leva para casa o que eles têm de melhor em termos de embalagem.

– Na segunda posso verificar com os outros corretores da cidade – sugeriu ela. – Ver quem está administrando a propriedade e se o contrato de locação pode ser estendido.

– Não tem sentido. Ele vai voltar para os Estados Unidos, e não vai mudar de ideia. Deixe como está.



Quando finalmente consegui sair do edifício-garagem lotado e voltar a Hallingford, estava pronta para dar por encerrado o programa, mas, de forma atípica, Caroline insistiu para que parássemos para tomar algo rápido e comer um sanduíche antes de nos despedirmos.

– Eu estou convidando – dissera. – É a minha forma de agradecer por tê-la arrastado pelas lojas a manhã inteira.

Ela havia falado de forma tão despretensiosa que não enxerguei seu estratagema. Já havíamos pedido nossos sanduíches e estávamos bebericando nossos drinques quando ela ergueu os olhos e exclamou:

– Ah, meu Deus, olhe quem acaba de entrar!

Aquela era a atuação mais canastrona possível de uma produção teatral de segunda categoria. Segui seu olhar e vi que Nick e Richard tinham acabado de entrar no pub. Coincidência? Não creio. Virei-me para Caroline de cara feia e todo o meu bom humor desapareceu.

– Caroline McAdam...

– Que foi? – perguntou ela, com fingida inocência. – Não tinha ideia de que eles viriam aqui. Estavam jogando squash no Centro de Esportes, era tudo o que eu sabia.

Vi Nick fazer uma encenação muito ruim ao fingir-se surpreso por ver a namorada exatamente no mesmo pub que ele “aleatoriamente” escolhera. Ele pegou o braço de Richard e com um movimento da cabeça indicou a nossa mesa. Vi quando o rosto de Richard empalideceu e a boca se contraiu. Eu o conhecia bem o suficiente para reconhecer que a reação dele, ao menos, fora genuína. Se aquilo era uma armação (e poderia haver alguma dúvida quanto a esse fato?), ele certamente não fizera parte de seu planejamento.

Nick disse alguma coisa, a que Richard respondeu com uma balançada negativa de cabeça, mas, apesar disso, Nick caminhou em nossa direção, não deixando a Richard outra opção que não a de seguir o amigo.

– Bem, isso é uma surpresa – disse Caroline, ainda não correndo absolutamente nenhum perigo de um dia vir a ser indicada para qualquer tipo de prêmio como atriz.

– Eu não tinha a menor ideia de que vocês estariam aqui hoje – comentou Nick.

Foi quando percebi que os dois ensaiaram aquelas palavras várias vezes mais cedo, para ter certeza de que fariam tudo direitinho. E, ainda assim, fizeram tudo errado.

– Desculpe – pediu Richard, parecendo genuinamente pouco à vontade quando seus olhos encontraram os meus. – Eu falei a sério naquele dia; não sabia de nada sobre isso.

Nele, eu acreditei.

– Eu vou embora – disse ele, por fim, virando-se na direção da porta.

Vi o olhar de frustração trocado entre nossos dois amigos cupidos. Claramente eles não haviam considerado a possibilidade de Richard, na realidade, ser a pessoa mais razoável ali. E então, antes que eu me desse conta do que ia fazer, eu o detive.

– Richard, não, não vá.

Os três pareceram chocados com as minhas palavras. Não mais, porém, do que eu mesma.

– Não tem necessidade. Esta é uma cidade pequena, não vamos conseguir continuar nos evitando. Nossos caminhos vão acabar se cruzando... *acidentalmente*.

Olhei de modo enfático para Caroline ao acrescentar:

– Podemos ao menos ser adultos e civilizados quando isso acontecer.

Havia verdade no que eu tinha dito, mas acho que meu abrandamento se devia mais à promessa que Richard me fizera em seu apartamento que à intromissão de Caroline. Se Richard havia enfim percebido que eu precisava de espaço – e aceitado esse fato –, eu podia ao menos ser razoável.

Não foi a meia hora mais agradável que nós quatro já havíamos passado, e não acho que Richard e eu tenhamos trocado um só comentário que fosse, mas

falamos através de Caroline e Nick, como se eles fossem intérpretes das Nações Unidas, fluentes na linguagem de ex-amantes constrangidos. Mastiguei o sanduiche e engoli a bebida rápido o bastante para que tivesse uma indigestão, mas ao menos Richard e eu tínhamos conseguido passar trinta minutos no mesmo ambiente sem que nos agredíssemos verbalmente, gritássemos um com o outro ou nos recriminásemos. Era um marco e tanto! E era o que Caroline certamente estava pensando enquanto me acompanhava até onde eu tinha estacionado o carro.

– Está vendo? – disse ela, passando o braço pelo meu. – Não foi tão ruim assim, foi?

Eu ainda estava fervendo em silêncio. Se não era com os meus pais, era com ela e Nick que tínhamos de lidar. Desse jeito, eu teria que passar todo o meu tempo livre com Monique, já que ela era a única pessoa que não queria que Richard e eu reatássemos. Então me dei conta de que aquilo não era inteiramente verdade: *havia* outra pessoa que não apoiava a ideia. Jack. Mas ele partiria em cinco dias, então não contava.

– Não faça isso de novo, Caroline – pedi, séria, depois de lhe dar um beijo rápido no rosto. – Sei que sua intenção é boa, mas a única coisa de que precisamos é que parem de se meter na nossa vida.

– Desculpe. É que eu queria tanto que vocês dois voltassem! Têm acontecido tantas coisas ruins na nossa vida que eu só queria que houvesse um final feliz.

– Talvez essa história simplesmente não tenha um final feliz – falei, triste. – Você não pode me forçar a mudar de ideia em relação a Richard, ou a perdoar o que ele me fez, ou a confiar nele de novo. Tampouco pode me empurrar para um encontro de uma noite, na esperança de que me fará valorizar tudo o que eu já tive. Eu sei o que eu tive, e também sei que, por ora, esses sentimentos se foram.

– Mas não para sempre, certo? Com o tempo...

Estiquei o braço e abri a porta do carro.

– Richard não é um cara ruim – concluí, admitindo a verdade que vinha me seguindo como uma sombra havia dias. – Ele é um cara bom, que fez uma coisa muito, muito ruim.



Eu estava nervosa a caminho do encontro, que, se parasse para pensar, era um tanto ridículo. O encontro fora sugestão minha: já havia passado da hora de aquilo acontecer, e coisas importantes precisavam ser ditas. A escolha do local... bem, essa não fora ideia minha.

Parei o carro no pequeno estacionamento, correndo os olhos pelas muitas vagas ao redor. Ótimo, não havia mais ninguém ali. Ao menos poderíamos

conversar sem que nos perturbassem. Vesti um casaco quente e enrolei uma echarpe comprida no pescoço antes de saltar do carro. Era fim de abril, mas ainda estava frio.

Meus pés trituravam ruidosamente o cascalho enquanto eu caminhava até o nosso ponto de encontro. Havia fileiras de brilhantes tulipas vermelhas ladeando o caminho, movendo-se com a brisa suave, como se fossem uma guarda de honra militar marcando a minha rota. Dei um breve sorriso diante dessa imagem fantasiosa e então tornei a ficar séria ao fazer a curva e reconhecer que já estava quase lá. Meu coração começou a bater mais rápido e minha boca de repente ficou seca demais para conseguir pronunciar um cumprimento, quanto mais para falar todas as coisas que eu sabia que teriam de ser ditas ali.

Deixei o caminho principal e observei que minhas botas instantaneamente desapareceram em meio à grama que, mesmo no início da estação, já começara a crescer. Segui para o local do encontro, mantendo os olhos fixos nos pés que atravessavam as brilhantes lâminas verdes da relva, em vez de no meu destino. Parei e por fim ergui os olhos. Levei a mão ao bolso fundo do casaco, permitindo que meus dedos envolvessem o objeto que eu colocara ali antes de sair de casa. Peguei-o e disse, enfim:

– Oi, Amy. Recebi sua carta.

A brisa tocou a folha única, que tremulou como uma bandeira branca de rendição. Era uma boa analogia. Dei um passo para a frente, aproximando-me da lápide, e limpei uma mancha de terra que maculava a perfeição do mármore branco. Não que Amy fosse se importar. A limpeza da casa nunca fora seu ponto forte. Aquele pensamento me fez sorrir e relaxar de uma forma que eu acreditara que fosse impossível naquele lugar.

– Você se importa se eu me sentar? – perguntei a Amy, acomodando-me no chão ao lado do lugar de seu descanso final.

A grama estava levemente molhada, e eu já podia sentir que a umidade começava a se infiltrar no tecido da minha calça jeans. Mas um desconforto insignificante era um preço pequeno a pagar.

As flores que Caroline deixara em sua última visita haviam murchado, e estendi o braço para removê-las do lugar onde nossa amiga jazia.

– Então, aposto que você está surpresa de me ver aqui hoje. Não a culpo. Há algumas semanas, este seria o último lugar na terra em que eu ia querer estar.

O vento soprou em um pequeno e irrequieto redemoinho, levantando meus cabelos e afastando-os do meu rosto.

– Acho que você provavelmente pensaria como eu – acrescentei, com um breve sorriso.

Tinha de acreditar que, neste mundo ou no próximo, Amy teria conservado seu senso de humor. Era uma das coisas que eu mais amava nela. Como um fósforo que fosse riscado na escuridão, aquele pensamento me deteve,

concedendo-me um lampejo da verdade. Eu *amava* Amy, sim. Viva. Morta. Amiga. Confidente. Madrinha de casamento e Traidora. Eu a amava independentemente de qualquer coisa. Eu sempre a amara, e sempre a amaria.

Alisei a carta, pousando-a sobre as minhas pernas cruzadas. Palavras aleatórias e fragmentos de frases chamavam minha atenção enquanto meus dedos percorriam a página, aplainando os vincos: “mais que arrependida”, “maior erro”, “nos perdoou”. Olhei fixamente para a última mensagem de Amy para mim. Eu não precisava relê-la, já havia decorado cada palavra.

– É uma boa carta – falei, direcionando meu comentário para o solo. – Uns poucos erros de ortografia aqui e ali... mas posso perdoar.

O conhecimento que Amy tinha de gramática e de ortografia sempre fora um tanto aleatório e criativo. Deslizei os dedos pela grama até que eles roçaram na lápide que marcava sua existência e partida deste mundo.

– E não estou dizendo que são só esses erros que eu perdoo, Amy.

Fiz uma pausa por um longo momento, desesperada para ouvir mais do que as folhas farfalhando ou a minha própria respiração. Eu não acreditava em fantasmas, nem no além, mas teria dado qualquer coisa naquele momento para vê-la, ouvi-la e tocá-la. Fechei os olhos e vi seu rosto em minha mente; ela estava sorrindo, os lindos olhos azuis acesos pelo sorriso e pela vida.

– Ah, Amy, sinto tanto a sua falta!

Amy esperou com paciência que eu procurasse um lenço de papel na bolsa e me sentisse apta a continuar. Assoei o nariz ruidosamente, e então, de modo insano, desculpei-me em voz alta com a amiga que eu perdera e com os vizinhos dela. Ninguém pareceu se importar.

– Então, vim aqui hoje para dizer que está tudo bem. Mesmo. Sei que você pensou que eu já soubesse sobre... sobre o que aconteceu entre você e Richard. Mas acho que a essa altura você já descobriu que ele nunca me contou nada. Você pode ver tudo de... daí... não pode?

Estava testando as minhas convicções e levando-as ao limite absoluto, mas, tanto por mim mesma quanto por Amy, eu tinha que acreditar que, de alguma forma, em algum lugar, ela podia ouvir minhas palavras.

– As coisas estão muito mais claras agora, que tive tempo de refletir sobre elas. Sei que você nunca, nem por um só momento, de forma nenhuma teve a intenção de me magoar... ou a Richard... Você nunca faria isso comigo, sei disso. Mas aconteceu, e acho que sei por quê. Você o amava, não é? Você o amava também.

Imaginei que, em algum lugar, Amy, em espírito, estava boquiaberta diante da minha revelação.

– Talvez eu soubesse desde sempre que havia alguma coisa... talvez fosse só uma suspeita... de que você gostava dele. Bem, talvez fosse mais do que gostar. Não que você tenha feito algo em relação a isso quando estávamos namorando.

Mas quando fui embora, quando eu disse a Richard que achava que tínhamos chegado ao fim da nossa história... Bem... não posso culpá-la. E eu fiquei fora tantos anos! Anos que ele passou esperando por mim, e o tempo todo você esperava por ele.

Deixei escapar um pequeno soluço, que soou áspero e fraco.

– Meu Deus, que desperdício! Que confusão nós fizemos!

Amy não discutiu.

– E então, depois de todo aquele tempo, ele finalmente a enxergou. Viu como você era de verdade. Como foi isso, Amy? Você se sentiu culpada por minha causa? Não deveria. Eu tinha dito a ele que nunca voltaria. Nunca quis que ele me esperasse. Mas ele esperou, não foi? Queria que você tivesse dividido isso com alguém. Mas você não podia falar sobre esses sentimentos com ninguém, não era mesmo? Nem mesmo com Caroline.

Uma ave mergulhou do céu, assustando-me quando pousou na grama ao meu lado. Uma ave, uma só. A intrusa preta e branca me encarou com um olhar demorado e sábio e, por um segundo, imaginei que ela tivesse ouvido e compreendesse tudo o que eu estava dizendo. Idiota. Estremeci, e a ave, levada por suas asas amplas e silenciosas, mais uma vez partiu em direção ao céu e desapareceu no meio das árvores.

– E então eu voltei. Não voltei por vontade própria, acho que todos nós sabíamos disso. Mas mamãe precisava de mim... e papai ainda mais. E Richard estava ali, e tudo era tão fácil, e foi muito confortável voltar para o que eu tinha antes. Isso deve ter matado você, não foi? – arquejei, chocada, ao me dar conta do que havia acabado de dizer. – Desculpem – pedi à minha amiga e àqueles nos lotes vizinhos. – Péssima escolha de palavras. Mas agora eu sei quanto você deve ter sofrido. Você estava tão perto, chegando quase aonde queria estar, com a pessoa que você sempre quis. E então tudo se foi. Tudo foi arrancado de você.

Fiz uma pausa e me perguntei se deveria continuar com o que estava prestes a dizer. Amy sempre fora uma boa ouvinte e certamente aquilo tudo ficaria entre nós duas.

– Sei que às vezes a gente comete erros quando segue o coração. Como naquela noite entre você e Richard. Eu entendo isso... porque está acontecendo comigo também. Bem, não exatamente a mesma coisa, é claro, mas eu estou envolvida em algo que não vai terminar bem. Não pode. E agora entendo um pouco do que você devia estar sentindo. Estar perto o bastante para tocar aquilo que você quer, mas saber o tempo todo que nunca será seu. Não creio que você tenha algum conselho nesse sentido para me dar, tem? – perguntei com tristeza, ao mesmo tempo em que uma única lágrima escorria pelo meu rosto e caía com um sonoro “plop” na carta de Amy.

A solitária joia cintilante de umidade havia caído, entre todos os lugares, bem em cima da familiar assinatura cheia de volteios. Parecia um sinal, mas, se

fosse, eu desconhecia o seu significado. Dei um sorriso repleto de tristeza.

– Acho que terei de resolver essa sozinha, não é? – perguntei à minha amiga silenciosa.

Lentamente, desdobrei as pernas e para me agachar ao lado da lápide de Amy. Estendi a mão e delicadamente tracei com os dedos o entalhe dourado de cada letra de seu nome, como se me despedisse em braile. Inclinei-me e pousei os lábios no mármore frio daquele nome, sentindo-me mais perto dela naquele momento que em nenhum outro desde a noite em que a perdemos.

– Está tudo bem entre mim e você, Amy. Não há absolutamente nada com que você precise se preocupar. Durma em paz, minha amiga linda.

PARTE QUATRO

Desviei os olhos do espelho quando ouvi que a porta do quarto se abria. A cabeça de Caroline surgiu pelo vão.

– Oi, querida, como você está?

– Estou bem – assegurei, sorrindo ao ver aquele rosto familiar que tanto me acalmava. – Onde está Nick?

– Lá embaixo, alugando os ouvidos para um primo seu de Devon.

– Peça desculpas a ele por mim – falei, com uma leve careta.

– Você quer que eu fique por aqui? – ofereceu Caroline, correndo os olhos pelo quarto e vendo o vestido coberto pelo celofane, a roupa de baixo dobrada na cama e os sapatos alinhados, à espera de que eu os calçasse.

– Não, estou bem. Desça e vá resgatar seu pobre homem.

Caroline sorriu e se virou para sair.

– Ah, quase esqueci! – disse ela, voltando até a penteadeira e apertando de leve meu ombro. Então tirou dois pequenos envelopes quadrados do bolso de seu casaco. – Chegaram há pouco.

Peguei-os e olhei brevemente a caligrafia. Não reconheci nenhuma das duas. Eu não tinha tempo para ler nem mais um cartão agora: eles teriam de se juntar à considerável coleção, no primeiro andar.

– Então – continuou Caroline, um pouco hesitante – vejo você na igreja?

– Estarei lá – falei suavemente.

Caroline saiu, ainda me olhando por cima do ombro com uma expressão indiferente de amor. Peguei os dois espessos envelopes para colocá-los sob o peso de papel da penteadeira: o grande seixo liso e transparente que eu recolhera da margem do lago. Deslizei os cartões para baixo dele e deixei meus dedos se demorarem no gesto, correndo sobre os veios da pedra cinza e sedosa, recordando...

CAPÍTULO 15

Eu estava nervosa quando retirei as sacolas de supermercado do carro e me encaminhei para a porta de Jack. Aquela seria a primeira vez que o veria, desde a noite do nosso beijo – algo que ele parecia ter conseguido descartar por completo, mas que havia permanecido comigo durante todo o tempo em que eu estivera acordada a partir de então.

Ele abriu a porta com um sorriso franco e um pedido de desculpas.

– Oi, Emma – cumprimentou-me, e seus lábios se curvaram gentilmente quando ele disse meu nome.

Jack pegou as sacolas das minhas mãos e as colocou no chão do hall.

– Desculpe, estou falando com uma pessoa no Skype. Deixe essas sacolas e venha para a cozinha. Não vou demorar.

Fiz que sim com a cabeça, enquanto ele voltava para o quarto que fizera de escritório.

– Oi, querida, estou de volta. Desculpe a interrupção.

Senti como se uma lança me atravessasse, entrando pelas costas e penetrando direto até o coração, cortando vários outros órgãos vitais no caminho. Apoiei a mão na parede revestida de madeira, buscando me equilibrar. Não estava tentando bisbilhotar, não estava mesmo, mas como Jack não fechara bem a porta, foi impossível não ouvir as palavras que se seguiram.

– Não, era apenas alguém chegando... não, só uma amiga. Bem, o que você estava dizendo?

Peguei as sacolas do supermercado e praticamente corri até a cozinha. *O que eu estou fazendo aqui?*, pensei, enquanto colocava as bolsas na mesa com tanta força que tive certeza de ter quebrado todos os ovos da caixa que comprara.

Eu havia deduzido todo tipo de estúpidos significados ocultos no convite de Jack. Tive certeza de que ele inventara aquele artifício culinário maluco apenas como desculpa para passar mais um dia comigo. E agora, quando cheguei ali, ele estava na internet falando palavras doces com alguma mulher sem nome do outro lado do mundo. E era dolorosamente óbvio que, quem quer que ela fosse, ele gostava dela – estava claro no tom terno e amoroso que ele usara ao falar com ela. Cheguei a ouvir algumas vezes traços dessa mesma voz quando ele

falava comigo, lampejos fugazes de intimidade, o suficiente para reconhecê-la quando era dirigida a outra pessoa. Então por que eu ainda estava ali, parada em sua cozinha como uma idiota patética, usando minha calça jeans nova e a camisa branca (*casual, não queria que ele pensasse que eu havia me produzido demais para a ocasião*), esperando que ele se despedisse de uma mulher e então me desse alguma atenção? Eu não merecia ser tratada daquela forma. Não de novo, por ninguém, e certamente não por ele.

O conselho de Caroline soou como um triste lembrete em minha cabeça. Bem, ela não precisava ter se preocupado, porque romance não era de jeito nenhum o que Jack tinha em mente quando me convidou. Parecia que a única razão de eu estar ali era preparar a porcaria do jantar. Ele até me mandara direto para a cozinha! *Eu deveria simplesmente ir embora*, pensei já voltando para o hall. Jack ainda estava falando ao computador, e com sorte eu poderia abrir a porta da frente e correr para o meu carro antes que ele percebesse que eu tinha saído. Dei mais um passo na penumbra do hall.

– Também estou com saudade, querida. Desta vez foi muito tempo longe, mas agora só faltam cinco dias.

A mulher que falava com ele da tela de seu laptop disse alguma coisa que eu não consegui entender, e Jack respondeu com uma risada que ressoou baixinho.

– É claro que vou – prometeu.

Tive de sair de lá antes que ele começasse a discutir intimamente o reencontro que ambos sem dúvida esperavam ansiosos. Dei um passo para a frente, e a velha tábua de carvalho sob meu pé rangeu ruidosamente, denunciando minha presença. Jack virou a cabeça para trás.

– Está tudo bem, Emma? – perguntou, dando as costas para a tela e olhando para mim com olhos afetuosos e gentis.

Em uma atitude masoquista, tentei ver além da largura de seu corpo, desejando capturar um vislumbre que fosse da mulher que o fazia parecer tão afetuoso e falar com tanta ternura. Não consegui ver absolutamente nada, exceto uma cascata de cabelos dourados. Ela era loura, claro.

Percebi que ele ainda aguardava uma resposta enquanto eu me mantinha ali, parada no hall, como um personagem de desenho animado, imitando alguém que tentasse sair de modo furtivo, na ponta dos pés – o que, na realidade, era precisamente o que eu estava fazendo.

– Sim, tudo bem – eu disse, atrapalhada por ter sido pega em flagrante. – Eu só... só... estava pegando as compras – improvisei precipitadamente, torcendo para que ele não percebesse que as sacolas às quais eu me referia já tinham sido levadas dali. – Preciso colocar algumas coisas na geladeira.

– Está bem – disse ele um com um sorriso ligeiramente confuso.

Talvez minha voz não tenha parecido tão natural quanto eu gostaria.

– Só estou me despedindo. Em um instante estarei com você.

Eu reconhecia uma dispensa quando ouvia uma. Voltei para a cozinha mordendo o lábio até que ele doeu de fato. *O que eu faço agora? Fico ou vou?* Se eu sasse correndo da casa dele, como uma patética heroína de coração partido, Jack saberia que eu interpretara tudo errado em relação a nós dois. Ele só fora o Bom Samaritano que por acaso estivera por perto quando meu mundo desmoronou. Fora *eu* quem confundira responsabilidade, amizade e preocupação com uma conexão emocional profunda e duradoura a nos unir. Não era Jack quem não sabia a diferença entre uma atração física passageira e algo muito maior – era eu.

– Oi, desculpe, foi muita indelicadeza minha – falou, entrando com o pedido de desculpas já nos lábios, então se inclinou e me beijou de leve no rosto.

Aquilo era novidade. Enrijeci, mas não creio que Jack tenha percebido, pois logo ele já estava atravessando a cozinha e seguindo até a chaleira.

– Café?

Abri a boca para dizer “Não, obrigada, não posso ficar”, mas em vez dessas palavras, ouvi minha voz respondendo:

– Sim, por favor. Puro, sem açúcar.

Enquanto a água fervia, Jack foi até a mesa e olhou para as duas sacolas abarrotadas.

– Não achei que você fosse trazer todos os ingredientes.

Ele parecia tão calmo e imperturbável, passando com tanta facilidade da amante para a burra da amiga inglesa, que alguma coisa dentro de mim se contraiu e retorceu desconfortavelmente.

– Bem, não foi para *isso* que você me convidou hoje, Jack? Você me pediu que eu cozinhasse para você, não é isso que estamos fazendo aqui?

Ele me olhou com atenção, e meu olhar foi atraído para seu lábio inferior. Fiquei reparando na maneira como ele o mordia, enquanto refletia sobre a minha pergunta. Foi com esforço que desviei meus olhos de sua boca. Jack parecia confuso, e aquela não era uma expressão comum nele.

– Alguma coisa errada?

– Não – menti, olhando-o nos olhos. – Por que pergunta?

Ele pareceu pouco à vontade e constrangido, também outra expressão nova para ele.

– Você parece... irritada.

Forcei um sorriso tenso.

– Não. Só estou excitada.

As sobranceiras de Jack se ergueram diante das minhas palavras.

– Empolgada para começar a cozinhar – expliquei.

Sei que ele não acreditou em mim, mas não liguei. Eu levaria adiante aquela brincadeirinha boba, iria até o fim, e não deixaria que ele percebesse que eu tinha imaginado que aquele dia seria muito mais... Tudo o que me restava era o

meu orgulho, e eu não estava preparada para perdê-lo também.

Ele fez o café enquanto eu fingia organizar os ingredientes em um dos lados da mesa, como se me preparasse para ser filmada para um programa culinário na TV.

– Você precisa de mim para fazer alguma coisa? – perguntou, enquanto eu procurava tigelas e utensílios nos armários de sua cozinha.

Eu me lembrava de ter visto a maior parte do que precisava quando preparara os bifes. Fechei os olhos por um segundo enquanto recordava aquele dia. Tantas coisas haviam acontecido desde então, e nenhuma delas era boa. Levei os ingredientes de que eu precisava para a mesa e direcionei Jack para o outro lado do cômodo. Se eu ia passar por aquilo, precisaria de uma distância muito maior entre nós. Na verdade, a largura toda da cozinha não era nem de perto o suficiente. Bem, em mais cinco dias, haveria um oceano entre nós. E então ele estaria com ela, quem quer que ela fosse.

– É melhor você ficar bem longe – aconselhei, despejando farinha de forma descuidada na balança e momentaneamente desaparecendo atrás de uma pequena nuvem branca. – Eu sou uma cozinheira muito bagunceira. Na verdade, você devia ter chamado Caroline para fazer isso, não eu.

– Não queria Caroline aqui. Queria você – respondeu ele, com a voz baixa.

Fora justamente aquele tipo de conversa que havia me levado irremediavelmente a tomar o caminho errado. Quebrei um ovo em uma xícara com tamanha violência que eu nunca seria capaz de recolher os caquinhos da casca que se misturaram nele. Joguei aquele fora e estendi a mão para pegar outro.

– Emma – disse Jack, que atravessara a cozinha e me pegara pelo braço, virando-me de frente para ele. – Você pode, por favor, me dizer o que a está aborrecendo?

Lá estava aquela expressão em seus olhos, que eu acreditara que significava muito mais do que na realidade significava. Eu finalmente estava ficando esperta. Já era tempo!

– Por que alguma coisa estaria me aborrecendo, Jack? Me diga você – desafiei, continuando a preparar o prato, como se ele não tivesse me interrompido. – O óleo tem que estar muito quente – falei, despejando uma generosa quantidade no fundo de uma assadeira e abrindo a porta do fogão Aga.

– Você parecia bem ao telefone no outro dia – disse Jack em tom de ponderação.

– Tão quente que na realidade deve estar fumegante – continuei, tornando a me virar para a mesa da cozinha e pegando uma colher de pau.

– Parecia que você *queria* me ver de novo – prosseguiu ele, parecendo um pouco constrangido.

– Misture os ovos e o leite – ordenei, despejando ambos os ingredientes na

tigela com a farinha.

– E eu certamente não fiz segredo de que queria *muito* ver você de novo antes de ir embora – confessou.

– E então bata – falei por entre os dentes.

A mão que empunhava a colher circulou furiosamente a tigela, derramando massa na mesa. Eu não havia mentido. Era uma cozinheira horivelmente bagunceira.

– E quando você chegou aqui hoje, parecia feliz.

– Adicione o restante do leite – ensinei, esperando que ele chegasse à conclusão para a qual inexoravelmente caminhava.

Lá se ia a última chance de salvar o meu orgulho.

– Mas quando a vi no hall ainda agora, você parecia...

Sua voz morreu no momento em que a compreensão surgiu como um sol nascente em seus olhos.

Magoada. Humilhada. Envergonhada. Pode escolher, pensei.

– A pessoa com quem eu estava falando...

– Não é da minha conta – completei a frase.

Ele ignorou minha interrupção.

– É minha filha.

Mais massa se derramou da tigela. Muito delicadamente ele se adiantou e a tirou das minhas mãos. Sábia decisão.

– Sua filha?

Minha voz era um grasnido incrédulo.

– Sua filha? Você tem uma filha? – perguntei, como se pudesse ter entendido mal o que ele estava me dizendo.

Ele assentiu devagar.

– Tenho.

– Mas... como... por que... Você nunca falou nada sobre ela.

Minhas palavras soaram mais como uma acusação que como qualquer outra coisa.

– Não, não falei. Pouquíssimas pessoas sabem da existência dela, e é exatamente assim que gostaríamos que continuasse. Na verdade, até três anos atrás, eu mesmo não sabia que ela existia.

Toda a raiva escoou de mim naquele momento, como se um tampão de ralo tivesse sido retirado.

– Como assim? Como isso é possível? Quantos anos ela tem?

– Tem 10 anos e o nome dela é Carly.

Dez. Eu já estava fazendo as contas. Só podia ser filha de Sheridan, tinha que ser. Jack sagazmente adivinhou a pergunta nos meus olhos.

– Sheridan estava grávida de poucas semanas quando dormiu com meu melhor amigo. Talvez ela soubesse, talvez não. Isso nunca ficou claro para mim.

No entanto, ela me queria fora da vida dela tão completamente, sem laços e conexões que nos unissem, que não me contou sobre Carly.

A colher caiu dos meus dedos e bateu ruidosamente no tampo da mesa, aumentando ainda mais a bagunça que eu já fizera.

– Jack, isso é horrível! Como ela pôde fazer algo assim?

Ele deu de ombros, mas mesmo agora, anos depois, eu ainda podia ver como aquilo o machucara.

– Mas você é o pai dela. Como alguém esperava manter algo assim em segredo? Você não desconfiou quando o bebê nasceu?

– Eu nem soube que havia um bebê – disse Jack com amargura. – Tivemos o divórcio mais rápido do mundo, e então ela simplesmente desapareceu pelos nove meses seguintes.

– Mas o que aconteceu? Quando ela voltou com um bebê, você deve ter imaginado...

As palavras que Jack disse, então, me deixaram perplexa e explicaram muitíssimo sobre sua descrença em casamento e sua aversão a compromissos.

– Ela nunca voltou com o bebê.

– O quê?

– Ela a deixou com a irmã, para que a tia criasse a menina. A irmã mora em uma fazenda e tem dois filhos; um deles é uma menina que tem quase a mesma idade de Carly. Elas são mais como irmãs gêmeas que primas.

Balancei a cabeça pensando em quão inacreditavelmente cruel Sheridan tinha sido, não só com Jack, mas também com a própria filha. Mas quando dei voz a essas palavras, Jack discordou.

– Acredite, ela fez um favor à criança. A irmã é totalmente diferente dela. É acolhedora, amorosa e generosa. Uma ótima mãe. Carly a adora, e os primos são como irmãos para ela.

– Mas mesmo assim... – comecei a dizer, ainda lutando para entender a barbaridade de tudo aquilo. – Então, como foi que você descobriu?

– Por intermédio de Sheridan – disse ele, e seus lábios se retorceram ao dizer o nome da ex. – Ela estava em um intervalo entre maridos, sem dinheiro, e a fazenda da irmã estava correndo risco de ser tomada pelo banco. Ela precisava de mim... ou melhor, do meu dinheiro... para socorrê-los. Não teve opção senão me falar sobre a criança.

– Ah, meu Deus, Jack! – exclamei, puxando uma das cadeiras da cozinha e me sentando, totalmente abalada.

– O que eu devo fazer com isso, a propósito? – perguntou Jack, ainda segurando a tigela de massa.

– Despeje sobre as salsichas na assadeira – respondi, distraída.

Enquanto ele fazia o que eu instruíra, tentei entender a complexidade da vida de Jack. Aquela era a responsabilidade que ele dissera que tinha em casa. Aquele

era o compromisso que ele tinha com alguém. E era um imenso compromisso.

Com a assadeira de volta ao fogão, Jack se voltou para mim.

– E o que aconteceu quando você descobriu sobre Carly? – perguntei. – Você pediu a guarda?

Jack balançou a cabeça, triste.

– Como eu poderia, Emma? Ela estava com 7 anos, e a tia e o tio eram os únicos pais que ela conheceria. Tinha vivido com eles desde que nascera. Como eu podia tirá-la deles ou dos primos? Como eu podia destruir todo o seu mundo assim?

Senti algo que parecia uma brasa ardente alojar-se em minha garganta. Eu sabia que estava certa ao instintivamente odiar aquela ex-mulher. Só não sabia que existiam muitas razões para aquilo.

– Susan e Mike, a irmã e o cunhado de Sheridan, têm sido ótimos. Eles me deixaram entrar na vida de Carly, e durante os três últimos anos construímos um relacionamento muito bom.

Suspirei e abri um sorriso trêmulo, contente por ter havido um final feliz para a história.

– Então ela sabe que é sua filha?

Ele assentiu, e havia em seu rosto uma expressão que a princípio não reconheci. Depois entendi: era orgulho de pai.

– Ela é uma criança ótima. Ela e os primos todo mês vão ao rancho e ficam alguns dias. Eles adoram ir para lá. Nunca vai ser a situação ideal, mas nós fazemos funcionar.

Estendi a mão sobre a mesa pegajosa e segurei a de Jack.

– Ela tem sorte de ter você como pai – comentei, séria.

Ele pareceu ligeiramente constrangido mas feliz ao ouvir minhas palavras.

– Vamos caminhar? – sugeriu Jack de repente. – A praia é linda a essa hora do dia, e acho que o ar fresco vai fazer bem a nós dois.

Ele indicou o fogão com a cabeça.

– Podemos deixar isso aqui?

Eu assenti.

– Então vamos – disse ele, pondo-se de pé e me puxando da cadeira.



Andamos até o fim da enseada, e ele manteve a minha mão na dele ao longo de todo o percurso. Eu olhava para ele enquanto caminhávamos, vendo-o com novos olhos, mais sábios. O que ele tinha me contado há pouco explicava muitas coisas. Eu estava comovida com o fato de Jack ter confiado em mim o bastante para partilhar seu segredo.

– Então talvez agora você possa entender por que me mantive longe de

relacionamentos, a menos que fossem casuais ou não exigissem nada, desde o meu divórcio... – disse ele.

Eu o olhava, tentando guardar na memória tudo o que se relacionasse com ele. Aquele era um filme que eu ia querer repetir muitas vezes, nos próximos meses – quando fosse tudo o que me restasse dele e de nosso tempo juntos. Cuidei de sorver tudo sobre Jack desde a maneira como o vento delicadamente erguia os fios negros e pesados de seu cabelo até a forma como seus olhos se enrugavam nos cantos quando ele sorria. Sentia que algo começava lentamente a se partir dentro de mim; seria quase impossível esquecê-lo.

– Aprendi a ser mais cuidadoso em minhas escolhas. É muito mais fácil quando todo mundo quer exatamente a mesma coisa. Assim, ninguém cria vínculos emocionais... e ninguém se machuca.

Para mim, parecia ser uma existência fria e vazia, e acho que ele viu isso em meus olhos.

– Mas você não é assim, né, Emma? Nem um pouco.

Levei um susto ao ter a conversa direcionada para mim, e estava me perguntando o que dizer quando ele continuou:

– Mesmo depois de tudo o que aconteceu entre você e Richard, você ainda acredita naquele felizes-para-sempre, não é?

Ele não estava zombando de mim nem tentava ser deliberadamente cruel; ele não podia saber quanto era difícil ouvir que, quando o assunto era relacionamento, estávamos em polos opostos da Terra.

– Bem – comecei, devagar –, minha fé na existência desse tipo de relacionamento foi testada recentemente, isso é verdade.

Engoli em seco, tentando eliminar o pequeno e inesperado nó em minha garganta.

– Mas eu gosto de acreditar que um dia... haverá alguém – *Você*, uma voz em minha cabeça gritou – que me fará crer novamente.

Ele assentiu, como se tivesse recebido o prognóstico de um médico, do tipo que não traçava exatamente um futuro de boas notícias, mas tampouco era inteiramente inesperado.

– O anel, a igreja, o casamento... você ainda quer tudo isso?

Não era tanto uma pergunta; era mais uma afirmação.

Eu ia negar, mas por que me dar o trabalho? Ambos sabíamos que era a verdade.

– Acho que, lá no fundo, sou só uma garota antiquada.

Ele dirigiu um sorriso gentil e me conduziu na direção dos degraus que levavam de volta ao chalé. Eu tinha certeza de que houvera um teste oculto em nossa conversa, e estava igualmente certa de que fora reprovada.

Ele subiu a escada de pedra à minha frente.

– Cuidado com esses degraus – avisou ele. – Eles podem ficar um pouco

escorregadios. Fique perto de mim.

– Estarei logo atrás de você – falei, perguntando-me em seguida por que as palavras que eu escolhera me soavam tão familiares e significativas.

Então me lembrei de quando as ouvira pela primeira vez: na noite do acidente, quando Jack me empurrava para longe do carro prestes a explodir. Abri a boca para comentar isso com ele, e então de repente meu pé escorregou no degrau gasto e em ruínas. Tentei me segurar na superfície do muro, mas não havia nada em que me agarrar. Jack se virou com uma expressão horrorizada no rosto. Sua mão se estendeu para me segurar, mas era tarde demais. Dessa vez ele não pôde me salvar, e eu tombei para trás, e caí da escada, aterrissando com um baque de fazer perder o fôlego... não exatamente na areia, mas em algo afiado e duro que estava escondido sob a superfície macia.

– Emma! – gritou Jack, saltando da escada e correndo para mim. – Você está bem?

Emiti um som que tinha a intenção de ser uma risada, mas que soou perigosamente como se eu estivesse prestes a chorar. Não sou uma chorona, mas aquilo tinha doído de verdade.

– Você está machucada?

– Só o meu orgulho – menti.

De jeito nenhum eu ia dizer alguma coisa sobre a pedra ou o que quer que tenha feito contato tão dolorosamente com meu bumbum. Ele estendeu a mão e me puxou, erguendo-me da areia. Tentei transformar a careta de dor em um sorriso de humor, mas não creio que ele tenha se deixado enganar.

– Meu Deus, está tudo bem com você?

Um casal de idosos que fazia uma caminhada de fim de tarde na praia correu para oferecer ajuda. Foi mesmo muito constrangedor.

– Estou bem – menti de novo, de alguma forma conseguindo dar um sorriso mais genuíno para os ansiosos recém-chegados.

– Querem que eu chame ajuda? – perguntou a mulher, já puxando um celular do bolso.

– Não, não, não. Só fiquei um pouco sem ar, só isso. Por favor, não se preocupem comigo – tranquilizei-os.

– Vamos ficar bem, obrigado – reiterou Jack, e o casal pareceu aceitar nossa palavra, voltando para a praia. Jack esperou até que eles não pudessem mais nos ouvir e se voltou para mim: – O que foi que você fez? Está muito ruim?

– Estou bem. Foi mais o susto, só.

– Emma Marshall, não minta. Eu sou o cara que tirou você do meio dos destroços de um carro; sei quando você está machucada ou não.

Não havia sentido em mentir. Ele ia descobrir em um minuto, assim que me visse subir mancando.

– Acho que, quando caí na areia, bati em uma pedra ou algo assim.

Jack olhou para a areia úmida que, embaraçosamente, ainda mantinha a impressão perfeita do meu traseiro. Ele a revolveu com a ponta da bota, revelando uma grande pedra irregular e afiada, que estivera oculta pouco abaixo da superfície.

– Merda – murmurou ele, e se voltou para olhar a parte de trás da minha calça jeans. – Qual é a gravidade? Você está sangrando?

– Não, é claro que não. Tenho enchimento natural suficiente aí atrás para amortecer a pancada.

Ele não sorriu como eu esperava.

– Hematoma?

Eu dei de ombros.

– É provável.

– Me mostre.

– Não! – respondi, horrorizada.

Ele ergueu as sobrancelhas, como se me instigasse a desafiá-lo.

– Isso não passa de uma tentativa depravada sua de ver a minha bunda, não é?

Dessa vez ele sorriu.

– Olhe, vamos voltar. Em casa eu vejo como está, antes de decidirmos quem mais deve dar uma olhada.

O meu progresso escada acima foi lento, mas recusei com firmeza a sua oferta de me carregar. Acho que ele só aceitou minha recusa com medo de que pudesse me machucar ainda mais ao me segurar nos braços. De todas as partes que eu poderia machucar na queda, por que não torci o tornozelo ou abri o punho, como qualquer pessoa sensata? Por que tinha que ser o bumbum? Por fim, alcançamos o calor da sua cozinha e ele fechou a porta ao passar.

– Muito bem, Emma – disse ele depois de me observar cruzar mancando o piso de ladrilhos, cheia de dor. – Já chega. Você vai me mostrar esse traseiro ou não?

– Não, Jack, não vou, não.

– Já que você não vai me mostrar...

– Não vou mesmo – completei.

– Então ao menos vá tomar um banho quente de chuveiro. Vai ajudar a diminuir a ardência e fazer o hematoma aparecer mais rápido. Tem um espelho de corpo inteiro no banheiro, assim você pode avaliar o estrago.

– Você parece obstinado em me fazer tirar a roupa – observei, mas estraguei toda a graça da frase ao corar. – Mas, se isso o deixa feliz, vou tomar um banho e ver o que aprontei, contanto que fique claro que sou eu quem vai olhar. Está bem?

– Está bem – concordou, relutante. – Vou fazer um chá para a gente enquanto você toma banho. Tem toalha limpa no armário que fica no topo da escada.

– Obrigada – eu disse ao sair mancando da cozinha.



Em uma escala de um a dez, meu hematoma marcava um onze. Me encolhi de dor ao tirar o jeans e a calcinha de renda, e avaliei o estrago, olhando por cima do ombro a descoloração roxo-azulada no espelho. Tinha mais ou menos o tamanho de um pires e cobria a maior parte de uma das nádegas, avançando até a base das costas. Não achei nem um pouco que estivesse precisando de um banho para que “o hematoma aparecesse mais rápido”; ele já estava aparecendo perfeitamente, por conta própria. Ainda assim, deixei a blusa e o sutiã caírem sobre o restante das roupas no chão e abri o registro do boxe. Fiz uma careta de dor quando o jato de água quente correu sobre a pele machucada, mas depois da ferroada inicial a sensação foi ficando mais confortável. Havia uma prateleira dentro do boxe amplo, e não consegui resistir à tentação de pegar um pouco do gel de banho cujo cheiro lembrava Jack e espalhá-lo pelo meu corpo nu. Fechei os olhos e deixei que a água caísse em minha cabeça, perdendo-me em um sonho proibido para menores: eu não estava sozinha no boxe cheio de vapor, mas ele estava atrás de mim, os dedos fortes e compridos correndo ao longo dos meus membros escorregadios, a boca buscando a minha, exigente, debaixo da cascata de água.

O ruído da porta do banheiro se abrindo me fez dar um pulo tão grande que o frasco de gel escorregou dos meus dedos e caiu com um estrondo na placa de ferro fundido.

– Você está bem? – perguntou Jack pelo vão da porta.

– Não entre – respondi, em pânico, instintivamente tentando me cobrir. – Estou nua.

Ouvi a risadinha dele.

– Costumo achar que essa é a melhor forma de tomar banho.

Deixei cair as mãos que tentavam inutilmente cobrir meus seios.

– Engraçadinho.

– E como estão as partes machucadas?

– Coloridas – respondi. – Mas o banho está mesmo ajudando.

Era inquietante ter aquela conversa com Jack enquanto eu estava nua e ele a cerca de um metro de mim, apenas.

– Trouxe uma coisa que vai ajudar.

Instintivamente, minhas mãos mais uma vez voaram para me cobrir, mas o pequeno vão pelo qual ele falava não aumentou. Somente suas mãos surgiram enquanto ele colocava primeiro um vidro alto de algum tipo de loção e, depois, uma fumegante xícara de chá no piso de ladrilhos.

– Se precisar de ajuda com o creme...

– Eu tenho uma péssima noção de direção, mas acho que consigo encontrar o meu próprio bumbum – brinquei.

– Muito bem, então. Veja você lá embaixo.

Ouvi seus passos desaparecerem pelo piso de madeira do corredor. Ele nem mesmo tentara entrar. Aquilo tinha sido respeitoso, cortês e completamente honrado. Mas também um pouco decepcionante.

O chá foi revigorante e bem-vindo, e apesar do aroma inicial pungente, a loção deixada por Jack me ofereceu um alívio perceptível à medida que eu a esfregava sobre a pele machucada. Peguei um pente para desembaraçar os nós do cabelo e, enquanto abria um círculo no espelho embaçado, percebi que a única coisa que restava da maquiagem que eu colocara com tanto cuidado antes de sair de casa era o rímel à prova d'água. Dei de ombros levemente e me abaixei para pegar as roupas. Se a perspectiva do meu corpo nu não havia sido suficiente para atraí-lo, que esperança havia para um pouco de sombra e brilho labial?

Ele me aguardava pacientemente ao pé da escada e, enquanto eu descia ou degraus, vi que ele observava meus passos com cuidado, para ver se eu estava mancando. Felizmente, a minha mobilidade melhorara um bocado depois do banho.

– Você parece estar se movimentando com mais facilidade.

Concordei com a cabeça.

– Estou bem. De fato, é só um hematoma, apesar de ser pavorosamente grande.

Ele pareceu preocupado ao ouvir as minhas palavras.

– Sinto muito. Eu devia ter subido aquela escada atrás de você.

– Nesse caso, teríamos caído os dois – argumentei.

Farejei o ar, sentindo o cheiro de alguma coisa queimada.

– Matamos o sapo – declarou Jack, em tom solene.

Ri das suas palavras e notei, pela primeira vez, como o hall estava escuro. Em algum momento desde que eu entrara no banho, as nuvens cinzentas que vinham se juntando durante toda a tarde haviam se transformado em um cobertor grosso no céu. Chovia forte.

– A culpa não é sua de eu ter caído. É minha. Devia ter escutado o seu aviso.

– Não acho que você seja muito boa em seguir ordens – disse ele, com pesar.

– Agora vou passar meses sendo assombrado por pesadelos do tenebroso ferimento que você escondeu de mim.

– Ora, pelo amor de Deus! – exclamei, de súbito dando as costas para ele. – Você não vai descansar até ver, não é? Então, ande logo, dê uma olhada, se isso for tranquilizá-lo de que não estou mortalmente ferida.

Soltei a blusa de dentro da calça jeans e desabotoei o cós.

– Mas vou logo avisando... não está nada bonito.

O hall estava silencioso, a não ser pela chuva que golpeava as janelas e o ruído suave do meu zíper. Não precisei baixar a calça mais do que alguns

centímetros para que o hematoma ficasse visível.

Eu o ouvi inspirar o ar com um sibilo agudo quando a pele descolorida ficou visível. Eu estava mostrando muito menos do que aparecia quando usava um biquíni na praia, mas havia algo de muito íntimo em erguer a blusa e baixar a calça para que ele pudesse inspecionar meu corpo.

– Sinto muito – repetiu ele, com a voz muito mais rouca do que estava antes.

Senti um pequeno puxão na cintura da calça quando ele segurou o tecido e o baixou um pouco mais, até que o jeans já não me cobrisse. Senti seus dedos deixarem a calça, lentamente, e roçarem a pele intacta da minha lombar, e então percorrerem a costura superior da calcinha de renda.

Sorvi o ar como se estivesse me afogando, e ouvi a respiração de Jack ficar irregular. Ele parou, e eu sabia que estava esperando que o detivesse. Eu não fiz nada. As pontas dos seus dedos correram por baixo do elástico da calcinha e seguiram uma trilha pelo meu quadril, demorando-se para traçar o contorno pronunciado, e então passaram para a pele ainda mais macia do meu ventre. Olhei para os dedos fortes que faziam círculos lentos e acariciavam a minha pele. Recostei todo o meu peso no corpo dele e o ouvi gemer baixinho. Muito lentamente, ele me virou. As pálpebras estavam pesadas quando sua boca foi até os meus lábios e sua língua buscou e encontrou a minha em uma onda de desejo que me varreu como um maremoto. O beijo foi tão arrebatador e intenso que me deixou insensível à dor causada pela pressão do corrimão às minhas costas e, em seguida, da parede contra a qual nos chocamos. Seu corpo pressionava o meu com toda a força, enquanto o beijo de Jack me carregava com ele para um inferno flamejante que me queimava e me dizia que eu era dele.

Eu estava voando, caindo, perdida. Minha única âncora neste mundo eram os lábios que devoravam os meus e os ombros fortes nos quais minhas mãos se apoiavam, agarrando, segurando-o contra mim. Seus lábios me libertaram e se deslocaram para a curva do meu pescoço, queimando a pele que eu lhe oferecia com um ardente rastro de beijos. Murmurei seu nome, minhas mãos passando dos ombros para os cabelos bastos e escuros, finalmente conhecendo a sensação de tê-los entre meus dedos. Ele ergueu a mão e afastou a blusa do meu pescoço, ganhando acesso à pele sensível do meu ombro. Então baixou a alça fina do sutiã e mordeu suavemente a carne delicada – e meus joelhos foram literalmente incapazes de me sustentar por um instante mais que fosse. Não achei que teriam de fazê-lo. Mas me enganei.

A queda na temperatura fora tão brusca que nem notei sua aproximação, não registrando de início a mudança no clima. A tempestade de fogo se transformou em uma nevasca quando Jack lentamente se imobilizou e, em seguida, determinado, se afastou de mim, apoiando os braços na parede ao lado do meu corpo. As brasas da paixão ainda ardiam em seus olhos, mas, quando inclinei o corpo para a frente com os lábios entreabertos, convidando-o a tomá-los mais

uma vez, ele se afastou um pouco mais. As nuvens turbulentas do desejo começaram a se abrir e eu o olhei, confusa.

– Jack? – perguntei, hesitante.

Em resposta, ele se limitou a balançar a cabeça.

– Não posso fazer isso.

Nenhum balde de água gelada teria sido mais eficaz que aquelas palavras. Ainda assim, não compreendi por que ele as dissera. Meus olhos expressaram a pergunta que a garganta, subitamente apertada demais, não podia fazer.

– Não... – começou Jack, com a voz rouca. – Não podemos...

Para um escritor, ele estava muito pouco articulado.

– Isto é errado.

O sentido daquela última frase eu compreendera perfeitamente.

– Por quê? Por que é errado?

Eu encontrara minha voz, ainda que uma paródia trêmula dela. Ele correu a mão pelos cabelos seguindo o mesmo caminho que os meus dedos haviam feito instantes antes.

– Você sabe por quê.

Balancei a cabeça.

– Não, não sei.

Ele suspirou e se afastou da parede, olhando pela janela para a chuva que caía. Foi então que percebi que o perdera: quando ele nem mesmo me olhou ao falar.

– Não posso fazer isso com você.

– Não pode ou não quer?

Como resposta, ele se virou para me encarar, pegando a minha mão e colocando-a sobre seu peito, deixando que eu sentisse as batidas trovejantes de seu coração.

– Por acaso parece que eu não quero?

Balancei a cabeça mais uma vez, consciente de que meus olhos estavam começando a se encher de lágrimas, e sem a menor vergonha de deixar que ele as visse.

– Então por quê? É por causa de Sheridan? É ela o motivo?

Ele se mostrou surpreso e um tanto horrorizado diante da minha sugestão.

– O quê? Não, é claro que não. Por que você pensaria uma coisa dessas?

Não era o momento nem o lugar para aquilo.

– Então, por quê? Por que está me rejeitando? É claro que a essa altura você já sabe que eu quero, não sabe?

Atirei o pouco de orgulho que ainda me restava aos pés de Jack.

– É por isso que eu tenho que parar.

Eu estava arrasada e confusa, e a atitude e as palavras dele não faziam o menor sentido.

– Eu quero você, Emma – admitiu, com a voz doída. – Mais do que eu já quis alguém em toda a minha vida.

Sua declaração deveria ter me enchido de alegria, se ao menos não tivesse sido proferida de forma tão desastrosa e horrível.

– Mas o que eu disse outro dia na ponte não mudou... eu não mudei.

– Por acaso *eu* não tenho poder de decisão neste assunto? E quanto o que *eu* quero?

– Eu sei o que você quer – disse ele, e apesar de tudo eu senti minhas bochechas pegarem fogo diante da sugestão.

Ele voltou a olhar para a chuva.

– Você quer alguém com quem possa contar. Alguém que lhe ofereça compromisso. Alguém que não esteja prestes a desaparecer de sua vida, indo para o outro lado do mundo. Alguém que não sou eu.

A voz de Jack ficou mais grave à medida que ele falava.

– Parar agora é a última coisa que eu quero fazer. Não consigo nem olhar para você sem querer tomá-la nos braços e carregá-la por aquela escada acima até a minha cama. Mas não posso ser canalha. Estou parando por *você*, não por mim.

– Você não sabe o que eu quero... – falei com amargura, e minhas mãos tremiam tentando fechar o zíper da calça –... nem do que preciso.

– Seja lá o que for, não sou eu.

Não havia mais nada que pudéssemos dizer. Eu havia exposto os meus sentimentos da forma mais direta possível. E ele me rejeitara.

– Tenho que ir – falei, na esperança de que ele tentasse me impedir.

Ele se voltou da janela e assentiu. Não podia ser o fim, podia? Depois de tudo o que acontecera entre nós, era realmente daquele jeito que ia terminar?

Passei por ele bruscamente e escancarei a porta. A chuva martelava o solo com uma ferocidade que ferroava minha pele enquanto eu corria até o carro. *Me detenha, me chame de volta*, eu implorava em silêncio ao passar pelo carro dele. *Faça alguma coisa, faça qualquer coisa, não me deixe ir embora*. Mas ele não interveio, não se moveu de onde estava, no vão da porta aberta. Abri a porta do carro com violência, grata por ter deixado a bolsa e as chaves ali mais cedo. Então me detive para olhá-lo demoradamente uma última vez. Olhos nos olhos. Ele não disfarçou a dor e o arrependimento nos dele, mas tampouco se mexeu.

Sentei-me ao volante, bati a porta e dei a ré até a estrada com mais rapidez e mais imprudência do que devia. As lágrimas que escorriam pelo meu rosto e a chuva que caía – e que os limpadores de para-brisa lutavam para controlar – eram um perigo duplo. Tive sorte de não encontrar outros veículos enquanto guiava de modo imprevisível para longe dele. Não conseguia me concentrar o bastante para estar atrás de um volante, e a pouco mais de 3 quilômetros de Trentwell, liguei o pisca-alerta e parei no acostamento. Fiquei olhando sem

enxergar através da cortina de chuva que caía sobre o para-brisa, e não via nada além do rosto de Jack, dos olhos de Jack. Não podia ir embora daquele jeito, sem que nem mesmo tivesse dito o que eu realmente sentia por ele. Será que aquilo teria mudado alguma coisa? Teria feito alguma diferença? Eu seria mesmo capaz de viver o resto da minha vida sem saber a resposta àquelas perguntas?

Com o dorso das mãos, enxuguei as lágrimas furiosamente e virei a chave na ignição. O motor rugiu, dando partida. Fiz um retorno ilegal na estrada deserta e tomei o rumo da casa dele outra vez. Não tinha plano nenhum em mente, nada de inteligente nem de sagaz para dizer que o fizesse mudar de ideia. Não tinha nada a meu favor, a não ser um instinto primitivo que me atraía de volta para ele como se entre nós houvesse um fio invisível que me forçava a voltar.

A claridade foi sumindo rapidamente à proporção que a noite e a chuva levavam os últimos raios de luz do dia. Dirigi sem pensar em meio ao aguaceiro, sem parar para avaliar como eu me sentiria se, ou quando, ele me rejeitasse outra vez. Quando avistei a entrada de sua garagem, meu coração batia como se eu tivesse corrido os últimos quilômetros, em vez de percorrê-los de carro. Então, era aquilo. Minha última chance.

Foi por um milagre que não nos chocamos de frente. Devem ter sido as reações *dele* que impediram o acidente, não as minhas. Só sei que ao embicar o carro na propriedade de Jack, subitamente o brilho intenso dos faróis que se aproximavam enquanto ele saía em disparada me cegou. Pisei o freio no momento em que ele abruptamente jogou o carro para o lado e parou com a metade do automóvel no gramado que ladeava o caminho. A chuva torrencial continuava a obscurecer a minha visão, o que significava que vi Jack abrir a porta de supetão e caminhar em minha direção em uma série de imagens desarticuladas, à medida que os limpadores varriam o meu para-brisa. Seus olhos estavam presos aos meus enquanto ele atravessava a enxurrada, a camisa colada nos braços e no corpo como uma segunda pele. Desajeitada, tateei a porta atrás do trinco e quase despenquei de dentro do carro para ir até ele, puxada por uma força muito mais poderosa que a gravidade. As lágrimas provavelmente continuavam a escorrer por meu rosto, mas se perderam em meio à chuva. Cobri os últimos metros que nos separavam correndo, e ele me pegou, seus braços me erguendo em direção ao corpo dele. Minhas pernas deixaram o chão e se enroscaram em torno de Jack enquanto ele caminhava, alucinado, de volta para casa. Seus lábios não deixaram os meus enquanto ele me carregava nos braços, eliminando a necessidade de palavras, falando a sua própria língua – a que os meus lábios respondiam com fluência. Nada mais existiu para mim naquele momento. Eu não sentia a chuva nem o frio, meu mundo se transformara unicamente naquele homem: os braços que me apertavam de encontro ao seu corpo, a língua que se combinava à minha e a rigidez do seu corpo pressionando intimamente o meu.

Ele parou uma única vez, ao chegarmos à porta da frente – que, na pressa, ele não se dera o trabalho de fechar. Gostei da urgência que aquilo sugeria. Ele afastou a boca da minha apenas o tempo suficiente para olhar nos meus olhos e me oferecer uma última, e completamente desnecessária, chance de mudar de ideia.

– Você tem certeza? Porque, se a gente entrar, eu não sei se vou conseguir parar. Não vai ter mais como desistir, Emma.

Ele teve a resposta quando minha boca voltou à dele e minhas mãos se fecharam com mais firmeza em sua nuca enquanto ele escancarava a porta com um chute. Ao subirmos a escada, meus dedos já estavam desabotoando sua camisa e afastando o tecido molhado dos seus ombros musculosos enquanto ele me levava para o seu quarto. Ali ele me colocou delicadamente no colchão, enquanto eu buscava, faminta, o seu cinto. Ele ficou nu antes de mim. Demorou-se mais descolando as roupas molhadas do meu corpo, saboreando cada momento, até que o puxei impacientemente para mim.

Foi diferente de tudo o que eu já havia experimentado. Gritei quando ele me penetrou, sem me dar conta de que as lágrimas escorriam enquanto ele me levava a um lugar que eu nem sabia que existia. Ele gritou o meu nome quando seu corpo estremeceu em um orgasmo, me preenchendo e me completando. E eu gozei logo depois dele.

CAPÍTULO 16

– É possível que esse seja o pior hematoma que eu já vi na vida.

Abri os olhos devagar. Estava deitada de bruços em um emaranhado de lençóis retorcidos, e cada nó ali me lembrava dos nossos corpos se entrelaçando sobre eles a noite toda. Tive um flashback súbito das mãos dele ao lado do meu rosto, agarrando os lençóis de algodão com ferocidade, enquanto ia baixando o corpo lentamente para dentro do meu, em um ritmo tão aflitivamente lento que me empurrou pelo precipício da lascívia e do desejo para um mundo de sensações ainda não descobertas.

– Essa não é a saudação matinal mais romântica que eu já ouvi na vida – resmunguei, sonolenta, contra o travesseiro.

Jack estava de lado, apoiado no cotovelo, olhando fixamente para o meu corpo de bruços. Ele se abaixou, afastou meu cabelo para o lado e beijou a pele sensível da minha nuca.

– Tem razão. Desculpe. Bom dia.

Sua voz era um ronronado sedutor quando ele deslizou os lábios para sussurrar no meu ouvido:

– Ontem à noite... você e eu... a sensação foi... *não existem* palavras.

Era uma façanha e tanto, a de roubar a um escritor a capacidade de formar uma frase coerente. Sorri contra o travesseiro de plumas.

– Bem melhor – murmurei, em tom de aprovação.

– Ainda assim, que hematoma medonho!

O travesseiro engoliu minha risada. Os lábios de Jack se lançaram a uma atividade bem mais interessante do que a fala, seguindo a curva da minha coluna com um rastro de beijos suaves como plumas e parando apenas no limite da pele sensível e machucada. Delicadamente, ele beijou o ferimento – e sua língua deu início a uma reação em cadeia muito natural dentro de mim.

– Melhorou? – perguntou ele, os lábios encostados na minha pele.

Respondi com um pequeno gemido, e esse som o encorajou. Com todo o cuidado, ele me fez virar. Vi o desejo se reacender nos olhos que percorriam meu corpo, detendo-se na elevação dos seios e então passando pela cintura até as pernas, que já começavam a se afastar.

– Então, dói em algum outro lugar? – provocou, com a voz baixa e sensual.

– Talvez outras partes precisem da sua atenção – murmurei rouco.

– Vou ver o que posso fazer – prometeu ele, baixando a cabeça.

O quarto mergulhou em silêncio, a não ser pelos sons irregulares da nossa respiração. Muito tempo se passou até que nós dois fôssemos novamente capazes de falar.

Devo ter cochilado, pois a luz matinal que entrava pela janela mudara sua rota e estava passando por cima da cama quando tornei a abrir os olhos. Minha cabeça estava sobre o peito de Jack e seus dedos percorriam as mechas do meu cabelo lentamente, girando-as e enroscando-as de maneira a me manter presa a ele, como se houvesse qualquer risco de eu querer estar em outro lugar. Aconcheguei-me ainda mais à curva do seu corpo, sentindo as batidas fortes e constantes do seu coração sob a cabeça e o calor de seus membros enroscados aos meus. Eu devia ter sabido que um momento de satisfação tão completa e absoluta era perfeito demais para durar.

Jack inclinou a cabeça e beijou minha testa.

– Correndo o risco de ser acusado novamente de ser pouco romântico, posso dizer apenas que estou simplesmente faminto?

Naquele momento, ocorreu-me que havia muito tempo que não fazíamos nada de tão prosaico quanto comer. Como se pensar em comida o tivesse acordado de um cochilo, meu estômago concordou ruidosamente.

– E eu preciso me manter forte, se vou passar o resto do dia fazendo amor louca e apaixonadamente com você – prosseguiu ele.

– É o que temos para hoje?

– Para mim, certamente – confirmou Jack com um sorriso sexy.

Eu é que não ia discutir. Afastei-me dele com relutância. Mas antes de permitir que eu me levantasse, Jack desceu a mão demoradamente pelo meu braço, do ombro até o punho.

– E a gente precisa conversar, Emma. Só que quando você está nua, deitada nos meus braços, eu não consigo me concentrar em nada que não seja na minha urgência de fazer amor com você outra vez.

Eu me virei e me sentei na cama com um sorriso de contentamento e satisfação no rosto. Olhei ao redor, à procura das minhas roupas – de qualquer peça –, e então sorri discretamente ao recordar como Jack as tirara do meu corpo e as jogara de qualquer maneira. As roupas desaparecidas podiam estar em qualquer lugar: presas em cima de um armário, em um canto distante do quarto, ou mesmo penduradas na lâmpada do teto. Afinal, nenhum dos dois estivera prestando muita atenção quando as tirou.

– Tome – disse Jack, tirando uma camisa de uma cadeira.

Vesti alegremente a peça azul-clara que ainda guardava seu perfume. Ficou enorme em mim, e tive de enrolar as mangas no mínimo três vezes, mas ao menos era comprida o suficiente para cobrir minha nudez, uma vez que minha

calcinha continuava sumida. Jack vestiu apenas uma calça jeans e, enquanto eu descia a escada descalça atrás dele, tive que fazer um enorme esforço para não estender a mão e corrê-la pelos músculos de suas costas. Ele era como uma obra de arte primorosa ou uma linda escultura que subitamente eu podia tocar.

O calor do fogão Aga garantiu que a cozinha estivesse quentinha e aconchegante, por isso, ainda que eu não estivesse usando nada além da camisa fina, não senti frio. Enquanto esperávamos que a água fervesse, Jack me puxou mais uma vez para os seus braços e me beijou. A aspereza em seu rosto foi outra nova sensação a ser explorada enquanto meus dedos passeavam sobre os pelos escuros que despontavam.

– Ainda não consigo acreditar que isso... que nós... que isso aconteceu de verdade – Jack sussurrou com a boca colada em meus cabelos.

– Não? – perguntei, inclinando-me para trás, a fim de ver seu rosto.

Havia um meio sorriso em seus lábios.

– E, no entanto, não sei por que não acredito, afinal nos últimos meses venho tendo sonhos bem explícitos sobre nós dois.

Senti o calor invadir o meu rosto, mas não baixei o olhar.

– Sr. Monroe! – exclamei, tentando soar como uma heroína de Jane Austen escandalizada, o que era difícil de conseguir quando eu estava encostada em uma parte muito firme e proeminente do corpo dele.

Uma parte que eu não conseguia recordar que nenhuma personagem da Srta. Austen já tivesse mencionado.

– Você não tem nem ideia – disse ele, provocando-me no pescoço.

A chaleira ferveu, mas nós dois a ignoramos.

– Eu só lamento que tenha demorado tanto para a gente chegar aqui e que agora tenhamos tão pouco tempo juntos antes de eu ir embora.

De repente fiquei muito feliz por não estar olhando para Jack. A realidade ainda não havia nem começado a romper a bolha na qual eu vinha flutuando alegremente nas últimas 12 horas. Talvez eu só estivesse sendo ingênua, mas não me ocorrera que, depois daquela noite, Jack ainda sairia da minha vida por vontade própria.

– Você não pode... não pode ficar um pouco mais? – perguntei, hesitante, com a boca encostada à pele logo abaixo da sua clavícula.

– Eu queria poder, mas simplesmente não é possível.

Fez-se uma pausa muito longa. O único som na cozinha era o suave zumbido da geladeira e das minhas esperanças despedaçando-se.

Com toda a delicadeza, Jack ergueu meu queixo:

– Não foi só uma transa de uma noite, Emma. Sabe disso, não sabe?

Assenti em silêncio, sem saber que rumo a conversa tomaria.

– Vamos encontrar uma forma de fazer isso funcionar – prometeu ele, baixinho. – A gente vai continuar a se ver. Dou um jeito de vir aqui a cada três

meses, mais ou menos, e podemos combinar de você ir me visitar...

– Um relacionamento a distância – sussurrei, olhando além dele, para a luz do sol, que, brilhante como uma joia, atravessava as portas de vidro como se fosse uma navalha, e tentei não deixar que ele visse o momento em que meus sonhos foram estilizados por suas palavras.

Não sei o que eu estivera esperando... não, aquilo era mentira, eu sabia, e decididamente não era um relacionamento a distância. Eu tinha desejado tudo: compromisso, uma promessa, um futuro.

– Sei que vai ser difícil – continuou Jack, com os braços entrelaçados nas minhas costas –, mas se nós dois tentarmos de verdade, vamos conseguir.

Tentei dar um sorriso, e ele não me pareceu inteiramente natural. Era inegável que havia algo de real e poderoso entre nós. Mas só agora eu começava a perceber que tínhamos ideias muito diferentes sobre nossos próximos passos. A visão de futuro de Jack talvez fosse diferente da minha, mas se havia uma coisa da qual eu jamais poderia acusá-lo era de não ser intuitivo ou de não ser capaz de me compreender bem o suficiente para saber quando alguma coisa estava errada.

– Isso não vai funcionar, não é? Não era o que você queria...

Senti a ferroadada das lágrimas e pisquei, tentando afugentá-las, mas tinha de ser sincera com ele.

– Não. Não exatamente.

Ele se mostrou triste pela primeira vez naquele dia, e odiei o fato de ter sido eu a colocar aquela expressão em seu rosto.

– Nós dois sabíamos. Era o que me dava medo em relação a deixar que isso acontecesse. Você tem compromissos e uma família que não pode abandonar, e eu também. Talvez tivesse sido melhor se nós nunca...

Eu o calei colocando os dedos sobre os lábios dele.

– Não. Não diga isso. Nem mesmo pense nisso.

Sorrimos um para o outro com tristeza, e eu fiz de tudo para não deixar transparecer no rosto o que eu estava sentindo. Havia motivos concretos que nos mantinham em lados diferentes do mundo, mas de quem seriam os mais válidos? O que Jack estava me oferecendo era muito mais do que ele em geral estava preparado para dar, e muito menos do que eu queria dele.

– Não quero perder você – disse Jack, e quase acabou comigo.

– Então fique – retruquei, sabendo quanto estava sendo injusta ao pedir a ele que deixasse para trás a filha que encontrara havia tão pouco tempo.

– Venha comigo – contrapôs.

Neguei com a cabeça enquanto imagens de um futuro hipotético e desejado cruzavam a minha mente.

– Podemos encontrar uma saída, Emma. Pense nisso e então...

Ele fez uma pausa e me beijou com tanta habilidade que qualquer

pensamento coerente se tornou impossível

—... e então é só dizer “sim”.



Eu amei a intimidade de prepararmos o café da manhã juntos, amei o fato de ele não conseguir passar por mim sem um beijo rápido ou um toque mais prolongado, e mesmo do outro lado da cozinha eu podia sentir seus olhos em mim enquanto preparava ovos mexidos e torradas. Quando nossa fome estava satisfeita – ao menos a de comida –, decidi arrumar a bagunça que tinha feito, mas Jack segurou meu punho quando passei por sua cadeira, detendo-me sem esforço.

– Deixe – pediu ele. – Faço isso mais tarde. Agora, prefiro fazer isso.

Então ele se levantou. Sem fazer força, ele me ergueu e me colocou sentada na beirada da bancada da cozinha, igualando a nossa altura. Seus braços deslizaram por trás de mim e os meus enlaçaram seu pescoço. Ele enroscou os dedos nos meus cabelos, mantendo-me próxima, e me beijou com intensidade crescente, até que nós dois ficamos sem fôlego.

– Não acredito que só temos mais quatro dias juntos – murmurei, pesarosa, com os lábios encostados na lateral do seu pescoço.

– Nem isso – replicou, triste.

Eu me remexi em seus braços e me inclinei para trás, para ver seu rosto.

– Tenho reuniões marcadas em Londres nos próximos dois dias. Não posso adiar. Fiz reserva em um hotel para duas noites.

Devo ter escondido mal a decepção que senti ao roubarem de mim o tempo que achei que teríamos juntos. Jack se mostrou igualmente infeliz.

– Venha comigo. Minhas reuniões não vão durar o dia todo, e mesmo que durem... – prossegui, sua voz mais grave —... teremos as noites.

Trocamos um olhar secreto e íntimo, que os recém-apaixonados do mundo todo reconheceriam num instante.

– Está bem – concordei, sem pensar.

Dois dias e, ainda mais tentador, duas noites com ele? Eu teria sido idiota se dissesse não.

O sorriso de Jack mudou quando ele me puxou outra vez para si. Eu me perdi em nosso beijo e nas deliciosas sensações que me percorriam enquanto ele desabotoava minha camisa sem pressa. A mão foi se deslocando vagarosamente pela minha pele ardente, cobrindo meus seios quando os dedos encontraram o mamilo enrijecido. Gemi com a boca encostada na dele e o som com o qual ele me respondeu quase abafou os murros distantes que alguém desferia contra a porta da frente.

Gelei em seus braços, mas ele não deixou que eu me afastasse.

– Ignore – rosnou. – Vão embora em um minuto. Deve ser o carteiro.

Sua língua em minha boca silenciou a minha resposta. As batidas persistiram por mais outro minuto e uma vozinha minúscula tentou penetrar a névoa de desejo que me envolvia para me lembrar de que era domingo e, portanto, *não* havia entrega dos correios. Ignorei tanto a voz quanto as batidas impacientes, concentrando-me exclusivamente no calor que me invadia enquanto Jack enfiava a mão por baixo da camisa e me puxava de encontro ao membro rijo que despontava por baixo do jeans. As batidas cessaram.

– Viu? Eu disse que iriam embora – murmurou.

Minhas mãos, que até ali tinham estado apoiadas em seus braços, dirigiram-se ao fecho da calça. Na minha visão periférica, capturei o fugaz deslocamento de uma sombra, o que, felizmente, paralisou meus dedos no zíper. Os murros retornaram, só que dessa vez estavam muito mais próximos, e sua fonte era agora evidente no vulto grande e furioso de um homem a martelar as portas de vidro.

Todos os piores pesadelos que eu já tivera se realizaram nos minutos seguintes. Jack e eu nos afastamos tão rápido que minha nudez ficou óbvia para a pessoa que estava atrás das portas de vidro. Minhas mãos tremiam enquanto eu me cobria, apressada, com as pontas da camisa aberta.

– Por que é que você não atende à droga do telefone?

A voz de Richard era um rugido furioso. Jack já se encaminhava para a porta enquanto eu permanecia imobilizada, em choque, na bancada.

– O quê? – perguntei, quando consegui falar.

Jack destrancava a porta, e Richard continuava a berrar comigo através dela.

– O seu telefone, Emma! Onde diabo enfiou o telefone? Por que não está atendendo? Estou tentando falar com você há horas!

O clique do desengate do trinco foi abafado pela entrada de Richard, que invadiu o aposento como um torpedo, sem nem ao menos olhar para Jack, lançando-se na minha direção como se fosse um touro raivoso. Ainda aturdida e confusa, desci desajeitadamente da bancada enquanto Richard se aproximava. Foi detido a mais ou menos um metro de mim pela mão de Jack, que se fechou, ameaçadora, em torno do seu braço. Richard se voltou contra ele com igual ferocidade.

– Tire essa mão de cima de mim! – cuspiu.

Após um segundo breve e apavorante, durante o qual a situação toda poderia ter se transformado em violência, Jack fez o que Richard pediu. No entanto, cobriu com agilidade a distância que nos separava, certificando-se de que poderia intervir se Richard desse algum sinal de que poderia me machucar.

Mas não era para aquilo que ele viera, a essa altura eu já sabia. À medida que o pavor atordoante que me capturara de início foi diminuindo, um presságio gelado começou a correr por minhas veias.

– Por que você não atendeu ao telefone? – trovejou Richard mais uma vez, e em sua fúria praticamente cuspiu o meu rosto.

Porque ele ainda está na minha bolsa, que ficou no banco da frente do carro, onde eu a deixei ontem à noite, na pressa de me atirar nos braços de Jack e ser carregada para a cama dele. Era isso, mas eu não diria.

– O que houve? – disparei de volta, ansiosa.

Mas Richard não foi racional nem sensato o suficiente para responder à minha pergunta de imediato. Considerando a cena que acabara de interromper e que claramente vira pela janela, não era nenhuma surpresa.

– Seu pai está desesperado tentando falar com você. Achou que você tivesse passado a noite comigo! – disse com amargura, lançando a Jack um olhar enojado antes de se voltar para mim. – Acho que não se deu conta de que você é do tipo que sai trepando por aí.

Ouviu-se um som furioso, e a mão de Jack surgiu outra vez, agora empurrando o ombro de Richard com força, lançando-o para trás.

– Já chega – avisou, e sua voz soara mais apavorante pelo tom grave da advertência do que se ele estivesse gritando com Richard.

– O que aconteceu? Foi porque eu não voltei ontem à noite?

Senti a culpa me atravessar como uma flecha. Não pensara nos meus pais e em quanto ficariam preocupados se eu não voltasse para casa. Eu estivera tão concentrada em Jack que não pensara neles – simples assim. Fiquei mortificada com a minha negligência.

– Não é o *seu* desaparecimento que está deixando todo o mundo preocupado – retrucou Richard, destilando veneno. – É o da sua mãe.

Um momento se passou sem que ninguém dissesse nada. Eu tive a sensação de estar oscilando na beira de um abismo enquanto a terra sob meus pés começava a desmoronar. Sem pensar, estendi as mãos na direção de Richard e agarrei o tecido das mangas da sua camisa.

– Há quanto tempo ela está desaparecida?

Ele balançou a cabeça.

– Ninguém sabe. Seu pai acordou esta manhã às seis, e ela já tinha sumido.

Dei um pequeno gemido de desespero.

– Onde vocês procuraram?

– Em todos os lugares. Procuramos por toda parte. Já temos experiência.

Eu o vi dirigir um olhar rápido e desdenhoso para Jack, que subitamente se tornou um completo estranho no drama que se desenrolava.

– Ligamos para a polícia há duas horas. Estão organizando uma busca.

Minhas mãos soltaram os braços de Richard e voaram para cobrir minha boca. A camisa de Jack estava aberta em meu corpo, e os olhos de meu ex-noivo deslizaram por ele com a expressão da mais pura dor. Com uma das mãos, agarrei os dois lados da camisa com força, ao mesmo tempo em que me virava

e disparava em direção ao corredor.

– Me dê um minuto – gritei enquanto subia a escada ruidosamente, sem saber a qual dos homens eu dirigia o comentário.

Eu estava praticamente soluçando enquanto tateava debaixo da cama, aflita, à procura das minhas roupas. Jack apareceu instantes depois, levantando-me do chão e me entregando as peças que eu procurava em desespero. Peguei-as de sua mão de qualquer jeito, enquanto minha mente percorria em espiral cada desastre que poderia ter acontecido com minha mãe durante o tempo em que eu só estivera pensando em mim mesma.

– Vão encontrá-la – tranquilizou-me Jack, estendendo-me a blusa.

Eu a peguei de suas mãos sem dizer uma só palavra e enfiei os braços pelas mangas. Em muito menos tempo do que ele havia levado para me despir na noite anterior, eu estava vestida e corria escada abaixo.

Richard esperava no hall, ao lado da porta aberta, e em seu rosto a expressão era indecifrável.

– Organizaram grupos de busca na entrada do bosque.

Assenti sem nada dizer, seguindo para a porta aberta. De repente, meus passos vacilaram e eu me virei para o meu ex-noivo em pânico.

– Onde está meu pai? Ainda está em casa?

Richard segurou meu braço e começou a me impelir porta afora.

– Não. Está com uma policial, no local onde estão organizando a operação de busca. Ele se recusou a ficar em casa, disse que isso faria com que ele se sentisse inútil e que tinha que participar. Sua vizinha está esperando na sua casa, na hipótese de Frances voltar por conta própria.

Balancei a cabeça outra vez e tentei de toda forma não chorar. Ela nunca havia voltado sozinha para casa. Sempre tivemos de sair e encontrá-la.

– Já viram a escola toda? Você sabe como ela gosta de voltar...

Pela primeira vez houve um lampejo de compaixão nos olhos de Richard.

– Foi o primeiro lugar a que fui – asseguro. – Ela não estava lá. Mas eu liguei para o diretor e para alguns caras do departamento, e eles foram para lá e vão ficar até... até que a encontremos.

Olhei para ele agradecida.

– Obrigada.

Ele balançou a cabeça, olhando-me como se tivesse acabado de ver uma pessoa que, escondida atrás de uma máscara, ele quase reconheceria.

– Vamos. Nós dois estamos perdendo tempo aqui neste lugar.

Interessante escolha de palavras.

– Precisamos ir.

Ele começou a caminhar energicamente em direção ao carro, estacionado atrás do meu na entrada da garagem de Jack.

Jack Subitamente me virei em direção à casa. Eu nem me despedira. Hesitei

quando Richard, que já estava ao lado do carro, com a porta aberta, me olhou com impaciência. Olhei mais uma vez para a casa e senti que alguma coisa me partia ao meio. Então, de repente, Jack estava na porta, fechando-a ao sair. Vestira um suéter e botas e trazia as chaves do carro.

– Você vem? – perguntei, soando incrédula.

– É claro que vou – respondeu ele, esboçando um sorriso que eu não consegui retribuir.

– Emma!

O chamado de Richard era imperativo e urgente.

– Vá – instou Jack enquanto eu me virava e corria para o meu carro. – Estarei logo atrás de você.



Nunca havia participado de um grupo de busca, então não fazia absolutamente nenhuma ideia se o que havia ali era o usual, mas a quantidade de viaturas policiais, cães farejadores e voluntários me encheu de desespero. Sem falar no helicóptero que sobrevoava o local em círculos. Estacionei o carro de qualquer maneira em uma área de solo coberto de cascalho, onde já estavam uns vinte veículos, e corri para onde Richard esperava.

– Estão logo depois do riacho – avisou, sem se dar o trabalho de diminuir o ritmo dos passos. Não que isso importasse, porque eu já estava correndo.

– E meu pai?

– Também está lá.

Assenti e tentei me acalmar antes de encontrá-lo. Devia estar arrasado e a última coisa de que precisava era que eu estivesse do mesmo jeito.

– Como soube onde me achar? – perguntei, ofegante, enquanto contornávamos um pequeno matagal e o riacho surgia diante dos nossos olhos.

– Liguei para Caroline. Ela me disse onde você estava. Acho que era inevitável que eu fosse o último a saber.

Não havia nada que eu pudesse dizer e não era o momento para pensar no choque de Richard ou no seu ego ferido. Nada importava mais do que encontrarmos minha mãe sã e salva.

Diversas mesas haviam sido improvisadas e sobre elas haviam espalhado um enorme número de mapas da região. Embora o sol estivesse brilhando, o ar conservava o frescor pungente da tempestade da noite anterior. *O que será que mamãe estava vestindo quando saiu do quarto, desceu as escadas e passou pela porta da frente? Teria saído só de camisola, com um tempo daqueles? Será que vestira um casaco ou estava perambulando perdida por aí, descalça e morta de frio? Quanto tempo leva para uma pessoa ter hipotermia?* Em silêncio, balancei a cabeça, afastando tais pensamentos ruins, e corri na direção de um carro da

policia estacionado ali, do qual meu pai surgiu, trêmulo, com uma manta vermelha ao redor dos ombros.

Vi que ele chorava antes mesmo de eu me atirar em seus braços.

– Ah, paizinho! – gritei, abraçando-o, sem nem mesmo me dar conta de que o chamara como não o chamava havia mais de uma década.

– Emma, Emma, Emma – disse meu pai, com a voz tão trêmula quanto a mão com a qual alisava meu cabelo enquanto me mantinha em seus braços. – Onde ela está? Para onde ela foi? Onde está a minha Frannie?

Desvencillei-me de seus braços com todo o cuidado e o fitei. Ele parecia ter envelhecido uns vinte anos. Olhei para uma mulher uniformizada e de expressão gentil que aguardava ao lado do carro de policia, supondo que se tratasse da policia a que Richard se referira.

– Não se preocupe, Bill. Eu já lhe disse que vamos encontrá-la. Você só precisa confiar em nós. Sabemos o que estamos fazendo.

Não duvidei das palavras dela. Olhei à minha volta, e então outra vez em direção às mesas e ao grupo de policiais que escutava atentamente as instruções dadas por um homem alto e grisalho – o detetive encarregado, imaginei. Além dos policiais uniformizados, havia quatro outros com cães, que agora farejavam o casaco cor-de-rosa de minha mãe. Era o que ela estava usando da última vez que eu a vira. Sentindo-me impotente, dei um pequeno arquejo enquanto observava que o cães cheiravam o casaco com avidez para então começarem a puxar a coleira com força, todos ansiosos pelo início da busca.

– Vou até ali conversar com o policia encarregado – avisei, dirigindo-me a meu pai, enquanto pressionava de leve a sua mão.

– Os voluntários estão todos concentrados ali – informou a policia que acompanhava meu pai, apontando para uma multidão reunida a alguma distância das mesas.

Meu queixo caiu.

– Quem é essa gente toda? De onde eles saíram?

– São nossos vizinhos e amigos – respondeu meu pai, com tristeza.

A policia pousou a mão em seu ombro, em um gesto confortador, e eu percebi, então, que gostava um bocadinho dela. Ela era exatamente aquilo de que meu pai estava precisando naquele momento.

– Vou me juntar a eles – disse ele, afastando-se do carro com alguns passos vacilantes.

Meu olhar de pavor foi espelhado pelo de Richard, que ficara um pouco de lado enquanto eu falava com meu pai.

– Não, Bill – começou a policia, com delicadeza. – Lembre-se do que combinamos. Você precisa ficar aqui no carro comigo; assim, quando encontrarmos Frances, podemos levá-lo direto até ela.

Meu pai assentiu com a cabeça. Graças a Deus que se dispôs a escutar a

policial, porque ele mal parecia ter força suficiente para ficar de pé sozinho, quanto mais para sair caminhando pelo bosque atrás da esposa.

– Obrigado por trazer Emma para mim, rapaz – disse a Richard. Eu sabia que ela estaria bem se estivesse com você.

Olhei para Richard, esperando que ele me atacasse com palavras e com a verdade. Não era exatamente o que eu merecia?

– Sim. Ela estava comigo, Bill. Eu lhe disse que a traria de volta.

– Por que vocês dois não se juntam aos voluntários? – sugeriu a policial. – Vão dividir e atribuir as áreas de busca agora, e vocês precisam ouvir o que têm que fazer.

Concordamos com um gesto de cabeça e atravessamos a grama áspera até a multidão reunida em silêncio.

– Obrigada por dizer aquilo – disse eu, agradecida, varrendo o grupo com os olhos e encontrando uma figura alta e solitária, parada a alguma distância dos demais. Comecei a me virar na sua direção.

– Tudo bem – respondeu Richard com amargura, virando-se para o lado oposto da multidão.

Antes de se dirigir ao grupo como um todo, o policial encarregado me puxou para o lado e rapidamente explicou o progresso da busca até ali e como se propunham a prosseguir. Eu esperava que Jack, de pé ao meu lado com o braço reconfortantemente sobre o meu ombro, estivesse escutando, porque, das profundezas do pânico que ameaçava me consumir, eu estava tendo grande dificuldade de entender o que ele me dizia. Só captei que, enquanto os voluntários percorriam a vasta área arborizada próxima à nossa casa, policiais iriam de porta em porta fazendo perguntas e procurando nos jardins. Ele me informou que nenhuma vítima de acidente rodoviário havia sido levada para os hospitais locais nas últimas seis horas, o que, imagino, tinha o intuito de me tranquilizar, mas só serviu para que eu me desse conta de que mamãe podia, ainda assim, ter sido atropelada e estar caída, ferida, em um acostamento qualquer. De repente vi a imagem de Amy na minha mente e ergui os olhos na direção de Jack. Pela forma como ele apertou a minha mão compreendi que a mesma lembrança lhe ocorrera.

Percebi, logo de cara, que a polícia não esperava de fato que nenhum voluntário encontrasse mamãe. Os cães e os policiais já haviam tomado a dianteira da longa e serpenteante corrente de voluntários. Ainda assim, seguimos as instruções e acompanhamos o pequeno grupo de policiais que ia uns 50 metros à nossa frente. Em uma lenta procissão, atravessamos o campo amplo e acidentado, ainda encharcado da chuva da noite anterior, cada par de olhos voltado fixamente para o solo.

Os cães corriam à frente a uma velocidade considerável, então imaginei que ainda não tivessem encontrado um rastro. Ou seria justamente o contrário? De

repente, desejei ter prestado mais atenção naqueles programas de TV sobre perícia criminal, porque eu não tinha a menor ideia do que estávamos procurando ao esquadrihar o chão em busca de alguma pista desconhecida e que eu provavelmente não reconheceria. Talvez Jack, dada a natureza do que escrevia, tivesse mais noção do que estava acontecendo, mas, apesar de ele estar caminhando ao meu lado e de sua mão estar segurando a minha com firmeza, eu tinha a sensação de que um abismo profundo ia se abrindo entre nós.

A cada tropeção que eu dava pela grama molhada, sentia o peso da culpa me arrancar dele. Se eu não tivesse ficado na casa dele, será que mamãe teria desaparecido? Será que ela tinha deixado a segurança da nossa casa para me procurar, ao encontrar a minha cama vazia? Ou, voltando lá para o começo, se eu tivesse ficado com Richard, se nunca tivesse terminado o noivado, será que isso teria mudado os acontecimentos de agora? Eram perguntas que jamais poderiam ser respondidas, e eu tinha medo de fazê-las em voz alta.

– Vai ficar tudo bem. Nós vamos encontrá-la – disse Jack, por fim, levando minha mão aos lábios e beijando os nós dos meus dedos como se quisesse selar a promessa.

Mas até mesmo o seu toque, ao qual eu nunca pudera resistir, não me trouxe conforto nem me afetou naquele momento. Era o outro lado da moeda da felicidade que eu havia sentido na noite anterior. Aquele era o preço a pagar por ela, e subitamente eu o achei alto demais.

– Você não sabe. Não tem *como* saber. Ela pode estar em qualquer lugar. Pode estar caída inconsciente em uma sarjeta... pode estar ferida... alguém pode tê-la levado embora...

Cada possibilidade era ainda mais apavorante que a anterior, e a preocupação tomou conta do rosto de Jack diante da minha aflição e da sua incapacidade em aliviá-la.

– Emma! Emma!

Eu me virei rapidamente ao ouvir a voz familiar que me chamava a certa distância. Não era a resposta às minhas preces; não era alguém avisando que minha mãe tinha sido encontrada sã e salva, mas era quase. Soltei-me da mão de Jack e corri pela grama até Caroline e Nick, que abriam caminho entre o grupo de voluntários, ambos carregando objetos grandes e chatos, impossíveis de identificar de tão longe. O que quer que fosse aquilo em suas mãos, Caroline o pôs na grama e correu para mim.

Atirei-me nos seus braços com velocidade suficiente para fazer com que nós duas perdêssemos o fôlego. Por um instante, ela me deixou chorar no tecido acolchoado do seu casaco antes de enfiar a mão no bolso, pegar um lenço de papel dobrado e entregá-lo a mim.

– Como você está? – perguntou ela, analisando-me com atenção quando terminei de assoar ruidosamente o nariz.

– Estou bem. Ou vou ficar, quando a encontrarmos.

Caroline assentiu com a cabeça, mas havia uma ligeira expressão de preocupação em seu rosto. Olhou por cima do meu ombro quando sua atenção se voltou para a figura que havia me seguido.

– Oi, Jack.

Eu me virei e vi que o breve sorriso com o qual ele a cumprimentara viera contrabalançado por uma expressão de ansiedade diante do meu desespero.

– Não se preocupe, eu me viro com as duas bandejas – interrompeu Nick, trazendo-nos, com o seu leve sarcasmo, uma normalidade muito necessária.

Ele havia apanhado do chão o objeto que Caroline segurava, e agora lutava para carregar duas enormes bandejas de bebidas da cafeteria local.

– Deixe-me ajudar – ofereceu Jack, adiantando-se e tirando uma das bandejas das mãos de Nick.

– Obrigado – disse Nick, grato. – Aliás, eu sou Nick, namorado de Caroline – acrescentou. – Eu apertaria sua mão, mas...

Fez um aceno com a cabeça, indicando a bandeja.

– Tudo bem. Eu sou Jack.

– Ele sabe quem você é – interrompeu uma voz ríspida.

Dei um pulo. Não havia percebido que Richard se juntara a nós. Houve um instante desagradável, felizmente salvo por Caroline, que foi até Richard e o cumprimentou com um abraço. Eu a vi sussurrar alguma coisa com veemência em seu ouvido antes de se soltar de seus braços, e os lábios dele se contraírem, tensos, como reação às palavras dela.

Foi Nick quem, mais uma vez, deu um fim ao mal-estar.

– Que tal distribuir essas bebidas aos voluntários antes que esfriem?

– Claro, claro, por que você dois não fazem isso? – sugeriu Caroline, despachando Nick e Jack para cumprirem a missão.

Fez-se mais um instante desconfortável quando ficamos só nós três e nos entreolhamos.

– Vocês dois querem dar uma palavrinha em particular... – começou a perguntar Caroline, que foi interrompida por Richard e por mim gritando “não” em perfeito uníssono.

Era a primeira vez, em semanas, que estávamos de acordo em relação a alguma coisa. Richard olhou para mim uma última vez, com uma expressão que não traía nenhuma emoção, antes de anunciar com aspereza:

– Vou voltar para o grupo.

Percebi pela postura de seus ombros quando se afastava, pisando duro, que estava, em igual medida, furioso e magoado.

– Então Richard a encontrou na casa de Jack?

– Encontrou – respondi com amargura enquanto voltávamos com passos enérgicos para junto dos voluntários.

Caroline pegou minha mão e a apertou.

– Desculpe. Ele estava desesperado tentando encontrá-la e seu pai estava enlouquecido. Eu *tive* que dizer a ele.

– Não, tudo bem. Eu entendo.

– Não foi constrangedor nem nada assim, foi? – perguntou ela.

Com umas poucas e sucintas frases descrevi o momento no qual Richard chegara perigosamente próximo de assistir a um filme pornô particular, no qual a ex-noiva fazia sexo na cozinha com outro homem.

– Que meerda! – exclamou Caroline.

Em seguida, ficou um instante em silêncio, pensando naquela situação.

– Bem, o projeto “Vamos deixar o Richard com ciúmes” certamente parece ter funcionado – concluiu ela.

Tirei os olhos do mapa da área para dizer a ela que a realidade tinha sido bem diferente daquilo que ela imaginara, mas notei que Jack havia se juntado a nós, trazendo uma bandeja de café vazia. Foi preciso só ver seu rosto paralisado pelo choque para saber que ele ouvira o que Caroline acabara de dizer.

Por sorte, naquele instante, nossa atenção foi desviada por um helicóptero que dava voltas sobre o local. Ele pairou algum tempo acima da multidão antes de partir em direção à floresta.

– A coisa tem de estar muito feia para que eles usem um helicóptero – observei, taciturna.

– Não necessariamente – comentou Nick, que também concluíra a distribuição da sua bandeja de bebidas. – É só mais um recurso. Que bom que estão levando a sério.

Fiquei olhando a máquina se afastar, longe de me sentir tranquilizada com o fato de a busca estar ganhando a escala de uma verdadeira operação policial. E como se eu precisasse de mais evidências, chegou uma ambulância.

Senti a cor sumir do meu rosto.

– Será que a encontraram? – perguntei, mas minha voz era um sussurro apavorado. – Para que essa ambulância?

Vi três rostos muito assustados trocarem um olhar de preocupação.

– Vou lá descobrir – prometeu Jack, dando-me um beijo rápido no rosto antes de sair correndo em direção à fila de policiais, que agora estava a uma boa distância do restante do grupo.

– Ele realmente parece gostar de você – disse Caroline baixinho.

Balancei a cabeça, dispensando o comentário.

– Não posso pensar nisso agora. Não posso pensar em nada. Não até que mamãe seja encontrada.

– Eu sei – disse ela, pegando minha mão e a apertando.

Enrosquei meus dedos nos dela, que estavam protegidos por uma luva de lã, e senti um objeto estranho, de contornos rígidos, projetando-se por baixo do tecido

no dedo anular. Meus olhos encontraram os dela, mas Caroline apenas assentiu, suavemente, suavizando a enormidade da notícia.

– Isso também pode esperar até que sua mãe seja encontrada – sussurrou.

Não creio que em nenhum outro momento eu a tenha amado mais ou apreciado sua amizade tanto quanto naquele instante.

Jack estava de volta dali a poucos minutos e trazia uma atualização. Ele fora e voltara correndo e, no entanto, não parecia estar sem fôlego.

– A ambulância está aqui só por precaução, para *quando* a encontrarem.

Acho que todos notamos a ênfase que ele deu a “quando”, em vez de “se”.

– Ainda não tiveram sorte nas ruas próximas à sua casa, então estão ampliando a busca. Os hospitais não têm novidades... o que é uma boa notícia.

Nada daquilo me soou como boa notícia. Tudo me soava péssimo. E estava prestes a piorar ainda mais, pois Caroline notou a chegada de uma van com escritos enormes na lateral, que parou logo ao lado da ambulância.

– Que ótimo. Urubus malditos. Não demoram nada a farejar que tem alguma coisa no ar, não é?

Virei-me para checar sobre o que ela estava falando e vi a van que trazia o emblema do canal de TV local. Três pessoas saltaram do veículo; uma delas carregava uma câmera e outra um longo microfone.

– O dia deve estar sem notícias, para justificar que uma mulher doente e assustada apareça no noticiário das seis – comentei, amarga.

– Deve ser por causa do casamento, do acidente e de tudo o mais – arriscou Caroline, e eu sabia que ela provavelmente tinha razão.

Nossa tragédia pessoal estampara os jornais locais durante semanas, e esse capítulo novo e tenebroso só acrescentava um pouco mais à história.

Nosso progresso foi lento, mas por fim chegamos ao limiar da densa floresta. Os policiais dividiram o grupo maior em setores menores, aos quais atribuíram trilhas a ser seguidas. A essa altura, mamãe desaparecera havia pelo menos nove horas, e era difícil eu me concentrar em alguma coisa que não fosse imaginar o frio, o cansaço e a fome que ela devia estar sentindo.

Jack tomou meu braço quando entramos na floresta, onde a lama tornava o solo irregular e escorregadio. Olhei para trás, por cima do ombro, e percebi que Caroline e Nick seguiam próximos pela trilha. De repente meu olho captou um breve movimento e, quando espiei por entre as árvores, vi que Richard corria de volta para o estacionamento.

– Para onde ele vai com tanta pressa? – perguntou Nick.

Dei de ombros e me concentrei em não ser atingida no rosto pelos muitos galhos baixos da floresta enquanto seguia Jack pelo declive escorregadio. A polícia achava pouco provável que minha mãe tivesse se aventurado floresta adentro, mas eu pensava diferente. Paisagens vistas através de uma cortina de galhos fora uma marca registrada de muitas de suas obras, e embora ela já não

pintasse nada do tipo, ainda gostava de longas caminhadas pela floresta, qualquer que fosse o tempo. Aquele era *justamente* o tipo de lugar que a teria atraído.

Enquanto avançávamos de alguma forma, fomos localizados pela equipe da TV e por alguns repórteres do jornal e da rádio locais.

– Poderia nos dar uma breve declaração, Srta. Marshall?

Balancei a cabeça e me afastei.

– Sua mãe já fez isso antes? Como seu pai está lidando com a situação?

Baixei a cabeça e apertei o passo, tentando ser mais rápida que eles e suas perguntas invasivas.

– Ela representa um perigo para si mesma? Ou para outra pessoa? – perguntou uma repórter de voz rude.

Fiquei paralisada e senti a fúria se cristalizar no meu rosto. Jack interveio imediatamente. Segurou meu pulso e me olhou nos olhos, com um meneio de cabeça quase imperceptível.

– Deixe. Eu me livro deles – disse baixinho, passando por mim para se postar diante do pequeno bando de jornalistas.

– Olhe aqui, pessoal, eu sei que vocês só estão trabalhando, mas este não é o melhor momento para declarações. Estou certo de que, mais tarde, se a Sra. Marshall ainda estiver desaparecida, vamos precisar muito da sua ajuda e apoio para envolver o público na busca. Mas, neste instante, sejamos seres humanos decentes e vamos dar um pouco de espaço para a família.

Assentindo, ligeiramente envergonhado, o grupo começou a se dispersar e a deixar a floresta em direção à área descampada. A repórter de voz rude foi a última a partir e, antes de seguir os outros, voltou a atenção para Jack, estreitando os olhos.

– Você é Jack Monroe, o escritor? – disparou ela, ansiosa, com os olhos faiscando diante da possibilidade de uma celebridade estar, de alguma forma, envolvida na história que se desenrolava.

Jack fez que não e mentiu de forma incrivelmente convincente.

– Não. Não sou, não. Mas me perguntam isso com frequência, então acho que devemos ser parecidos.

– Obrigada – agradei quando Jack retomou a posição à minha frente na trilha, depois de se certificar de que os jornalistas de fato tinham partido. – Não tinha me ocorrido que a gente talvez possa precisar deles.

– Bem, esperemos que não – acrescentou ele, sombriamente. – De qualquer forma, nunca vale a pena irritar a imprensa.

Pouco tempo depois, meu coração quase parou, quando suspeitei ter encontrado alguma coisa. Estávamos muito embrenhados na floresta, em um local onde pouca luz natural conseguia penetrar as copas das árvores. O caminho era estreito e acompanhava uma barragem íngreme, com um riacho de águas rápidas e vigorosas embaixo.

– Cuidado com o lugar onde pisa – advertiu Jack, esticando o braço para o caso de eu precisar me apoiar nele.

Corri os olhos pela barragem e vi algo amarelo na base do declive. Algo que parecia ser da mesmíssima cor da echarpe favorita de minha mãe. Agarrei a manga do suéter de Jack e aponte, em silêncio.

– O que é? – perguntou ele aproximando a cabeça da minha e seguindo meu dedo.

– Tem algo ali embaixo... Acho que é a echarpe da mamãe.

Sem parar para pensar no perigo, Jack deixou a trilha e começou a descer. As margens eram íngremes, não havia muito em que se segurar e seus pés escorregaram várias vezes, deixando-me sem ar até que eu o visse se equilibrar outra vez.

Espiei o máximo que pude por cima da borda, respeitando o risco de eu descer a barragem, só que com muito menos controle do que Jack. Caroline e Nick se aproximaram de mim e cada um se postou de um lado, Caroline passando o braço pelo meu. Jack sumiu de vista por trás de um arbusto, e eu tive um momento de pânico. E se não fosse só o lenço dela, lá embaixo? A vegetação era densa e rasteira, espessa o bastante para ocultar um corpo.

Jack subiu o declive tão silenciosamente que nem percebi que o fizera até ouvir o farfalhar das folhas e vê-lo se erguer e surgir outra vez ao meu lado. Balançou a cabeça, pesaroso, trazendo nas mãos o artigo amarelo-vivo que chamara a minha atenção. Era um cachorrinho de brinquedo, a pelagem amarela gasta em algumas partes e saturada pelo tempo passado dentro do riacho. Estendi a mão e peguei o objeto encharcado enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

– Sei que vai soar idiota, mas, quando eu era pequena, mamãe e eu tínhamos uma história favorita que ela lia para mim. Era sobre um menino que perdeu o cachorrinho de pelúcia favorito.

Minha voz falhou.

– Era igualzinho a este.

Jack me abraçou e eu chorei ruidosamente, enquanto Caroline e Nick tentaram fingir que não estavam ali. Jack tinha acabado de conseguir transformar meus soluços em choramingos quando ouvimos o barulho. O silêncio da tarde fora interrompido por um estridente e familiar lamento de dois tons. Era a sirene de um dos veículos de emergência. Bruscamente, parecendo um animal assustado, afastei a cabeça do peito de Jack. Uma segunda sirene se uniu à primeira e em seguida vieram três ruídos longos – a buzina de um carro –, que se repetiram sem parar.

– Alguma coisa aconteceu – exclamei, soltando-me dos braços de Jack e já me virando. – Temos que voltar.

Acho que todos os três gritaram pedindo que eu fosse mais devagar ou que

tivesse cuidado, mas ignorei a prudência e comecei a correr com passadas largas e pesadas em direção ao limite da floresta. Jack me alcançou com facilidade e, assim que a trilha alargou o suficiente, tomou a minha mão e corremos juntos. Nossos pés voaram pela superfície enlameada, até que ela finalmente foi substituída por grama e a ambulância ficou visível a distância. Por toda a extensão da floresta, outros socorristas surgiram em meio às árvores, atraídos pela convocação das sirenes.

À primeira vista, a cena deve ter parecido bizarra: o desorganizado grupo de voluntários correndo em massa em sua direção, liderados por um homem alto que segurava a mão de uma jovem com ar de desespero. Ao nos aproximarmos, vi que o carro da polícia que acompanhava meu pai acabara de ser estacionado mais próximo da ambulância e que o detetive de cabelos grisalhos ajudava meu pai a saltar. Ele se abaixou para escutar alguma pergunta que meu pai deve ter feito, então apontou na direção de onde eu ainda corria para alcançá-los.

Senti uma pontada aguda na lateral do corpo, como se fosse uma facada, mas a ignorei diante do ruído de dois veículos que se aproximavam em alta velocidade, juntando-se à sinfonia de sirenes. Desviei a vista de meu pai e olhei em direção à estrada. O primeiro veículo era um carro da polícia com a sirene aos berros e as brilhantes luzes azuis faiscando. O segundo veículo foi uma surpresa. Era o carro de Richard.

A viatura da polícia freou guinchando. O carro de Richard parou ao seu lado com um estilo só um pouco mais discreto.

Richard saltou correndo e deu a volta para abrir a porta do carona. Eu ainda não conseguia enxergar direito, mas naquele momento era porque as lágrimas já escorriam pelo meu rosto. Ergui as mãos e as afastei furiosamente dos olhos sem nem notar que Jack havia soltado a minha mão e eu agora corria sozinha.

Com todo o cuidado e gentileza – mas ele sempre fora assim com ela, não era só naquele momento –, Richard estendeu a mão ao lado da porta aberta e ajudou minha mãe a saltar do veículo.

Para chegar até ela, saí empurrando e abrindo caminho em meio a um círculo de pessoas aglomeradas. Meu pai foi mais rápido, e a tomou nos braços e a apertou com tanta força que me pareceu que nunca mais a soltaria. Ele se virou e me viu ali, de pé, com o rosto banhado por lágrimas de alívio, exatamente como o dele.

– Emma – chamou, com a voz rouca, abrindo um dos braços para mim.

Voei em direção ao espaço que os dois criaram, o corpo todo tremendo de alívio. Minha mãe, espremida entre os dois familiares muito emocionados, parecia um pouco alarmada e desconcertada com o nosso comportamento.

– Por onde você andou, mamãe? Ficamos tão preocupados! – falei, enfim.

Meu pai parecia ainda longe de recuperar a coerência da fala e a capacidade de fazer perguntas sensatas.

Mamãe parecia genuinamente confusa e olhou com curiosidade para a multidão que compartilhava o nosso emocionante reencontro.

– Foi mesmo? Por quê? – perguntou ela. – Eu saí por *sua* causa, Emma.

Era o que eu temera o tempo todo. Que ela tivesse saído à minha procura. Estendi a mão para tirar um galhinho do seu cabelo, notando, pela primeira vez, que seu rosto estava sujo de terra em vários pontos.

– Você saiu para me procurar?

Minha voz saiu rouca de tanta culpa.

– Não. Você, não – corrigiu mamãe como se eu fosse pequena outra vez e tivesse acabado de dizer algo encantador. – *O seu anel*.

Meu pai e eu nos entreolhamos, perplexos. Mamãe fez um barulhinho de desaprovação como se fosse imensamente cansativo ter que lidar com gente que não acompanhava seu raciocínio.

– O seu anel *de noivado* – esclareceu, falando devagar e alto o bastante para que todos ouvissem. – Eu saí para procurar o seu anel de noivado que sumiu.

Pela primeira vez, desviei o olhar de minha mãe e o fixei em Richard, que se encontrava de pé não muito longe dali, observando atentamente nós três. A pergunta estava escrita em meu rosto, eu não precisei expressá-la. Ele passara anos e anos lendo minhas expressões faciais, então sabia o que eu estava perguntando.

Ele fez que sim com igual incredulidade estampada no rosto.

– É, eu sei. Mas foi lá mesmo que a encontrei: no fundo da Farnham Ravine, procurando o nosso anel de noivado.

Ouviram-se vários arquejos de assombro vindos da multidão e identifiquei com clareza a exclamação de choque do meu pai:

– Oh, Frannie!

Eu estava chocada demais para dizer alguma coisa. Dei um passo vacilante na direção de Richard.

– No despenhadeiro?

Minha voz soou oca, fantasmagórica.

Ele fez que sim.

– Lá no fundo? Ela caiu?

Ele fez que não.

– Graças a Deus, não! Mas foi o que pensei logo que a vi ali. Só que eu estava enganado. Ela simplesmente desceu até lá. Disse que já fez isso antes.

Pensei no quadro pendurado na nossa sala. Sim, ela já tinha feito aquilo, só que havia muitos e muitos anos.

– Como... como...

Eu balancei a cabeça, como se aquilo fosse me ajudar a encontrar sentido no que eu estava ouvindo.

– Não estou entendendo. De onde ela tirou a ideia de ir até lá? E como foi que

você percebeu que era lá que ela estava?

Richard deu de ombros.

– Não sei direito como foi que cheguei à conclusão. Acho que a busca pelo campo me fez recordar de quando eu estava procurando o anel, lá no despenhadeiro... então lembrei que sua mãe escutou a nossa conversa no corredor, algumas semanas atrás... bem, eu só segui um palpite... e... era lá que ela estava.

Não era minha intenção fazer aquilo. Se alguém tivesse me perguntado apenas alguns minutos antes, eu teria dito que nada neste mundo *já* me convenceria a fazer aquilo de novo. Mas quando tudo ficou claro, quando percebi que Richard fizera uma ligação que ninguém mais tinha pensado em fazer e que, com isso, sem dúvida alguma salvara a vida da minha mãe, simplesmente não consegui me conter: eu me atirei nos braços dele, que se fecharam ao meu redor e literalmente me ergueram do chão.

– Muito, muito, muito obrigada – soluzei, com o rosto enfiado na curva do seu pescoço.

Os braços de Richard continuaram a me segurar com força, e eu ouvi, na sua voz, quanto ele estava emocionado.

– Estou muito feliz porque a encontrei a tempo. Eu também não aguentaria se a tivéssemos perdido, Emma.

Enquanto Richard me segurava de encontro ao seu corpo, eu me dei conta, vagamente, de zumbidos e cliques soando mais alto que o burburinho animado da multidão. Quando ele me soltou, por fim, percebi que o barulho vinha dos cliques contínuos dos obturadores de várias máquinas fotográficas profissionais apontadas para nós. O momento do nosso abraço emocionado havia sido capturado e já devia estar sendo pensado como a imagem sensacional da próxima edição. Para não ficarem para trás, ao menos uma dúzia de câmeras de telefone clicaram sem parar. Da margem da multidão, vi que uma das repórteres não desperdiçara um único momento e já narrava alguma coisa para a câmera. Mesmo sem conseguir ouvir tudo o que ela dizia, uma frase se fez ouvir claramente acima do zum-zum-zum da plateia, enquanto a mulher sorria para as lentes e descrevia “o resgate milagroso realizado pelo futuro genro”. Meus olhos voaram até Richard e, em seguida, de volta para a repórter. Abri a boca para corrigi-la, e então percebi que a câmera ainda estava ligada.

– E temos, aqui, a filha e seu heroico noivo – continuou ela, enquanto a câmera se voltava para nós. – Vocês dois devem estar muito contentes.

Todas as palavras de correção e de negação morreram nos meus lábios enquanto eu fitava a brilhante luzinha vermelha que, eu sabia, significava que estavam gravando.

– Estamos, sim – declarou Richard, baixando a mão para pegar a minha.

Atrás de nós, a policial ia conduzindo meus pais até a ambulância, abrindo

caminho intrepidamente por entre o bando de jornalistas.

– Sra. Marshall – chamou um deles –, só mais uma pergunta: por que não contou a ninguém aonde a senhora ia?

Meu pai ergueu a mão, acautelando o repórter, e percebi como ele estava ansioso para afastar a minha mãe do tumulto e entregá-la aos cuidados dos médicos. Surpreendentemente, mamãe demonstrava ter passado incólume por aquele suplício todo, e na verdade parecia gostar do interesse do grupo. Estava claro que ela não tinha a menor ideia de que aquelas pessoas tinham se reunido ali para procurar por ela.

– Eu quis fazer uma surpresa para os dois. Emma tem andado tão angustiada ultimamente, e imagino quanto deve ter ficado triste quando perdeu o anel. Então eu só resolvi ir até lá e pegá-lo para ela. Foi só isso.

Só! Eu ainda não tinha a menor ideia de como mamãe conseguira chegar até a Farnham Ravine e descer o despenhadeiro sem quebrar o pescoço.

Um microfone saiu subitamente do meio da multidão e surgiu diante do meu rosto.

– Esta é para o casal feliz: quando vai ser o casamento?

Senti o peso de cem olhos sobre mim. Tentei ver além do repórter, buscando na multidão o único rosto que eu precisava encontrar. Mas havia gente de mais aglomerada à nossa volta.

– Ainda não temos planos imediatos – respondeu Richard, falando por nós dois, mas sem usar as palavras que eu teria escolhido.

Sua resposta não serviu de nada para corrigir o equívoco geral.

– Só estamos contentes porque a mãe de Emma está em segurança e saiu ilesa dessa situação. É só nisso que queremos nos concentrar no momento.

A policial que acompanhava meus pais estava agora diante das portas abertas da ambulância, encorajando-os a subir logo os degraus baixos. Quase deu para ouvir o lamento coletivo da imprensa.

– Só mais uma foto – imploraram os jornalistas. – Uma da família toda: mamãe, papai e os dois pombinhos.

Estou certa de que meu rosto refletiu meu desalento, mas Richard balançou a cabeça discretamente, e vi que ele tinha razão. Será que eu queria mesmo expor a nossa vida privada? Relutante, eu me coloquei entre Richard e minha mãe enquanto os flashes eram disparados.

– Muito bem, minha gente, será que posso lhes pedir que cheguem para trás e nos deem um pouquinho de espaço? – intercedeu o detetive, enquanto os policiais afastavam os repórteres e a multidão com firmeza. – Gostaria de agradecer a todos vocês a generosidade de terem aberto mão do seu tempo para nos ajudar a chegar ao melhor resultado possível hoje.

Uma salva de palmas percorreu o grupo, e eu me virei para as pessoas, sorrindo agradecida, enquanto meus olhos continuavam sua busca

desesperadamente. Eu não o encontrava em lugar nenhum.

– Que tal um beijo do casal de noivos? – gritaram do meio da turba.

Richard viu a expressão de pavor nos meus olhos e respondeu por mim.

– Já chega por ora, eu acho.

Ele passou um dos braços ao meu redor, afastando-me das câmeras. Entrei na ambulância onde minha mãe estava sendo atendida. Do alto, finalmente consegui ver Jack no momento em que ele deixava o estacionamento em meio a uma nuvem cinza de lascas de cascalho.

CAPÍTULO 17

Apesar de nós três insistirmos, mamãe se recusou terminantemente a ser examinada no hospital. No fim, para que ela não sofresse ainda mais estresse, concordamos em deixar que fosse para casa. Nem me ocorreu questionar o direito de Richard de nos acompanhar. De alguma forma, no desenrolar dramático daquele dia, os muros que nos separavam tinham aos poucos começado a ruir. Mesmo a aguilhoada da infidelidade e das promessas quebradas teve sua importância diminuída no momento em que a tragédia que havíamos enfrentado se transformara em triunfo graças a ele.

Nem mesmo pareceu estranho quando Richard assumiu o controle ao chegarmos em casa, pondo a chaleira no fogo, pegando as xícaras no armário e sabendo – sem ter que perguntar – como todos preferiam o chá.

Eu o observava e dividia minha atenção entre ele e a conversa dos meus pais na sala ao lado. Balancei a cabeça, incrédula, ao ouvir mamãe admitir que, para chegar à Farnham Ravine, pegara carona com um motorista de caminhão que passava.

– Depois de todos aqueles sermões que ela me fez na adolescência sobre não pegar carona com estranhos – disse eu a Richard, atordoada, enquanto segurava a caneca fumegante que ele me entregara. – Ela poderia ter se perdido, ter sido atropelada, alguém poderia tê-la machucado, ou ela poderia ter despencado para o fundo daquele maldito despenhadeiro – continuei, ainda sem conseguir esquecer a lista de horríveis possibilidades.

– Mas *não* foi assim – contrapôs Richard, tranquilizador. – Nada disso aconteceu. Pode relaxar agora. Frances teve sorte desta vez. Ela deve ter tido todo um esquadrão de anjos da guarda olhando por ela.

Dirigi-lhe um sorriso grato.

– Não. Só um. Você.

Ele pareceu constrangido e feliz, em igual medida, ao ouvir minhas palavras.

– Talvez agora a gente consiga convencer seu pai de que vamos ter que encontrar uma solução melhor, daqui para a frente.

Baixei bem a cabeça sobre a caneca, efetivamente escondendo meu rosto. Seu uso do “a gente” não passou despercebido, e um pequeno alarme de preocupação começou a tocar.

O restante da tarde passou como um borrão em um incessante carrossel de visitas de policiais e de profissionais da área da saúde e de ligações recebidas a todo instante. Ficamos felizes por saber que fisicamente mamãe parecia não ter sofrido nada mais sério que pequenos arranhões e alguns hematomas – que, em um concurso, teriam sem sombra de dúvida perdido para o meu. No aspecto emocional... bem, essa era uma questão diferente. O rosto do meu pai era um retrato da preocupação quando ele nos contou baixinho que poderíamos esperar a visita de um assistente social e do representante de uma instituição destinada a cuidar de pacientes com transtornos mentais nos próximos dias.

– Que boa notícia! – disse Richard, em tom encorajador. – Isso significa que a gente vai poder conseguir mais ajuda para o senhor.

Meu pai retribuiu com um sorriso sem ânimo, ainda parecendo não estar convencido. Eu permaneci em silêncio, incapaz de ignorar a segunda aparição daquela locução alarmante: “a gente”. Mas havia outra coisa que me preocupava ainda mais que a aparente reintegração de Richard na família como membro honorário. Jack Eu não conseguia falar com ele durante toda a tarde. Vinha tentando praticamente a cada dez minutos desde que entrara no carro, na volta para casa, e até então a única coisa que eu ouvira ao ligar para seu celular fora a irritante voz metálica na gravação: “Este número está fora da área de cobertura ou desligado.”

Percebi que Richard me observava com atenção cada vez que eu tirava o telefone do bolso, fosse para ligar, fosse para verificar minhas mensagens, sem que houvesse nenhuma. Com mais controle do que eu poderia esperar, ele muito sabiamente não disse nada.

No início da noite, eu passara de frustrada e vagamente preocupada a furiosa. Jack não tinha ideia do que estava acontecendo. Certamente, se eu significava alguma coisa para ele, se a *noite passada* tinha significado alguma coisa, era ele quem devia estar ligando para *mim*, vendo se *eu* estava bem, não o contrário. Quando Richard se ofereceu para ir comprar comida, tentei o número de Jack mais uma vez, e finalmente ouvi um som diferente do outro lado da linha. Estava tocando. Peguei um casaco no gancho da porta dos fundos e rapidamente saí para o jardim, desejando falar com ele em particular. Tocou seis vezes, e a cada toque, meu coração disparava. Respirei fundo, tentando me acalmar. Não queria começar nossa conversa em um tom de mágoa e raiva por ele não ter entrado em contato.

– Oi, aqui é Jack

A suave aspereza de seu sotaque me aqueceu, e eu quase podia sentir a tensão que estivera fluindo pelo meu corpo começar a evaporar.

– Oi, sou eu... – comecei, na esperança de que ele reconhecesse minha voz tão facilmente quanto eu reconheceria a dele.

– Desculpe, mas não posso atendê-lo agora. Deixe um número, que eu

retorno assim que puder.

Um bipe prolongado soou, e então veio o silêncio. Ele deixara cair na caixa postal. Por um momento, pensei em desligar, mas uma pequena e persistente esperança se recusava a ser anulada na escuridão.

– Oi, Jack. Aqui é Emma. São oito horas, e eu só queria saber se está tudo bem... Não tive notícias suas desde que você foi embora do bosque e estou tentando falar com você há horas. Ligue para mim quando ouvir esta mensagem.

Talvez eu devesse ter acrescentado algo pessoal ao meu recado, mas ainda estava magoada porque ele não tinha entrado em contato. Certamente ele devia saber que eu não queria ter sido parte daquela loucura da mídia quando mamãe voltou... Por que ele não ia querer falar comigo, para que eu pudesse me explicar?

Na metade do jantar – comida chinesa que Richard trouxera –, a cabeça de mamãe começara a pender sobre o peito e meu pai não parecia estar em uma condição muito diferente da dela. Era impressionante que os dois ainda conseguissem estar de pé, depois de tudo o que acontecera nas últimas 24 horas.

– Olhe, por que vocês dois não sobem e vão para a cama? Eu arrumo as coisas aqui embaixo – ofereci, ajudando mamãe, sonolenta, a se levantar.

– Nós arrumamos – corrigiu Richard, já recolhendo os recipientes e pratos sujos.

Mamãe assentiu vagamente e seguiu na direção da escada, mas papai não estava tão disposto a aceitar a sugestão.

– Acho que vou ficar aqui embaixo esta noite... – começou ele, com uma expressão preocupada no rosto –... por via das dúvidas.

Eu sabia o que o preocupava, o mesmo pensamento estivera em minha mente a noite toda também.

– Ela não vai a lugar nenhum esta noite. Está exausta.

– Ainda assim... não quero correr riscos... não até que eu tenha instalado algum tipo de alarme nas portas.

Soltei um suspiro profundo. Ele não sabia, mas na verdade o que mais me preocupava – mais que tudo – era a maneira como toda aquela situação o estava afetando. Ele não era jovem, e a última coisa de que precisava era passar a noite acordado como sentinela.

– *Eu* vou dormir aqui embaixo esta noite – falei. – Se eu ficar perto da entrada da sala, vou ouvir se a porta da frente se abrir.

Ele ainda parecia em dúvida, mas eu já o empurrava delicadamente para a escada. Beijei a pele macia e enrugada de seu rosto.

– Vá e tenha uma boa noite de descanso.

Não demorou muito para que Richard e eu arrumássemos a cozinha, mas, quando terminei de limpar a bancada, eu também já estava bocejando. Ocorreu-me que ninguém na nossa família havia dormido muito naquela noite, por razões

extremamente diferentes.

– Você parece exausta – observou Richard. – Vá se sentar na sala, e eu levo um chá para nós dois.

Após um momento de hesitação, concordei. Eu precisava falar com ele em particular, sem que meus pais estivessem por perto; precisava me certificar de que ele compreendia em que pé as coisas estavam. E eu sabia que aquele era um assunto de que precisava cuidar quanto antes.



O sono não chegou devagar; ele não se esgueirou lentamente, convidando-me a que me deixasse levar. Veio do nada, como uma bola de demolição, lançando-me à inconsciência com uma única e poderosa pancada. Abri os olhos e meu primeiro pensamento foi *Por que Richard está demorando tanto com o chá*. Então percebi que a sala estava banhada na luz do amanhecer e *havia* uma xícara de chá na mesinha de carvalho ao meu lado, mas dava para ver uma película de aspecto desagradável em sua superfície. Estendi a mão e segurei a xícara. Estava fria. Um ronco suave e muito familiar vinha do outro lado da sala, e eu fiquei paralisada. Conhecia aquele som. Um dia eu o tinha achado estranhamente cativante. Virei a cabeça devagar e vi Richard dormindo pesado em uma das poltronas, roncando de leve através dos lábios entreabertos.

Sentei-me muito devagar, notando que um grosso cobertor de lã havia sido colocado em cima de mim enquanto eu dormia no sofá, alheia a tudo no mundo. Mais uma vez, tinha sido Richard. Levantei-me, sentindo minhas vértebras gemerem em um coro de protesto. O velho sofá de três lugares, com suas molas já gastas, não era o lugar mais confortável do mundo em que passar a noite, mas era provavelmente muito mais aconchegante que a poltrona em que Richard dormia.

Tentando fazer o mínimo de barulho possível, dei um passo à frente e senti o frio do piso de madeira sob meus pés. As botas, que eu ainda usava quando me sentara na noite anterior, agora estavam colocadas na vertical ao lado da mesa. Havia algo de muito íntimo na imagem de Richard abrindo o zíper dos calçados e tirando-os dos meus pés enquanto eu dormia. Como fora possível que eu não tivesse sentido quando ele fez aquilo? Que grande vigia eu fora, dormindo trinta segundos depois de começado meu turno!

– Bom dia.

Dei um pulo, não tendo percebido que agora ele também estava acordado.

– Bom dia – respondi, correndo os dedos pelos cabelos e esfregando os olhos.

– Não acredito que eu tenha caído no sono.

– Estava mais para um coma – corrigiu Richard.

– Por que você não me acordou?

Ele me dirigiu um olhar que reconheci: era o que ele reservava para as respostas a comentários totalmente idiotas.

– Você precisava dormir. Estava com uma aparência horrível.

– Nossa, obrigada! – falei, olhando para o espelho pendurado acima da lareira e constatando que a aparência continuava horrível.

Bem, talvez mais desganhada que qualquer outra coisa, mas certamente não era a minha aparência mais atraente. Baixei os olhos, pesarosa, para a camisa branca cujo aspecto estivera tão melhor dois dias antes, quando eu ainda não havia dormido com ela, *ou ela ainda não ficara colada no meu corpo na chuva, e depois fora delicadamente retirada por Jack*. Balancei a cabeça, recusando-me a permitir que tais pensamentos perigosos aflorassem.

Richard dobrou o cobertor que usara antes de fazer o mesmo com o meu.

– Obrigada – eu disse, indicando com a cabeça os cobertores.

Mordi o lábio, imaginando se havia alguma maneira de fazer a pergunta seguinte sem parecer extremamente ingrata.

– Por que você não foi para casa, Richard?

Seus olhos encontraram os meus e sustentaram o meu olhar, e havia algo em suas profundezas azul-claras que eu não queria reconhecer.

– Achei que alguém devesse ficar e olhar a porta – respondeu ele simplesmente. – Não acho que você teria ouvido se alguém a tivesse atacado com um ariete, então pensei que era melhor ficar por aqui até que você acordasse.

– Entendo – falei devagar. – Bem, obrigada outra vez.

– Emma, não precisa ficar me agradecendo. Não é por isso que estou aqui.

Senti meu coração gelar, porque eu realmente não queria que ele se estendesse nem um pouco naquele comentário. Não estava pronta para ouvir. Felizmente, consegui desviar nosso foco com minha súbita exclamação:

– E a mamãe!? Ela está bem? Ela não tentou sair de novo, tentou?

Richard fez que não, e eu podia ver que ele lamentava que a conversa tivesse sido interrompida.

– Não. Ela ainda está dormindo profundamente. Subi há uns quarenta minutos e pude ouvir os dois roncando em conjunto pela porta do quarto.

Dei um sorriso breve. Eu parecia destinada a estar cercada por gente que compunha canções com o nariz enquanto dormia.

– Você também não estava se saindo muito mal nesse departamento, uns minutos atrás – brinquei.

Ele sorriu de uma maneira dolorosamente familiar.

– É o que você sempre disse, mas eu simplesmente não acredito.

– Vou gravar, da próxima vez...

Cortei a frase, chocada.

O riso sumiu do rosto dele. Trocamos um olhar, ambos perdidos em um

terreno que reconhecíamos vagamente, mas pelo qual talvez não devêssemos nos aventurar.

– Vou fazer um chá – disse Richard, por fim, e assenti, com entusiasmo, como se ele tivesse acabado de prometer a cura para o câncer.

– Um chá vai ser absolutamente maravilhoso – exagerei no entusiasmo.

Quando ele desaparecera na cozinha, subi correndo a escada, sem fazer barulho, joguei grandes jatos de água no rosto e escovei os dentes. Ao passar um pente pelo cabelo, comecei a me sentir um pouco mais apresentável e muito mais dona de mim.

Podia ouvir ruído de louça na cozinha e o apetitoso cheiro de torradas começando a tomar o hall. Estava me virando na direção da cozinha quando uma leve batida na porta da frente de casa me deteve. Olhei para o relógio em meu pulso: não eram ainda nem sete da manhã. Quem estaria nos visitando àquela hora?

Se eu parecia amarrotada e desarrumada, Jack era a exata antítese. Ali estava ele na porta, parecendo imaculado e recém-barbeado, usando um terno escuro, camisa social e gravata. Embora estivesse a um metro de distância de mim, juro que pude sentir o cheiro do seu sabonete e da loção pós-barba em uma lufada de ar que me atingiu assim que abri a porta. Ou será que foi apenas a minha imaginação?

Eu queria me atirar nos braços dele, e bastaria uma microscópica dose de incentivo da parte dele para que eu fizesse isso, mas não houve nenhuma.

– Jack – falei, e minha voz soou estranhamente fraca e insegura.

– Desculpe-me de ter vindo tão cedo – disse ele.

– Não. Está tudo bem. Estou acordada faz algum tempo.

Onde você estava? Por que não me ligou? Eu precisava de você. Minha cabeça de repente estava lotada com tudo o que eu queria dizer, mas a única coisa que conseguiu sair foi:

– Deixei um recado no seu celular.

– Eu recebi.

Aquelas duas palavras me disseram mais do que um capítulo inteiro de explicações. Eu o procurei, pedindo – implorando, na verdade – que ele me ligasse. E ainda assim ele não ligou. Alguma coisa dura começou a se formar no meu peito, em algum lugar na área do coração.

Nós nos entreolhamos, e eu notei pela primeira vez a rigidez em sua postura e o pequeno músculo que se movia em seu maxilar. Ele parecia tenso, algo que eu nunca tinha visto.

– Como está sua mãe? Ela está bem?

– Sim, está – respondi. – Melhor que nós.

Senti uma onda quente em minhas bochechas quando me ocorreu que ele podia pensar que ao dizer “nós” eu me referira a ele e a mim.

– Hã... eu me refiro à família, papai e eu... você sabe...

A expressão tensa relaxou ligeiramente, à medida que um breve sorriso de compreensão encontrou uma brecha e veio à superfície.

– Você vai entrar? – perguntei, porque é o que se faz quando as pessoas aparecem à sua porta, mesmo que se saiba, sem a menor sombra de dúvida, que a resposta será “não”.

– Não. Desculpe. Não posso. Tenho de ir para Londres. Tenho uma reunião às nove.

Assenti. A vida continuava. Não importava a que tragédia se sobrevivesse – acidentes de automóvel, familiares desaparecidos, romances incipientes definhando e morrendo diante dos próprios olhos –, a vida ainda assim prosseguia.

– Não creio que você ainda possa ir comigo...?

A voz de Jack morreu de uma forma que não era típica dele.

Supus que ambos soubéssemos minha resposta antes mesmo que eu a enunciasse.

– Não posso. As coisas vão ficar enlouquecidas nos próximos dias. Eles precisam de mim aqui. Temos médicos e assistentes sociais e...

– Eu entendo.

Será?, pensei, deixando que meus olhos falassem com ele, quando a minha garganta estava assustada demais para fazê-lo. Não creio. Acho que você não entende absolutamente nada, porque, se entendesse, não estaria aí parado, tão perto e no entanto a mil quilômetros de distância. Você me tomaria nos braços e me beijaria, pondo fim a essa frieza.

– Eu devia ter ligado – disse Jack, com um claro tom de arrependimento na voz.

Não sei se ele se referia à noite anterior ou a essa manhã, antes de ir me ver. Não importava; minha resposta era a mesma, em um caso ou no outro.

– Sim, devia.

– É que...

Ele parou de repente quando a porta da cozinha se abriu e Richard entrou casualmente no hall, com a camisa desabotoada e para fora da calça, exibindo os músculos firmes de seu abdome.

– O café da manhã está pronto, Emma – anunciou ele em um tom de voz proposadamente relaxado.

Eu lhe lancei um olhar horrorizado por cima do ombro, antes que meus olhos voltassem velozes para Jack, cujo rosto era uma superfície congelada de ângulos e arestas duras, como se tivesse sido esculpido em uma geleira. O de Richard, por outro lado, parecia vagamente presunçoso. Se ele tivesse um balão de pensamento em cima da cabeça, como nas histórias em quadrinhos, tenho certeza de que poderíamos ler: “Vingança é um prato que se come frio.”

Os olhos de Jack se estreitaram e endureceram, e eu soube que eles viram tudo, da minha roupa amarrotada à falta de roupa de Richard. Uma horrível paródia da cena em sua própria cozinha foi o que Jack pensou que tivesse interrompido.

– Isto não é o que parece.

Estendi a mão para Jack, mas ele recuou meio passo, afastando-se de mim. Tudo o que senti quando o vi se distanciar estava claramente escrito em meu rosto. Virei-me desesperadamente para Richard:

– Diga a ele. Diga a ele por que você está aqui. Por que ficou. Diga a ele que não aconteceu nada.

Richard deu de ombros, de uma forma que se pretendia indiferente, mas não disse nada. Provavelmente não faria diferença. Duvido que Jack fosse acreditar nele, de qualquer forma.

– Jack, por favor – falei, e meus olhos foram se enchendo de lágrimas ante a expressão que viam nos dele.

– Fico feliz que tudo tenha funcionado para você, Emma.

A voz de Jack soava firme e controlada.

– Fico feliz que você tenha conseguido tudo o que esperava.

– Mas eu não consegui. Não é nada disso.

Ele sorriu, mas de uma forma fria e distante. Não havia ali nenhum sinal do homem que tinha me tomado em seus braços e mudado a minha vida em uma única noite.

– Eu tenho que ir, Emma. Cuide-se.

E então ele me deu as costas e foi embora.



Fiquei parada diante da porta aberta muito tempo depois que seu carro já desaparecera de vista. Quando finalmente a fechei e me virei, Richard ainda estava no hall, observando-me com atenção.

– Isso até que correu bem – observou ele de forma branda.

Minha boca endureceu enquanto eu caminhava furiosa até ele. Agarrei a ponta de um dos lados de sua camisa aberta e puxei com força suficiente para ouvir a bainha rasgando ligeiramente, em protesto.

– Bonito, Richard. Muito maduro.

Ele teve a decência de parecer um pouco envergonhado, mas percebi que não pediu desculpas enquanto enfiava a camisa de volta na calça jeans, antes de me seguir até a cozinha. Sentei-me à mesa, e não havia percebido quanto a cena com Jack me afetara até que minha mão trêmula derramou chá ao pegar a xícara.

Richard se sentou à minha frente, parecendo cauteloso, sem dúvida se

perguntando se eu na verdade estava furiosa o bastante para jogar o chá em cima dele depois do que ele acabara de fazer. E eu *estava* com raiva dele pelo truque infantil, mas nem de perto tão possessa quanto estava com Jack naquele momento. Por que ele havia tão prontamente acreditado em evidências circunstanciais? Ou no estúpido comentário de Caroline? Por que ele não soubera que a pessoa que se entregara tão completamente a ele na noite anterior seria fisicamente *incapaz* de se voltar para outro homem? Ele não sabia nada de mim?

– O que ele significa para você, Emma?

Mantive os olhos fixos no tampo da mesa e respondi primeiro com um longo e doloroso suspiro.

– Não importa de verdade, importa? O que quer que eu tenha achado que houvesse ali não havia. Acho que ele acabou de deixar isso claríssimo.

Ergui a cabeça para olhar o rosto cuidadosamente neutro de Richard.

– Você deve estar feliz.

Para minha surpresa, sua mão cruzou a mesa e segurou a minha. E, ainda mais surpreendente, eu não a puxei.

– Não, não estou. Nada que machuque você jamais poderia me deixar feliz. Mesmo que seja ver você ser rejeitada pelo homem por quem me trocou.

Vai fundo, Richard. Quer colocar mais um pouco de sal na ferida?

– Mas não lamento que ele esteja fora de cena – prosseguiu ele. – Caroline disse que ele vai voltar para os Estados Unidos em alguns dias...

Assenti, em silêncio.

– Ver você com ele ontem de manhã foi o pior momento de toda a minha vida.

Olhei em seus olhos azuis atormentados e vi claramente a dor que a lembrança lhe trouxera.

– Desculpe – falei. – O que quer que tenha acontecido entre mim e Jack, independentemente de quem seja a culpa, eu *jamais* teria escolhido magoá-lo dessa forma de propósito.

Richard engoliu em seco, e eu soube que ele teria muita dificuldade de dissipar a imagem do dia anterior. O mesmo aconteceria comigo, por razões obviamente diferentes.

– Nunca senti nada como aquilo antes, uma raiva e um ciúme tão cegos. Queria atacar alguém, machucar alguém tanto quanto eu estava sendo machucado.

Ele deu uma risadinha, que não continha absolutamente nenhum humor.

– Não tinha parado para avaliar o que você devia ter sentido quando descobriu sobre Amy. Pensei que se eu pedisse desculpas... se você compreendesse que tudo não passara de um erro terrível, que você me perdoaria... que superaríamos aquilo...

Ele correu a mão livre pelos cabelos, parecendo um menino desamparado –

e mais o homem que um dia eu amei, como não parecia havia muito tempo.

– Mas se a dor que eu lhe causei foi apenas uma fração do que senti ontem...

Sua voz morreu, enquanto um nível totalmente novo de tristeza crescia dentro de mim diante da desesperança de tudo e da constatação de como todos nós tínhamos acabado.

– Exceto por uma única coisa...

Suas palavras soavam hesitantes mas otimistas.

– Apesar de tudo, apesar de saber sobre você e... – hesitou ele, como se o nome deixasse um gosto amargo em sua língua –... Jack, eu ainda acredito que exista um futuro para nós. Veja: a razão de eu ter sentido como se meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito quando a vi com ele é que ainda amo você. Muito.

Sua voz ficou mais fraca.

– Agora entendo a sua dor mais do que jamais quis entender, e acho que sei de onde ela vem. Porque acho que você ainda me ama também.

Suas palavras me pegaram de surpresa. Eu não as vira chegando nem as esperara, mas quando tentei puxar minha mão da dele, ele não deixou.

– Ouça só por um momento, Emma, por favor.

Assenti, relutante.

– Sei que essa confusão toda é culpa minha, sei que arruinei as coisas. Deus sabe que, quer você perdoe meu erro, quer não, ainda vou passar o resto da vida me arrependendo do que fiz a você. Mas sempre houve uma única pessoa no mundo para mim. E sei que provavelmente é muito cedo para dizer isso, mas eu não quero mais desperdiçar a nossa vida. Quero que você tenha isso... de novo.

Ele soltou a minha mão e levou a dele ao bolso, tirando uma caixinha revestida de veludo e deslizando-a sobre a mesa em minha direção. Pela segunda vez na conversa perdi o equilíbrio quando, como um mágico experiente, Richard puxou o tapete sobre o qual eu estava.

Olhei para a caixinha com um misto de espanto e apreensão.

– Eu não acredito. Você *achou* mesmo o anel no despenhadeiro? – perguntei, incrédula.

Seu sorriso era de pesar.

– Bem, isso teria sido *verdadeiramente* incrível, não é? – falou, mas em seguida balançou a cabeça. – Mas acho que esse tipo de coisa só acontece em livros ou em filmes.

Meus dedos estavam trêmulos quando apanharam a caixa. Embora eu receasse já saber o que ela continha, fui incapaz de resistir à atração do pequeno estojo de veludo. O fecho se abriu facilmente, revelando um anel de diamante, uma réplica quase exata do que eu havia jogado fora.

– Ah, Richard! – falei com um suspiro longo e triste.

– Já faz um tempo que eu o tenho – confessou. – Desde que percebi que não

encontraria o primeiro.

Com cuidado, ele tirou o anel de seu encaixe no estojo da joalheria e o estendeu para mim.

– Está vendo? Nunca deixei de acreditar. Nunca perdi a esperança. Nós dois pertencemos um ao outro. *Eu* sei disso, nossos amigos sabem, sua família sabe... e, lá no fundo, acho que você também sabe.

Suas palavras rodopiaram à minha volta como um ciclone, enchendo minha cabeça e fazendo-a girar, confusa.

– Richard... eu... eu não sei o que dizer.

– Não é difícil; você só precisa dizer *sim*, como fez antes.

– Não é assim tão simples. Não agora.

– Sim, é.

Sua voz de repente soava mais forte, mais confiante.

– Só me responda uma coisa: você ainda me ama?

Seus olhos pareciam laser atravessando minha armadura protetora e alcançando o vulnerável núcleo da verdade. Eu não poderia mentir, por mais que quisesse.

– Sim – falei baixinho, admitindo o que nunca pensei que fosse me ouvir dizer.

– Ainda amo você, Richard.



As estradas estavam vazias, mas ainda era cedo, portanto eu não havia de fato esperado encontrar muito trânsito. Bocejei e abri a janela do carro para deixar entrar um pouco de ar fresco, de que eu estava precisando. Não havia dormido bem naquela noite; estava tensa demais tentando planejar exatamente o que diria quando o visse.

Dois dias haviam se passado desde o pedido de Richard – ou “repedido”, se é que existe essa palavra –, e até agora eu não havia contado a ninguém sobre ele. Nem a meus pais, nem a Caroline, e decididamente não a Jack. Não que eu soubesse onde ele estava ou como entrar em contato com ele, porque nas poucas ocasiões em que havia tentado seu celular, caíra direto na caixa postal. E eu não deixara mensagem.

Mamãe e os novos planos para cuidar dela haviam ocupado meus dias. Era uma dura verdade, mas fora necessária a quase tragédia de sua ida até a Farnham Ravine para que finalmente meu pai compreendesse que o tipo de ajuda de que ela precisava era mais do que ele e eu podíamos oferecer sozinhos. E acabamos descobrindo que havia muito mais assistência disponível do que qualquer um de nós imaginara e que para consegui-la não era preciso internar mamãe em uma instituição. Ao menos, não por enquanto.

E mais uma questão também se resolvera nos últimos dois dias. Havia uma

resposta que eu agora estava pronta para dar e que meu coração martelava como uma ave engaiolada em meu peito todas as vezes que eu pensava nela. Eu ainda estava a dez minutos de sua casa quando meu celular tocou e vibrou nas profundezas da bolsa. Eu o coloquei no viva-voz e sorri quando a voz alegre de Caroline encheu meu carro.

– Ei, Emma, desculpe ligar tão cedo, mas queria falar com você antes que saísse para o trabalho.

Sorri com ironia, enquanto me perguntava se ainda teria um emprego para o qual voltar, mas não me dei ao trabalho de corrigi-la, porque não queria que ela soubesse aonde eu estava indo tão cedo.

– Tudo bem. O que foi? – perguntei.

– Bem, não sei se isso ainda é relevante, mas eu estava falando ontem com um corretor que trabalha na imobiliária responsável pela propriedade que Jack alugou.

Minhas mãos se retesaram no volante à menção de seu nome, mas meu tom era neutro quando eu disse:

– É mesmo?

– Perguntei se a propriedade estava disponível para o próximo trimestre. Você sabe, para o caso de ele querer estender o aluguel por outro período.

– E está?

– Receio que não, meu amor. Na verdade, está completamente fora do mercado de locação. Parece que foi vendida.

Um longo suspiro escapou de meus lábios, como vapor por uma válvula. Aquele era o último prego de confirmação a ser cravado no caixão de meu breve relacionamento com Jack Monroe.

– Ah, bem, não é importante, de qualquer modo. Ele vai embora amanhã.

Fez-se um longo silêncio do outro lado antes que a voz de Caroline retornasse, perguntando com cuidado:

– Você está bem, Emma?

– Eu? Sim, estou bem.

Estava ficando boa em mentir nos últimos tempos.

– Por quê?

Caroline fez nova pausa antes de responder.

– Não sei... alguma coisa na sua voz... você soou um pouco *estranha*.

– Deve ser a conexão do telefone – falei. – De qualquer forma, preciso ir, Carol. Obrigada por ligar. Falo com você mais tarde.



Quando cheguei à casa dele, eu estava passando mal, de tanto nervosismo. Minhas pernas tremiam enquanto eu caminhava até a porta de entrada e meu

estômago se revirava tão violentamente que fiquei feliz de não ter tomado o café da manhã. Ele levou muito tempo para atender à porta e, quando finalmente a abriu, não havia como disfarçar o espanto em seu rosto ao me ver.

– Emma?

Havia uma pergunta no cumprimento, e eu não fiquei surpresa, pois ele não estava me esperando, e certamente não àquela hora do dia.

Sorri, nervosa, querendo estender a mão e tocá-lo, mas sabendo que eu devia esperar até que ele ouvisse o que eu viera dizer. Pigarreei, aflita.

– Oi. Desculpe vir tão cedo. Eu só queria que você soubesse...

Eu tinha pensado que seria difícil dizer aquilo, mas, de repente, quando fitei seus olhos, foi na verdade a coisa mais fácil do mundo.

–... que minha resposta... é sim.

Seu rosto não revelou nada, mas ele recuou um passo e abriu mais a porta.

– Acho que é melhor você entrar.

CAPÍTULO 18

O fim

PARTE CINCO

Enquanto tentava fechar o comprido zíper nas costas, quase desejei ter aceitado a oferta de Caroline de me ajudar a me vestir, mas por fim ouvi o zumbido ao longo da minha coluna até que ele chegasse ao seu lugar. Alisei o tecido sobre os quadris e me virei para verificar meu reflexo no espelho de corpo inteiro. Fiz um pequeno gesto de satisfação. Era exatamente a aparência que eu queria ter.

Eu borrifava o perfume favorito dele na pele dos meus pulsos quando um ruído alto veio da rua lá embaixo e chamou minha atenção. Os carros tinham chegado. Olhei para o relógio. Bem na hora. Minha pulsação falhou, depois começou a acelerar.

Eu podia ouvir o som de movimento e de portas se abrindo que vinha do andar inferior, e sabia que a maior parte das pessoas àquela altura já havia saído, desejando certificar-se de que chegariam à igreja antes de nós. Corri os olhos pelo quarto, verificando tudo, para ter certeza de que nada havia sido esquecido. O pensamento produziu um estranho espasmo dentro de mim. Felizmente, naquele momento soou uma leve batida na porta do quarto.

– Entre – falei.



– Entre – repetiu ele.

Por um único momento pensei ter visto seus olhos se iluminarem de prazer quando ele me encontrou à sua porta, mas, quando tornei a olhá-los, não havia nada neles, exceto cordialidade e educação. Era provável que ele cumprimentasse o carteiro com mais entusiasmo. Estava havia cinco segundos no interior de sua casa, e as coisas já não corriam da maneira como eu havia planejado.

Eu o segui até o corredor, e depois até a sala. Ele não me convidou a me sentar.

– Posso lhe oferecer alguma coisa?

Balancei a cabeça, já começando a sentir que minha coragem se esvaía. Àquela altura, se ele desaparecesse por algum tempo para fazer chá ou café, eu

temia perdê-la por completo. Respirei fundo, tentando desesperadamente me lembrar daquela que, no meio da noite, parecera uma frase de abertura maravilhosa.

– Talvez eu devesse ter ligado antes – disse, percebendo em minha voz sinais de quanto eu estava nervosa.

– Talvez – admitiu Jack.

– Sei que você está ocupado embalando as coisas e tudo o mais...

Tinha que admitir que havia muito pouca evidência disso à nossa volta, mas também aquele era um chalé que fora alugado já mobiliado.

– Eu não queria correr o risco de você já ter ido – expliquei.

Seu rosto estava impassível, era como falar com uma estátua.

– E como eu não tinha tido notícias suas...

Deixei a acusação parar no ar, à espera de algum tipo de explicação ou desculpas. Ele continuou em silêncio.

– Bem, eu tenho uma coisa importante a lhe dizer.

– Richard a pediu em casamento. Novamente – interrompeu-me Jack, com a voz amarga.

Eu arquejei.

– Sim, sim, ele pediu. Como você sabia?

– Sempre pensei que ele faria isso.

Ele me encarou sem hesitar.

– Então você veio aqui hoje para me falar que disse sim.

Ele estava a cerca de um metro de mim, apenas – perto o suficiente para que eu visse que seu rosto estava vazio de toda emoção. Alguma coisa dentro de mim explodiu quando a válvula que mantinha o vapor sob controle não pôde mais resistir à pressão.

– Não, é claro que eu não disse sim! Você está maluco?

Isso certamente chamou a atenção dele, que fez um movimento brusco, como se tivesse acabado de tocar uma corrente elétrica. Mas ainda assim ele não se aproximou de mim. Tinha sido muito difícil o momento na cozinha dos meus pais, quando eu tivera de dizer a Richard que, embora o amasse – e sempre amaria –, eu não era mais *apaixonada* por ele, mas nada que se comparasse àquilo.

Olhei diretamente nos questionadores olhos castanhos de Jack e soube que ele também merecia minha sinceridade.

– Parte de mim vai *sempre* ter um carinho especial por Richard. Ele foi meu primeiro amor e está ligado não só a mim, mas a toda a minha família. Mas eu não posso amá-lo, não da maneira como ele quer ou merece. Não mais.

Eu podia ouvir o tremor em minha voz, e me perguntei se ele também o percebia.

– E você sabe por que não posso? – perguntei, com uma nota de desespero e

exasperação. – Porque estou apaixonada por *você*.

Aquela acabara sendo a declaração de amor menos romântica de todos os tempos. Minha voz estava ligeiramente mais aguda quando continuei:

– E só para você saber: sou o tipo de garota antiquada, e não deveria ser *eu* a dizer isso primeiro, mas o homem.

Fez-se uma longa pausa, durante a qual Jack espetacularmente perdeu a deixa para dizer que também me amava. Pigarreei e abri um sorriso nervoso, fitando seu rosto impenetrável.

– Então podemos, por favor, deixar os últimos três dias para trás e voltar para onde estávamos? Você me fez uma pergunta no domingo, e minha resposta é “sim”. Vou com você para os Estados Unidos. Eu também quero nos dar uma chance.

Pensei ver uma sutil mudança em sua expressão, mas não sabia o que ela significava.

– Isto é, se... se o convite ainda estiver de pé... – acrescentei, nervosamente.

Um silêncio se estendeu entre nós.

– Bem, esse é o problema. Porque, na verdade, as coisas mudaram um pouco.

Mesmo no pior cenário que imaginei, nunca me ocorrera que o ouviria dizer aquelas palavras. Aquilo ainda tinha relação com Richard ou com o que ele ouvira Caroline dizer, ou ele simplesmente se dera conta de que cometera um erro?

– Ah! – respondi, e minha voz soou como a de uma criança perdida.

Precisava sair dali, e rápido. Dei um passo para trás, meus olhos fixos na porta e na fuga.

– Sabe, depois de pensar no assunto, percebi que o que pedi a você também não está bom para mim.

Não chore, eu disse a mim mesma, furiosamente. *O que quer que você faça, não chore*. Soubera o tempo todo quanto seria difícil para ele se comprometer com alguém. Ele tivera tempo para pensar e estava recuando. Eu devia ter previsto aquilo.

– Sabe, o que estávamos discutindo, bem... aquilo simplesmente não vai bastar para mim agora. Eu quero mais.

Minha cabeça se ergueu de supetão quando eu ouvi suas palavras.

– Mais? – perguntei, insegura.

– Muito mais – confirmou ele, sorrindo de forma autêntica pela primeira vez naquela manhã. – Sabe, quero ir dormir à noite com você em meus braços e saber que você estará lá de manhã... em *todas* as minhas manhãs. E não acho que tenha deixado isso claro o bastante no outro dia.

– Mas... você não tem interesse em relacionamentos duradouros... você não quer compromisso.

– Quem disse isso?

– Você.

Ele pareceu um pouco desconcertado com a minha resposta, antes de assentir levemente.

– Você está certa, eu disse. Mas isso foi antes.

– Antes de quê?

– Antes de você.

Havia tantas perguntas que eu queria fazer, mas a expressão em seus olhos de repente estava me deixando tonta e sem ar. Senti um sorriso se abrir no meu rosto quando ele deu um passo em minha direção e estendeu as mãos. Como se aquele fosse um sonho fantástico, um sonho que eu temia que pudesse acabar a qualquer momento, eu cuidadosamente pus as minhas mãos nas de Jack. Ele me puxou para mais perto até que nossos corpos quase se tocassem.

– Desde o dia em que a conheci, você virou o meu mundo de pernas para o ar, Emma. Você me fez examinar mais de perto o homem que sou e me fez questionar o que quero do resto da minha vida e também com quem quero partilhá-lo.

– E você encontrou alguma resposta?

Ele assentiu, e seus olhos pareciam poços nos quais eu me afogaria de bom grado.

– Somente uma. Você. *Você* é o que eu quero da vida, é com *você* que eu quero partilhá-la.

Ele soltou as minhas mãos e deslizou os braços em torno do meu corpo, finalmente cobrindo a pequena distância que nos separava.

– Eu amo você, Emma – disse ele com ternura. – E sinto muito mesmo que você tenha tido que dizer primeiro. Eu não devia ter deixado que isso acontecesse. Mas, se serve de algum consolo, eu *senti* primeiro. E senti por muito, muito tempo.

Sua cabeça baixou e seus lábios encontraram a minha boca e me confirmaram sem palavras que tudo o que ele dissera era verdade. Quando finalmente nos separamos, eu sabia que havia lágrimas de felicidade escapando dos meus olhos. Ele viu e as enxugou delicadamente com a ponta dos dedos.

– Eu sei de quanto você estaria abdicando se fosse comigo – disse Jack

– Estou ganhando mais do que perdendo.

– Mesmo assim, acho que podemos equilibrar as coisas de uma forma um pouco mais justa. Acho que devemos dividir nosso tempo entre o rancho e aqui. Dessa forma, ficamos juntos e honramos as responsabilidades familiares de ambos.

Era o acordo perfeito, ou seria, não fosse um detalhe.

– Quando você diz *aqui*, você se refere a Trentwell? A esta casa? Porque não podemos, ela foi vendida.

Seus olhos foram pacientes, esperando até que eu entendesse.

– *Você? Você a comprou?*

Ele assentiu.

– Mas... mas... e se eu tivesse dito “não”? E se tivesse aceitado o pedido de Richard?

– Então eu precisaria lutar mais ainda para reconquistar você. Jamais desistiria de você sem lutar.

– Mas... você comprou *uma casa*...

Eu ainda estava atordoada por ele ter feito algo tão impulsivo.

Ele deu de ombros. Então de repente ficou sério e me puxou de volta para seus braços, e sua voz soou rouca quando ele falou:

– Não vou pedi-la em casamento, porque sei que é cedo demais para isso.

Seus olhos tinham um brilho de humor e ironia.

– Além disso, todo mundo anda fazendo isso ultimamente.

Eu lhe dirigi uma careta zombeteira.

– Mas *quero* dar algo a você – prosseguiu Jack – Algo para que você saiba que minhas intenções são sérias, que estou assumindo um compromisso.

– Acho que a compra da casa serve – falei, um pouco arfante.

– Sim, bem, mas você não pode usar uma casa.

Ele levou a mão ao bolso e tirou algo de lá, que manteve na mão fechada.

– Estou nisso, Emma, cem por cento, completamente comprometido.

Lentamente ele abriu os dedos, revelando um magnífico anel de safira.

– É lindo – arquejei, trêmula.

– Experimente – disse ele, com doçura na voz.

Peguei o anel de sua mão e ergui os olhos para ele, hesitante. Não era um pedido de casamento, ele não estava me propondo que eu fosse sua esposa, ao menos não por enquanto. Então, em que dedo eu deveria usar o anel? Seu sorriso era gentil enquanto observava minha confusão. Ele pegou o anel da minha mão e o segurou suspenso sobre o quarto dedo da mão esquerda.

– É aqui – disse ele, deslizando o anel no dedo.

Era um encaixe perfeito. Exatamente como nós.

O fim

PARTE SEIS

– Entre – falei.

A respiração ficou presa em minha garganta quando o vi de pé no vão da porta aberta. Ele estava tão bonito em seu terno, a camisa branca engomada destacando o suave bronzado de sua pele. O cabelo escuro e espesso dessa vez estava quase domado no lugar. Seus cálidos olhos castanho-dourados foram direto para o meu rosto, e não havia como disfarçar o amor que havia neles.

Alguma coisa dentro de mim instantaneamente se acalmou e aquietou quando eu o vi. Bastava olhar seu rosto para que aquilo acontecesse.

– Os carros estão aqui – avisou ele, seu sotaque americano mais pronunciado em razão do tom de voz baixo.

– Estou pronta – declarei.

– Pensei que podíamos descer a escada juntos. Fazer uma entrada em grande estilo, sabe?

Sorri considerando a ideia, reconhecendo o sentimento por trás da sugestão e amando-o ainda mais por isso.

Vi seu olhar percorrer o quarto, passando pelo pequeno vaso de flores na penteadeira e retornando imediatamente a ele.

– São lindas.

Juro que foi quase como se ele soubesse.

– Frésias – disse eu, e meus olhos seguiram os dele até as flores brancas perfeitas. – Na verdade, são de Richard.

Ele assentiu, mas não havia de fato surpresa em seu rosto. Ele sorriu gentilmente para mim.

– Vamos?

Deslizei a mão para a curva do braço que ele me oferecia. Ele se inclinou e beijou suavemente meu rosto.

– Eu amo você – sussurrou ele, para que não fôssemos ouvidos pelas pessoas que nos esperavam no hall logo abaixo.

Suas palavras trouxeram uma lágrima aos meus olhos. Pisquei, afastando-a, e sorri para o rosto que eu tanto amava.

– Também amo você – falei, puxando de leve seu braço.

Ele parou uma única vez antes de chegarmos ao topo da escada.

– Cadê a sua bengala?

Sorri diante de sua expressão preocupada.

– Está no hall, perto da porta. Posso descer a escada perfeitamente bem sem ela. Não vou cair.

Seu rosto bonito ainda exibía um ar preocupado, e seu braço se flexionou com firmeza, como se estivesse se preparando para sustentar o meu peso, caso eu estivesse enganada.

– Segure firme em mim, vó – disse ele com ternura, trazendo outro sorriso aos meus lábios, à medida que tantas emoções cresciam dentro de mim.

Eu amava todos os meus netos, é claro que sim, mas Scott, que se parecia com o avô não só na aparência, mas também no caráter e em cada um de seus movimentos, tinha um lugar secreto e especial em meu coração.

Fiz uma pausa no primeiro degrau e olhei para os rostos ansiosos da família à nossa espera. Nossos dois filhos, nossa filha, seus parceiros e todos os nossos netos olhavam para cima, com os semblantes envoltos em um mar de emoções. Do alto, eu sorri para todos eles, esperando que fizessem o mesmo. Comecei a descer a escada, devagar, não porque precisasse tomar cuidado, mas para me dar a chance de estudar a galeria de fotografias que cobria a parede. As primeiras imagens eram da casa de Trentwell e do rancho de Jack, os lares em que vivemos nos primeiros cinco anos de nossa vida juntos.

A foto seguinte era uma que eu havia tirado. Era verão e Jack e meus pais estavam no jardim da casa que tínhamos comprado para eles na vila de aposentados. Fora o acordo perfeito para todos.

– Você vai ficar bem aqui, papai? De verdade? – eu havia perguntado, ansiosa.

– Um lar não é feito de tijolos e massa, Emma, você deveria saber disso a essa altura, com todo o tempo que passa voando para lá e para cá, cruzando o Atlântico.

Eu tinha sorrido e apertado sua mão.

Então olhamos quando um dos cuidadores se aproximou pelo gramado, acompanhando minha mãe, que vinha até nós. Ela estava salpicada de manchas de tinta da aula de arte que acabara de ter.

– Lar é onde a pessoa que você ama vive – acrescentara ele, gentilmente.

O retrato seguinte fora tirado por Jack. Era meu: eu parecia exausta, esfuziante e totalmente apaixonada ao sorrir para a câmera de uma cama de hospital, embalando uma pequena trouxa envolta em uma manta. Toquei a moldura e fui arrastada de volta no tempo.

– E aí?

– Me dê um minuto.

– Quanto tempo se leva para fazer pipi em uma tira de papel?

Abri a porta do banheiro, o rosto perdido sob a amplidão do meu sorriso.

– Sim? – perguntara ele, alvoroçado.

– Duas linhas azuis! – eu gritara.

Cada fotografia trazia com ela uma lembrança e um sorriso. A galeria era um catálogo de nossa vida juntos: aniversários, celebrações, casas que já não nos pertenciam, fêrias...

O sol estava quente, e o céu, de um azul brilhante, e Jack e eu aparecíamos diante do Taj Mahal, um palácio construído por um homem em memória da esposa que ele amava. Supostamente um dos lugares mais românticos da Terra.

– Emma – começara Jack, apoiando-se em um joelho diante do belíssimo monumento branco e pegando minha mão. – Casa comigo?

Turistas que fotografavam o palácio interromperam seus cliques e se voltaram para nós, e alguns até apontaram suas câmeras em nossa direção. Os habitantes locais simplesmente passavam e nos olhavam com sorrisos indulgentes. Era uma cena comum para eles.

– Bem – começara Jack, com os olhos afetuosos. – Será que sete é meu número de sorte?

Sorrira, balançara a cabeça e sorria de novo para o homem que eu amava com todo o meu coração e que continuaria a amar até que aquele coração parasse de bater.

– Não, Jack, ainda não.

Ele tinha um sorriso contrito quando ficou de pé.

– Eu pensei mesmo que este lugar fosse exercer a magia – dissera ele, puxando-me para seus braços e me beijando com carinho.

À nossa volta a multidão reunida irrompera em uma pequena onda de aplausos. Acho que pensaram que eu tivesse dito sim.

– Você chegou perto dessa vez – admitira em um sussurro contra a maciez de seus lábios. – Continue tentando.

Nunca nos casamos de fato, mesmo Jack tendo me pedido doze vezes ao longo dos anos. Isso se tornara uma divertida brincadeira em nossa família: como o homem que não quisera compromisso havia continuado a me propor casamento. Mas eu nunca precisara da cerimônia nem do pedaço de papel para saber que ficaríamos apaixonados e juntos para sempre.

Todos os anos celebrávamos o dia em que ele me dera o anel, aquele que eu ainda usava no meu dedo do anel de casamento. Fora sempre o nosso aniversário: o dia em que não tínhamos ficado noivos.

Parei ao lado da foto grande e colorida tirada apenas alguns meses antes, em nosso quadragésimo aniversário.

– Emma Marshall, você é e sempre será o amor da minha vida.

Jack erguera a taça e convidara a família reunida para se juntar ao brinde.

– A uma linda história com um final muito feliz! – dissera Jack, presenteando-me com um sorriso terno.

– Aos finais felizes! – ecoaram nossos amados.

Fizemos uma última parada em um patamar a três degraus da base. Alguém havia aberto a porta da frente, preparando-se para a nossa partida, e daquela posição eu podia avistar a rua lá fora, e então a fila de quatro longas limusines pretas. Meus olhos estavam fixos no primeiro carro, tão cheio de flores que era quase impossível ver a preciosa carga que ele transportava.

Senti meu lábio começar a tremer, mas antes que alguém viesse me ajudar, ouvi sua voz sussurrando somente para mim: “Você consegue, Emma. Você consegue. Basta lembrar que amo você.”

Mordi o lábio e me endireitei. Mas, antes de prosseguir, eu me virei para a última fotografia da parede. Ele nunca quis que eu a pendurasse, mas eu insistira, e ganhara aquela batalha em particular. Ela fora tirada um ano depois que nos conhecemos, e era a foto oficial da sobrecapa do livro que ele viera à Inglaterra para escrever. Havia centenas de fotografias tiradas ao longo dos anos, mas aquela continuava a ser a minha favorita. Eu estava presente no estúdio para a sessão de fotos e, no instante antes de o obturador ser acionado, eu tinha dito algo que o fizera rir e se virar na minha direção. O momento fora perfeitamente capturado pelo fotógrafo, mostrando os olhos de Jack brilhando com humor, iluminados por uma expressão que se destinava somente a mim.

Virei-me para o retrato e sorri para o rosto do homem que eu amava. Levei a mão aos meus lábios e gentilmente beijei a ponta dos dedos. Inclinando-me para o retrato, sussurrei bem baixinho, sabendo que de alguma forma, em algum lugar, ele ouviria:

– Não vá correndo muito à minha frente, meu querido.

Pressionei os dedos levemente contra o vidro que cobria seus lábios.

– Nossa história ainda não acabou.

FIM

SOBRE A AUTORA

Dani Atkins nasceu e foi criada em Cockfosters, Londres. Sempre trabalhou muito e somente quando seus dois filhos cresceram e saíram de casa ela começou a se dedicar ao sonho de ser escritora.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

O fim – PARTE UM

O começo

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

O fim – PARTE DOIS

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

O fim – PARTE TRÊS

CAPÍTULO 14

O fim – PARTE QUATRO

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18 – O fim – PARTE CINCO

O fim – PARTE SEIS

Sobre a autora

Informações sobre a Editora Arqueiro